

NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR

ANNA ZAIRES

TORMENTOR
MINE

A DARK ROMANCE



SINOPSE

Ele veio até mim durante a noite, um estranho cruel e sombrio dos cantos mais perigosos da Rússia. Ele me torturou e me destruiu, destruindo meu mundo em sua busca por vingança.

Agora ele está de volta, mas ele não está mais atrás dos meus segredos.

O homem que estremece meus pesadelos me quer.

PARTE I

1

CINCO ANOS ANTES, AO NORTE DAS MONTANHAS CÁUCASO

PETER

“Papa!” O grito estridente é seguido por um som de passos de pezinhos enquanto meu filho aparece na porta de entrada, seu cabelo escuro balançando em volta de seu rosto brilhante.

Rindo, pego o seu pequeno corpo robusto ao mesmo tempo em que pula em mim. “Sentiu minha falta, *pupsik*[\[1\]](#)?”

“Sim!” Seus braços curtos envolvem ao redor do meu pescoço e eu inspiro profundamente, respirando seu doce perfume de criança. Embora Pasha esteja com quase três anos, ainda cheira a leite – como um bebê saudável e inocente.

Eu o abraço apertado e sinto a frieza dentro de mim derretendo enquanto um calor macio radiante inunda meu peito. É doloroso, como ser submerso em água quente após congelar, mas é um tipo bom de dor. Faz-me sentir vivo, preenche as rachaduras vazias dentro de mim até que quase consigo acreditar que estou inteiro e sou merecedor do amor do meu filho.

“Ele de fato sente sua falta” Tamila diz, entrando no corredor. Como sempre, ela se move calmamente, quase silenciosamente, com os olhos para baixo. Não olha para mim diretamente. Desde a infância, ela foi treinada para evitar o contato visual com os homens, então tudo que vejo são seus longos cílios negros conforme olha fixamente para o chão. Está usando um lenço de cabeça tradicional que esconde o longo cabelo escuro, seu vestido cinza é comprido e disforme. No entanto, ainda parece bonita - tão bonita quanto era há três anos e meio, quando se esgueirou sorratamente na minha cama para escapar do casamento com um ancião da aldeia.

“E eu senti falta de vocês dois” digo enquanto meu filho empurra meus ombros, exigindo ser solto. Sorrindo, eu o tiro do meu colo e ele imediatamente agarra minha mão e a puxa.

“Papai, você quer ver meu caminhão? Quer papai?”

“Quero” falo meu sorriso alargando, enquanto ele me puxa em direção à sala de estar. “Que tipo de caminhão é?”

"Um grande!"

“Tudo bem, vamos ver.”

Tamila acompanha atrás de nós e percebo que não falei nada com ela ainda. Parando, viro-me e olho para a minha esposa. "Como você está?"

Ela olha rapidamente para mim através daqueles cílios. "Estou bem.

Feliz por ver você.”

“E estou feliz em vê-la.” Quero beijá-la, mas ficará constrangida se eu fizer isso na frente de Pasha, então me detenho. Em vez disso, toco gentilmente sua bochecha e depois deixo meu filho me rebocar até seu caminhão, que reconheço como o que enviei de Moscou para ele há três semanas.

Ele orgulhosamente mostra todos os atributos do brinquedo conforme me agacho ao lado dele, observando seu rosto animado. Pasha tem a exótica beleza morena de Tamila, até os cílios, mas existe algo de mim nele também, embora eu não consiga definir completamente o que.

“Ele tem a sua coragem” Tamila fala baixinho, ajoelhando-se ao meu lado. “E acho que ele vai ser tão alto quanto você, embora provavelmente seja muito cedo para dizer.”

Eu a olho de relance. Ela faz isso frequentemente, observando-me muito de perto que é quase como se estivesse lendo minha mente. Portanto, novamente, não é difícil de adivinhar o que estou pensando. Eu fiz o teste de paternidade de Pasha antes de ele nascer.

“Papa. Papa.” Meu filho puxa minha mão outra vez. "Brinca comigo."

Sorrio e volto minha atenção de novo para ele. Durante a hora seguinte, brincamos com o caminhão e uma dúzia de outros brinquedos, todos os quais calham de ser algum tipo de carro. Pasha está obcecado com veículos de brinquedo, de ambulâncias a carros de corrida. Não importa quantos outros brinquedos eu compre para ele, só brinca com aqueles que têm rodas.

Depois da brincadeira, comemos o jantar e Tamila dá banho em Pasha antes de dormir. Percebo que a banheira está rachada e faço uma nota mental para encomendar uma nova. A aldeia minúscula de Daryevo é no alto das Montanhas Cáucaso e de difícil acesso, por isso não é possível uma entrega habitual de uma

loja, mas tenho maneiras de receber as coisas aqui.

Quando menciono a ideia à Tamila, seus cílios sobem rapidamente e me dá um raro olhar direto, acompanhado por um sorriso brilhante. “Isso seria muito bom, obrigada. Tive que passar rodo no chão quase todas as noites.”

Sorrio de volta para ela e termina o banho de Pasha. Depois que ela o seca e veste com um pijama, eu levo para a cama e leio para ele uma

história de seu livro favorito. Ele adormece quase imediatamente e beijo sua testa, meu coração se apertando com uma emoção poderosa.

É amor. Eu o reconheço, mesmo que nunca tenha o sentido antes - mesmo que um homem como eu não tenha direito de senti-lo. Nenhuma das coisas que fiz importam aqui, nesta pequena aldeia no Daguestão.[\[2\]](#)

Quando estou com meu filho, o sangue em minhas mãos não queima a minha alma.

Cuidando para não acordar Pasha, levanto e silenciosamente saio do cômodo minúsculo que serve como seu quarto. Tamila já está esperando por mim no nosso quarto, logo retiro minhas roupas e me junto a ela na cama, fazendo amor com ela tão ternamente quanto posso.

Amanhã, tenho que enfrentar a feiura do meu mundo, mas esta noite estou feliz.

Esta noite, posso amar e ser amado.

xXx

“Não vá embora, papa.” O queixo de Pasha treme enquanto luta para não chorar. Tamila lhe disse algumas semanas atrás que meninos grandes não choram e ele está fazendo o possível para ser um menino grande. “Por favor, papa. Você não pode ficar um pouco mais?”

“Voltarei em algumas semanas” Prometo, agachando para ficar no nível de seus olhos. “Preciso ir trabalhar, entende.”

“Você sempre tem que ir trabalhar.” Seu queixo treme mais e os grandes olhos castanhos transbordam com lágrimas. “Por que não posso ir com você ao trabalho?”

Imagens do terrorista que torturei na semana passada invadem meus pensamentos e é tudo o que posso fazer para manter minha voz uniforme

enquanto digo, “Sinto muito, *Pashen'ka* [3]. Meu trabalho não é lugar para crianças.” Ou para adultos, aliás, mas não falo isso. Tamila sabe algumas das coisas que faço como parte de uma unidade especial de Spetsnaz, as Forças Especiais Russas, porém ela ignora a realidade obscura de meu mundo.

“Mas eu seria bonzinho.” Ele está chorando completamente agora.

“Prometo, papa. Seria bonzinho.”

“Eu sei que você seria.” Eu o puxo contra mim e abraço apertado, sentindo seu pequeno corpo trêmulo soluçar. “Você é meu bom menino e tem que ser bom para a mamãe enquanto eu estiver fora, ok? Tem que cuidar dela, como o menino grande que é.”

Aquelas parecem ser as palavras mágicas, porque ele funga e se afasta. “Eu serei.” O nariz está escorrendo e as bochechas molhadas, mas seu pequeno queixo é firme conforme encontra o meu olhar. “Cuidarei da mamãe, prometo.”

“Ele é muito inteligente” Tamila diz, ajoelhando-se ao meu lado para puxar Pasha em seu abraço. “É como se tivesse cinco anos, não quase três.”

“Eu sei.” Meu peito se enche de orgulho. “Ele é incrível.”

Ela sorri e encontra o meu olhar novamente, os grandes olhos castanhos muito parecidos com os de Pasha. “Fique seguro e volte para nós em breve, ok?”

“Voltarei.” Eu me inclino e beijo sua testa, em seguida despenteio o cabelo sedoso de Pasha. “Estarei de volta antes que vocês percebam.”

xXx

Estou em Grózní, na Chechênia, perseguindo uma pista sobre um novo grupo de radicais, quando recebo a notícia. É Ivan Polonsky, meu superior em Moscou, que me liga.

“Peter.” Sua voz está excepcionalmente séria à medida que atendo o telefone. “Houve um incidente em Daryevo.”

Meus nervos congelam. “Que tipo de incidente?”

“Uma operação sobre a qual não fomos notificados. A NATO [4] estava envolvida. Teve... Baixas.”

O gelo dentro de mim cresce, me triturando com as bordas pontudas e tudo o que consigo fazer é forçar as palavras através da minha garganta fechada.

“Tamila e Pasha?”

“Sinto muito, Peter. Alguns moradores foram mortos no fogo cruzado e”, ele engole em seco audivelmente, “os relatos preliminares são de que Tamila estava entre eles.”

Meus dedos quase esmagam o telefone. “E Pasha?”

“Não sabemos ainda. Houve várias explosões e...”

"Estou a caminho."

“Peter espere...”

Desligo e saio correndo pela porta.

xXx

Por favor, por favor, por favor, deixe-o estar vivo. Por favor, deixe-o estar vivo. Por favor, farei qualquer coisa, apenas deixe-o estar vivo.

Eu nunca fui religioso, mas enquanto o helicóptero militar sobrevoa através das montanhas, encontro-me orando, suplicando e barganhando com o que quer que esteja lá em cima por um pequeno milagre, uma pequena misericórdia. A vida de uma criança é sem sentido no grande esquema das coisas, mas significa tudo para mim.

Meu filho é minha vida, minha razão de existir.

O barulho das hélices do helicóptero é ensurdecedor, mas não é nada comparado ao clamor dentro da minha cabeça. Não consigo respirar e pensar por causa da raiva e medo me sufocando por dentro. Não sei como Tamila morreu, porém já vi cadáveres suficientes para imaginar o corpo dela em meus pensamentos, imaginar com precisão gritante como seus belos olhos parecem vazios e cegos, a boca frouxa e com crosta de sangue.

E Pasha...

Não. Não posso pensar nisso agora. Não até que eu saiba com certeza.

Isso não deveria acontecer. Daryevo é de modo algum um dos pontos de tensão conhecidos no Daguestão. É um pequeno povoado pacífico, sem vínculos com quaisquer grupos radicais. Eles deveriam estar seguros lá, muito longe do meu mundo violento.

Por favor, deixe-o estar vivo. Por favor, deixe-o estar vivo.

A viagem parece demorar uma eternidade, mas finalmente, rompemos a cobertura de nuvens e vejo a aldeia. Minha garganta se fecha, cortando a respiração.

Fumaça está subindo de várias construções no centro e soldados armados estão perambulando ao redor.

Pulo para fora do helicóptero no segundo em que toca o chão.

“Peter espere. Você precisa de autorização.” O piloto grita, mas já estou correndo, empurrando as pessoas para o lado. Um jovem soldado tenta bloquear meu caminho, mas arranco seu fuzil M16 de suas mãos e o aponto para ele.

“Leve-me até os corpos. Agora.”

Não sei se é a arma ou o tom letal em minha voz, mas o soldado obedece, correndo em direção a um barracão no parte mais distante da rua.

Eu o sigo, a adrenalina como lama tóxica em minhas veias.

Por favor, deixe-o estar vivo. Por favor, deixe-o estar vivo.

Observo os corpos atrás do barracão, alguns perfeitamente dispostos, outros empilhados juntos na grama salpicada com neve. Não há ninguém ao redor deles; os soldados devem estar mantendo os moradores afastados no momento. Reconheço alguns dos mortos de imediato - o ancião da aldeia com quem Tamila foi noiva, a esposa do padeiro, o homem de quem eu comprei leite de cabra - mas os outros não consigo identificar, tanto por causa da extensão de seus ferimentos e porque não tenho passado muito tempo na aldeia.

Eu mal passei *algum* tempo aqui e agora minha esposa está morta.

Preparando-me, ajoelho ao lado de um corpo feminino magro, coloco o M16 na grama e removo o lenço de cabeça do rosto. Um pedaço da cabeça foi arrancado por uma bala, porém consigo enxergar o suficiente de suas feições para saber que não é Tamila.

Sigo para o próximo corpo de mulher, este com vários ferimentos de bala pelo seu peito. É a tia de Tamila, uma mulher tímida na casa dos cinquenta anos que falou menos de cinco palavras comigo nos últimos três anos. Para ela e o resto da família de Tamila, eu sempre fui um estrangeiro, um estranho assustador de um mundo diferente. Eles não entenderam a decisão dela de casar comigo, até mesmo reprovaram, mas Tamila não se importava.

Ela sempre foi independente assim.

Outro corpo feminino chama minha atenção. A mulher está deitada de lado, mas a curva suave do ombro é dolorosamente familiar. Minha mão treme enquanto eu a viro e a dor incandescente me perfura conforme vejo seu rosto.

A boca de Tamila está bastante frouxa como imaginei, mas os olhos não estão vazios. Estão fechados, os longos cílios chamuscados e as pálpebras coladas com sangue. Mais sangue cobre o peito e braços, transformando seu vestido cinza quase preto.

Minha esposa, a bela jovem que teve a coragem de escolher seu próprio destino, está morta. Ela morreu sem nunca sair de sua aldeia, sem ver Moscou, como sonhava. Sua vida foi extinta antes que tivesse uma chance de viver e é tudo culpa minha. Eu devia estar aqui, ter protegido ela e Pasha. Inferno, eu devia saber sobre essa porra de operação; ninguém podia estar aqui sem informar minha equipe.

A raiva aumenta dentro de mim, misturando com o pesar agonizante e a culpa, mas a empurro para o lado e me forço a continuar procurando.

Existem apenas corpos adultos organizados nas fileiras, porém ainda há aquela pilha.

Por favor, deixe-o estar vivo. Farei qualquer coisa desde que ele esteja vivo.

Minhas pernas estão bambas enquanto me aproximo da pilha. Há membros separados lá e corpos danificados além do reconhecimento. Estes devem ser as vítimas das explosões. Movo cada parte do corpo para o lado, revirando-os. O cheiro de sangue envelhecido e de pele carbonizada é espesso no ar. Um homem normal já teria vomitado, mas eu nunca fui normal.

Por favor, deixe-o estar vivo.

“Peter espere. Existe uma força-tarefa especial a caminho e não querem que a gente toque nos corpos.” É o piloto, Anton Rezov, se aproximando por trás do barracão. Nós trabalhamos juntos há anos e ele é um amigo íntimo, mas se tentar me parar vou matá-lo

Sem responder, continuo a minha tarefa horrível, metodicamente inspecionando cada membro e torso queimado antes de colocá-lo de lado.

A maioria das partes dos corpos parece pertencer a adultos, embora me depare com alguns do tamanho de criança também. No entanto, são grandes demais para serem de Pasha e sou egoísta o suficiente para sentir alívio quanto a isso.

Então eu vejo.

“Peter, você me ouviu? Não pode fazer isso ainda.” Anton estende-se para pegar meu braço, mas antes que possa me tocar, eu giro minha mão se fechando automaticamente. Meu punho bate em sua mandíbula e ele cambaleia para trás pelo golpe, os olhos rolando para trás de sua cabeça.

Não o observo cair, já estou em movimento, afastando a pilha restante dos corpos para alcançar a mãozinha que vi antes.

A pequena mão que está segurando um carro de brinquedo quebrado.

Por favor, por favor, por favor. Por favor, deixe que haja um erro. Por favor, deixe-o estar vivo. Por favor, deixe-o estar vivo.

Eu trabalho como um homem possuído, todo o meu ser focado em um objetivo: chegar naquela mão. Alguns dos corpos no topo da pilha estão quase inteiros, mas não sinto o peso deles enquanto jogo-os para o lado. Não sinto a queimadura de esforço nos meus músculos ou o fedor nauseante de morte violenta. Apenas me curvo, levanto e jogo até que partes do corpo estão espalhadas em volta de mim e estou encharcado de sangue.

Não paro até que o pequeno corpo está descoberto em sua totalidade e não tem mais nenhuma dúvida.

Tremendo, afundo de joelhos, minhas pernas incapazes de me segurar.

Por algum milagre, a metade direita do rosto de Pasha está intacta, sua pele macia de bebê não danificada por sequer um arranhão. Um dos olhos está fechado, sua pequena boca está entreaberta e se estivesse deitado de lado como Tamila, ele poderia ser confundido com uma criança dormindo. Mas não está deitado de lado e noto o buraco onde a explosão arrancou metade de seu crânio. O braço esquerdo está ausente também, assim como a perna esquerda abaixo do joelho. O braço direito, no entanto, está ileso, os dedos enrolados convulsivamente no carro de brinquedo.

Ao longe, ouço um berro, um som louco, quebrado de fúria desumana. É só quando vejo que estou segurando o pequeno corpo junto ao meu peito, percebo que o som está vindo de mim. Caio em silêncio então, mas não consigo parar de balançar para frente e para trás.

Não consigo parar de abraçá-lo.

Não sei quanto tempo fiquei assim, segurando os restos mortais do meu filho, mas está escuro quando os soldados da força-tarefa chegam.

Não luto contra eles. Não há sentido. Meu filho se foi, sua luz brilhante se apagou antes que tivesse uma chance de brilhar.

“Sinto muito.” Eu sussurro enquanto eles me arrastam para longe.

Com cada metro de distância entre nós, o frio dentro de mim cresce, os restos de minha humanidade desaparecem da minha alma. Não tem mais súplica ou barganha com alguém ou com alguma coisa. Estou vazio de esperança, desprovido de calor e amor. Não posso voltar o tempo e abraçar o meu filho ou ficar em casa como ele me pediu. Não posso levar Tamila à Moscou no próximo ano, como prometi que levaria.

Só há uma coisa que posso fazer pela minha esposa e filho e essa é a razão pela qual continuarei vivendo.

Farei os assassinos pagarem.

Todos eles.

Eles responderão por esse massacre com suas vidas.

2

ESTADOS UNIDOS, DIAS ATUAIS

SARA

“Você tem certeza que não quer sair para beber comigo e com as meninas?” Marsha pergunta, aproximando-se do meu armário. Ela já trocou o uniforme de enfermeira e colocou um vestido sexy. Com um batom vermelho brilhante e cachos louros ostensivos, ela se parece com uma versão mais velha de Marilyn Monroe e gosta tanto de ir a festas quanto a original.

“Não, obrigada. Eu não posso.” Suavizo a minha recusa com um sorriso. “Foi um dia longo e estou exausta.”

Ela revira os olhos. “Claro que está. Você está sempre exausta ultimamente.”

“O trabalho faz isso com você.”

“Sim, se trabalhar noventa horas por semana. Se eu não fosse mais esperta, diria que você está tentando trabalhar até a morte. Não é mais uma residente, sabe? Você não tem que tolerar esta besteira.”

Suspiro e pego minha bolsa. “Alguém tem que ficar de plantão.”

“Sim, mas não tem que ser você o tempo todo. É noite de sexta-feira e você trabalhou todo fim de semana no mês passado, além de todos esses turnos da noite. Eu sei que é a médica mais nova na clínica e tudo isso, mas...”

“Não me importo com os turnos da noite” Eu interrompo, caminhando até o espelho. O rímel que passei esta manhã deixou manchas escuras sob os meus olhos e uso uma toalha de papel molhada para limpá-las. Não melhora muito a minha aparência abatida, mas suponho que isso não importa, já que estou indo direto para casa.

“Certo, porque você não dorme” Marsha diz, ficando de pé atrás de mim e me preparo, sabendo que está prestes a entrar em seu tema favorito.

Embora ela tenha uns bons quinze anos a mais que eu, Marsha é a minha melhor amiga no hospital e tem sido cada vez mais sincera sobre suas preocupações.

“Marsha, por favor. Estou muito cansada para isto” Digo, puxando minhas ondas indomáveis num rabo de cavalo. Não preciso de um sermão para saber que estou me deixando exausta. Meus olhos castanhos, cor de avelã, parecem vermelhos e sonolentos no espelho e sinto que estou com sessenta anos em vez de vinte e oito.

“Sim, porque você está sobrecarregada e não dorme direito.” Ela cruza os braços sobre o peito. “Eu sei que precisa de uma distração após George e tudo, mas...”

“Mas nada.” Girando, olho feio para ela. “Não quero falar sobre George.”

“Sara...” Sua testa franze. “Tem que parar de se punir por isso. Não foi culpa sua. Ele *escolheu* ficar atrás do volante; foi decisão *dele*.”

Minha garganta fecha e meus olhos lagrimejam. Para o meu horror, percebo que estou a ponto de chorar e viro o rosto em um esforço para me controlar. Só que não há lugar nenhum para virar, o espelho está na minha frente e reflete tudo o que estou sentindo.

“Sinto muito, querida. Sou uma burra insensível. Não devia ter falado isso.” Marsha parece genuinamente arrependida quando se estica e aperta meu braço levemente.

Respiro fundo e viro para encará-la novamente. *Estou* exausta, o que não ajuda as emoções que ameaçam me dominar.

“Está tudo bem.” Forço um sorriso em meus lábios. “Não é grande coisa. Você deve ir; as meninas provavelmente estão esperando por você.”

E tenho que chegar em casa antes que eu desmorone e chore em público, o que seria o ápice da humilhação.

“Tudo bem, querida.” Marsha sorri de volta para mim, mas vejo pena escondida em seu olhar. “Só durma um pouco neste fim de semana, ok?”

Prometa-me que vai fazer isso.”

“Sim, eu vou – *mãe*.”

Ela revira os olhos. “Sim, sim, entendi a dica. Verei você na segunda-feira.” Ela sai do vestiário e espero um minuto antes de segui-la para evitar dar de cara com seu grupo de amigas nos elevadores.

Já tive tanta pena quanto posso lidar.

xXx

Enquanto entro no estacionamento do hospital, checo meu telefone por hábito e meu coração pula quando vejo uma mensagem de um número bloqueado.

Parando, passo o dedo trêmulo pela tela.

Tudo está bem, mas tenho que adiar a visita deste fim de semana, diz a mensagem. Conflito de agendamento.

Minha respiração sai num sopro de alívio e imediatamente, a culpa familiar me corrói. Eu não devia sentir alívio. Estas visitas deveriam ser algo que desejo fazer, em vez de uma obrigação desagradável. Só que não posso evitar a maneira como me sinto. Cada vez que visito George, traz de volta lembranças daquela noite e não durmo durante dias depois.

Se Marsha pensa que estou sem dormir direito, devia me ver depois de uma dessas visitas.

Colocando o telefone de volta na minha bolsa, me aproximo do meu carro. É um Toyota Camry, o mesmo que tive durante os últimos cinco anos. Agora que paguei meus empréstimos da faculdade de medicina e acumulei algumas economias, posso arcar com algo melhor, mas não vejo motivo.

George que gostava de carros, não eu.

A dor me agarra, familiar e afiada e sei que é por causa dessa mensagem. Bem, isso e a conversa com Marsha. Ultimamente, tenho dias em que não penso nada sobre o acidente, lidando com a minha rotina sem a pressão esmagadora da culpa, mas hoje não é um desses dias.

Ele é um adulto, eu me lembro, repetindo o que todo mundo sempre fala. Foi decisão dele ficar atrás do volante naquele dia.

Racionalmente, sei a verdade dessas palavras, mas não importa com qual frequência eu escute, não consigo assimilá-las. Minha mente está presa em um loop, repetindo aquela noite de novo e de novo e por mais que eu tente, não consigo parar de rodar o filme horrroso *É Suficiente, Sara. Concentre-se na estrada.*

Estabilizando minha respiração, saio do estacionamento e sigo em direção a minha casa. É cerca de quarenta minutos de carro do hospital, que são os 40 minutos mais longos agora. Meu estômago está começando a se contrair e

percebo que parte do motivo pelo qual estou bastante emocional hoje é que estou prestes a começar o meu período. Como ginecologista e obstetra, conheço melhor do que ninguém o quão poderoso o efeito dos hormônios pode ser e quando a TPM é combinada com horas extras e lembretes sobre George... Bem, é um milagre que ainda não sou uma bagunça de choro escandaloso.

Sim, é isso. Estou apenas hormonal e cansada. Preciso chegar em casa e tudo ficará bem.

Determinada a me controlar, ligo o rádio, sintonizo uma estação de pop do final dos anos noventa e começo a cantar junto com Britney Spears.

Pode não ser a música mais séria, mas é alegre e isso é exatamente o que preciso.

Não vou desmoronar. Hoje à noite, *irei* dormir mesmo se tiver que tomar um Ambien[5] para que isso aconteça.

xXx

Minha casa é em um beco sem saída arborizado, na saída de uma estrada com duas pistas que contornam terras cultiváveis. Como muitas outras na área luxuosa de Homer Glen, Illinois, ela é enorme - cinco quartos e quatro banheiros, além de um porão totalmente acabado. Tem um quintal enorme e vários carvalhos cercam a casa como se estivesse no meio de uma floresta.

É perfeita para a grande família que George queria e terrivelmente solitária para mim.

Depois do acidente, considerei vender a casa e me mudar para mais perto do hospital, mas não consegui fazer isso. Ainda não consigo. George e eu reformamos a casa juntos, modernizando a cozinha e os banheiros, meticulosamente decorando cada cômodo para lhe dar uma sensação acolhedora e confortável. Uma vibração de *família*. Sei que as chances de nós termos essa família são inexistentes agora, porém uma parte de mim se apegou ao velho sonho, à vida perfeita que deveríamos ter.

“Três crianças, pelo menos” George me disse no nosso quinto encontro. “Dois meninos e uma menina.”

“Por que não duas meninas e um menino?” Perguntei, sorrindo. “O que aconteceu com a igualdade de gênero e tudo isso?”

“Como são dois contra são iguais? Todo mundo sabe que meninas torcem

você em volta de seus lindos dedinhos e quando se tem duas delas...” Ele estremeceu teatralmente. “Não, precisamos de dois meninos, então há equilíbrio na família. Caso contrário, papai está ferrado.”

Eu sorri e lhe dei um soco no ombro, mas secretamente, gostei da idéia de dois meninos correndo por perto, promovendo o inferno e protegendo a sua irmã mais nova. Sou filha única, mas sempre quis um irmão mais velho e foi fácil adotar o sonho de George como meu.

Não. Não vá lá. Com esforço, afasto as memórias, porque boas ou ruins, levam àquela noite e não posso lidar com isso agora. As contrações ficam piores e tudo o que posso fazer é manter as mãos no volante enquanto estaciono na minha garagem para três carros. Preciso tomar um Advil, uma bolsa de água quente e minha cama, nessa ordem e se eu tiver muita sorte, irei desmaiar imediatamente, sem a necessidade de Ambien.

Segurando um gemido, fecho a porta da garagem, digito o código do alarme e me arrasto para dentro da casa. As contrações estão tão ruins que não consigo andar sem me envergar, então vou direto até o armário de remédios na cozinha. Nem sequer me preocupo em acender as luzes; o interruptor de luz está inconvenientemente longe da entrada da garagem, além disso, conheço a cozinha bem o suficiente para andar no escuro.

Abrindo o armário, acho o vidro de Advil pelo tato, pego dois comprimidos e jogo-os na boca. Depois vou até a pia, encho a mão com água e engulo os comprimidos. Ofegante, seguro o balcão da cozinha e espero o medicamento começar a fazer efeito pouco antes de tentar fazer algo ambicioso como ir ao quarto principal no segundo andar.

Eu o sinto apenas um segundo antes que aconteça. É sutil, só um deslocamento de ar atrás de mim, um sopro de algo estranho... Uma sensação de perigo repentino.

Os cabelos na parte de trás do meu pescoço arrepiam, porém é tarde demais. Em um momento, estou de pé ao lado da pia e no próximo, uma mão grande cobre minha boca enquanto um corpo grande e duro me prende contra o balcão de costas.

“Não grite” Uma profunda voz masculina sussurra no meu ouvido e algo frio e afiado pressiona contra a minha garganta. “Você não quer que minha lâmina escorregue.”

3

SARA

Eu não grito. Não porque é a coisa inteligente a fazer, mas porque não consigo emitir um som. Estou congelada pelo terror, total e completamente paralisada. Todos os meus músculos estão presos, incluindo minhas cordas vocais e meus pulmões deixaram de funcionar.

“Vou tirar a mão de sua boca” Ele murmura em meu ouvido, seu hálito quente na minha pele pegajosa. “E você vai ficar em silêncio.

Entendeu?”

Não consigo sequer sussurrar, mas de alguma forma dou um leve aceno.

Ele abaixa a mão, o braço circulando em volta da minha caixa torácica em vez disso e meus pulmões escolhem aquele momento para retomar o trabalho. Sem querer, respiro ofegante. Imediatamente, a lâmina pressiona mais profundo em minha pele e congelo novamente conforme sinto o sangue quente deslizando pelo pescoço.

Eu vou morrer. Oh Deus, vou morrer aqui, na minha própria cozinha. O terror é uma coisa monstruosa dentro de mim, perfurando-me com agulhas geladas. Nunca estive muito perto da morte antes. Apenas uma polegada para a direita e...

“Preciso que você me escute, Sara.” A voz do intruso é suave, contradizendo a faca cavando em minha garganta. “Se você cooperar, vai sair daqui viva. Se não cooperar, vai sair em um saco. É a sua escolha.”

Viva? Uma faísca de esperança atravessa a névoa de pânico em meu cérebro e percebo que ele tem um leve sotaque. É algo exótico. Oriente Médio, talvez, ou do Leste Europeu.

Estranhamente, esse detalhe me faz ficar concentrada um pouco, oferece algo concreto para a minha mente se agarrar. “O-o que você quer?”

As palavras saem num sussurro trêmulo, porém é um milagre que eu consiga falar. Sinto-me como um cervo nos faróis, chocado e esgotado, meu pensamento processa de forma lenta e bizarra.

“Só algumas respostas” Ele diz e a faca recua ligeiramente. Sem o aço frio cortando minha pele, um pouco do meu pânico desaparece e outros detalhes são registrados, como o fato de que meu assaltante é pelo menos alguns centímetros mais alto do que eu e cheio de músculos. O braço ao redor da minha caixa torácica é como uma faixa de aço e não há rendição do grande corpo pressionando contra minhas costas, nenhum indício de suavidade em qualquer lugar. Sou de estatura média para uma mulher, mas sou magra e com ossos pequenos e se ele é tão musculoso como suspeito, deve ter quase o dobro do meu peso.

Mesmo que ele não tivesse a faca, não seria capaz de fugir.

“Que tipo de respostas?” Minha voz é um pouco mais firme desta vez. Talvez ele apenas esteja aqui para me roubar e tudo que precisa é a combinação do cofre. Ele cheira a limpeza, como sabão em pó e a pele masculina saudável, então este homem não é um viciado em metanfetamina ou pedinte das ruas. Um assaltante profissional, talvez? Se assim for, darei com prazer as minhas jóias e o dinheiro de emergência que George escondeu na casa.

“Eu quero que você me conte sobre seu marido. Especificamente, necessito saber a localização dele.”

“George?” Meus pensamentos ficam em branco enquanto um novo medo me morde. “O-o quê... Por quê?”

A lâmina pressiona. “Eu que faço as perguntas.”

“P-por favor,” Engasgo. Não consigo pensar, me concentrar em nada além da faca. Lágrimas quentes deslizam pelo meu rosto e estou tremendo por inteiro. “Por favor, eu não...”

“Só responda a minha pergunta. Onde está seu marido?”

“Eu...” Oh Deus, o que digo para ele? Ele deve ser um *deles*, a razão para todas as precauções. Meu coração está batendo tão rápido que estou hiperventilando. “Por favor, eu não... Não tenho...”

“Não minta para mim, Sara. Preciso da localização dele. Agora.”

“Eu não sei, juro. Por favor, nós estamos...” Minha voz falha.

“Estamos separados.”

O braço em volta do meu peito aperta e a faca fica um pouco mais profunda. “Você quer morrer?”

"Não. Não, não quero. Por favor..." Estou tremendo com mais intensidade, as lágrimas escorrendo pelo meu rosto incontrolavelmente.

Depois do acidente, havia dias em que eu pensava que queria morrer, quando a culpa e a dor dos arrependimentos eram esmagadoras, mas agora que a lâmina está em minha garganta, desejo viver. Eu anseio tanto isso.

"Então me conte onde ele está."

"Eu não sei!" Meus joelhos estão ameaçando se dobrar, mas não posso trair George assim. Não posso expô-lo a este monstro.

"Você está mentindo." A voz do meu assaltante é puro gelo. "Eu li suas mensagens. Você sabe exatamente onde ele está."

"Não, eu..." Tento pensar em uma mentira plausível, mas não consigo inventar uma. Pânico é pungente na minha língua enquanto perguntas frenéticas surgem em meus pensamentos. Como este homem pode ter lido minhas mensagens? Quando? Há quanto tempo vem me perseguindo? Ele é um *deles*? "Eu-eu não sei do que você está falando."

A faca pressiona minimamente e aperto os olhos fechados, minha respiração entrando em suspiros soluçantes. A morte está muito perto e posso prová-la, cheirá-la... Senti-la com cada fibra do meu ser. É o odor metálico, o pulso nas têmporas e a tensão em meus músculos trêmulos. Em um segundo, ele vai perfurar a minha jugular e vou sangrar, aqui mesmo, no chão da cozinha.

É isto o que eu mereço? É assim que reparo meus pecados?

Cerro os dentes para impedi-los de bater. *Por favor, perdoe-me, George.*

Se for isto que você precisa...

Escuto meu atacante suspirar e no instante seguinte, a faca se foi e me vira em cima do balcão. Minhas costas atingem o granito duro e minha cabeça se pendura para trás na pia, os músculos do pescoço gritando da tensão. Suspirando, chuto e tento socá-lo, mas ele é muito forte e rápido.

Em um flash, pula em cima do balcão e fica em cima de mim, prendendo-me no lugar com o seu peso. Ele prende meus pulsos com algo duro e inquebrável antes de agarrá-los com uma mão e não importa o quão forte eu lute, não consigo fazer qualquer coisa para me libertar. Meus saltos deslizam inutilmente no balcão brilhoso e os músculos do pescoço queimam por manter a cabeça levantada. Estou impotente, presa e um novo tipo de pânico me atinge.

Por favor, Deus, não. Qualquer coisa, menos estupro.

“Nós vamos tentar algo diferente” Ele fala e um pedaço de pano cai sobre meu rosto. “Ver se você está realmente disposta a morrer por esse bastardo.”

Ofegante, viro a cabeça de um lado para outro, tentando me livrar do pano, mas ele é muito comprido e mal consigo respirar debaixo dele. Ele está tentando me sufocar? É esse o plano?

Em seguida, o registro da torneira range e tudo se torna claro.

“Não!” Luto mais intensamente, mas ele agarra meu cabelo com a mão livre, segurando-me debaixo da torneira com a cabeça arqueada para trás.

O choque inicial de umidade não é muito ruim, porém em questão de segundos, a água viaja até o meu nariz. Minha garganta fecha, meus pulmões se forçam e todo o meu corpo se ergue conforme me engasgo e sufoco. O pânico é instintivo, incontrolável. O pano é como uma pata molhada prensada sobre meu nariz e boca, apertando-os fechados. A água está no meu nariz, na garganta. Estou sufocando, me afogando. Não consigo respirar, não consigo respirar...

A torneira desliga e o pano é arrancado do meu rosto. Tossindo, sugo o ar, soluçando e com a respiração ofegante. Meu corpo inteiro é uma bagunça agitada e trêmula e manchas brancas dançam na minha visão.

Antes que eu possa recuperar, o pano é batido sobre o meu rosto novamente e a água é ligada de novo.

Desta vez, é ainda pior. Minhas passagens nasais queimam pela água e os pulmões gritam por ar. Estou sentindo náusea e engasgando, sufocando e chorando. Não consigo respirar. *Oh, Deus, estou morrendo; não consigo respirar...*

Logo depois, o pano se foi e estou loucamente trazendo ar para dentro.

“Diga-me onde ele está e eu pararei.” Sua voz é um sussurro sombrio acima de mim.

“Eu não sei! Por favor!” Posso sentir o gosto do vômito na garganta e o conhecimento de que ele fará isso outra vez transforma meu sangue em ácido. Era fácil ser valente com a faca, mas não com isto. Não consigo lidar com morrer assim.

“Última chance” Meu atormentador diz suavemente e o pano molhado cai sobre meu rosto.

A torneira começa a ranger.

"Pare! Por favor!" O grito é arrancado de mim. "Eu contarei! Eu contarei."

A água é desligada e o pano é tirado do meu rosto. "Fale."

Estou chorando e tossindo demais para formar uma frase coerente, então ele me puxa do balcão para o chão e se agacha para me envolver em seus braços. Para alguém que olha de fora, poderia parecer como um abraço consolador ou um abraço protetor de um amante. Somando-se a ilusão, a voz do meu torturador é suave e gentil como se cantasse em voz baixa no meu ouvido: "Diga-me, Sara. Diga-me o que desejo saber e irei embora."

"Ele está..." Paro um segundo antes de deixar escapar a verdade. O animal em pânico dentro de mim exige sobrevivência a qualquer custo, mas não posso fazer isso. Eu não posso levar este monstro até George. "Ele está no Advocate Christ Hospital," engasgo. "A unidade de cuidado em longo prazo."

É uma mentira e, aparentemente, não uma boa, porque os braços em volta de mim se apertam, quase esmagando os meus ossos. "Não fodidamente minta para mim." O canto baixo suave em sua voz se foi, substituído pela raiva mordaz. "Ele foi embora de lá, foi embora há meses.

Onde está se escondendo?"

Estou chorando mais. "Eu... Eu não..."

Meu assaltante se levanta me puxando para cima com ele e grito e luto enquanto ele me arrasta em direção a pia. "Não! Por favor, não!" Estou histérica conforme ele me levanta sobre o balcão, minhas mãos amarradas balançando enquanto tento arranhar seu rosto. Meus saltos tamborilam sobre o granito à medida que ele me segura com as duas pernas, prendendo-me no lugar novamente e bile sobe pela garganta enquanto ele agarra meu cabelo, arqueando a cabeça de volta para a pia. "Pare!"

"Conte-me a verdade e eu pararei."

"Eu-eu não posso. Por favor, não posso!" Eu não posso fazer isso com George, não depois de tudo. "Pare, por favor!"

O pano molhado bate sobre o meu rosto e minha garganta se fecha em pânico. A água ainda está desligada, mas já estou me afogando; não consigo respirar, não consigo respirar...

"Porra!"

Sou abruptamente puxada do balcão para o chão, onde entro em colapso, estatelada, chorando e tremendo. Só que desta vez, não há braços para me imobilizar e vagamente percebo que ele se afastou.

Eu devia me levantar e correr, mas não consigo fazer minhas pernas funcionarem. Tudo o que consigo é uma rolada patética para o lado, seguida por uma tentativa de um engatinhar. O medo é cego, desorientador e não consigo ver nada na escuridão.

Eu não consigo ver *ele*.

Corra, digo aos meus músculos molengas e trêmulos. *Levante e corra*.

Sugando o ar, agarro alguma coisa, um canto do balcão e puxo-me para cima, me levantando. Só que já é tarde demais; o homem já está em cima mim, o laço duro de seu braço envolvido ao redor do meu peito enquanto me agarra por trás.

“Vamos ver se isso funciona melhor” Ele sussurra e algo frio e afiado me apunhala no pescoço.

Uma agulha, eu percebo com um choque de terror e minha consciência desaparece.

xXx

Um rosto surge na frente dos meus olhos. É um rosto belo, até mesmo bonito, apesar da cicatriz que corta a sobrancelha esquerda. Maças do rosto altas e sobressalentes, olhos acinzentados emoldurados por cílios negros, uma mandíbula forte escurecida pela barba por fazer – o rosto de um homem, minha mente provem vagamente. Seu cabelo é grosso e escuro, mais comprido na parte superior do que nos lados. Não é um homem velho, mas também não é um adolescente. Um homem feito.

O rosto transparece uma carranca, as feições definidas em linhas duras e severas. “George Cobakis” A boca esculpida fala. É uma boca sexy, com bom formato, mas ouço as palavras como se viessem de um megafone na distância. “Sabe onde ele está?”

Assinto, ou pelo menos tento. Minha cabeça parece pesada, o pescoço estranhamente dolorido. “Sim, sei onde ele está. Pensei que eu o conhecia também, mas não conhecia, não de verdade. Você, um dia, realmente conhece alguém? Acho que não, ou pelo menos não o conhecia. Achava que conhecia, mas não conhecia. Todos aqueles anos juntos e todos pensavam que éramos

perfeitos. O casal perfeito, eles nos chamavam. Acredita nisso? O casal perfeito. Éramos a nata da elite, a jovem médica e o jornalista, uma estrela em ascensão. Disseram que ele ganharia um prêmio Pulitzer[6] um dia.” Estou vagamente consciente de que estou balbuciando, mas não consigo parar. As palavras saem sem freio para fora mim, toda a amargura e dor reprimida. “Meus pais estavam orgulhosos, muito felizes no dia do nosso casamento. Eles não tinham idéia, nenhuma idéia sobre o que estava por vir, o que aconteceria...”

“Sara. Concentre-se em mim” A voz do megafone diz e noto um pouco de sotaque estrangeiro. Agrada-me, esse sotaque, me faz querer estender o braço e pressionar minha mão naqueles lábios lindos, em seguida, passar os dedos sobre essa mandíbula dura para ver se está com a barba por fazer. Gosto de barba por fazer. George costumava voltar para casa de suas viagens ao exterior e ficava com a barba por fazer e eu gostava. Eu adorava, embora dissesse a ele para tirar a barba. Ele parecia melhor todo barbeado, mas eu gostava de sentir os pelos às vezes, gostava de sentir essa aspereza nas coxas quando ele ia...

“Sara, pare” A voz interrompe e a carranca no rosto exótico e belo se aprofunda.

Eu estava falando em voz alta, percebo, mas não me sinto envergonhada, nem um pouco. As palavras não me pertencem; só vieram por vontade própria. Minhas mãos agem por vontade própria também, tentando alcançar aquele rosto, mas algo as impede e quando abaixo a cabeça para olhar, vejo uma tira de plástico em volta dos meus pulsos, com a mão grande de um homem sobre as minhas mãos. É quente, essa mão e ela prendendo minhas mãos no meu colo. Por que ele está fazendo isso? De onde a mão veio? Quando olho para cima em confusão, o rosto está mais perto, os olhos cinzentos examinando os meus.

“Eu preciso que você me conte onde o seu marido está” A boca emite e o megafone se aproxima. Parece que está bem ao lado do meu ouvido.

Contraio-me, porém ao mesmo tempo, aquela boca me intriga. Aqueles lábios me fazem querer tocá-los, lambê-los, senti-los no meu - espera. Eles estão perguntando alguma coisa.

“Onde meu marido está?” Minha voz soa como se estivesse saindo das paredes.

“Sim, George Cobakis, seu marido.” Os lábios parecem mais tentadores enquanto formam as palavras e o sotaque acaricia o meu interior, apesar do efeito persistente do megafone. “Diga-me onde ele está.”

“Ele está seguro. Está num abrigo seguro” Falo. “Eles poderiam vir atrás dele. Não queriam que ele publicasse aquela história, mas ele publicou. Ele foi corajoso assim, ou estúpido - provavelmente estúpido certo? - e depois aconteceu o acidente, mas eles ainda podiam vir atrás dele, porque fazem isso. A máfia não se importa que George seja um vegetal agora, um pepino, um tomate, uma abobrinha. Bem, o tomate é uma fruta, mas ele é um vegetal. Um brócolis, talvez? Não sei. Não é importante, de qualquer maneira. É que eles querem fazer dele um exemplo, ameaçar outros jornalistas que os enfrentam. Isso é o que eles fazem, é como operam. É tudo sobre dar propina e subornar e quando você lança luz sobre isso...”

“Onde está o abrigo seguro?” Há uma luz negra naqueles olhos cortantes. “Diga-me o endereço do abrigo seguro.”

“Não sei o endereço, mas é na esquina perto da Ricky’s Laundromat em Evanston” Digo para aqueles olhos. “Eles sempre me levam lá em um carro, portanto não sei o endereço exato, mas vi a construção de uma janela. Tem pelo menos dois homens no carro e dirigem em círculos por uma eternidade, trocam de carro às vezes também. É por causa da máfia, porque podem estar observando. Eles sempre enviam um carro para mim e não puderam enviar neste fim de semana. Conflito de agendamento, disseram. Acontece às vezes; os turnos dos guardas não se alinham e...”

“Quantos guardas estão lá?”

“Três, às vezes quatro. São estes caras militares grandes. Ou ex-militares, não tenho certeza. Eles só têm essa aparência. Eu não sei por que, mas todos eles têm essa aparência. É como proteção a testemunhas, só que não, porque ele precisa de cuidados especiais e não posso deixar o meu emprego. Não quero deixar o meu trabalho. Eles disseram para me mudar, que eu desaparecesse, mas não quero desaparecer. Meus pacientes precisam de mim, além dos meus pais. O que eu faria com os meus pais?

Nunca mais vê-los ou ligar para eles novamente? Não, isso é loucura. Então desapareceram com o vegetal, o pepino, o brócolis...”

“Sara quieta.” Dedos pressionam contra a minha boca, parando o fluxo de palavras e o rosto se move para ainda mais perto. “Pode parar agora. Acabou” A boca sexy murmura e abro os lábios, sugando aqueles dedos. Sinto o gosto de sal e de pele e desejo mais, então giro a língua ao redor dos dedos, sentindo a aspereza dos calos e as bordas sem corte das unhas curtas. Faz tanto tempo desde que toquei alguém e meu corpo se aquece por esta pequena amostra, pelo olhar

naqueles olhos prateados.

“Sara...” A voz com sotaque está mais baixa, mais profunda e suave.

É menos como um megafone e mais como um eco sensual, como música feita num sintetizador. “Você não quer entrar nessa, *ptichka* [\[7\]](#) .”

Oh, mas eu quero. Anseio muito entrar nessa. Continuo girando a língua ao redor dos dedos e observo os olhos cinzentos escurecerem, as pupilas visivelmente dilatando. É um sinal de excitação, eu sei e isso me faz desejar mais. Isso me dá vontade de querer beijar aqueles lábios esculpidos, esfregar a bochecha contra essa mandíbula com barba por fazer. E o cabelo, escuro e grosso. Seria macio ou encaracolado? Eu quero saber, mas não consigo mover as mãos, por isso apenas sugo mais fundo os dedos na boca, fazendo amor com eles com os lábios e língua, chupando-os como se fossem doces.

“Sara”. A voz é grossa e rouca, o rosto franzido com fome mal contida. “Você tem que parar *ptichka*. Se arrependerá disso amanhã.”

Arreperder? Sim, provavelmente irei. Arreperdo-me de tudo, de tantas coisas e libero os dedos para dizer isso. Mas antes que eu possa emitir uma palavra, os dedos se afastam dos meus lábios e o rosto se move para mais longe.

“Não me deixe.” O apelo é lamentoso, como o de uma criança carente. Eu desejo mais desse toque humano, dessa conexão. Minha cabeça parece um saco de pedras e tudo dói, especialmente perto do pescoço e ombros. Minha barriga está com cólicas também. Eu quero alguém para escovar meu cabelo e massagear meu pescoço, me abraçar e me balançar como um bebê. “Por favor, não vá.”

Algo assemelhado a dor atravessa o rosto do homem e sinto a picada fria da agulha no pescoço outra vez.

“Adeus Sara” A voz murmura e eu apago minha mente flutuando para longe como uma folha caída.

4

SARA

A dor de cabeça. Primeiro torno-me consciente da dor de cabeça. Meu crânio parece que está se dividindo em pedaços, as ondas de dor são um batuque no meu cérebro.

“Dra. Cobakis... Sara, pode me ouvir?” A voz feminina é suave e gentil, mas me enche de pavor. Há preocupação nessa voz, misturada com urgência contida. Escuto esse tom no hospital o tempo todo e isso nunca são bons.

Tentando não mexer minha cabeça latejante, abro as pálpebras erguendo-as e pisco convulsivamente na luz brilhante. “O que... Onde...” A minha língua está densa e incômoda, minha boca dolorosamente seca.

“Aqui, tome um gole disto.” Um canudinho é colocado perto da minha boca e eu o pego, avidamente sugando a água. Meus olhos estão começando a se ajustar a luz e consigo enxergar a sala. É um hospital, mas não o meu hospital, a julgar pela decoração desconhecida. Além disso, não estou onde normalmente estou. Não estou de pé ao lado da cama de hospital de alguém; estou deitada em uma.

“O que aconteceu?” Pergunto roucamente. Enquanto meus pensamentos clareiam, torno-me consciente da náusea e de uma gama de desconfortos e dores. Minhas costas parece como um hematoma gigante e meu pescoço está rígido e dolorido. Minha garganta parece esfolada também, como se eu estivesse gritando ou vomitando e quando levanto a mão para tocá-lo, encontro uma atadura grossa no lado direito do meu pescoço.

“Você foi atacada, Dra. Cobakis” Uma mulher negra de meia-idade diz suavemente e reconheço sua voz como àquela que falou anteriormente.

Ela está vestida com bata cirúrgica de enfermeira, mas de alguma forma não se parece com uma enfermeira. Quando olho fixamente para ela sem expressão, ela esclarece, “Em sua casa. Havia um homem. Você se lembra de alguma coisa sobre isso?”

Eu pisco, esforçando-me para fazer sentido dessa declaração confusa.

Sinto-me como se uma bola de algodão gigante foi enfiada no meu cérebro,

junto com o batuque do tambor. "Minha casa? Atacada?"

“Sim, Dra. Cobakis” Uma voz masculina responde e me encolho instintivamente, meu pulso saltando antes de reconhecer a voz. “Mas está segura agora. Acabou. Esta é uma instituição privada onde tratamos os nossos agentes, você está segura aqui.”

Virando cuidadosamente a cabeça dolorida, olho para Agente Ryson e sinto um vazio no meu estômago com a expressão no seu rosto pálido e desgastado. Pitadas e pedaços da minha experiência penosa estão vindos e com as memórias chega um surto de terror.

“George, ele está...”

“Eu sinto muito.” Os vincos na testa de Ryson se aprofundam.

“Ocorreu um ataque contra o abrigo seguro na noite passada também.

George... Ele não resistiu. Nem os três guardas.”

“O quê?” É como se um bisturi perfurasse meus pulmões. Não consigo compreender suas palavras, processar a enormidade delas. “Ele está... Está morto?” Então compreendo o resto de sua declaração. “E os três guardas? O que... Como...”

“Dra. Cobakis. Sara.” Ryson dá um passo para mais perto. “Preciso saber exatamente o que aconteceu ontem à noite, para que possamos prendê-lo.”

"Ele? Quem é *ele*?" Sempre foram *eles*, a máfia e estou atordoada demais para a súbita mudança de pronome. George está morto. George e os três guardas. Não consigo encontrar um jeito de aceitar isso, então nem tento. Ainda não, pelo menos. Antes de deixar a tristeza e a dor entrarem, preciso recuperar mais daquelas memórias, juntar as peças do quebra-cabeça terrível.

“Ela pode não se lembrar. O coquetel em seu sangue era muito potente” A enfermeira fala e percebo que deve estar com o agente Ryson.

Isso explicaria por que ele está falando livremente na frente dela quando é geralmente discreto, a ponto de paranóia.

Enquanto processo isso, a mulher chega mais perto. Estou conectada a um monitor de sinais vitais e ela verifica o medidor de pressão arterial ao redor do meu braço, em seguida dá ao meu antebraço um leve aperto. Olho para o meu braço e meu peito dói quando vejo uma fina linha vermelha em volta do meu pulso. O outro pulso também tem.

Tira de plástico. A lembrança surge para mim com clareza súbita.

Tinha uma tira de plástico em torno dos meus pulsos.

“Ele me afogou. Quando não lhe contei onde George estava, ele enfiou uma agulha no meu pescoço.”

Não percebo que falei em voz alta até que vejo o horror no rosto da enfermeira. A expressão do agente Ryson é mais contida, mas posso dizer que está chocada também.

“Sinto muito sobre isso.” Sua voz é firme. “Nós deveríamos ter previsto isso, mas ele não tinha ido atrás das famílias dos outros e você não queria se mudar... Ainda assim, deveríamos saber que ele não iria por nada.”

“Que outros? Quem é ele?” Minha voz se eleva à medida que mais memórias atacam minha mente. *Faca na minha garganta, pano molhado sobre o meu rosto, agulha no meu pescoço, não consigo respirar, não consigo respirar...*

“Karen, ela está tendo um ataque de pânico! Faça alguma coisa.” A voz de Ryson é frenética conforme os monitores começam a apitar. Estou hiperventilando e tremendo, porém de alguma forma encontro a força para dar uma olhada naqueles monitores. Minha pressão arterial está aumentando vertiginosamente e meu pulso está perigosamente rápido, mas ver aqueles números me estabiliza. Sou uma médica. Este é o meu ambiente, minha zona de conforto.

Eu consigo fazer isso. *Inalar o ar. Deixá-lo sair. Não sou fraca. Inalar o ar. Deixá-lo sair.*

“Isso é bom, Sara. Apenas respire.” A voz de Karen é suave e tranquilizadora enquanto acaricia meu braço. “Você está pegando o jeito.

Apenas respire fundo outra vez. Ai está. Bom trabalho. Agora outra. E mais uma...”

Sigo suas instruções gentis conforme assisto os números nos monitores e, lentamente, a sensação sufocante recua e os meus sinais vitais normalizam. Mais memórias sombrias estão se aproximando, mas não estou pronta para enfrentá-las ainda, portanto as empurro para o lado, bato uma porta mental nelas tão firmemente quanto posso.

“Quem é ele?” Pergunto quando consigo falar de novo. “O que você quer dizer com 'os outros'? George escreveu esse artigo sozinho. Por que a máfia está atrás de outra pessoa?”

Agente Ryson troca olhares com Karen, depois se vira para mim.

“Dra. Cobakis, temo que não fomos inteiramente honestos com você. Não revelamos a situação real para te proteger, mas claramente, falhamos nisso.” Ele respira. “Não era a máfia local que estava atrás de seu marido.

Era um fugitivo internacional, um criminoso perigoso que seu marido encontrou em uma missão no exterior.”

“O que?” Minha cabeça pulsa dolorosamente, as revelações são quase demais para absorver. George começou como um correspondente estrangeiro, mas nos últimos cinco anos, vinha assumindo cada vez mais e mais histórias domésticas. Eu perguntei sobre isso, dada sua paixão pelos casos estrangeiros, mas quando questionei, ele me disse que queria passar mais tempo em casa comigo e deixei para lá.

“Este homem, tem uma lista de pessoas que cruzaram com ele - ou quem pensa que cruzou com ele” Ryson explica. “Receio que George estava nessa lista. As circunstâncias exatas a respeito disso e a identidade do fugitivo são confidenciais, mas dado o que aconteceu você merece saber a verdade - pelo menos tanto quanto estou autorizado a revelar dela.”

Fico olhando para ele. “Era um homem? Um fugitivo?” Um rosto aparece em meus pensamentos, um rosto masculino cruelmente bonito. É nebuloso, como uma imagem de um sonho, porém de alguma forma eu sei que é ele, o homem que invadiu a minha casa e fez aquelas coisas terríveis comigo.

Ryson assente. “Sim. Ele é altamente treinado e tem vastos recursos, que é por isso que é capaz de ficar à frente de nós por tanto tempo. Ele tem conexões em todos os lugares, da Europa Oriental a América do Sul ao Oriente Médio. Quando soubemos que o nome do seu marido estava em sua lista, levamos George para o abrigo seguro e deveríamos ter feito o mesmo com você. Nós apenas pensamos que...” Ele para e balança a cabeça. “Suponho que não importa o que pensamos. Nós o subestimamos e agora quatro homens estão mortos.”

Mortos. Quatro homens estão mortos. Atinge-me neste momento, o conhecimento de que George está morto. Eu registrei isso antes, não de fato. Meus olhos começam a queimar e meu peito parece que está sendo espremido em um torno. Em uma explosão de clareza, as peças do quebra-cabeça se encaixam.

“Fui eu, não é?” Sento, ignorando a onda de tontura e dor. “Eu fiz isso. Eu, de algum jeito, dei a localização do abrigo seguro.”

Ryson troca outro olhar com a enfermeira e meu coração cai. Eles não respondem a minha pergunta, mas a linguagem corporal deles fala muito.

Sou responsável pela morte de George. Por todas as quatro mortes.

“Não é culpa sua, Dra. Cobakis.” Karen toca meu braço novamente, os olhos castanhos cheios de simpatia. “A droga que ele te deu teria enfraquecido qualquer um. Você está familiarizada com tiopentato de sódio?”

“O anestésico barbiturato?” Eu pisco para ela. “É claro. Foi amplamente utilizado para induzir a anestesia até que o Diprivan se tornou o padrão. O que...Oh.”

“Sim” o Agente Ryson fala. “Vejo que você sabe sobre seu outro uso.

Raramente é utilizado dessa maneira, pelo menos fora da comunidade de inteligência, porém é bastante eficaz como um soro da verdade. Diminui as funções cerebrais corticais superiores e faz com que os indivíduos fiquem falantes e cooperativos. E esta era uma versão sintética, tiopentato misturado com compostos que não vimos antes.”

“Ele me drogou para me fazer falar?” Meu estômago se agita com a bile. Isto explica a dor de cabeça e o nevoeiro cerebral e o conhecimento de que isso foi feito comigo – que fui violada dessa forma - desejo esfregar dentro do meu crânio com água sanitária. Esse homem não apenas invadiu minha casa, ele invadiu minha mente, invadiu-a como um ladrão.

“Esse é o nosso melhor palpite, sim” Ryson diz. “Você tinha um monte desta droga em seu organismo quando nossos agentes te encontraram amarrada em sua sala de estar. Havia também sangue em seu pescoço e coxas e inicialmente pensaram que...”

“Sangue em minhas coxas?” Eu me preparo para um novo horror.

“Ele...”

“Não, não se preocupe, ele não te machucou dessa maneira” Karen fala, atirando um olhar sombrio a Ryson. “Realizamos um exame de corpo inteiro quando você foi trazida e era seu sangue menstrual, nada mais. Não tinha sinais de trauma sexual. Além de alguns hematomas e os cortes superficiais em seu pescoço, você está bem – ou ficará, uma vez que as drogas sumirem.”

Bem. Riso histérico borbulha na minha garganta e leva toda a minha força para não deixá-lo escapar. Meu marido e outros três homens estão mortos por minha causa. A minha casa foi invadida; minha *mente* foi invadida. E ela acha

que vou ficar bem?

“Por que vocês inventaram essa mentira sobre a máfia?” Pergunto, lutando para conter a bola de dor em expansão no meu peito. “Como isso iria me proteger?”

“Porque no passado, este fugitivo não foi atrás dos inocentes - as esposas e filhos das pessoas na lista dele não estavam envolvidos de qualquer maneira” Ryson diz. “Mas ele matou a irmã de um homem porque esse homem confiou nela e a envolveu no encobrimento. Quanto menos você soubesse, mais segura estaria, especialmente quando não queria se mudar e desaparecer junto com o seu marido.”

“Ryson, por favor,” Karen fala bruscamente, mas é tarde demais. Já estou balançada com este novo golpe. Se eu pudesse ser perdoada por ter falado, mesmo que induzido por drogas, a minha recusa de ir embora é certamente minha culpa. Fui egoísta, pensando em meus pais e minha carreira em vez do perigo que eu podia representar ao meu marido.

Acreditava que a *minha* segurança estava na linha, não dele, mas isso não é desculpa.

A morte de George está na minha consciência, tanto quanto o acidente que danificou seu cérebro.

“Ele...” Engulo em seco grosseiramente. “Ele sofreu? Quero dizer...

Como aconteceu?”

“Uma bala na cabeça” Ryson responde em tom depressivo. “Assim como os três homens que o protegiam. Acho que aconteceu rápido demais para qualquer um deles sofrer.”

“Oh Deus.” Meu estômago sente náusea com violência súbita e o vômito vem correndo pela minha garganta.

Karen deve ter visto a cor sair do meu rosto, porque age rápido, pegando uma bandeja de metal de uma mesa próxima e empurrando-a em minhas mãos. É só a tempo também, porque o conteúdo do meu estômago se espalha, o ácido queima meu esôfago enquanto seguro a bandeja com as mãos trêmulas.

“Está tudo bem. Está tudo bem. Aqui, vamos te limpar.” Karen é toda rápida e eficiente, assim como uma enfermeira real. Seja qual for seu papel com o FBI, ela sabe o que fazer em um ambiente médico. “Venha, deixe-me ajudá-la a ir até o banheiro. Você vai se sentir melhor em um segundo.”

Colocando a bandeja na mesa de cabeceira, ela circula um braço ao redor das minhas costas para me ajudar a sair da cama e me leva até o banheiro. Minhas pernas estão tremendo tanto que mal consigo andar, se não fosse o apoio dela, não teria conseguido.

Ainda assim, preciso de um momento de privacidade, por isso digo a Karen, “Você pode, por favor, sair por um momento? Estou bem agora.”

Devo soar convincente o suficiente, porque Karen fala, “Eu estarei do lado de fora se precisar de mim” E fecha a porta atrás dela.

Estou suando e tremendo, mas consigo lavar a boca e escovar os dentes. Em seguida, cuido de outros assuntos urgentes, lavar as mãos e jogar água fria no rosto. No momento em que Karen bate na porta, estou me sentindo um pouco mais humana.

Também estou mantendo minha mente vazia. Se eu pensar sobre a maneira que George e os outros morreram, vomitarei de novo. Vi muitas vezes ferimentos de bala durante o meu período de residência na emergência e sei o dano devastador que balas infligem.

Não pense sobre isso. Ainda não.

“Meus pais foram notificados?” Pergunto depois que Karen me ajuda a voltar para a cama. Ela já removeu a bandeja e o Agente Ryson está sentado em uma cadeira ao lado da cama, o rosto enrugado revestido com tensão exausta.

“Não” Karen diz suavemente. “Ainda não. Nós queríamos discutir isso com você, na verdade.”

Olho para ela, depois para Ryson. “Discutir o quê?”

“Dra. Cobakis – Sara, pensamos que poderia ser melhor se as circunstâncias exatas da morte do seu marido, assim como o seu ataque, fossem mantidas em sigilo” Ryson diz. “Isso iria te poupar um monte de atenção desagradável da mídia, bem como...”

“Quer dizer, iria poupar vocês de um monte de atenção desagradável da mídia.” Um surto de raiva afasta um pouco da névoa em meus pensamentos. “É por isso que estou aqui, em vez de um hospital comum.

Vocês querem encobrir, fingir que nunca aconteceu.”

“Queremos te manter segura e ajudá-la a superar isso” Karen diz seu olhar castanho sério no meu rosto. “Nada de bom pode vir ao explodir esta história

para todos os jornais. O que aconteceu foi uma tragédia terrível, porém o seu marido já estava com aparelhos. Você sabe melhor do que ninguém que era apenas uma questão de tempo antes...”

“E os outros três homens?” Interrompo bruscamente. “Eles estavam com aparelhos também?”

“Morreram no cumprimento do dever” Ryson responde. “As famílias deles já foram informadas, logo você não precisa se preocupar com isso.

Com George, você era a única família dele, então...”

“Então agora fui informada também.” Minha boca torce. “Sua consciência está tranquila e agora é hora da limpeza. Ou devo dizer hora de ‘proteger a sua bunda’?”

Seu rosto enrijece. “Isso ainda é amplamente confidencial, Dra. Cobakis. Se você for à mídia, estará provocando um ninho de vespas e confie em mim, você não quer isso. Nem o seu marido, se estivesse vivo.

Ele não queria que ninguém soubesse sobre este assunto, nem mesmo você.”

“O quê?” Olho fixamente para o agente. “George sabia? Mas...”

“Ele não sabia que estava na lista e nem nós sabíamos” Karen diz, colocando sua mão na parte de trás da cadeira de Ryson. “Descobrimos após o acidente e naquele ponto, fizemos o possível para protegê-lo.”

Minha cabeça está latejando, mas não presto atenção na dor e tento me concentrar no que estão me contando. “Eu não entendo. O que aconteceu naquela missão no exterior? Como George se envolveu com este fugitivo? E quando?”

“Essa é a parte confidencial” Ryson fala. “Desculpe, mas é muito melhor se você deixar isso para lá. Estamos procurando o assassino de seu marido agora e tentando proteger as pessoas restantes na lista dele. Dado os recursos dele, não é uma tarefa fácil. Se a mídia estiver em nossos calcanhares, não seremos capazes de realizar o nosso trabalho de forma tão eficaz e mais pessoas podem morrer. Você entende o que estou dizendo, Dra. Cobakis? Para a sua segurança e a de outras pessoas, tem que deixar isso para lá.”

Fico tensa, recordando o que o agente disse sobre os outros. “Quantos ele já matou?”

“Muitos, eu receio” Karen diz sombriamente. “Nós não descobrimos sobre a

lista até que ele matou várias pessoas na Europa e no momento em que fomos capazes de colocar os guardas apropriados no lugar, havia somente algumas pessoas restantes.”

Inalo uma respiração instável, minha cabeça girando. Eu sabia o que George fazia como correspondente estrangeiro é claro e li muitos dos seus artigos e exposições, mas aquelas histórias não pareciam totalmente reais para mim. Mesmo quando o Agente Ryson se aproximou de mim há nove meses sobre a suposta ameaça da máfia à vida de George, o medo que experimentei foi mais acadêmico do que visceral. Fora do acidente de George e os dolorosos anos que o antecederam, levei uma vida encantada, cheia de preocupações típicas suburbanas sobre a escola, trabalho e família.

Fugitivos internacionais que torturam e matam pessoas de alguma lista misteriosa estão muito além do meu campo de experiência que sinto como se eu tivesse caído na vida de outra pessoa.

“Sabemos que é muita coisa para compreender” Karen fala gentilmente e percebo que um pouco do que estou sentindo deve estar escrito no meu rosto. “Você ainda está em estado de choque pelo ataque e descobrir sobre tudo isso ainda por cima...” Ela inala. “Se precisar de alguém para conversar, conheço um bom terapeuta que trabalhou com soldados com estresse pós-traumático.”

“Não, eu...” Quero recusar, dizer a ela que não preciso de ninguém, mas não consigo formar uma mentira. A bola de dor dentro do meu peito está me sufocando e apesar de minha parede mental, mais memórias horríveis estão vindo, flashes de escuridão, desamparo e terror.

“Só vou te deixar o cartão dele” Karen diz, indo até a cama e eu a vejo dar aos monitores que emitem bipe um olhar preocupado. Não preciso olhar para eles para saber que a minha frequência cardíaca está aumentando vertiginosamente de novo, meu corpo entrando em um modo desnecessário de luta ou fuga.

Meus instintos básicos não sabem que as memórias não podem me machucar que o pior já aconteceu. A menos que...

“Vou ter que desaparecer?” Suspiro através de uma garganta apertada. “Você acha que ele irá...”

“Não” Ryson responde, imediatamente compreendendo o meu medo. “Ele não virá atrás de você novamente. Conseguiu o que queria de você; não existe nenhuma razão para ele retornar. Se quiser, ainda podemos procurar realocar

você, mas...”

“Cala a boca, Ryson. Não consegue ver que ela está hiperventilando?” Karen diz bruscamente, agarrando o meu braço.

“Respire, Sara” ela me pede em tom calmo. “Vamos, querida, apenas respire fundo. E mais uma. Ai está...”

Sigo junto com sua voz até que a minha frequência cardíaca estabiliza de novo e o pior das memórias está bloqueado atrás da parede mental. No entanto, ainda estou tremendo, então Karen envolve um cobertor ao meu redor e senta-se ao meu lado na cama, abraçando-me apertado.

“Vai ficar tudo bem, Sara” Ela murmura enquanto a dor transborda e começo a chorar, as lágrimas como rastros de lava no meu rosto. "Acabou.

Você ficará bem. Ele se foi e nunca irá te machucar outra vez.”

5

PETER

"Das cinzas para as cinzas, do pó para o pó..."

A voz do padre que fala sem parar atinge meus ouvidos e me desligo dele enquanto olho rapidamente a multidão de enlutados. Há mais de duzentas pessoas aqui, todos usando roupas escuras e expressões sombrias. Sob o mar de guarda-chuvas pretos, muitos olhos estão avermelhados e inchados e algumas mulheres choram muito alto.

George Cobakis foi popular durante sua vida.

O pensamento devia me irritar, mas não. Não sinto nada quando penso nele, nem mesmo a satisfação por estar morto. A raiva que me consumiu durante anos se acalmou no momento, deixando-me estranhamente vazio.

Estou em pé na parte de trás da multidão, meu casaco preto e guarda-chuva como os dos outros presentes. Uma peruca castanha clara e um bigode fino disfarçam minha aparência, assim como a minha postura curvada e o travesseiro acolchoado em minha cintura.

Não sei por que estou aqui. Nunca participei em quaisquer dos funerais antes. Uma vez que um nome é eliminado da minha lista, minha equipe e eu passamos para o próximo, com frieza e metodicamente. Eu sou um homem procurado; não faz sentido eu ficar por aqui, nesta pequena cidade suburbana, mas não consigo ir embora.

Não sem vê-la novamente.

O meu olhar viaja de pessoa a pessoa, em busca de uma figura esbelta e finalmente, eu a vejo, completamente na parte da frente como convém à esposa do falecido. Ela está em pé ao lado de um casal de idosos, segurando um grande guarda-chuva sobre os três e até mesmo na multidão, ela consegue parecer remota, de alguma forma distante de todos.

É como se ela existisse em um plano diferente, como eu.

Eu a reconheço pelos cachos castanhos, visível sob o seu pequeno chapéu preto. Ela deixou o cabelo solto hoje e apesar do cinzento céu chuvoso, vejo os

reflexos avermelhados no cabelo marrom escuro que cai alguns centímetros depois dos ombros. Não consigo ver muito mais - tem muitas pessoas e guarda-chuvas entre nós - mas a observo de qualquer maneira, como eu a estive observando pelo último mês. Só que o meu interesse por ela é diferente agora, infinitamente mais pessoal.

Dano colateral. É assim que pensei nela inicialmente. Ela não era uma pessoa para mim, mais como uma extensão de seu marido. Uma extensão inteligente e bonita, com certeza, mas isso não importava para mim. Eu particularmente não queria matá-la, mas faria o que fosse necessário para atingir o meu objetivo.

Eu *fiz* o que foi necessário.

Ela congelou de terror quando eu a peguei, sua reação foi a de uma pessoa inexperiente, o instinto primitivo da presa incapacitada. Devia ser fácil naquele ponto - algum corte superficial e pronto. O fato dela não ter quebrado instantaneamente sob minha lâmina foi impressionante e irritante, já tive assassinos experientes fazendo xixi em si mesmos e começando a cantar com menos incentivo.

Podia ter feito mais com ela naquele momento, agredi-la com a minha faca de verdade, mas em vez disso, fui com uma técnica de interrogatório menos prejudicial.

Eu a coloquei debaixo da torneira.

Funcionou como um encanto - e é aí que cometi um erro. Ela estava tremendo e soluçando tanto após a primeira sessão que a levei para o chão e a abracei, contendo-a e a acalmando ao mesmo tempo. Fiz isso para que fosse capaz de falar, mas não contava com a minha resposta a ela.

Ela parecia pequena e frágil, totalmente desprotegida enquanto tossia e chorava no meu abraço e por algum motivo, lembrei-me de segurar meu filho desse jeito, de confortá-lo quando ele chorava. Só que Sara não é uma criança e meu corpo reagiu a suas curvas magras com fome surpreendente, com um desejo tão primitivo quanto era irracional.

Eu queria a mulher que vim interrogar, aquela cujo marido eu pretendia matar.

Tentei ignorar a minha reação inconveniente, para continuar como antes, mas quando a coloquei no balcão novamente, encontrei-me incapaz de ligar a água. Eu estava muito consciente dela; ela se tornou uma pessoa para mim, uma

mulher viva e que respira em vez de uma ferramenta a ser utilizada.

Isso deixou a droga como a única opção. Não tinha planejado usar nela, tanto por causa do tempo necessário para funcionar adequadamente e porque era a nossa dose final. O químico que a fez foi morto recentemente e Anton me avisou que levaria tempo para encontrar outro fornecedor.

Estava guardando aquela dose para uma emergência, mas não tive escolha.

Eu, que torturei e matei centenas, não consegui me convencer a ferir mais esta mulher.

“Ele era um homem gentil e generoso, um jornalista talentoso. Sua morte é uma perda além da medida, tanto para sua família e sua profissão...”

Tiro os meus olhos de Sara e me concentro no orador. É uma mulher de meia-idade, com o rosto fino coberto de lágrimas. Eu a reconheço como um dos colegas de Cobakis do jornal. Investiguei todos eles para determinar a sua cumplicidade, porém felizmente para eles, Cobakis era o único envolvido.

Ela continua passando por todas as qualidades excepcionais de Cobakis, mas eu a desligo de novo, meu olhar atraído para a figura esbelta sob o guarda-chuva gigante. Tudo o que consigo ver de Sara é suas costas, mas posso facilmente imaginar seu rosto pálido em forma de coração. Suas características estão impressas em meus pensamentos, de seus olhos castanhos mais distantes que o normal e o pequeno nariz reto até os lábios macios e suaves. Existe algo sobre Sara Cobakis que me faz pensar em Audrey Hepburn, uma espécie de beleza fora de moda que lembra as estrelas de cinema dos anos quarenta e cinquenta. Isso somado a sensação de que não pertence aqui, que ela é de alguma forma, diferente das pessoas que a cercam.

Que ela está de alguma forma, acima deles.

Pergunto-me se Sara está chorando, se está de luto pelo homem que admitiu que realmente não conhecia. Quando Sara me disse pela primeira vez que ela e seu marido estavam separados, não acreditei nela, mas algumas das coisas que contou sob a influência da droga me fizeram repensar essa conclusão. Algo deu muito errado em seu casamento supostamente perfeito, algo que deixou uma marca inexplicável nela.

Sara conhecia a dor; viveu com ela. Podia vê-la em seus olhos, na suave curva trêmula de sua boca. Isso me intrigou esse vislumbre em sua mente, me fez querer fuçar mais a fundo seus segredos e quando fechou os lábios nos meus

dedos e começou a chupá-los, a fome que eu estava tentando suprimir voltou, meu pau endureceu de forma incontrolável.

Eu podia ter feito sexo com ela naquela hora e Sara teria permitido.

Porra me receberia de braços abertos. A droga havia baixado suas inibições, arrancado todas as suas defesas. Ela ficou aberta e vulnerável, necessitada de uma forma que chamava as partes mais profundas de mim.

Não me deixe. Por favor, não vá embora.

Mesmo agora, posso ouvir seus apelos, tão parecidos com os de Pasha na última vez que o vi. Ela não sabia o que estava pedindo, não sabia quem eu era ou o que eu estava prestes a fazer, mas suas palavras me perturbaram completamente, fazendo-me desejar ardentemente algo totalmente impossível. Levou toda a minha força de vontade para ir embora e deixá-la amarrada naquela cadeira para o FBI encontrá-la.

Levou tudo que eu tinha para ir embora e continuar com a minha missão.

Minha atenção volta ao presente quando a colega de Cobakis para de falar e Sara se aproxima do palanque. O corpo esguio, vestida com roupas escuras, se move com graça inconsciente e a antecipação se enrola no meu interior enquanto se vira e encara a multidão.

Um cachecol preto está envolto ao redor de seu pescoço, protegendo-a do vento frio do Outubro e escondendo a bandagem que deve estar lá.

Acima do cachecol, o rosto em forma de coração está pálido como fantasma, mas os olhos estão secos - pelo menos tanto quanto posso dizer a esta distância. Adoraria ficar mais perto, porém isso é muito arriscado. Já estou arriscando ao estar aqui. Há pelo menos dois agentes do FBI entre os participantes e mais alguns estão situados discretamente em carros do governo na rua. Eles não estão esperando que eu esteja aqui - a segurança seria muito mais reforçada se esperassem - mas isso não significa que posso abaixar a guarda. Tanto que Anton e os outros pensam que sou louco por aparecer aqui.

Normalmente saímos da cidade poucas horas depois de um ataque bem sucedido.

“Como todos sabem, George e eu nos conhecemos na faculdade” Sara diz no microfone e um arrepio atinge a minha coluna ao som de sua voz suave e melodiosa. Eu a observei tempo suficiente para saber que ela pode cantar. Ela costuma cantar música popular quando está sozinha em seu carro, ou enquanto

faz tarefas domésticas.

Na maioria das vezes, soa melhor do que o cantor de verdade.

“Nós nos conhecemos em um laboratório de química” Ela continua, “Porque, acredite ou não, George estava pensando em ir para a faculdade de medicina naquele tempo.” Escuto algumas risadas na multidão e os lábios de Sara se curvam em um leve sorriso conforme fala, “Sim, George, que não podia suportar a visão de sangue, realmente considerou se tornar um médico. Felizmente, ele rapidamente descobriu sua verdadeira paixão – jornalismo – e o resto é história.”

Ela continua a falar sobre vários hábitos e peculiaridades de seu marido, incluindo seu amor por sanduíches de queijo regados com mel, depois segue em frente para as conquistas e boas ações, detalhando seu apoio inabalável pelos veteranos de guerra e os sem-teto. Enquanto ela fala, percebo que tudo o que diz tem a ver com *ele*, em vez de ter a ver com os dois. Além da menção inicial de como se conheceram, o discurso de Sara podia ter sido feito por um companheiro de quarto ou um amigo – qualquer um que conhecia Cobakis, na verdade. Até sua voz é firme e calma, sem nenhum indício da dor que vislumbrei nos olhos dela naquela noite.

É só quando ela chega ao acidente que vejo alguma emoção verdadeira em seu rosto. “George foi muitas coisas maravilhosas” ela diz, olhando para a multidão. “Mas todas essas coisas terminaram há dezoito meses, quando seu carro bateu naquele parapeito e caiu. Tudo o que ele foi morreu naquele dia. O que permaneceu não foi George. Foi uma casca dele, um corpo sem mente. Quando a morte chegou para ele na manhã de sábado, não pegou meu marido. Pegou somente a casca. O próprio George já estava morto há muito tempo nessa altura e nada podia fazê-lo sofrer.”

Seu queixo levanta enquanto fala esta última parte e eu a encaro atentamente. Ela não sabe que estou aqui - o FBI estaria em cima de mim se Sara soubesse - mas sinto como se ela estivesse falando diretamente para mim, me dizendo que falhei. Será que ela me nota em algum nível? Sente-me observá-la?

Ela sabe que quando eu estava de pé ao lado da cama de seu marido há duas noites, por um breve momento considerei *não* puxar o gatilho?

Sara termina o discurso com as palavras tradicionais sobre o quanto George fará falta e então dá passos para fora do palanque, deixando o sacerdote ter sua palavra final. Eu a observo caminhar de volta para o casal de idosos e quando a multidão começa a se dispersar, eu calmamente sigo os outros para fora do cemitério.

O funeral acabou e minha fascinação por Sara deve acabar também.

Há mais pessoas na minha lista e felizmente para ela, Sara não é uma delas.

PARTE II

6

SARA

“Querida, você não está comendo de novo?” Mamãe pergunta com uma carranca preocupada. Embora ela estivesse passando aspirador de pó quando cheguei, sua maquiagem está tão perfeita como sempre, o cabelo branco curto está lindamente enrolado e os brincos combinam com o colar elegante. “Você parece bastante magra ultimamente.”

“A maioria das pessoas considerariam isso uma coisa boa” Digo secamente, mas para tranquilizá-la, pego um segundo pedaço de sua torta caseira de maçã.

“Não quando parece como se um chihuahua pudesse te arrastar”

Mamãe fala e empurra mais torta em minha direção. “Você precisa se cuidar, caso contrário, não será capaz de ajudar os seus pacientes.”

“Eu sei disso, mãe” Digo entre mordidas da torta. “Não se preocupe, ok? Tem sido um inverno agitado, mas as coisas devem desacelerar em breve.”

“Sara querida...” As linhas de preocupação em seu rosto se aprofundam. “Já se passaram seis meses desde que George...” Ela para e respira. “Olha, o que estou dizendo é que você não pode continuar se matando de trabalhar. É demais para você, sua carga de trabalho regular, além de todo este novo voluntariado. Você está dormindo um pouco?”

“Claro, mãe. Durmo como os mortos.” Não é uma mentira; desmaio no momento que minha cabeça bate no travesseiro e não acordo até que o meu alarme dispare. Ou pelo menos é o que acontece se estou completamente exausta. Nos dias em que tenho algo parecido com uma programação normal, acordo tremendo e suando devido aos pesadelos, portanto faço o melhor para me esgotar todos os dias.

“Como a venda da casa está indo? Nenhuma oferta ainda?” Papai pergunta, arrastando os pés ao entrar na sala de jantar. Ele está usando um andador de novo, acho que sua artrite deve estar dando problema, porém estou satisfeita por ver que sua postura está um pouco mais reta. Ele está realmente seguindo as ordens do seu fisioterapeuta neste momento e nadando na academia todos os dias.

“O corretor de imóveis fará um Open House[8] na semana que vem” Respondo, suprimindo o desejo de elogiar o papai por fazer a coisa certa. Ele não gosta de ser lembrado de sua idade, então qualquer coisa que tenha a ver com a saúde dele ou da minha da mãe está fora dos limites, no que se refere à conversa do jantar. Isso me deixa louca, mas ao mesmo tempo, não posso deixar de admirar sua determinação.

Com quase 87 anos de idade, meu pai é bastante forte como sempre.

“Oh, que bom” Mamãe diz. “Espero que você tenha algumas ofertas.

Certifique-se de fazer biscoitos nessa manhã; eles fazem a casa ter um cheiro agradável.”

“Eu podia pedir ao meu corretor de imóveis para comprar alguns e colocá-los no micro-ondas antes que os primeiros visitantes cheguem” Falo, sorrindo para ela. “Não acho que terei tempo para fazer.”

“É claro que ela não terá Lorna.” Papai senta-se ao lado da mamãe e pega uma fatia de torta. Olhando para mim, ele diz com a voz rouca, “Você provavelmente nem estará em casa, certo?”

Assinto. “Tenho que ir da clínica direto para o hospital nesse dia.”

Ele franze a testa. “Ainda está fazendo isso?”

“Aqueles mulheres precisam de mim, pai.” Tento manter a exasperação fora da minha voz. “Você não tem idéia de como é esse bairro.”

“Mas, querida, esse bairro é precisamente o porquê não queremos você indo lá.” Mamãe interrompe. “Você não pode se voluntariar em outro lugar? E ir lá à noite, depois que já trabalhou em um de seus longos turnos de trabalho...”

“Mãe, nunca carrego dinheiro ou objetos de valor comigo e estou lá apenas por algumas horas durante a noite” Explico, segurando minha paciência por um fio. Nós já tivemos essa discussão pelo menos cinco vezes nos últimos três meses e toda vez, meus pais fingem que nunca discutimos isso antes. “Estaciono bem em frente ao edifício e entro direto. É tão seguro quanto pode ser.”

Mamãe suspira e balança a cabeça, porém não discute mais. Papai, no entanto, continua franzindo a testa para mim sob sua fatia de torta. Para distraí-lo, me levanto e digo: “Alguém gostaria de um pouco de café ou chá?”

“Café descafeinado para o seu pai” Mamãe pede. “E chá de camomila para mim, por favor.”

“Um café descafeinado e um chá de camomila saindo” Digo, caminhando até a máquina de café sofisticada que comprei para eles no Natal passado. Depois de fazer as bebidas requisitadas e levá-las para a mesa, volto e faço uma xícara de café javanês[9] verdadeiro para mim.

Após este jantar, estarei de plantão e posso usar a cafeína.

“Então, adivinhe querida?” Mamãe diz quando me reúno à mesa com eles de novo. “Iremos receber os Levinsons para o jantar no sábado.”

Tomo um gole do meu café. Está quente e forte, assim como gosto.

"Isso é bom."

“Eles estão perguntando sobre você” Papai fala, misturando o açúcar no café.

“Uh-huh.” Mantenho a expressão neutra. “Por favor, diga-lhes olá por mim.”

“Por que não vem também, querida?” Mamãe fala como se acabasse de ter a ideia. “Eu sei que eles adorariam vê-la e vou fazer o seu favorito...”

“Mãe, não estou interessada em sair com Joe - ou com qualquer um – agora” Eu digo, suavizando a minha recusa com um sorriso. “Desculpe, mas não estou lá ainda. Eu sei que você ama os pais de Joe e ele é um advogado maravilhoso e um homem muito bom, mas só não estou pronta.”

“Você não vai saber se está pronta até que saia lá fora e tente” Papai diz enquanto mamãe suspira e olha para baixo em sua xícara de chá. “Não pode morrer junto com George, Sara. Você é mais forte do que isso.”

Bebo meu café em vez de responder. Ele está errado. Eu não sou forte. Tudo o que posso fazer é sentar aqui e fingir que estou bem, que ainda estou inteira, funcional e sã. Meus pais, como todos os outros, não sabem o que aconteceu naquela noite de sexta. Eles pensam que George faleceu dormindo, que sua morte foi o resultado tardio do acidente de carro que o colocou em coma dezoito meses antes. Dei uma desculpa pelo caixão fechado no funeral como uma maneira para eu enfrentar a minha dor e ninguém questionou. Se os meus pais soubessem a verdade, ficariam arrasados e eu nunca farei isso com eles.

Ninguém, exceto o FBI e meu terapeuta, sabe sobre o fugitivo e meu papel na morte de George.

“Apenas pense nisso” Mamãe pede quando permaneço em silêncio.

“Você não tem que se comprometer com qualquer coisa ou fazer qualquer coisa que não queira fazer. Apenas, por favor, considere vir aqui neste sábado.”

Olho para ela e pela primeira vez noto a tensão escondida sob sua maquiagem perfeita e acessórios da moda. Minha mãe é nove anos mais nova que o meu pai e é muito esbelta e animada que às vezes esqueço que a idade está pesando sobre ela também, que toda essa preocupação comigo não pode ser bom para sua saúde.

“Pensarei nisso, mãe.” Prometo e levanto para tirar os pratos da mesa. “Se eu não tiver que trabalhar no sábado, vou tentar vir.”

SARA

O meu turno de plantão é um borrão de emergências, tudo desde uma mulher de cinco meses grávida chegando com hemorragia grave, até uma das minhas pacientes que entra em trabalho de parto sete semanas antes. Acabei realizando uma cesariana nela, mas felizmente, o bebê - um menino pequeno - mas perfeitamente formado, é capaz de respirar e mamar por conta própria. A mulher e seu marido solçam de felicidade e me agradecem profundamente e na hora que entro no vestiário para tirar minha bata cirúrgica, estou física e emocionalmente esgotada. No entanto, também estou profundamente satisfeita.

Toda criança que trago a este mundo, toda mulher, cujo corpo ajudo a curar, faz sentir um pouquinho melhor, aliviando a culpa que me sufoca como um pano molhado.

Não, não vá lá. Pare. Só que já é tarde demais e as memórias obscuras e tóxicas me invadem. Ofegante, afundo-me no banco ao lado do meu armário, minhas mãos segurando na tábua de madeira dura.

Uma mão sobre a minha boca. Uma faca na minha garganta. Um pano molhado sobre o rosto. Água no meu nariz, nos meus pulmões...

“Ei Sara.” Mãos macias apertam meus braços. “Sara, o que está acontecendo? Você está bem?”

Estou ofegante, minha garganta impossivelmente apertada, porém consigo dar um pequeno aceno de cabeça. Fechando os olhos, me concentro em desacelerar a respiração como o terapeuta me ensinou e depois de alguns momentos, o pior da sensação sufocante recua.

Abrindo os olhos, olho para Marsha, que está olhando fixamente para mim com preocupação.

“Estou bem” Respondo com voz trêmula, levantando para abrir o armário. Minha pele está fria e pegajosa e parece que meus joelhos estão prestes a se curvar, mas não quero ninguém no hospital sabendo sobre os meus ataques de pânico. “Esqueci de comer de novo, então provavelmente é apenas baixa de açúcar no sangue.”

Os olhos azuis de Marsha se arregalam. “Você não está grávida, está?”

“O quê?” Apesar da minha respiração ainda irregular, fico surpresa e rio. “Não, é claro que não.”

“Oh, ok.” Ela sorri para mim. “E eu aqui pensando que você estava finalmente aproveitando.”

Dou-lhe um olhar de *cai na real*. “Mesmo se eu estivesse, acha que não sei como evitar uma gravidez?”

“Ei, nunca se sabe. Acidentes acontecem.” Ela abre o armário dela e começa a tirar sua bata cirúrgica. “No entanto, sério, você deve comer alguma coisa comigo e com as meninas. Estamos indo para o Patty’s agora.”

Levanto as sobancelhas. “Um bar às cinco da manhã?”

“Sim, e daí? Não vamos ficar bebendo. Eles têm café da manhã 24/7 e é muito melhor do que o da lanchonete. Você devia experimentar.”

Estou prestes a recusar, mas então me recordo que tenho quase nada na minha geladeira. Não menti sobre não comer hoje; o jantar na casa dos meus pais acabou há mais de 10 horas e estou morrendo de fome.

“Ok.” Concorde, surpreendendo Marsha quase tanto quanto eu me surpreendo. “Eu irei.”

E ignorando os gritinhos animados da minha amiga, coloco minhas roupas comuns e ando até a pia para me refrescar.

xXx

Quando chegarmos ao Patty’s, não estou surpresa ao ver rostos conhecidos por aqui. Uma grande parte da equipe do hospital vem a este bar para relaxar e socializar depois do trabalho. Eu não esperava que o lugar estivesse tão cheio nesta hora da madrugada - ou de manhã, dependendo da perspectiva - mas se eles servem café da manhã além de álcool, faz sentido.

Marsha, eu e duas enfermeiras da emergência caminhamos até uma mesa no canto, onde uma garçonete de aparência preocupada pega os nossos pedidos. No momento que ela vai embora, Marsha começa uma história sobre seu fim de semana louco em uma boate no centro de Chicago e, as duas enfermeiras - Andy e Tonya – dão risada e a provocam sobre o cara que ela quase ficou. Depois, Andy conta a todas sobre a insistência de seu namorado em relação ao uso de

preservativos roxos e na hora que nossa comida chega, as três estão rindo tanto que a garçonete nos dá olhares de reprovação.

Estou rindo também, porque a história é engraçada, mas não sinto a alegria que normalmente vem com o riso. Não a sinto há muito tempo. É como se algo dentro de mim estivesse congelado, entorpecendo todas as emoções e sensações. Meu terapeuta diz que é outro jeito do meu estresse pós-traumático se manifestar, mas não sei se ele está certo. Muito antes de o estranho invadir a minha casa – até mesmo antes do acidente – eu estava sentindo que havia uma barreira entre eu e o resto do mundo, uma parede de falsas aparências e mentiras.

Durante anos, estive usando uma máscara e agora parece que me tornei essa máscara, como se não houvesse nada real debaixo dela.

“E você, Sara?” Tonya pergunta e percebo que estava olhando para o nada, comendo meus ovos no piloto automático. “Como foi o seu final de semana?”

“Foi bom, obrigada.” Deixando meu garfo de lado, tento um sorriso.

“Nada de emocionante. Estou vendendo a minha casa, então tive que limpar a garagem e fazer algumas outras coisas chatas.” Eu também estava de plantão durante dezoito horas e me ofereci à clínica por mais cinco, mas não conto isso a Tonya. Marsha já pensa que sou uma viciada em trabalho; se soubesse que estou substituindo alguns dos outros médicos no hospital e ajudando na triagem geral na clínica, além de toda a minha carga de trabalho habitual, nunca irei parar de escutar sobre isso.

“Você devia sair com a gente na próxima sexta-feira” Tonya fala, estendendo um braço fino bronzeado para pegar um saleiro. Aos vinte e quatro anos, ela é uma das enfermeiras mais jovens na equipe e pelo que Marsha me contou, é ainda mais baladeira do que a minha amiga, deixando homens de todas as idades excitados com o sorriso com covinhas e corpo torneado. “Vamos tomar algumas bebidas no Patty’s, em seguida ir à cidade. Conheço um promotor naquela nova e linda boate no Centro, por isso não vamos nem mesmo ter que esperar na fila.”

Eu pisco para a oferta inesperada. “Oh, não sei... Não tenho certeza se...”

“Você não vai trabalhar na sexta à noite” Marsha diz. “Eu sei, verifiquei o cronograma.”

“Sim, mas você sabe como é.” Pego os ovos com o garfo. “Os bebês nem sempre chegam com hora marcada.”

“Vamos Marsha, deixe para lá” Andy diz, colocando um cacho vermelho

atrás da orelha. “Você não pode ver que a pobre menina está cansada agora? Se Sara quiser ir, ela irá. Não há necessidade de arrastá-la para qualquer lugar.”

Ela pisca para mim e lhe dou um sorriso agradecido. Esta é a minha primeira vez interagindo com Andy fora dos corredores do hospital e estou descobrindo que genuinamente gosto dela. Como eu, ela tem seus vinte e tantos anos e de acordo com Marsha, tem um namorado estável nos últimos cinco anos. O namorado – o dos preservativos roxos - aparentemente é um babaca egocêntrico, porém Andy o ama de qualquer maneira.

“Você veio de Michigan para cá, certo?” Eu pergunto a ela e Andy confirma, sorrindo, depois me conta tudo sobre como Larry, seu namorado, conseguiu um emprego na área, forçando os dois a se mudarem. Ao escutá-la, decido que Marsha não está muito longe em sua avaliação do namorado de Andy.

Larry de fato parece ser um babaca egoísta.

O resto da refeição voa com conversa amigável e casual e na hora que pagamos a conta e saímos do bar, estou me sentindo mais leve do que me sinto há meses. Talvez meu pai esteja certo; sair e socializar pode ser ótimo para mim.

Talvez eu vá ao jantar com os Levinsons e até mesmo à boate com Tonya.

Meu humor melhorado continua enquanto digo tchau às três mulheres e ando as duas quadras até o estacionamento do hospital para pegar o meu carro. Lady Gaga está cantando nos meus fones de ouvido e o céu está apenas começando a clarear. Parece que a madrugada está falando comigo, me prometendo que em algum momento no futuro não muito distante, a escuridão pode se dissipar para mim também.

É uma sensação boa, esse minúsculo raio de esperança. Tem a sensação de ser como um passo a frente.

Eu já estou no estacionamento quando isto acontece outra vez.

Começa como um leve formigamento na minha pele... Um zunido baixo em meus nervos. A explosão de adrenalina vem em seguida, acompanhada por uma onda de terror debilitante. Minha frequência cardíaca aumenta e meu corpo fica tenso com um ataque. Arfando, giro ao redor, arrancando os fones de ouvido conforme busco na minha bolsa por uma lata de spray de pimenta, mas não tem ninguém aqui.

Há somente essa sensação de perigo, uma sensação de estar sendo observada. Ofegante, viro em um círculo, segurando o spray de pimenta, mas não vejo

ninguém.

Nunca vejo ninguém quando meu cérebro falha assim.

Tremendo, vou até o meu carro e entro. Leva vários minutos de exercícios de respiração antes que eu esteja calma suficiente para dirigir e sei que apesar do meu cansaço, não serei capaz de dormir hoje.

Saindo do estacionamento, dobro à esquerda em vez da direita.

Eu poderia muito bem ir para a clínica. Eles não estão me esperando até amanhã, mas ficam sempre gratos pela ajuda.

8

SARA

“Conte-me sobre este último episódio, Sara” Dr. Evans diz, cruzando as pernas compridas. “O que fez você pensar que alguém estava te observando?”

“Eu não sei. Foi só...” Eu inspiro, tentando encontrar as palavras certas, então balanço a cabeça. “Não foi nada concreto. Honestamente não sei.”

“Ok, vamos retroceder por um segundo.” Seu tom é ao mesmo tempo caloroso e profissional. Isso é parte do que faz dele um bom terapeuta, essa capacidade de projetar carinho enquanto permanece imparcial. “Você disse que saiu para tomar café da manhã com algumas colegas de trabalho; logo após, estava andando de volta para o seu carro, certo?”

“Certo.”

“Você ouviu alguma coisa? Ou viu alguma coisa? Qualquer coisa poderia ter te provocado? A porta de um carro batendo, sopro das folhas...

Um pássaro, talvez?”

“Não, nada específico que eu possa lembrar. Estava apenas caminhando, escutando música e então senti isso. Não sei como explicar.

Foi como...” Engulo em seco, meu ritmo cardíaco se acelerando com as memórias. “Foi como daquela vez na minha cozinha, quando o senti um segundo antes dele me agarrar. Esse mesmo tipo de sensação.”

O rosto fino e inteligente do terapeuta assume uma expressão de preocupação. “Com que frequência isto está acontecendo agora?”

“Foi à terceira vez esta semana” Admito, o constrangimento aquecendo minhas bochechas conforme ele anota algo em seu bloco de notas. Odeio esse sentimento de fora de controle, o conhecimento de que meu cérebro está pregando peças em mim. “A primeira vez foi em uma mercearia, depois quando estava entrando na clínica e agora no estacionamento do hospital. Não sei por que isso está acontecendo. Achei que estava ficando melhor; realmente achei. Só tive um pequeno ataque de pânico nas últimas duas semanas e me senti de verdade esperançosa depois daquele café da manhã ontem. Isso só não faz

sentido.”

“Nossas mentes demoram a se curar, Sara, assim como nossos corpos.

Às vezes você tem uma recaída e às vezes a doença toma um rumo diferente. Você sabe disso tão bem quanto eu.” Ele faz outra nota no seu bloco de notas, em seguida, olha para cima. “Já pensou em falar com o FBI de novo?”

“Não, eles vão pensar que eu fiquei louca.”

Falei com o agente Ryson após o primeiro episódio paranóico um mês atrás e ele me disse que naquele momento, a Interpol estava perseguindo o assassino do meu marido em algum lugar na África do Sul.

Só por precaução, porém, colocou um segurança protetor comigo. Depois de me seguir por vários dias, eles determinaram que não tinha ameaça de qualquer tipo e o Agente Ryson o tirou com desculpas resmungadas sobre fundos e mão de obra limitados. Ele não me acusou de ser paranóica, mas sei que secretamente pensou isso.

“Porque o homem que você teme está longe” Dr. Evans fala e eu concordo.

“Sim. Ele se foi e não tem motivo para voltar.”

“Bom. Racionalmente, você sabe disso. Vamos trabalhar em convencer o seu subconsciente disso também. Primeiro, porém, você precisa descobrir o que desencadeia a sua paranóia, para que possa aprender a identificar os gatilhos e administrar a sua resposta a eles. A próxima vez que isso acontecer, preste atenção ao que estava fazendo e como estava se sentindo logo quando teve a sensação. Você está em um lugar público ou sozinha? Faz barulho ou silêncio? Está do lado de dentro ou fora?”

“Ok, garanto que irei anotar tudo isso enquanto estou enlouquecendo e segurando meu spray de pimenta.”

Dr. Evans sorri. “Tenho fé em você, Sara. Você já fez um enorme progresso. Consegue chegar perto da pia da sua cozinha de novo, certo?”

“Sim, mas ainda não consigo tocar a torneira.” Digo minhas mãos se apertando no meu colo. “É meio inútil sem isso.”

A pia da minha cozinha é uma das muitas razões pelas quais estou vendendo a casa. No início, não conseguia nem mesmo entrar na cozinha, mas depois de meses de terapia intensiva, estou no ponto no qual posso me aproximar da pia sem um ataque de pânico - embora ainda não ligue a água.

“Passos de bebê” Dr. Evans diz. “Você vai ligar a água um dia também. A menos que venda a casa primeiro, é claro. Ainda está planejando fazer isso?”

“Sim, meu corretor de imóveis fará um Open House em poucos dias, na verdade.”

“Ok, bom.” Ele sorri novamente e guarda o bloco de notas. “A nossa sessão terminou por hoje e estou fora de férias na próxima uma semana e meia, mas te vejo após este mês. Enquanto isso, por favor, continue fazendo o que está fazendo e realize notas detalhadas se tiver mais episódios de paranóia. Vamos discutir isso e abordar seus sentimentos sobre a venda da casa na próxima sessão, ok?”

“Parece bom.” Eu me levanto e aperto a mão do médico. “Vejo você então. Aproveite suas férias.”

E saindo de seu consultório, vou até o meu carro, forçando a minha mão a ficar ao meu lado e não dentro da minha bolsa, enrolada em volta do spray de pimenta.

xXx

Dormi bem naquela noite e na noite seguinte. É porque trabalho tanto que eu, literalmente, apago. Quando estou cansada assim, consigo dormir em qualquer lugar, mesmo em minha grande casa protegida por carvalho.

Os agentes federais não conseguiram descobrir como o fugitivo entrou sem disparar o alarme ou quebrar qualquer fechadura, então mesmo embora eu tenha atualizado meu sistema de segurança, sinto-me tão segura na minha casa quanto me sentiria dormindo na rua.

É na terceira noite que os pesadelos me encontram. Não sei se é porque tive outro episódio paranóico mais cedo naquele dia - desta vez, em uma rua movimentada ao lado de uma cafeteria - ou porque só trabalhei doze horas, mas naquela noite, sonhei com *ele*.

Como de costume, seu rosto é vago em minha mente; só consigo enxergar seus olhos cinzentos e a cicatriz que atravessa a sobrancelha esquerda. Aqueles olhos me prendem no lugar conforme ele segura uma faca contra a minha garganta, seu olhar tão afiado e cruel quanto sua lâmina. Então George também está lá, o olho castanho vazio enquanto vem em minha direção.

“Não” Eu sussurro, mas George continua vindo e vejo o sangue pingando de

sua testa. É uma ferida pequena e limpa, nada como o buraco que a bala verdadeira deixou em sua cabeça e alguma parte minha sabe que estou sonhando, mas ainda soluço e tremo enquanto o homem de olhos cinzentos me pega e me leva até a pia.

“Não, por favor,” Eu imploro ao homem, mas ele é implacável, segurando minha cabeça sobre a pia enquanto George continua a arrastar os pés em minha direção, seu rosto morto distorcido com ódio.

“Pelo que você fez para mim” Meu marido fala, ligando a água. “Por tudo que você fez.”

Acordo gritando e com a respiração ofegante, meus lençóis encharcados de suor. Quando me acalmo um pouco, desço e faço uma xícara de chá descafeinado para mim, utilizando a água do filtro da geladeira. Enquanto bebo meu chá, o relógio do micro-ondas olha fixamente para mim, os números verdes piscando informando-me que não são nem mesmo três da manhã - muito cedo para me levantar se tenho alguma esperança de chegar ao fim do turno extra longo do dia. Tenho uma cirurgia no período da tarde e preciso estar atenta para isso; qualquer coisa a menos colocaria em perigo o meu paciente.

Depois de alguns momentos de debate interno, levanto e pego o Ambien do armário de remédios. Cortando uma pílula ao meio, eu a engulo com o resto do meu chá e volto lá para cima.

Por mais que odeie me drogar, não tem outra escolha hoje. Só espero que eu não sonhe com o fugitivo novamente. Não porque tenho medo do pesadelo de afogamento - que nunca vem duas vezes na mesma noite - mas porque nos meus sonhos, ele nem sempre está me torturando.

Às vezes, ele está me fodendo, e eu estou fodendo ele de volta.

9

PETER

Fico perto de sua cama, observando-a dormir. Estou correndo um risco por estar aqui pessoalmente, em vez de observá-la através das câmeras que meus homens instalaram por toda sua casa, mas o Ambien deve impedi-la de acordar. Ainda assim, sou cuidadoso para não fazer um som. Sara é sensível a minha presença, sintonizada a mim de uma maneira estranha. É por isso que ela carrega esse spray de pimenta e por que se parece com uma corça caçada cada vez que chego perto.

Inconscientemente, sabe que estou de volta. Ela me sente vindo atrás dela.

Ainda não sei por que estou fazendo isso, mas desisti de tentar analisar a minha loucura. Tentei ficar longe, para permanecer focado na minha missão, mas mesmo enquanto eu rastreava e eliminava todos, exceto um nome na minha lista, continuei pensando em Sara, imaginando como estava naquele dia no funeral e recordando a dor em seus olhos castanhos suaves.

Lembrando como envolveu os lábios em torno de meus dedos e me implorou para ficar.

Não há nada de normal em relação a minha paixão por ela. Estou equilibrado o bastante para admitir isso. Ela é a esposa de um homem que matei, uma mulher que torturei como uma vez já torturei suspeitos de terrorismo. Eu devia sentir nada por ela, assim como senti nada pelas minhas outras vítimas, mas não consigo tirá-la da minha cabeça.

Eu a quero. É completamente irracional e errado em tantos níveis, mas eu a desejo. Quero provar aqueles lábios macios e sentir a suavidade de sua pele pálida, enterrar meus dedos em seu grosso cabelo castanho e respirar o cheiro dela. Quero ouvi-la me implorar para transar com ela e depois segurá-la e fazer exatamente isso, repetidamente.

Anseio curar as feridas que causei e fazê-la me desejar do jeito que eu a desejo.

Ela continua a dormir enquanto eu a observo e os meus dedos coçam para tocá-la, para sentir sua pele, mesmo que apenas por um momento.

Mas se eu fizer isso, Sara pode acordar e não estou pronto para isso.

Quando Sara me ver novamente, quero que seja diferente.

Quero que ela me conheça como algo diferente de seu agressor.

10

SARA

Ao longo dos próximos dias, minha paranóia se intensifica. Sinto constantemente que estou sendo vigiada. Mesmo quando estou sozinha em casa, com todas as cortinas fechadas e as portas trancadas, sinto olhos invisíveis em mim. Levo o spray de pimenta para dormir comigo debaixo do meu travesseiro e até mesmo quando vou ao banheiro, mas não é suficiente.

Eu não me sinto segura em qualquer lugar.

Na terça-feira, finalmente tenho uma crise e ligo para o agente Ryson.

“Dra. Cobakis.” Ele soa um pouco desconfiado e surpreso. “Como posso ajudá-la?”

“Eu gostaria de falar com você” Digo. “Pessoalmente, se possível.”

“Oh? Sobre o quê?”

“Prefiro não discutir o assunto por telefone.”

“Entendo.” Há um momento silencioso. “Tudo bem. Acho que posso encontrá-la para um café rápido esta tarde. Tudo bem para você?”

Verifico a agenda no meu laptop. “Sim. Você poderia me encontrar na cafeteria Snacktime no hospital? Por volta das três horas?”

“Estarei lá.”

xXx

Acabo me atrasando com um paciente e são três horas e dez minutos quando entro correndo na cafeteria.

“Estava prestes a ir embora” Ryson diz, levantando-se de uma pequena mesa no canto.

“Desculpe-me sobre isso.” Sem ar, sento no assento em frente a ele.

“Prometo fazer isso rápido.”

Ryson senta de novo. O garçom vem e fazemos os nossos pedidos: uma dose

de expresso para ele e uma xícara de café descafeinado para mim. Meu nervosismo não precisa de cafeína adicional hoje.

“Tudo bem” Ele fala quando o garçom vai embora. “Vá em frente.”

“Preciso conhecer mais sobre este fugitivo” Digo sem preâmbulos.

“Quem é ele? Por que estava atrás de George?”

As sobrancelhas espessas de Ryson se juntam. “Sabe que isso é confidencial.”

“Eu sei, mas também sei que este homem me afogou me drogou e matou o meu marido” Falo de forma justa. “E que você sabia que ele estava vindo e nunca se preocupou em me informar. Essas são as coisas que eu sei - as únicas coisas que conheço, na verdade. Se eu soubesse mais – como o nome dele e motivação – isso podia me ajudar a entender e superar o que aconteceu. Caso contrário, é como uma ferida aberta, ou talvez uma bolha que não foi estourada. Isso apenas se manifesta e está constantemente em meus pensamentos. Algum dia, eu poderia não ser capaz de contê-la e a bolha estouraria por conta própria. Você compreende o meu dilema?”

A mandíbula de Ryson se aperta. “Não nos ameace, Sara. Não irá gostar dos resultados.”

“É Dra. Cobakis para você, Agente Ryson.” Correspondo o seu olhar duro. “E já não gosto dos resultados. Os colegas de George do jornal não gostariam também se ouvissem falar algo sobre eles. É por isso que você me contou sobre o fugitivo, certo? Para manter a minha boca fechada e concordar com toda besteira que 'ele morreu tranquilamente dormindo? ’

Sabia que os colegas de George teriam investigado demais o suposto ataque da máfia e você não precisa disso. Ainda não precisa, estou certa?”

Ele olha feio para mim e vejo seu debate interno. Compartilhar informações confidenciais e, potencialmente, ficar em apuros, ou não compartilhá-las e definitivamente ficar em apuros? A autopreservação deve vencer, porque ele diz sombriamente: “Tudo bem. O que você quer descobrir?”

“Vamos começar com o nome e a nacionalidade dele.”

Ryson olha ao redor, em seguida se inclina para mais perto. “Ele tem muitos pseudônimos, mas acreditamos que seu verdadeiro nome é Peter Sokolov.” Ele deixa sua voz baixa, mesmo que as mesas ao nosso redor estejam vazias.

“Segundo os nossos arquivos, é originalmente de uma pequena cidade perto de

Moscou, na Rússia.”

Isso explica o sotaque. “Qual é o passado dele? Por que é um fugitivo?”

Ryson se inclina para trás. “Eu não sei a resposta dessa última pergunta. Não tenho autorização suficiente.” Ele fica em silêncio enquanto o garçom se aproxima com nossas bebidas. Depois que o garçom vai embora, ele fala, “O que eu posso te contar é que antes de se tornar um fugitivo, ele foi Spetsnaz, parte das Forças Especiais Russas. Seu trabalho era rastrear e interrogar qualquer pessoa considerada uma ameaça à segurança da Rússia, os terroristas, insurgentes das antigas repúblicas da União Soviética, espiões e assim por diante. Ele era supostamente muito bom nisso. Então, cerca de cinco anos atrás, ele mudou de lado e começou a trabalhar para o pior do submundo do crime - ditadores condenados por crimes de guerra, os cartéis mexicanos, traficantes de armas ilegais. No processo, produziu uma lista de nomes que ele acredita que o prejudicaram de alguma forma e vem os eliminando sistematicamente desde então.”

Minha mão está instável conforme pego a xícara de café. “E George estava nessa lista?”

Ryson confirma e bebe seu expresso em um grande gole. Colocando a xícara para baixo, ele diz “Sinto muito, Dra. Cobakis. Isto é tudo que posso te contar, porque é tudo que eu sei. Não tenho nenhuma idéia do que seu marido ou qualquer um dos outros fizeram para acabar nessa lista.

Entendo que você gostaria de mais respostas e acredite em mim, nós também gostaríamos, porém um monte do arquivo de Sokolov foi deletado.” Ele pausa para deixar o garçom passar novamente, depois acrescenta baixinho “Você precisa esquecer este homem, Dra. Cobakis, tanto para a sua e a nossa segurança. Não quer atrair a atenção dele outra vez, acredite em mim.”

Eu concordo meu estômago com um nó apertado. Não sei por que pensei que saber alguns detalhes sobre o homem que assombra meus sonhos seria melhor do que permanecer no escuro. Muito pelo contrário, estou mais ansiosa agora, minhas mãos e pés gelados com a ansiedade.

“Você tem certeza de que ele foi embora?” Pergunto enquanto o agente se levanta. “Tem certeza de que ele está longe daqui?”

“Ninguém pode ter certeza de nada quando se trata deste psicopata, mas pelo que sei, há pouco mais de seis semanas ele matou outra pessoa em sua lista – este na África do Sul” Ryson diz de forma deprimente. “E antes disso, eliminou

mais dois no Canadá, apesar de nossos maiores esforços para protegê-los. Portanto sim, pelo que sabemos, ele está longe do solo dos EUA.”

Eu o encaro, muda pelo horror. Mais três vítimas nos últimos seis meses. Mais três vidas perdidas à medida que estive lutando contra pesadelos e paranóia.

“Boa sorte, Dra. Cobakis” Ryson fala, sem indelicadeza e coloca algumas notas de dólar sobre a mesa. “O tempo realmente cura e um dia, você vai superar isso também. Tenho certeza disso.”

“Obrigada” eu agradeço com a voz engasgada, mas ele já está indo embora, sua forma sólida desaparecendo através das portas de vidro da cafeteria.

xXx

Nesta noite, sonho com o ataque de Peter Sokolov de novo e o pesadelo leva ao caminho que eu mais temo. Em vez de me segurar debaixo da torneira, ele me prende debaixo dele em uma cama, os dedos de aço acorrentando meus pulsos. Eu o sinto se movendo dentro de mim, o pênis longo e grosso enquanto invade o meu corpo e calor tamborila sob a minha pele, meus mamilos tensos e doloridos conforme friccionam contra seu peito musculoso.

“Por favor” Eu imploro, envolvendo as pernas ao redor de seus quadris enquanto seus olhos metálicos encaram os meus. “Mais forte, por favor. Preciso de você.”

Estou escorregadia com essa necessidade; ela queima dentro de mim, quente e escura e ele sabe disso. Ele a sente. Posso vê-la na frieza de seu olhar prateado, no conjunto cruel de sua boca sensual. Seus dedos se apertam em volta dos meus pulsos, cortando minha pele como uma tira de plástico e o seu pau transforma-se em uma lâmina, cortando, me fazendo sangrar.

“Mais forte” imploro, meus quadris se levantando para encontrar suas estocadas que são como faca. “Não me deixe. Pegue-me com mais força.”

Ele faz exatamente isso, cada estocada me rasgando e grito de dor e prazer distorcido, com alívio e doce agonia.

Eu grito ao mesmo tempo em que morro em seus braços e é a melhor morte que consigo imaginar.

xXx

Acordo com minha buceta escorregadia e latejante e meu estômago se revirando com náuseas. Entre todos os truques que meu cérebro vem pregando em mim, estes sonhos pervertidos são os piores. Consigo entender os ataques de pânico e paranóia - eles são um resultado natural do que passei - mas não tem nada de natural a tendência sexual destes pesadelos. Só de pensar neles me deixa fisicamente doente de vergonha.

Levantando, coloco um robe sobre o pijama e vou até a cozinha.

Minha respiração está instável e meu coração acelerado, porém desta vez, não é de medo. Sinto-me corada e agitada, meu corpo dolorido com a excitação frustrada.

Quase gozei durante o sonho. Mais alguns segundos e teria um orgasmo - como tive durante os outros dois sonhos anteriores.

O desgosto é um tijolo pesado no meu estômago enquanto faço o meu chá descafeinado. Que tipo de pessoa distorcida tem sonhos sexuais sobre o assassino de seu marido? Quão estragada uma pessoa tem que ser para gostar de morrer nos braços do referido assassino?

Considerarei discutir isto com o Dr. Evans, mas sempre que tento trazer à tona o tema nas nossas sessões, eu o encerro. Simplesmente não consigo me convencer a formar as palavras. Verbalizar os sonhos lhes daria substância, transformando-os de um produto nebuloso de meu subconsciente dormiente para algo que penso e falo sobre quando estou acordada e não posso ter isso.

De qualquer maneira, sei o que o terapeuta me diria. Ele diria que sou uma mulher jovem e saudável que não teve relações sexuais há muito tempo e que é normal sentir esses tipos de impulsos. Que é a minha culpa e auto aversão, que estão transformando as minhas fantasias sexuais em algo sombrio e distorcido e que os sonhos não significam que estou de verdade atraída pelo homem que me torturou e matou George.

Dr. Evans tentaria aliviar a minha culpa e vergonha e isso não é algo que eu mereço.

Quando o chá está pronto eu o levo até a mesa da cozinha e me sento.

Estou prestes a tomar o meu primeiro gole quando tenho a sensação de ser observada novamente. Racionalmente, sei que estou sozinha, mas meu ritmo cardíaco acelera e as palmas das minhas mãos umedecem com suor.

Meu vidro de spray de pimenta está no andar de cima, então me levanto e,

tão calmamente quanto consigo, ando até o faqueiro no balcão.

Escolho a faca maior e mais afiada e a trago de volta à mesa comigo. Eu sei que isso seria inútil contra alguém como Peter Sokolov, porém é melhor que nada. Depois de algumas respirações profundas, me acalmo o bastante para beber o meu chá, mas a sensação perturbadora de olhos invisíveis persiste.

Se a casa não for vendida em breve, simplesmente irei sair, decido conforme volto para a cama.

Posso arcar com uma segunda residência e até mesmo uma porcaria de apartamento seria preferível a isto.

11

SARA

“Então, como foi seu Open House ontem?” Marsha grita sobre a música enquanto esperamos a nossa quarta rodada de bebidas no bar.

“O corretor disse que foi bom” Eu grito de volta, tentando não falar as palavras de forma enrolada. Não bebo assim há muito tempo e o álcool está me atingindo com força. “Vamos ver se aparecem quaisquer ofertas disso.”

“Não acredito que você possui uma casa e a está vendendo” Tonya diz conforme a próxima música começa e o volume da música vai de ensurdecador para meramente alto. “Eu adoraria comprar uma casa algum dia, mas vai demorar uma eternidade para guardar dinheiro.”

“Sim, se você gastar metade do seu salário em roupas e sapatos”

Andy fala com um sorriso, seu cabelo vermelho sacudindo enquanto ela balança os quadris curvilíneos em sintonia com a música. “Além disso, Sara aqui é uma médica. Ela ganha muita grana, ainda que não aja tão esnobe como o resto deles.”

Tonya sorri os longos brincos sacudindo. “Oh, sim, isso é verdade.

Você parece muito jovem, Sara, continuo esquecendo que é uma verdadeira Doutora de Medicina.”

“Ela é jovem” Marsha diz antes que eu possa responder. “Ela é a nossa própria pequena Doogie Howser[\[10\]](#).”

“Oh, cale a boca.” Dou uma cotovelada em Marsha, minhas bochechas flamejantes com vergonha enquanto vejo o barman tatuado sorrindo para mim. Ele está preparando nossas Lemon Drops [\[11\]](#) com movimentos experientes, seu olhar castanho direcionado para mim com interesse inconfundível.

“Aqui está, senhoritas” ele fala, deslizando as nossas bebidas e Andy pisca para mim ao mesmo tempo em que me entrega um dos copos.

“Virando” ela diz e bebemos numa golada os shots antes de voltar para a pista de dança, onde a próxima música já está começando a explodir nos alto-falantes.

Eu não ia sair nesta sexta-feira após a semana de merda que tive, mas no último minuto, decidi que sair e ficar bêbada seriam preferíveis a apagar cedo e correr o risco de outro sonho de sexo distorcido. Felizmente, guardo uma bonita sapatilha prateada no meu armário no trabalho e Tonya me emprestou um vestido preto curto que serviu surpreendentemente bem.

“H&M, baby” ela disse com orgulho quando lhe perguntei onde o comprou e fiz uma nota mental para parar na loja e comprar algo semelhante para mim, caso um dia eu fique tentada a repetir esta insanidade.

Nós começamos com algumas bebidas no Patty’s, depois pegamos um táxi para nos levar até a boate que Tonya falou. Fiel à sua palavra, o promotor foi capaz de nos colocar para dentro sem fila e estamos dançando sem parar durante as últimas duas horas. Estou suando, meus pés doem e provavelmente terei a mãe de todas as ressacas amanhã, mas isto é o máximo de diversão que já tive... Bem, em anos.

Talvez mais do que cinco anos.

A multidão no clube varia de jovens da faculdade a quarentões atraentes, como Marsha, porém a maioria parece estar em seus vinte e tantos anos, como eu. O DJ é excelente, misturando os últimos sucessos com clássicos do hip-hop e canto junto enquanto dançamos, cantando a plenos pulmões minhas músicas favoritas com desembaraço. Sempre amei música e dança - fiz ballet durante todo ensino fundamental e médio e tive aulas de salsa na faculdade - e com o zumbido do álcool em minhas veias, sinto-me sexy e despreocupada, por uma vez como qualquer outra jovem mulher na boate. Hoje à noite, não sou a estudante séria, a médica sobrecarregada, a filha zelosa ou a esposa perfeita. Nem a viúva com paranóia e sonhos confusos.

Esta noite, eu sou apenas eu.

Nós quatro dançamos sozinhas por um tempo; depois, dois rapazes se juntam a nós, dançando com Tonya e Marsha. Andy me arrasta para o banheiro com ela e na hora que retornamos Tonya e Marsha estão completamente flertando com os rapazes.

“Você quer outra bebida?” Andy grita sobre a música e confirmo, seguindo-a até o bar. O espaço está girando ao meu redor, então acho que só irei pegar um pouco de água.

O clube ficou mais lotado na última hora, a pista de dança transbordando para o bar e a área lounge e quando um grupo de mulheres que estão

gargalhando se colocam na minha frente, perco a visão de Andy.

Não estou particularmente preocupada - posso encontrá-la no bar – por isso dou a volta ao redor do grupo para evitar as partes mais densas da multidão.

Estou perto do bar quando dedos fortes se envolvem no meu antebraço e uma profunda voz masculina murmura em meu ouvido, “Dance comigo, Sara.”

Congelo meu sangue solidificando em minhas veias.

Conheço essa voz, esse sotaque russo sutil.

Lentamente, viro minha cabeça e encontro o olhar metálico que persegue meus sonhos.

Peter Sokolov está na minha frente, sua boca esculpida curvada em um leve sorriso.

12

PETER

Ela cambaleia em seus pés, com o rosto pálido e pego seu outro braço para estabilizá-la. Ela claramente sabe quem eu sou; Sara me reconhece.

“Não grite” eu peço. “Não estou aqui para te machucar.”

Seus olhos castanhos parecem selvagens e sei que ela não está realmente processando o que estou dizendo. Tudo o que ela vê é uma ameaça mortal e reage em conformidade. Em poucos segundos, ela irá desmaiar ou ficará histérica e nenhum dos dois seria uma coisa boa.

“Sara.” Deixo minha voz firme. “Não estou aqui para machucar ninguém, mas irei se precisar. Você entende? Se fizer qualquer coisa para atrair atenção para nós, pessoas irão morrer.”

O pânico irracional em seu olhar diminui ligeiramente, substituído por um medo que é mais racional, se não menos intenso. Estou fazendo-a entender.

Ajuda que não estou blefando.

“O-o que você quer?” Mesmo com a camada de gloss por cima deles, seus lábios trêmulos estão pálidos. “Por que está aqui?”

“Eu queria te ver” falo, puxando-a comigo no meio da multidão enquanto manobro para longe das câmeras posicionadas pelo bar. Os braços nus de Sara estão tensos em meu aperto, sua pele fria ao toque, mas como esperado, ela não grita.

De tudo que conheço sobre ela, a pequena médica morreria por vontade própria a pôr em perigo um bando de estranhos.

“Dance comigo” peço outra vez quando a tenho onde a desejo - ao lado de uma parede em uma parte indistintamente iluminada da pista de dança, onde a multidão forma um escudo humano em volta da gente. Para facilitar sua concordância com o meu pedido, libero seus braços e abraço sua cintura, tomando cuidado para manter meu aperto gentil.

Seu corpo está tão rígido quanto um bloco de gelo conforme eu a abraço, mas para todos ao nosso redor, parecemos como qualquer outro casal balançando

ao som da música. A ilusão é apenas reforçada quando as suas mãos sobem e ficam sobre o meu peito. Sara está tentando me afastar, porém está muito chocada para colocar tanta força por trás disso. Não que ajudaria se ela colocasse *toda* a sua força atrás disso.

Consigo dominar a maioria dos homens com o mínimo esforço, quanto mais uma mulher tão pequena quanto ela.

“Não tenha medo” Murmuro, segurando seu olhar. Mesmo em uma pista de dança lotada, cheiro seu perfume, algo delicado e florido e meu corpo reage a sua proximidade, meu pau endurecendo pela sensação de sua cintura esbelta entre as minhas mãos. Quero puxá-la para mais perto, sentir seu corpo contra o meu, mas me obrigo a manter uma pequena distância. Não quero assustá-la com a intensidade da minha necessidade.

Como noto, o olhar nos olhos de Sara é o de um pequeno animal preso em uma armadilha, todo cego de medo e desespero. Isso me faz querer pegá-la e abraçá-la contra o meu peito, mas isso iria apenas aterrorizá-la mais. Não há nenhuma ação minha que não a aterrorize neste ponto; eu podia convidá-la para cantar no karaokê e ela teria um ataque de pânico.

“O que você quer de mim?” Sua respiração está rápida e superficial enquanto olha para mim. “Eu não sei nada...”

“Eu sei.” Mantenho a minha voz gentil. “Não se preocupe, Sara. Essa parte acabou.”

A confusão remove um pouco do terror em seus olhos. “Mas então por que...”

"Por que estou aqui?"

Ela concorda com cautela.

“Eu realmente não tenho certeza” Digo e é a verdade absoluta.

Nos últimos cinco anos e meio, a vingança governou minha vida.

Tudo o que realizei foi em busca desse objetivo, mas agora que estou quase acabando com a minha lista, o futuro se encontra enfadonho e vazio na minha frente, o caminho à frente envolto em uma névoa desanimadora.

Quando matar o último responsável pela morte da minha família, eu não terei um propósito. Minha razão para existir estará completamente acabada.

Ou assim pensei até que a conheci e vi a dor em seus olhos como o de uma

corça. Agora *ela* consome meus sonhos e assombra meus momentos quando estou acordado. Quando penso em Sara, não vejo o corpo rasgado do meu filho e o rosto ensangüentado de Tamila.

Eu somente a vejo.

“Vai me matar?”

Ela está tentando - e falhando - manter a voz firme. Ainda assim, eu a admiro pela tentativa de compostura. Eu a abordei em público para fazê-la se sentir mais segura, mas ela é inteligente demais para cair nessa. Se eles lhe contaram qualquer coisa sobre o meu passado, Sara deve perceber que posso quebrar o seu pescoço mais rápido do que ela pode gritar por ajuda.

“Não” Respondo, aproximando-se mais conforme uma canção mais alta começa. “Eu não vou te matar.”

“Então o que quer de mim?”

Ela está tremendo em meu abraço e algo sobre isso tanto me intriga quanto me perturba. Não quero que ela tenha medo de mim, mas ao mesmo tempo, gosto de tê-la a minha mercê. Seu medo chama o predador dentro de mim, transformando meu desejo por ela em algo mais obscuro.

Sara é a presa capturada, macia, doce e minha para devorar.

Inclinando minha cabeça, enterro o nariz em seu cabelo perfumado e murmuro no ouvido dela “Encontre-me no Starbucks perto de sua casa amanhã ao meio-dia e vamos conversar lá. Vou te contar o que você quiser saber.”

Eu me afasto e ela olha fixamente para mim, os olhos enormes no rosto em forma de coração. Sei o que ela está pensando, por isso me inclino novamente, abaixando a cabeça para que a minha boca fique ao lado de sua orelha.

“Se entrar em contato com o FBI, eles tentarão esconder você de mim.

Assim como tentaram esconder seu marido e os outros na minha lista. Eles vão tirá-la daqui, levar para longe de seus pais da sua carreira e tudo isso será para nada. Eu irei te encontrar, não importa aonde vá, Sara... Não importa o que eles façam para mantê-la longe de mim.” Meus lábios roçam contra a ponta de sua orelha e sinto sua respiração falhar. “Como alternativa, eles podem querer usá-la como isca. Se for esse o caso - se montarem uma armadilha para mim - vou descobrir e o nosso próximo encontro não será para um café.”

Ela estremece e respiro profundamente, inalando seu aroma delicado uma

última vez antes de soltá-la.

Dando um passo para trás, eu desapareço na multidão e mando uma mensagem para Anton colocar a equipe em posição.

Tenho que garantir que Sara chegue em casa sã e salva, sem ser molestada por ninguém além de mim.

13

SARA

Não sei como chego em casa, mas de alguma forma me encontro no chuveiro, nua e tremendo sob o jato quente. Só tenho uma vaga lembrança de inventar alguma desculpa estranha para Andy e sair tropeçando da boate para pegar um táxi; o resto da viagem é um borrão de dormência induzida por choque e confusão alcoólica.

Peter Sokolov falou comigo. Ele me *abraçou*.

O assassino do meu marido, o homem que me torturou e dilacerou a minha vida, dançou comigo.

Meus joelhos dobram debaixo de mim e afundo no chão, ofegante.

Uma onda de tontura faz o box do chuveiro girar e todas as bebidas que consumi ameaçam sair.

Peter Sokolov estava na boate comigo. Não era minha mente pregando peças; ele estava realmente lá.

Engulo em seco convulsivamente enquanto minha náusea piora. A água bate em cima de mim, o jato quase dolorosamente quente, porém não consigo parar de tremer.

O monstro dos meus pesadelos é real.

Ele está vindo atrás de mim.

Minha tontura se intensifica e me deito, enrolada em posição fetal no chão de azulejo. Meu cabelo está todo sobre o rosto, molhado e denso e minha garganta contrai conforme lembranças daquela noite vêm à tona.

Durante os primeiros dias após o ataque, evitei lavar meu cabelo porque não conseguia aguentar a sensação de água fluindo pela cabeça, mas eventualmente, a necessidade de limpá-lo prevaleceu sobre a fobia.

Inspira. Expira. Lento e constante.

Lentamente, a sensação sufocante recua, deixando somente a miséria para trás. Sinto-me bêbada e doente e leva toda a minha força lutar para me levantar e

desligar o chuveiro.

Por que ele está aqui? O que o fez voltar? O que quer de mim?

As perguntas passam em disparada pela minha cabeça enquanto me seco, mas não estou mais perto de respostas do que estava na boate. Minha cabeça parece um pântano, com todos os meus pensamentos preguiçosos e lentos.

Enrolando a toalha em volta do meu cabelo molhado, tropeço até o quarto e caio na minha cama king-size. O teto balança para frente e para trás, como se eu estivesse em um navio e sei que terei uma ressaca brutal amanhã. Não fiquei bêbada assim desde a faculdade e meu corpo não sabe como lidar com isso.

Respirando rápido e superficialmente, enrolo-me de lado, abraçando o cobertor no peito. O álcool está me arrastando para baixo, mas para variar, estou lutando contra a atração do sono. Preciso pensar entender o que aconteceu e descobrir o que fazer.

O assassino que me afogou quer se encontrar para tomar um café amanhã.

Seria cômico se não fosse terrível. Não entendo do que ele está atrás.

Por que me procurar na boate? Por que me pedir para encontrá-lo em público de novo? Ele é **procurado por quase todas as agências internacionais e certamente sabe disso. Por que correr esse tipo de risco?**

A menos que... A menos que ele sinta que não é um risco.

Talvez seja arrogante o suficiente para pensar que pode escapar da justiça para sempre.

Raiva inflama dentro de mim, limpando um pouco da confusão do meu cérebro. Sento-me, batalhando contra uma onda de tontura e estico a mão para pegar o telefone com fio na mesa de cabeceira. É um dinossauro, desajeitado e desnecessário na era dos celulares, mas George insistiu em ter um telefone fixo em casa.

“Você nunca sabe” ele disse em resposta às minhas objeções. “Os telefones celulares nem sempre são confiáveis. Se a energia cair durante uma tempestade de inverno, o que vai fazer?”

Meus olhos ardem com a lembrança e pego o telefone com a mão trêmula. Tenho um truque para lembrar números, então digito o do Agente Ryson de cabeça, apertando um botão após o outro.

Estou com a maioria do número digitado quando um pensamento súbito me

congela no lugar.

Peter pode ter grampeado o meu telefone? É isso o que ele quis dizer quando falou que vai saber se montarem uma armadilha para ele?

Meus pensamentos voam para outra possibilidade.

Ele pode estar me observando agora?

Minha respiração acelera e minha pele formiga com adrenalina.

Antes da boate descartaria a idéia como uma manifestação da minha paranóia, mas não é paranóia se for verdade.

Não sou louca se isso estiver realmente acontecendo.

Peter tem recursos, Ryson disse. Ele consegue ter acesso a spyware de tecnologia de ponta?

Há câmeras e dispositivos de escuta dentro da minha casa?

Com o coração martelando, jogo o telefone de volta no gancho e agarro o cobertor, puxando-o para cima para cobrir os meus seios nus.

Raramente me incomodo em colocar um roupão no meu quarto; mesmo no inverno, durmo nua, coberta apenas pelo meu cobertor. Nunca fiquei desconfortável em relação ao meu corpo - George adorava quando eu andava nua - mas o pensamento de que o assassino dele pode ter me visto nua faz com que eu me sinta violada e dolorosamente exposta.

Isso também me faz lembrar os meus sonhos distorcidos.

Não. Não, não, não. Ofegante, envolvo o cobertor ao meu redor e tropeço até o closet para pegar uma camiseta e roupa íntima. Não posso pensar naqueles sonhos. Eu me recuso. Estou bêbada; essa é a única razão pela qual minha mente foi buscar conexão com aquele monstro.

Só que ele não se parece com um monstro. Mesmo com a cicatriz cortando sua sobrancelha, Peter é um homem incrivelmente bonito, do tipo que as mulheres salivam. Se eu tivesse conhecido ele na boate sem saber quem é, dançaria com ele.

Eu desejaria seus braços fortes na minha cintura, seu corpo duro contra o meu.

Minhas mãos tremem enquanto coloco a calcinha e sinto um pouco de umidade onde o tecido de algodão toca na minha buceta.

Não. Isso não está acontecendo. Não estou excitada.

Coloco a primeira camiseta que encontro e ando de volta para a cama, desabo nela, envolvendo-me no cobertor. O quarto está fazendo piruetas ao meu redor e meu estômago se irrita junto com elas. Ofego pela náusea e percebo que minhas pálpebras estão ficando pesadas conforme meus pensamentos começam a vaguear.

Cerrando os dentes, tento abrir os olhos. Não posso dormir até decidir o que fazer em relação a amanhã.

Olhando para o teto que gira, mentalmente estudo minhas opções.

A coisa sensata a fazer seria contar a Ryson sobre isso, e esperar que eles possam me proteger. Exceto se as minhas suspeitas estiverem certas e Peter Sokolov está realmente me observando, ele saberá que entrei em contato com o FBI e posso não sobreviver tempo suficiente para que os agentes me alcancem.

É claro, se ele decidir me matar, posso não sobreviver mesmo com a proteção do FBI. As pessoas em sua lista certamente não sobreviveram e ele disse que viria atrás de mim.

Prometeu me encontrar, não importa para onde eu vá.

Ainda assim, provavelmente vale a pena o risco, porque a alternativa é aceitar qualquer jogo cruel que Peter está jogando. Não sei o que ele quer de mim, mas o que quer que seja não pode ser bom. Talvez odiasse George o bastante para querer atormentar sua viúva, ou talvez, apesar do que falou, ele acha que eu sei de alguma coisa - como a irmã daquele pobre homem que matou.

Neste exato momento, ele pode estar inventando alguma nova tortura exótica para mim, algo espetacularmente horrível que de alguma forma envolve café.

Minhas pálpebras caem novamente e esfrego as mãos sobre o rosto, tentando manter os olhos abertos. Sei que não estou pensando direito, mas não consigo dormir sem tomar essa decisão.

Ligo para o FBI ou não? E se não, de fato vou ao Starbucks?

Um calafrio violento reverbera em mim enquanto tento imaginar encontrar o assassino do meu marido para tomar café. Não acho que posso fazer isso. Somente a idéia faz meu estômago dar cambalhotas. Mas o que eu faria em vez disso? Esconder-me na cama o dia todo e, em seguida, ir à casa dos meus pais para jantar com os Levinsons, como prometido? Fingir que o monstro que destruiu minha vida não está atrás de mim?

É o fato de pensar sobre os meus pais que decide isso. Se eu fosse sozinha, poderia tentar a proteção duvidosa do FBI, mas não posso pôr em perigo meus pais assim. Não posso forçá-los a deixar a casa deles e todos que conhecem pela possibilidade improvável que Ryson e seus colegas seriam capazes de nos proteger melhor do que protegeram os outros. E deixar meus pais para trás está fora de questão; mesmo que a idade deles não seja um problema, eu não posso arriscar que Peter os interrogue como me interrogou sobre George.

Só há uma coisa que posso fazer.

Tenho que encontrar o meu atormentador amanhã e esperar que qualquer coisa que fizer comigo não vá se estender ao resto da minha família.

Quando finalmente fecho os olhos e apago, sonho com ele de novo.

Só que desta vez, Peter não está me torturando nem me fodendo.

Ele está sentado na minha cama me olhando, seu olhar quente e estranhamente possessivo no meu rosto.

14

SARA

No momento que estaciono no Starbucks ao meio-dia, a dor aguda na minha cabeça se acalmou para uma palpitação fraca e meu estômago não ameaça se revoltar a cada segundo. No entanto, as palmas das minhas mãos estão úmidas com a ansiedade e tremem tanto que quase derrubo as chaves quando saio do carro.

Ando pelo estacionamento, sentindo como se estivesse indo para minha execução. O medo pulsa através de mim a cada batida do meu coração acelerado. Ele pode me matar neste momento, simplesmente me eliminar com um fuzil de precisão. Talvez seja por isso que me atraiu aqui: para me matar num lugar público e deixar meu corpo para aterrorizar todos.

Mas nenhuma bala me atinge e quando entro na cafeteria, o vejo imediatamente. Ele está sentado em uma das mesas vazias no canto, a grande mão envolta num copo da Starbucks.

Encontro o seu olhar e tudo dentro de mim se abala, como se eu levasse um choque com um desfibrilador. Pela primeira vez, eu o vejo à luz do dia, sem álcool ou drogas no meu organismo.

Pela primeira vez, compreendo totalmente o quão perigoso ele é.

Ele está recostado na cadeira, às pernas longas e vestidas com jeans, esticadas e cruzadas nos tornozelos abaixo da pequena mesa redonda. É uma pose casual, mas não há nada casual sobre o poder escuro que escapa dele em ondas. Ele não é apenas perigoso, é letal. Vejo isso no gelo metálico de seu olhar e a prontidão problemática de seu grande corpo, no conjunto arrogante de sua mandíbula e a curva cruel de seus lábios.

Este é um homem que vive e respira violência, um predador no auge para o qual não existem regras da sociedade.

Um monstro que torturou e matou inúmeras pessoas.

O surto de raiva e ódio que vem com os pensamentos atravessa meu medo e dou um passo para frente, depois outro e outro até que estou andando em direção a ele com as pernas quase estáveis. Se ele quisesse me matar, já teria feito isso

em um milhão de maneiras distintas, então o quer que ele queira hoje, deve ser algo diferente.

Algo ainda mais maligno.

“Olá, Sara” Ele cumprimenta, levantando-se enquanto me aproximo.

"É bom ver você novamente."

Sua voz profunda se envolve ao meu redor, o suave sotaque russo acariciando meus ouvidos. Devia soar feio, essa voz dos meus pesadelos, mas como todo o resto sobre ele, é enganosamente atraente.

“O que você quer?” Estou sendo rude, porém não me importo. Nós já passamos há muito tempo pela polidez e boas maneiras. Não adianta fingir que este é um encontro normal.

A única razão pela qual estou aqui é porque não aparecer poderia colocar os meus pais em perigo.

“Por favor, sente-se.” Ele faz um gesto para a cadeira em frente a ele e se senta. “Tomei a liberdade de pedir uma xícara de café para você. Preto, sem açúcar... E descafeinado, já que você não trabalha hoje.”

Dou uma olhada para a segunda xícara - preparada exatamente do jeito que teria pedido - depois encontro o seu olhar outra vez. Meu coração tamborila na minha garganta, mas minha voz é uniforme conforme digo, “Você *tem* me observado.”

"Sim, é claro. Mas você descobriu isso ontem à noite, não foi?”

Eu recuo. Não consigo evitar. Se ele me viu tentar fazer aquela ligação, então me viu cambalear bêbada para dentro do banheiro e sair nua.

Se me observa por um tempo, ele me viu em todos os tipos de momentos privados.

“Sente-se, Sara.” Ele aponta para a cadeira de novo e desta vez, obedeço – ao menos para me dar uma chance de me acalmar. Raiva e medo são uns emaranhados de fios vivos no meu peito e sinto que estou a um suspiro de explodir.

Nunca fui uma pessoa violenta, mas se eu tivesse uma arma comigo, atiraria nele. Iria explodir os miolos dele por toda a parede do Starbucks.

“Você me odeia.” Ele fala calmamente, como uma declaração de fato, em vez

de uma pergunta e olho fixamente para ele, pega de surpresa.

Ele lê mentes ou eu que sou muito transparente?

“Está tudo bem” ele diz e pego um vislumbre de diversão em seus olhos. “Você pode admitir isso. Prometo não te machucar hoje.”

Hoje? E quanto ao amanhã e o dia seguinte? Minhas mãos se fecham em punhos debaixo da mesa, as unhas cavando minha pele. “É claro que odeio você” Digo tão firmemente quanto consigo. “Isso é uma surpresa?”

“Não, claro que não.” Ele sorri e meus pulmões se comprimem, me impedindo de respirar. Não é um sorriso perfeito - os dentes são brancos, porém um é ligeiramente torto na parte de baixo e seu lábio inferior tem uma cicatriz minúscula que não era visível até agora - mas é magnético, todavia.

É a natureza de um sorriso projetado para um único propósito: atrair mulheres ingênuas e fazê-las esquecer o monstro por baixo.

As unhas cavam mais fundo em minhas mãos, a sensação de dor me centrando enquanto ele fala “Você tem todo o direito de me odiar pelo que eu fiz.”

Fico boquiaberta com ele. “Você está tentando se *desculpar*?

Seramente pensa que...”

“Você entendeu errado.” O sorriso desapareceu e os olhos prateados mostram uma fúria repentina. “Seu marido merecia. Se ele não estivesse com morte cerebral, eu o faria sofrer muito mais.”

Recuo instintivamente, empurrando a cadeira para trás, mas antes que eu possa levantar sua mão pega o meu pulso, acorrentando-o na mesa.

“Não disse que você podia ir, Sara.” Sua voz é fria. “Nós não terminamos aqui ainda.”

Seus dedos são como uma algema de ferro fundida em torno do meu pulso, o aperto muito quente e inquebrável. Continuo sentada e instintivamente olho ao redor. Os clientes mais próximos estão a uma boa distância e ninguém está prestando atenção em nós. O pânico bate no meu peito, mas eu lembro de que a falta de atenção é uma coisa boa. Não me esqueci como ele ameaçou os outros na boate.

Empurrando o meu medo de lado, concentro-me em desacelerar a minha respiração. “O que você quer de mim?”

“Estou tentando decidir isso” ele fala, com o rosto suavizando.

Liberando meu pulso, pega sua xícara de café e toma um gole. “Você vê, Sara, eu não odeio *você*.”

Eu pisco pega de surpresa de novo. “Não?”

“Não.” Ele coloca a xícara para baixo e me observa com olhos frios cinzentos. “Provavelmente parece desse jeito, dado o que fiz para você, mas não guardo nenhum rancor quanto a você. Exatamente o oposto, na verdade.”

Minha pulsação se agita antes de se estabelecer em um novo ritmo frenético. “O que você quer dizer?”

Os cantos de sua boca viram para cima. “O que acha que isso significa, Sara? Você me intriga. Você me fascina, na verdade.” Ele se inclina para frente, seu olhar prendendo-me no lugar. “Não lembra do que me disse quando estava drogada, não é?”

Um rubor quente rasteja pelo meu pescoço e se espalha por todo o rosto. Não me lembro de tudo daquela noite, porém lembro-me o suficiente. Pedacos da minha confissão drogada vêm à tona em meus pensamentos em momentos aleatórios quando estou acordada e se enfiam nos meus sonhos à noite.

Nos meus sonhos *mais distorcidos*, sobre os quais tento não imaginar.

“Vejo que você se lembra.” Sua voz se torna baixa e rouca, as pálpebras baixando pela metade conforme sua grande mão quente se estabelece sobre a palma trêmula da minha mão. “Estive me perguntando o que teria acontecido se eu tivesse ficado naquela noite... Se tivesse aceitado sua oferta.”

Seu toque me queima antes de puxar minha mão, cerrando-a em punho debaixo da mesa. “Não houve qualquer oferta.” Meu coração está batendo em meus ouvidos, minha voz firme com mortificação. “Estava drogada. Não sabia o que estava falando.”

“Eu sei. Drogas que baixam as inibições tendem a ter esse efeito.” Ele se inclina para trás, me libertando do efeito potente de sua proximidade e meus pulmões buscam uma respiração completa pela primeira vez em dois minutos. “Você não sabia quem eu era ou o que estava fazendo. Você teria reagido de forma semelhante a qualquer outro homem razoavelmente atraente que a tivesse naquela posição.”

“Isso é... Isso é verdade.” Meu rosto ainda está ardendo, mas a explicação racional me estabiliza um pouco. “Podia ser qualquer um. Não foi dirigido a

você.”

“Sim. Mas vê, Sara” - ele se inclina para frente novamente, seus olhos cheios de intensidade obscura - “minha reação *foi* dirigida a você. *Eu* não estava drogado e quando você veio para cima de mim, eu desejei você. Eu *ainda* desejo você.”

Horror gela meu sangue mesmo enquanto a minha buceta contrai em resposta. Ele não pode estar dizendo o que acho que está dizendo. “Você é... Você é louco.” Sinto como se tivesse sido jogada de um avião sem paraquedas. “Eu não sou... Isto é apenas doentio.” Quero ficar de pé e correr, mas prossigo, obrigando-me a aceitar o pânico. Tenho que deixar isso claro para ele, pôr fim a esta loucura de uma vez por todas. “Eu não me importo com o que você deseje, ou qual foi sua reação. Não vou dormir com você depois que matou o meu marido e Deus sabe quantos outros a mais. Depois que me *torturou* e...”

“Eu sei, Sara.” Sua mão encontra o meu joelho debaixo da mesa e repousa sobre ele. “Gostaria de poder voltar atrás, porque encontraria uma maneira diferente.”

Surpresa empurro a cadeira para o lado, saindo rapidamente de seu alcance. “Você não teria matado George?”

“Não torturaria você” Ele esclarece, colocando a mão de volta na mesa. “Eu podia ter localizado aquele *sookin syn* [\[12\]](#) de alguma outra forma. Levaria mais tempo, mas valeria a pena não machucá-la.”

Minha queda livre do avião recomeça o ar zunindo ao passar pelos meus ouvidos. De qual planeta é este homem? “Você acha que me torturar é um problema, porém *matar o meu marido* seria certo?”

“O marido que mentia para você? O que você falou que de verdade não conhecia?” Raiva incendeia em seus olhos novamente. “Pode dizer para si mesma o que quiser, Sara, mas te fiz um favor. Fiz a porra do mundo todo um favor ao me livrar dele.”

“Um favor?” Uma fúria que surge resplandecente dentro de mim, queimando toda a cautela. “Ele era um homem bom, você... Seu *psicopata*!

Não sei o que você acha que George fez, mas...”

“Ele massacrou a minha mulher e filho.”

Choque paralisa minhas cordas vocais. “O *quê*?” Suspiro quando consigo finalmente falar.

Um músculo pulsa na mandíbula de Peter. “Sabe o que o seu marido fazia para viver, Sara? O que *realmente* fazia?”

Fico imediatamente enjoada, com ânsia de vômito. “Ele era um... Um correspondente estrangeiro.”

“Esse era o disfarce dele, sim”. O lábio superior do russo se curva conforme se endireita em seu assento. “Imaginava que você não sabia. Os cônjuges raramente sabem, mesmo quando percebem as mentiras.”

Meu mundo se inclina para fora de seu eixo. “O que você quer dizer com disfarce? Ele *era* um jornalista. Escrevia histórias para...”

"Sim, ele escrevia. E no processo de descobertas daquelas histórias, ele coletava informações para a CIA e realizava missões secretas para eles.”

"O que? Não.” Balanço a cabeça freneticamente. "Você está errado.

Cometeu um erro. Pegou o homem errado. Eu *sabia* que você matou o homem errado. George não era um espião. Isso é impossível. Ele nem sequer sabia como trocar um pneu. Ele...”

“Foi recrutado na faculdade” Peter diz de forma maçante.

“Universidade de Chicago, que vocês dois frequentaram. Eles fazem isso constantemente, procuram nos centros universitários para juntar os melhores e os mais brilhantes. Por certos motivos: alguns laços familiares, uma inclinação patriótica, inteligência e ambição, mas com falta de foco...”

Algo disso soa como seu marido?”

Fico olhando para ele, meu peito ficando cada vez mais apertado. A mãe de George morreu em um acidente de carro durante o último ano do ensino médio e seu pai, um fuzileiro naval, foi morto no Afeganistão quando George era apenas um bebê. Seu tio idoso ajudou a bancá-lo na faculdade, mas morreu também, vários anos atrás, deixando apenas primos distantes para comparecer ao funeral de George há seis meses.

Não. Isso não pode ser verdade. Eu saberia.

“Só se ele te contasse” Peter fala e percebo que disse meu último pensamento em voz alta. “Eles os ensinam como esconder o seu trabalho verdadeiro de todos, até mesmo de suas próprias famílias. Você não achou suspeito como Cobakis descobriu sua paixão pelo jornalismo da noite para o dia? Como um dia fazia uma especialização em biologia e depois estava estagiando

em revistas no exterior?”

“Não, eu...” Meu peito está tão apertado que mal consigo respirar.

“Isso é a faculdade. Você deveria descobrir por si mesmo, encontrar a sua paixão.”

“E ele encontrou: trabalhar para o seu governo.” Não tem nenhuma piedade no olhar de prateado do russo. “Eles o treinaram, deram-lhe o foco que estava faltando. Ensinar-lhe a mentir para você e todos os outros.

Quando se formou, eles conseguiram um trabalho para George no jornal e ele tinha uma desculpa para ir para cada ponto de tensão do mundo.”

Levanto-me rapidamente, incapaz de ouvir mais. “Você está errado.

Não sabe o que está falando.”

Ele se levanta também, seu grande corpo elevando-se sobre mim.

“Não sei? Lembre-se, Sara. Lembre-se do homem com quem se casou, da vida que vocês *realmente* tiveram juntos. Não a perfeita que mostrou ao mundo, mas a que levavam atrás das portas fechadas. Quem era ele, este teu marido? Quão bem você verdadeiramente o conhecia?”

Meu estômago parece um chumbo enquanto dou um passo para trás, a cabeça balançando em negação sem parar. “Você está errado” Repito com a voz engasgada e me virando, saio correndo da cafeteria, indo às cegas ao meu carro.

É só quando paro em um sinal vermelho perto da minha casa que percebo que Peter Sokolov não fez nada para me parar.

Ele apenas ficou lá e me assistiu ir embora.

15

PETER

Observo através dos binóculos enquanto Sara entra na casa de seus pais, logo após abro o meu laptop para a transmissão da câmera de dentro do saguão.

Os pais de Sara vivem em uma pequena casa bem-cuidada que precisa de algumas melhorias, mas de resto é acolhedora e confortável. Até acho que é uma casa, não só um lugar para viver. Por alguma razão bizarra, lembra-me da casa de Tamila em Daryevo, embora esta casa suburbana americana não seja nada como a cabana na aldeia da montanha.

Sara beija os pais no saguão, depois os segue até a sala de jantar.

Mudo para a transmissão da câmera de lá, dando zoom em seu rosto conforme ela cumprimenta os outros convidados - um casal mais velho e um homem alto e magro em seus trinta e poucos anos.

É os Levinsons e o filho deles, Joe, o advogado que os pais de Sara querem que ela namore.

Algo desagradável se agita dentro de mim enquanto Sara aperta a mão do advogado com um sorriso educado. Não quero vê-la com ele, apenas a idéia disso me faz querer mergulhar minha lâmina entre as costelas dele. Ontem, quando o barman estava sorrindo para ela, eu queria bater o meu punho em sua cara sorridente e o desejo violento é ainda mais forte hoje.

Posso não ter reivindicado ainda, mas Sara vai ser minha.

Sara ajuda seus pais a trazer os aperitivos e senta-se ao lado do advogado. Aumento a transmissão do áudio e escuto enquanto os dois jogam conversa fora. Para alguém que acabou de descobrir sobre a vida dupla do marido, a pequena médica está extremamente serena, sua máscara sorridente firmemente no lugar. Olhando para ela ninguém desconfiaria que antes de chegar aqui, ela se escondeu no closet por horas e saiu a menos de quarenta minutos atrás com os olhos vermelhos e inchados.

Ninguém suspeitaria que está apavorada porque eu a desejo.

Levou tudo que eu tinha deixá-la ficar naquele closet e chorar sozinha. Ela

foi lá dentro para escapar das minhas câmeras e eu a deixei ter este tempo para si mesma. Ela ficaria ainda mais chateada se eu tivesse entrado e a abraçado - se tivesse tentado consolá-la do jeito que queria.

Preciso lhe dar mais tempo para se acostumar com a idéia sobre nós - e para confiar que não vou machucá-la.

O jantar dura algumas horas, então Sara ajuda sua mãe a tirar a mesa e inventa uma desculpa para ir embora. O advogado pede seu número de telefone e ela lhe dá, mas posso ver que é principalmente por educação.

Suas bochechas estão perfeitamente pálidas - não há nem mesmo uma sugestão da cor que inunda seu rosto em minha presença - e sua linguagem corporal fala com indiferença. Joe Levinson não a excita e isso é uma coisa boa.

Significa que ele consegue ir para casa vivo.

Sigo Sara a uma distância conforme ela dirige até a clínica, e por isso espero no carro até que ela sai, entretenendo-me por vê-la através das câmeras que instalei no interior da clínica. Eu sei que o que estou fazendo é, no mínimo, um comportamento perseguidor, mas não consigo parar.

Tenho que saber onde ela está, e o que está fazendo.

Tenho que ter certeza que está segura.

Podia confiar o dever de protegê-la a Anton e aos meus outros caras - eles já a observam quando não posso - mas quero estar aqui pessoalmente.

Quero vê-la com os meus próprios olhos. A cada dia que passa, minha necessidade por ela se intensifica e agora que tive uma conversa de verdade com ela, o meu fascínio está rapidamente se transformando em uma obsessão.

Eu tenho que tê-la. Logo.

Sara sai da clínica cerca de três horas mais tarde e eu a sigo enquanto dirige para um hotel. Ela provavelmente pensa que estará mais segura lá do que em sua casa com todas as câmeras, mas está errada.

Espero até que ela realize o check-in no hotel e suba para o seu quarto e depois saia do carro e entro.

16

SARA

O turno na clínica foi particularmente difícil hoje. Tive uma paciente de catorze anos de idade que pediu pílulas do dia seguinte, porque seu irmão a estuprou e outra paciente que mal saiu da adolescência apareceu com o seu terceiro aborto. Fiz o que pude, mas sei que não é o bastante.

Nada que eu faça por aquelas meninas nunca será suficiente.

Estou tão emocionalmente esgotada que leva toda a minha energia para tomar banho e escovar os dentes com a pequena escova de dente que a recepção me deu. Vir aqui para passar a noite foi uma decisão impulsiva, então eu não tenho roupa íntima comigo para trocar. Vou ter que parar na minha casa amanhã de manhã antes de ir trabalhar, mas é melhor do que estar em casa e saber que meu perseguidor mortal pode estar me observando naquele exato momento.

Observando e me desejando. Talvez até mesmo se masturbando com a visão do meu corpo nu.

É doentio, porém o calor atinge entre as minhas pernas com o pensamento.

Saindo do chuveiro, enrolo uma toalha em volta do meu peito e olho para mim mesma no espelho. Gotas de colírio fizeram um bom trabalho na remoção da vermelhidão dos meus olhos, mas as pálpebras ainda parecem inchadas do meu ataque de choro hoje mais cedo e meu rosto está avermelhado pelo banho quente. Também tenho uma dor de cabeça de tensão que me deixa pouco disposta a pensar, ainda bem.

Eu pensei demais anteriormente com este estado atual.

George como um espião. George levando uma vida dupla. Parece impossível, mas ainda isso explicaria tanto. A proteção dos agentes do FBI que surgiu do nada. As longas ausências quando ele supostamente buscava uma história, mas muitas vezes voltava para casa sem uma. O clima que começou logo após o nosso casamento, seis anos antes. Será que algo deu errado em um de seus serviços secretos?

Seu trabalho verdadeiro podia ser a razão pela qual ele mudou muito nos anos que antecederam o acidente?

Minha dor de cabeça se intensifica e percebo que estou fazendo isso novamente. Estou pensando em George, obcecada pelo passado que não posso mudar ao invés de focar sobre o futuro que ainda está dentro do meu controle. Eu devia tentar descobrir o que fazer em relação ao assassino que me persegue, mas minha mente simplesmente se recusa a fazer isso.

Vou pensar nele mais tarde, quando dormir um pouco e meu cérebro não estiver tão frito.

Colocando uma segunda toalha em volta do meu cabelo molhado, abro a porta do banheiro, saio e pulo com um grito perplexo.

Peter Sokolov está sentado na cama, seu olhar intenso no meu rosto.

“Não grite, Sara.” Ele levanta com fluidez. “Não há necessidade de envolver os outros hóspedes nisto.”

Eu ofego por ar, agulhas de adrenalina perfurando minha pele conforme ele anda em minha direção, seu corpo grande se move com facilidade predatória.

“Você... Você me seguiu até aqui.” Meus joelhos batem um no outro enquanto instintivamente me afasto, segurando a leve toalha que cobre o meu corpo.

“Sim.” Ele para um pouco perto de mim, seus olhos cinzentos brilhando. “Você não devia ter vindo aqui. Seu sistema de alarme em casa representa pelo menos um pequeno desafio. Aqui, posso entrar diretamente.”

“Por que está aqui?” Meu coração parece que está prestes a saltar para fora da garganta. “O que você quer?”

Seus lábios se contorcem em uma diversão sombria. “Você é uma médica que lida com os efeitos dessa atividade. Provavelmente pode adivinhar o que eu quero.”

Oh Deus. Minha pele parece tanto quente quanto fria e minha pulsação eleva ainda mais. “Saia. Eu-eu vou gritar, juro.”

Peter inclina a cabeça, interrogativamente. “Vai? Por que ainda não fez isso?”

Dou mais um passo para trás, meu olhar passando rapidamente para a porta do quarto por uma fração de segundo. *Eu consigo sair antes dele me pegar?*

“Não tente isso, Sara. Se correr, eu *irei* persegui-la.”

Continuo recuando. “Eu te disse, não vou dormir com você.”

“Não? Nós vamos ver sobre isso.”

Ele vem em minha direção e vou para trás, com meu estômago se contorcendo. Sei o que abuso sexual faz com as mulheres; vi os efeitos, os danos físicos e emocionais deixados para trás. Não sei se posso sobreviver a isso além

de todo o resto.

Não sei se posso sobreviver a isso vindo *dele*.

Minha mão trêmula toca a porta, mas antes que eu possa virar a maçaneta, as suas mãos batem contra a porta em cada lado da minha cabeça, me prendendo entre seus braços poderosos.

“Não pode escapar de mim, ptichka” Ele diz suavemente, olhando para mim. “Não agora, nem nunca. Você pode muito bem se acostumar com isso.”

Ele não está me tocando, porém está muito perto e consigo sentir o calor saindo de seu corpo grande e noto mais algumas pequenas cicatrizes no rosto simétrico. As imperfeições adicionam uma forma mortal ao seu magnetismo, intensificando o seu impacto sobre os meus sentidos. Meu batimento cardíaco é um rugido em pânico em meus ouvidos, mas meu corpo se enrijece de uma maneira que não tem nada a ver com o medo. Eu devia estar gritando com a minha cabeça, ou pelo menos tentando lutar com ele, porém não consigo me mover. Não consigo fazer nada além de olhar para o assassino letalmente bonito que me mantém presa.

“Venha, Sara.” Sua mão desliza para baixo para travar ao redor do meu pulso em uma alga de ferro familiar. “Eu não irei te machucar.”

Inspiro de forma trêmula. “Não vai?” Talvez, ele será gentil. *Por favor, deixe-o no mínimo ser gentil*. Experimentei a violência em suas mãos e isso me aterroriza ainda mais do que a idéia desagradável de estupro.

"Não. Agora venha."

Ele se afasta da porta, mas em vez de me levar à cama, me leva até a cadeira em frente ao espelho da penteadeira.

“Sente-se.” Peter pressiona meus ombros para baixo e sento na cadeira, tentando firmar a respiração irregular. O que ele está fazendo? Por que não está simplesmente me atacando? Meu rosto no espelho está mortalmente pálido, os olhos arregalados enquanto ele anda atrás de mim e puxa algo do bolso interno de sua jaqueta.

É uma pequena escova de cabelo envolto em plástico - uma daquelas baratas que às vezes dão em hotéis e companhias aéreas de luxo.

“Isso é tudo o que tinham na loja de presentes lá embaixo” Ele fala, tirando o embrulho de plástico antes de encontrar o meu olhar no espelho.

“Imagino que seja melhor do que nada.”

Melhor do que nada para quê? Algum jogo excêntrico e estranho?

Minha garganta se contrai, porém antes que o pânico possa me vencer, ele desenrola a toalha sobre a cabeça e a deixa cair no chão. As mãos fortes e bronzeadas pelo sol parecem enormes ao lado da minha cabeça à medida que ele junta meu cabelo em um rabo de cavalo molhado e começa a trabalhar nos nós com a escova.

O choque rouba todo o ar dos meus pulmões. O assassino do meu marido - o homem que está me perseguindo - está *escovando o meu cabelo*.

Seu toque é gentil, porém firme, sem qualquer traço de hesitação. É como se ele tivesse feito isso uma dúzia de vezes antes. Ele passa a escova primeiro pelas pontas, deixando-as lisas e sem emaranhados, depois sistematicamente se move para cima até que a pequena escova consiga passar por todo o comprimento do meu cabelo sem se enroscar. E durante todo o processo, não existe dor - justamente o oposto, na verdade. As cerdas de plástico massageiam minha cabeça com cada alisada e comichões de prazer correm pela minha coluna sempre que seus dedos quentes roçam contra a pele sensível da minha nuca.

Com medo ou não, é a experiência mais sensual da minha vida.

Uma estranha sensação de irrealidade se apodera de mim enquanto sento aqui, observando-o escovar meu cabelo no espelho. Em cada um dos nossos encontros anteriores, eu estava muito focada no perigo que Peter representa e não prestei atenção às coisas menos importantes, como suas roupas. Então agora, pela primeira vez, noto que ele está usando uma jaqueta cinza de couro envelhecida sobre uma camisa térmica preta e jeans escuro combinando com botas pretas. As roupas são casuais, algo que qualquer homem pode usar durante o início da primavera em Illinois, mas não há como confundir meu torturador com um cara normal na rua.

Peter Sokolov é nada menos que uma força da natureza, cruel e completamente incontrolável.

Ele escova meu cabelo durante vários longos minutos enquanto fico tão imóvel quanto consigo, sem me atrever a contrair um músculo para que eu não contribua com alguma coisa que o faça parar. Cada passada da escova parece uma carícia, cada toque de suas mãos ásperas é tranquilizante e emocionante ao mesmo tempo. O mais importante, conforme escova o meu cabelo, Peter não está fazendo outras coisas comigo - coisas que tenho medo.

No entanto, cedo demais, ele coloca a escova sobre a penteadeira e seus olhos capturam os meus no espelho. “Levante” Ele ordena as mãos se curvando em volta dos meus ombros nus e me impulsionando para ficar de pé.

Engolindo em seco de forma densa, eu me viro para encará-lo quando me solta, mas ele já se afastou e está removendo sua jaqueta.

Com meu coração afundando, assisto conforme pendura a jaqueta na cadeira e pega a parte inferior de sua camisa térmica de manga comprida.

Em um movimento suave, puxa a camisa sobre a cabeça e minha respiração fica presa na garganta enquanto ele a pendura sobre a jaqueta.

Os ombros são largos, os braços grossos, claramente definidos por músculos. Mais músculos cobrem seu torso definido em forma de V e o abdômen plano e com gominhos carece até mesmo de uma sugestão de gordura. Como suas mãos, peito e ombros são bronzeados, como se ele passasse muito tempo no sol e seu braço esquerdo está quase completamente coberto por tatuagens que se estendem a partir do topo de seu ombro até o pulso. Em meio a uma camada de pelo escuro em seu peito, vejo várias cicatrizes mais desbotadas e me pego olhando para a trilha sexy de pelo que começa no seu umbigo e desaparece no cócs da calça jeans de cintura baixa.

Ele pega o jeans em seguida, abre o zíper e me forço a desviar o olhar.

Apesar de sua beleza masculina primitiva, uma camada de suor frio cobre o meu corpo e minha pulsação está doentiamente rápida. Peter pode ser uma fera linda, mas isso é tudo o que ele é: uma fera, um monstro de coração frio. Não importa que em circunstâncias diferentes, eu estaria descontroladamente atraída por ele. Eu não quero o que está prestes a acontecer. Isso me devastaria.

Com o canto do meu olho, eu o vejo tirar as botas e empurrar o jeans para baixo, revelando uma cueca azul marinho esticada sobre uma comprida saliência grossa e pernas poderosas com uma camada fina de pelo escuro. Ele se inclina para remover o jeans completamente e meu terror atinge um novo pico.

Esquecendo seus avisos, corro até a porta.

Desta vez, eu nem sequer chego perto de meu objetivo. Ele me pega há dois passos da porta, um braço forte circulando o meu peito e me levantando enquanto sua outra mão bate sobre a minha boca, abafando meu grito repentino.

Arranho seus antebraços, meus pés chutam suas canelas conforme ele me carrega até a cama, mas é inútil. Tudo o que consigo é tirar a toalha na parte de

trás. Seu braço ao redor do meu peito impede que ela caia no chão, porém as minhas costas, bunda e o lado direito do meu corpo estão completamente expostos. Consigo sentir seu peito nu se esfregando contra as minhas costas, sinto o cheiro limpo de almíscar masculino de sua pele e a intimidade indesejada intensifica o meu pânico, fazendo-me lutar ainda mais.

“Porra” Ele resmunga quando meu calcanhar faz contato com seu joelho e sinto um pequeno surto de triunfo.

Isso não dura muito tempo. Um segundo depois, Peter cai para trás na cama, me arrastando com ele e antes que eu possa reagir, ele rola para cima, prendendo-me debaixo dele. Eu fico de cara no cobertor, as mãos arranhando inutilmente a superfície macia e minhas pernas esmagadas por suas panturrilhas pesadas e musculosas. Com a mão sobre a minha boca, não consigo fazer nada além de ruídos abafados e lágrimas de pânico queimam os meus olhos, enquanto sinto o comprimento duro de sua ereção contra a curva da minha bunda. Apenas a cueca nos separa agora e dobro meus esforços apesar da inutilidade disso tudo.

Leva alguns minutos para eu me desgastar - e para perceber que Peter não está se mexendo.

Ele está me restringindo, mas não faz nenhuma tentativa para me machucar.

“Terminou agora?” Ele murmura quando fico molenga, meus músculos tremendo pelo esforço e os pulmões gritando por ar. “Ou quer lutar um pouco mais? Eu posso fazer isso durante a noite toda.”

Acredito nele. Ele é muito maior do que eu, portanto tudo o que tem que fazer é deitar por cima e não posso machucá-lo nem fugir. O esforço gasto de sua parte é mínimo, enquanto estou usando toda a minha força com zero sucesso.

“Você vai se comportar se eu remover a mão?” Seus lábios pairam logo acima da minha orelha, sua respiração aquecendo a minha pele.

Meus ombros se encolhem para proteger meu pescoço daqueles lábios invasores e ele solta um suspiro audível. “Tudo bem, acho que vou te amordaçar e pegar minhas algemas.”

Faço um barulho abafado atrás da sua mão e ele sorri. “Não? Vai se comportar, então?”

Consigo dar um pequeno aceno de cabeça. A derrota é uma queimadura pungente na minha garganta, mas não quero ser amordaçada e algemada.

“Boa menina.” Ele sai de cima de mim e retira a mão da minha boca,

permitindo-me arrastar o ar para dentro dos meus pulmões privados de oxigênio. “Agora que você tirou isso do seu organismo, que tal nós irmos dormir? Sei que tem um dia longo amanhã e eu também.”

“O quê?” Estou tão perplexa que me viro de barriga para cima, esquecendo a minha nudez.

Um lento sorriso perverso curva sua boca enquanto seus olhos percorrem o meu corpo antes de voltar ao meu rosto. “Dormir, ptichka.

Nós dois precisamos disso.”

Sento-me e pego um travesseiro, mantendo-o pressionado contra o meu peito conforme vou em direção à cabeceira – o mais longe dele que a cama permite. O que ele está dizendo não faz sentido. Peter claramente me deseja, sua ereção enorme está praticamente rasgando a cueca. “Você...

Você quer *dormir* comigo? *Apenas* dormir?”

O sorriso deixa seu rosto e seus olhos brilham com o calor sombrio.

“Obviamente, eu quero mais, porém esta noite, vou contentar em dormir.

Eu te falei, Sara - não irei te machucar de novo. Vou esperar até que você esteja pronta... Até que me queira tanto quanto eu te quero.”

Desejar ele? Eu quero gritar que ele é louco, que nunca voluntariamente farei sexo com ele, mas engulo a resposta. Estou muito vulnerável agora e ele é muito imprevisível. Além disso, quando estiver dormindo, vou ter uma chance de fugir - talvez até mesmo bater na cabeça dele e chamar a polícia.

“Tudo bem.” Tento parecer ainda mais desprotegida do que realmente estou. “Se você promete não me machucar...”

Seus lábios se contorcem. “Eu prometo.” Saindo da cama, Peter puxa o cobertor debaixo de mim com um puxão forte e o abaixa, antes de afogar os travesseiros restantes. Acariciando os lençóis expostos, ele fala “Vem aqui.”

Vou rapidamente alguns milímetros em sua direção, abraçando meu travesseiro ao peito.

"Mais perto."

Repito a manobra, meu coração batendo com a ansiedade. Não confio nele nem um pouco. Ele pode estar brincando comigo, mentindo sobre suas intenções por algum motivo bizarro.

“Fique debaixo do cobertor” ele pede e obedeço feliz por ter algo diferente de um travesseiro para me cobrir. Infelizmente, meu alívio é de curta duração. Assim que me deito, ele desliga a luz do teto e entra debaixo do cobertor ao meu lado, seu corpo longo e musculoso se esticando ao meu lado como se pertencesse ali.

“Deite sobre o seu lado direito” Ele diz e faz isso também depois de desligar o abajur – nossa última fonte remanescente de iluminação.

Meu peito aperta ao mesmo tempo em que entendo o que ele pretende.

O assassino do meu marido quer dormir abraçado comigo.

Ignorando a escuridão desorientadora e a sensação de engasgo na minha garganta, viro-me de lado e tento respirar uniformemente enquanto um braço musculoso se estende sob o travesseiro debaixo de mim e o outro envolve ao redor do meu peito possessivamente, puxando-me para a curva de seu grande corpo. No entanto, respirar de maneira uniforme é impossível. Minha bunda nua se aninha contra o duro comprimento de seu pênis, sua respiração quente e com cheiro de menta balança o cabelo fino na minha têmpora e suas pernas se moldam contra as minhas por trás. Estou cercada, completamente tomada por seu tamanho e força. E calor. Deus, seu corpo gera tanto calor. Onde quer que sua pele nua pressione contra a minha, sinto-me queimada, como se ele fosse mais quente do que um ser humano normal. Só que não é ele - sou eu. Estou muito congelada que estou até tremendo, o suor frio evapora na minha pele.

Não sei quanto tempo ficamos assim deste jeito, mas eventualmente, seu calor se infiltra em mim e se transforma num tipo diferente de calor, o traiçoeiro que invade meus sonhos e me faz queimar de vergonha. Agora que não estou totalmente aterrorizada, estou ciente de seu corpo poderoso como algo mais do que uma ameaça... De seu pau duro como algo diferente de uma ferramenta de violação. Seu cheiro masculino me envolve e os meus seios parecem pesados e sensíveis acima da faixa grossa de seu braço, meus mamilos rígidos e minha buceta doendo com o vazio, escorregadia e latejante. Faz quanto tempo desde que fui abraçada assim? Dois anos?

Três? Não consigo me lembrar da última vez que George e eu fizemos sexo, muito menos nos deitar juntos como amantes e apesar do erro da situação, a minha parte animal gosta de ser abraçada assim, sentindo o calor do corpo de um homem e o zumbido pulsante da excitação no meu núcleo.

É uma coisa boa que não estou planejando dormir, porque não existe nenhuma maneira que eu seria capaz de dormir assim - não com o meu coração correndo a mil por hora e minha mente ultrapassando-o com uma corrida de pensamentos. Medo e raiva, excitação e vergonha - tudo se mistura, aumentando a minha frequência cardíaca e azedando o meu estômago. O que Peter realmente quer? O que ganha dormir abraçado deste modo bizarro? Essa ereção massiva deve ser desconfortável, se não completamente dolorosa, mas ele parece satisfeito em ficar aqui, sem fazer nada mais do que me abraçar. Por quê? Qual é o problema dele? Por que se agarrou a mim?

E pode possivelmente ser verdade o que ele contou sobre George? Meu marido teria de alguma forma, prejudicado a família dele?

É a pior idéia do mundo, mas não consigo me impedir. Minha boca parece operar de forma independente do meu cérebro conforme sussurro “Um, Peter... Pode me dizer algo sobre si mesmo?”

Posso sentir a sua surpresa no minuto que seus músculos enrijecem e na mudança em sua respiração. Eu nunca me dirigi a ele por seu nome antes, mas seria estranho chamá-lo de qualquer outra coisa quando estou deitada nua em seus braços. Além disso, um pouco de intimidade emocional pode torná-lo mais inclinado a responder às minhas perguntas - e menos propenso a me machucar por perguntá-las.

“O que você quer saber?” Ele murmura depois de um segundo, se mexendo para me encaixar de forma mais confortável contra ele.

Por que você acha que meu marido massacrou a sua família? Isso é o que estou morrendo de vontade de perguntar, mas não sou estúpida o bastante para ir lá diretamente. Lembro-me de sua raiva na última vez que tocamos neste tema. Em vez disso, falo suavemente, “Eles me contaram que você nasceu na Rússia. É verdade?”

“Sim.” Sua voz profunda assume uma nota de diversão. “Você não consegue notar pelo sotaque?”

“É muito brando, por isso não. Você pode ser de praticamente qualquer lugar da Europa ou do Oriente Médio. Em geral, o seu Inglês é excelente.” Estou falando muito rápido pelo nervosismo, então paro e tomo um fôlego e desacelero. “Aprendeu na escola?”

“Não, no meu trabalho.”

O trabalho no qual ele rastreava e interrogava supostas ameaças à Rússia? Eu

suprimo um tremor e tento não pensar sobre aqueles métodos de interrogatório. *Mantenha isso leve*, digo a mim mesma. *Trabalhe para as coisas pesadas*. Em um tom otimista, digo “Quando adulto? Isso é impressionante. Normalmente, você tem que aprender um idioma quando criança para ser capaz de falar tão bem quanto você.”

Sim, isso é bom. Um pouco de bajulação, um pouco de admiração genuína. Isso é o que você deve fazer quando está em uma posição vulnerável: estabelecer uma conexão com o seu agressor fazê-lo ver você como alguém com quem pode se simpatizar. É claro, essa estratégia depende da dita capacidade de simpatizar do agressor - algo que suspeito estar em falta no psicopata envolto ao meu redor.

“Bem, aprendi algumas palavras e frases em inglês quando criança”

Ele diz. “Acho que isso ajudou.”

“Oh? Onde você as aprendeu? Na escola, ou com os seus pais?”

Ele sorri o peito musculoso se expandindo contra as minhas costas.

“Nenhum dos dois. Somente com os filmes americanos. É o principal produto de exportação de vocês, sabe - isso e os hambúrgueres.”

“Certo.” Inspiro, tentando ignorar o braço pesado pendurado em meu peito e a prova concreta de sua excitação pulsando contra a minha bunda. Isso me incomoda de maneiras das quais não me importo em pensar. “Então, o que te fez decidir ir para a sua... Hum, profissão?”

Ele enterra o nariz no meu cabelo e inala profundamente, como se estivesse me cheirando. “O que exatamente Ryson te contou?”

Fico tensa pelo uso casual do sobrenome do agente, em seguida tento relaxar. É claro que Peter sabe quem é Ryson; ele provavelmente nos viu conversar na cafeteria. “Ele disse que era das Forças Especiais Russas. É verdade?”

“Sim.” Sua voz soa rouca enquanto se mexe atrás de mim de novo, seu pau como uma vara de aço pressionado contra mim. “Fui para uma pequena unidade extraoficial especializada em contra terrorismo e contra insurgência.”

“Isso é... Incomum.” Falar com ele - e, assim, mantê-lo acordado neste estado excitado – provavelmente não é uma idéia muito boa, porém me fazer calar a boca. “Como alguém entra em algo assim? Você se juntou ao exército e foi recrutado lá?”

“Não.” Ele continua a passar seu rosto contra o meu cabelo. “Eles me

acharam no que vocês chamariam de reformatórios.”

“Uma prisão para delinquentes juvenis?”

“Era mais um campo de trabalho, mas sim.”

“O que...” Engulo em seco, tentando me concentrar em suas palavras em vez do efeito que o seu desejo óbvio por mim está tendo no meu corpo.

“O que você fez para acabar lá?”

Isto não tem nada a ver com George, porém não consigo suprimir a minha curiosidade. Suspeito que o que quer que eu descubra só vai me assustar mais, mas quero saber o que faz do meu inimigo fraco.

Quero saber suas fraquezas para que eu possa usá-las contra ele.

“Matei o diretor do orfanato onde fui criado.” Não há nenhum traço de arrependimento ou pedido de desculpa nas palavras de Peter, nenhuma emoção além da luxúria engrossando sua voz. Ele podia muito bem estar retransmitindo o que comeu no jantar. “Acho que você pode dizer que comecei o caminho da minha carreira cedo.”

“Entendo.” A minha pele arrepia, mas faço o meu melhor para parecer calma. “Quantos anos você tinha?”

“Onze, quase doze anos.”

“O que ele fez para você?”

Ele suspira e se afasta levemente. “Isso realmente importa, ptichka?”

Você tem sua opinião sobre mim e nenhuma história triste do meu passado é plausível para mudá-la. Agora, você me odeia demais para sentir qualquer coisa diferente de alegria em qualquer infortúnio que eu possa ter suportado.”

Chega de construir essa conexão emocional. “Bem, o que esperava?”

Questiono amargamente, abandonando toda a pretensão de ouvinte simpática. “Que podia me torturar e matar o meu marido e que seríamos amigos?”

“Não, ptichka. Apesar do que você pode imaginar, não sou delirante.

Seus sentimentos negativos em relação a mim são racionais e esperados. Só estou esperando mudá-los ao longo do tempo.”

Ele é delirante se acha que um dia irei sentir qualquer coisa além de ódio por

ele, mas não me incomodo em discutir. “O que é essa palavra que você continua me chamando? Ptee-alguma coisa?”

“Ptichka.” Ele prossegue acariciando o meu cabelo, ou o cheirando, ou o que diabos esteja fazendo. “Significa *passarinho* em russo.”

Minhas mãos se fecham em punho no cobertor a minha frente. “Um pássaro?”

“Hmm. Um pequeno pássaro cantante, bonito e gracioso como você.”

Ele faz uma pausa, em seguida acrescenta baixinho, “Também enjaulado, como você.”

O babaca. Cerro os dentes e tento me mexer para longe dele tanto quanto o braço restritivo em volta da minha cintura permitiria. “Essa é uma situação temporária.”

“Oh, não quero dizer enjaulada por mim.” Posso ouvir o sorriso em sua voz enquanto aperta seu braço em mim, me impedindo de me contorcer para sair. “Eu posso estar te abraçando no momento, mas você foi presa muito antes de eu entrar na sua vida.”

Congelo de surpresa. “O que?”

“Oh, sim. Não finja que não sabe do que estou falando, Sara. Eu sei que você sentiu isso: todas as expectativas da sociedade, de seus pais e de seu marido e de seus amigos... A pressão para ter sucesso porque nasceu inteligente e bonita, o desejo de ser perfeita, a necessidade de ser tudo para todos em todos os momentos...” Sua voz é baixa e sombria, me envolvendo em uma teia sedosa e sedutora. “Eu vi isso na boate ontem: o seu anseio por liberdade, o seu desejo de viver sem as restrições colocadas sobre você.”

Por alguns momentos naquela pista de dança, você deixou as algemas caírem e vi o belo pássaro sair de sua gaiola dourada e voar livre. Eu vi você, Sara e foi lindo.”

Por alguns segundos, tudo o que posso fazer é ficar imóvel, meu peito doendo e meus olhos queimando na escuridão. Quero rir e negar suas palavras, mas temo que se eu tentar falar vou desmoronar e gritar. Como este homem, este estranho violento, pode saber algo privado - algo que acabei de começar a entender sobre eu mesma?

Como ele pode saber que a minha vida agradável e confortável não me faz mais feliz... Que talvez nunca fez?

Forçando para baixo a bolha de inchaço na minha garganta, deixo escapar um bufar grotesco e digo “Então você vai... O quê? Libertar-me da minha vida restritiva? Libertar-me e me ver voar?”

“Não, ptichka.” Sua voz está cheia de zombaria gentil. “Nada muito nobre assim.”

“O que então?”

“Vou te colocar na minha própria gaiola e te fazer cantar.”

Ela estremece em meus braços e sinto o medo ondulando pelo corpo dela. Uma parte de mim lamenta a minha honestidade brutal, mas não posso mentir para ela. Meu desejo por Sara não é nada como o carinho gentil que eu sentia por Tamila ou o desejo simples que experimentei com outras mulheres.

Minha necessidade por Sara é mais escura, manchada pelo que se passou entre nós e o conhecimento de que ela pertencia a meu inimigo.

Não quero machucá-la, mas não nego que o sofrimento dela me atrai de alguma forma perversa. Atormentá-la esfria minha ardente raiva, satisfaz a minha necessidade de punir e vingar, assim como digo a mim mesmo que quero curá-la, para expulsar a dor que infligi.

Quando se trata de Sara, sou uma confusão de contradições e a única coisa que tenho certeza é que uma simples foda não será suficiente.

Eu quero mais.

Desejo fazê-la minha.

É tentador quebrar minha promessa e fazer sexo com ela agora, para reclamá-la e aliviar a fome que me consome vivo. Sara está completamente nua no meu abraço, sua pele nua esfregando contra a minha cada vez que respira. Consigo sentir o cheiro do xampu florido em seu cabelo úmido, a suavidade de seus seios descansando no meu braço e o meu pau pulsa dolorosamente contra a curva de sua bunda, meu corpo dolorido com a necessidade de empurrar dentro dela. Ela lutaria no início, mas poderia fazê-la gostar.

Ela não é imune a mim. Eu sei disso. Eu sinto.

Antes de o escuro impulso assumir, respiro fundo e inspiro lentamente. Tão boa como seria a sensação de foder Sara, quero sua confiança, tanto quanto seu corpo.

Anseio que ela cante para mim por vontade própria.

“Vá dormir, ptichka” murmuro quando ela permanece em silêncio, todas as suas perguntas sufocadas por agora. “Vai estar segura esta noite.”

E ignorando a fome furiosa através do meu corpo, fecho os olhos e afundo em um leve, mas reparador sono.

Acordei três vezes durante a noite, duas vezes quando Sara tentou libertar-se do meu abraço - sem dúvida, para escapar e fazer algo doloroso para mim - e uma vez quando ela acordou de um sonho ruim. Eu a segurei mais apertado em cada caso e ela finalmente caiu no sono outra vez.

Depois de um tempo, eu também, embora a luxúria me roendo só crescesse mais durante toda a noite. Pela manhã, estou pronto para explodir e dura vinte segundos para me masturbar quando uso o banheiro.

Sara ainda está dormindo quando saio do banheiro e contemplo entrar de volta sob as cobertas com ela. No entanto, é quase sete horas e quero encontrar Anton antes que ele saia para o dia. Também não estou totalmente certo do meu autocontrole; a gozada rápida pouco melhorou a minha ânsia violenta por ela.

Se eu subir na cama com Sara de novo, corro o risco de quebrar minha promessa.

Decidindo contra o destino tentador, eu calmamente me visto e saio do quarto.

Vou ver Sara novamente em breve. Entretanto, há trabalho a ser feito.

Tenho uma cesariana programada pela manhã e outra que não está marcada no período da tarde. No meio disso tudo, atendo uma mulher que tem cólicas menstruais dolorosas, mas não tolera o uso de anticoncepcionais - algo que simpatizo muito - e outra que está tentando engravidar por dois anos sem muito sucesso. Agendo um ultrassom para a primeira mulher para verificar se existe endometriose e encaminhar a segunda mulher a um especialista em fertilidade. Assim que termino com isso, sou chamada para o ER para examinar uma mulher seis meses de gravidez que esteve em um acidente de carro ruim. Felizmente, sou capaz de dizer-lhe que o bebê está saudável e chutando, o melhor resultado possível em uma colisão de frente dessa magnitude.

Surpreendo-me pelo fato de conseguir me concentrar no trabalho depois da noite passada, mas pela primeira vez em meses, memórias escuras não invadem meus pensamentos em cada turno e a paranóia do mês passado está ausente. Perversamente, agora que sei que estou sendo vigiada, a idéia não me dá tanta ansiedade como quando só tinha uma irritante sensação. Também me sinto bem descansada e alerta com o mínimo consumo de cafeína e suspeito que é porque tive umas sólidas nove horas de sono, apesar do duro corpo ao meu redor a noite toda.

Ou talvez por causa disso. Não importa o quão forte tentei ficar acordada a noite passada, o calor animal saindo da pele de Peter e até mesmo a sua respiração me atraiu para o sono. Acordei algumas vezes durante a noite para tentar me livrar dele, mas era impossível. Ele me segurou com a intensidade de uma criança segurando seu ursinho de pelúcia favorito, e, eventualmente, cedi e simplesmente dormi meu subconsciente felizmente sem notar que a fonte dos meus pesadelos estava bem perto de mim.

Em qualquer caso, seja qual for a razão, mantenho a calma e fico focada durante todo o meu turno. Ajuda-me a suprimir todos os pensamentos de Peter e suas intenções, empurrando-os para o fundo da minha mente enquanto eu me concentro nos pacientes. Se pensar em suas declarações, ficaria sem os gritos do hospital e quem sabe o que meu perseguidor faria? Quando acordei viva e ilesa esta manhã, decidi que o melhor curso de ação é levá-lo um dia de cada vez e

evitar provocá-lo tanto quanto eu puder.

Talvez ele jogue bonito por mais alguns dias e vou ter tempo para descobrir o que fazer.

Quando o meu turno acaba, sigo para o vestiário e corro até Andy no corredor. Ela deve estar apenas começando seu turno, porque sua roupa cirúrgica parece perfeitamente limpa e o cabelo encaracolado está em um coque elegante, sem um único fio fora do lugar.

Até o final de um longo turno, a maioria dos enfermeiros e médicos – inclusive eu – fica muito mais desganhados.

“Ei” ela cumprimenta, parando na minha frente. “Tudo certo?”

Eu pisco. “Hum, sim.” Ela não sabe sobre Peter, sabe? “Por quê?”

“Você disse que não estava se sentindo bem na outra noite” Andy explica sua testa se enrugando um pouco. “Quando você saiu correndo do clube.”

“Oh, sim, desculpe por isso.” Tento um sorriso envergonhado. “Eu bebi muito e fiquei bêbada rápido. Acho que vomitei quando cheguei em casa, mas é tudo confuso agora.”

“Ah, entendo.” Um sorriso aliviado substitui a preocupação em seu rosto. “Eu pensei que talvez você estivesse chateada com alguma coisa.

Parecia que alguém atirou no seu pônei favorito na sua frente.”

Sorrio e sacudo a cabeça, embora ela não esteja longe da verdade.

“Creio que a única vítima foi o meu fígado.”

Andy gargalha, depois pergunta: “O que vai fazer no próximo sábado? Tonya e Marsha estão planejando outra noite das meninas, mas eu estava pensando em só pedir o jantar e um filme com Larry, ambos em uma hora razoável, desde que tenho um turno no próximo domingo. Quer se juntar a nós?”

“Você e seu namorado?” Dou-lhe um olhar surpreso. “Eu não seria a vela?”

“Bem...” Um sorriso travesso ilumina seu rosto sardento. “Por acaso, Larry tem um amigo muito bonito e bem-sucedido que está morrendo de vontade de conhecer uma garota legal. Ele é um magnata do setor imobiliário e tem uma lista impossível de requisitos, mas” - ela levanta um dedo quando estou prestes a interromper - “acontece que você encaixa em todos eles. Se você aceitar, Larry vai convidá-lo e poderíamos ter um encontro duplo agradável.”

Enrugo o nariz. “Oh, eu não sei quanto a isso...”

“Ele é um cara de boa aparência. Aqui.” Andy puxa o telefone do bolso, toca na tela algumas vezes e me mostra uma foto de um cara que parece um Tom Cruise loiro. “Veja? Poderia ser muito pior.”

Eu sorrio. “Com certeza, mas...”

“Sem, mas.” Ela levanta a mão quando estou prestes a discutir.

“Basta vir e vamos nos divertir. Nenhuma pressão para fazer qualquer coisa. Se você gostar do amigo de Larry, ótimo. Se não, você e eu vamos nos juntar às meninas e Larry pode ter uma noite só de meninos já que ele está com vontade de uma há muito tempo.”

Hesito, em seguida, infelizmente, balanço a cabeça. “Obrigada, mas não posso.” Eu não sei se Peter representa uma ameaça para Andy ou seu namorado, mas não quero arriscar. Com o assassino russo assistindo cada movimento meu, cada pessoa ao meu redor poderia tornar-se seu alvo.

Até a minha situação do perseguidor ser resolvida, é melhor me resguardar.

O rosto de Andy murcha. “Oh, ok. Bem, se mudar de idéia, ligue para mim. Marsha tem meu número.”

“Eu ligo, obrigada” falo, porém Andy já está caminhando para longe, andando tão rápido quanto seus tênis brancos permitem.

A caminho de casa, ouço Kelly Clarkson “Stronger” e luto contra o desejo de dirigir até outro estado. Ou talvez até outro país. Canadá e México parecem atraentes, assim como Antártida e Timbuktu[13]. Em vez de ir para a minha casa infestada de câmeras, eu poderia dirigir direto para o aeroporto e subir em um avião para qualquer lugar.

Iria para o Pólo Norte se tivesse uma garantia de que Peter não iria atrás de mim.

Infelizmente, não tenho essa garantia. Exatamente o oposto, na verdade. Se eu correr, ele vai vir atrás de mim. Tenho certeza disso. Ele é um caçador, um rastreador e não vai descansar até me encontrar, assim como encontrou todas as pessoas em sua lista. Eu poderia ir para outro hotel ou outro continente e não faria qualquer diferença.

Ele não vai me deixar em paz até conseguir o que deseja, seja o que for.

Minhas mãos ficam escorregadias no volante e percebo que estou respirando rápido, minha calma se dissipando com pensamentos da última noite. Ainda não tenho certeza do que ele está atrás, mas parece ser algo diferente do que apenas sexo.

Algo mais sombrio e muito mais torcido.

Percebendo que estou à beira de outro ataque de pânico, mudo de Kelly Clarkson para música clássica e começo a fazer meus exercícios de respiração. Talvez esteja cometendo um erro por não ir ao FBI. Há pelo menos uma chance de que eles podem ser capazes de me proteger, enquanto que sozinha, não tenho nenhuma chance. O melhor que podemos esperar é que Peter fique entediado comigo e passe para sua próxima vítima, deixando-me viva e com a maior parte da minha sanidade intacta.

Estou quase pegando o telefone quando eu me lembro do por que não chamo Ryson imediatamente: meus pais. Não posso desaparecer e deixá-los e seria egoísta por negá-los da pequena chance do FBI de nos proteger. Para explicar sobre a mudança, eu teria que contar aos meus pais tudo e não sei se o coração do meu pai sobreviveria a esse tipo de stress.

Ele tem um triplo bypass há vários anos e os médicos o aconselharam a se estressar o mínimo possível. Descobrir sobre um stalker homicida que me torturou e matou George poderia literalmente matar o meu pai e pode até ser perigoso para a minha mãe.

Não, eu não vou fazer isso com eles. Deixando minha respiração sob controle, coloco Kelly Clarkson de volta. Meus pais têm uma vida feliz e normal e vou fazer o que for preciso para mantê-lo dessa forma. Se isso significa que tenho que lidar com Peter sozinha, que assim seja.

Felizmente, sou forte o bastante para sobreviver ao o que ele pretende realizar.

20

SARA

O que noto logo é a comida. Vários alimentos deliciosos.

Atordoada, fico boba com a variedade na minha mesa da sala de jantar. Tem um frango assado, um prato de purê de batatas e uma grande e frondosa salada, tudo isso belamente disposto entre velas acesas e uma garrafa de vinho branco.

Achei que poderia ficar encurralada na minha casa hoje à noite, porém não esperava por isso.

“Com fome?” Uma voz profunda, ligeiramente acentuada pergunta atrás de mim e eu viro minha pulsação pulando quando Peter Sokolov sai do corredor. A frente do seu cabelo está molhada, como se ele apenas lavou o rosto e embora esteja usando uma camisa de botão azul e jeans escuro, ele não usa sapatos, só meias.

Parece lindo e mais perigoso do que nunca.

“O que...” Minha voz é muito alta, então tomo um fôlego e tento novamente. “O que é isso?”

“Jantar” ele fala, olhando divertido. “Com o que se parece?”

“Eu...” O ar na sala dilui enquanto ele para perto de mim, o olhar íntimo em seus olhos me lembra que dormi nua em seus braços. “Não estou com fome.”

“Não?” Ele arqueia as sobrancelhas escuras. “Tudo bem então. Vamos para a cama.” Ele chega mais perto e dou um pulo para trás.

“Não, espere! Eu posso comer.”

Um sorriso surge em seus lábios. “Eu pensei. Depois de você.”

Ele faz um gesto de cortesia apontando para frente e ando até a mesa, tentando engolir meu coração de volta para o peito conforme Peter desliga a luz do teto, deixando apenas a luz das velas como iluminação e me segue para a mesa.

Ele puxa uma cadeira e eu sento. Depois ele se senta na cadeira em frente a mim. Percebo que a mesa está posta com dois dos meus pratos formais de prata,

os que George gostava de usar para feriados e festas.

Silenciosamente, assisto o assassino de George habilmente cortar o frango e colocar uma das coxas, minha parte favorita do frango no meu prato, juntamente com várias colheres de purê de batatas e uma generosa porção de salada.

“Onde conseguiu toda essa comida?” Questiono enquanto Peter carrega seu próprio prato.

“Eu que fiz.” Ele olha para cima do prato. “Você gosta de frango, certo?”

Sim, mas não estou prestes a dizer-lhe isso. “Você cozinha?”

“Eu tento.” Ele pega a faca e o garfo. “Vá em frente, experimente.”

Empurro a cadeira para trás e levanto. “Tenho que lavar as mãos.”

Cheguei pela garagem e o médico dentro de mim não vai me deixar tocar na comida sem antes lavar os germes hospitalares.

“Tudo bem” ele diz, colocando para baixo seus utensílios e noto que ele tem a intenção de esperar por mim.

Meu perseguidor tem excelentes maneiras à mesa.

Vou até o banheiro e lavo as mãos, esfregando entre cada dedo e em volta dos meus pulsos como sempre faço. Até o momento que volto para a mesa, Peter já encheu um copo de vinho para cada um e o cheiro fresco de Pinot Grigio se mistura com os deliciosos aromas da refeição, acrescentando bizarrice à situação.

Se eu não soubesse melhor, acharia que estávamos em um encontro.

“Como sabia que eu viria para cá em vez de ir a um hotel?” Eu pergunto quando sento de novo.

Ele dá de ombros. “Foi um palpite. Você é brilhante, por isso é improvável que cometa o mesmo erro duas vezes.”

“Uh-huh.” Pego meu garfo e dou uma mordida no purê de batatas. O rico sabor amanteigado é felicidade na minha língua, impulsionando o apetite, apesar da ansiedade agitando o estômago. “Isso é um monte de comida para fazer em um palpite.”

“Sim, bem, nenhum risco, nenhuma recompensa, certo? Além disso, vi como você pensa e raciocina, Sara. Você não faz coisas estúpidas e inúteis e indo para outro hotel seria precisamente isso.”

Minha mão aperta em volta do garfo. "Está certo? ' Acha que me conhece porque me perseguiu por algumas semanas?"

"Não." Seus olhos brilham a luz das velas. "Não conheço você, ptichka, pelo menos não tão bem como gostaria."

Ignorando a afirmação provocativa, eu me concentro no meu prato.

Agora que dei uma mordida, minha boca está aguada para mais. Apesar do que disse a Peter estou faminta e de bom grado como o delicioso alimento distribuído no meu prato. O frango está perfeitamente temperado, o purê de batatas generosamente amanteigado e a salada verde está refrescante e picante com um tempero de limão incomum. Estou completamente absorvida em comer que estou a meio caminho do prato limpo quando um pensamento assustador me ocorre.

Colocando para baixo o garfo, olho para o meu algoz. "Você não colocou drogas ou algo assim, não é?"

"Se eu fizesse, seria tarde demais para você" ele aponta com diversão.

"Mas não. Pode relaxar. Se eu fosse drogar ou envenenar você, usaria uma seringa. Não tem necessidade de estragar uma comida perfeitamente boa."

Tento não reagir, porém minha mão treme quando alcanço o meu copo de vinho. "Ótimo. Fico feliz em ouvir isso."

Peter sorri para mim e sinto uma sensação de calor, derretendo entre as minhas pernas. Para ocultar o meu desconforto, tomo vários goles de vinho e coloco o copo para baixo antes de retornar para o meu prato.

Não estou atraída por ele. Eu me recuso a estar.

Comemos em silêncio até que nossos pratos estão vazios; em seguida, Peter coloca o garfo e pega seu copo de vinho. "Diga-me uma coisa, Sara"

Ele fala. "Você tem vinte e oito anos agora e já é uma médica de pleno direito por dois anos e meio. Como conseguiu isso? Era uma daquelas crianças gênios com um QI super alto?"

Empurro o meu prato vazio de lado. "Sua perseguição não lhe mostrou isso?"

"Não fiz um mergulho profundo no seu passado." Ele toma um gole de vinho e coloca o copo na mesa. "Se você preferir que eu faça isso, consigo, ou você pode apenas falar comigo e poderíamos conhecer um ao outro de uma forma

mais tradicional.”

Hesito, em seguida, decido que não fará mal contar para ele. Quanto mais nos sentamos à mesa, mais tempo posso adiar para a hora de dormir e tudo o que isso implicaria.

“Não sou um gênio” Eu digo, tomando um pequeno gole de vinho.

“Quer dizer, não sou idiota, porém meu QI está dentro da faixa normal.”

“Então como se tornou uma médica aos vinte e seis anos quando normalmente leva pelo menos oito anos após a faculdade?”

“Fui um bebê oops” Eu falo. Quando Peter continua olhando para mim, explico, “Eu nasci três anos antes da minha mãe passar pela menopausa. Ela estava com quase cinquenta anos, quando ficou grávida e meu pai tinha cinquenta e oito. Eram professores, se conheceram quando ele era seu conselheiro de Ph.D., na verdade, embora eles só começaram a namorar bem mais tarde e nenhum deles queria filhos. Tiveram suas carreiras, tinham um grande círculo de amigos e um ao outro. Eles estavam fazendo planos para a aposentadoria naquele ano, mas em vez disso, eu aconteci.”

"Como?"

Dou de ombros. “Algumas bebidas combinadas com a convicção de que eram velhos demais para se preocupar com um preservativo.”

“Então eles não queriam você?” Seus olhos cinzentos escurecem ao se transformando em bronze e sua boca enrijece.

Se eu não acreditasse, acho que ele está com raiva em meu nome.

Sacudindo o pensamento ridículo, falo: “Não, eles desejaram. Pelo menos, quando superaram o choque sobre a gravidez. Não era o que queriam ou esperavam, mas uma vez que eu estava lá, nasci saudável, apesar de todas as probabilidades, eles me deram tudo. Eu me tornei o centro do seu mundo, o seu pequeno milagre pessoal. Eles tinham dinheiro, a aposentadoria e abraçaram o seu novo papel como pais com a mesma dedicação que deram a suas carreiras. Fui regada com atenção, ensinada a ler e contar até cem antes que eu pudesse andar. Até o momento que comecei o jardim de infância, eu lia em nível da quinta série e sabia álgebra básica.”

A linha dura de sua boca amolece. "Entendo. Então você tinha uma enorme vantagem sobre a concorrência.”

"Sim. Pulei duas classes na escola primária e teria pulado mais, mas meus pais não acharam que seria bom para o meu desenvolvimento social de ser significativamente mais jovem do que os meus colegas. Como foi eu me esforcei para fazer amigos na escola, mas não ganhei muitos." Dou uma pausa para tomar outro gole de vinho. "Terminei o ensino médio em três anos porque o currículo foi fácil para mim e queria começar a faculdade e depois eu terminei a faculdade em três anos, porque ganhei um monte de créditos da faculdade, tendo aulas de Colocação Avançada em alta escola."

"Então foi em quatro anos."

Eu concordo. "Sim, em quatro anos."

Ele me estuda e me mexo na cadeira, desconfortável com o calor em seus olhos. O meu copo de vinho está quase vazio agora e começo a sentir os efeitos, o zumbido fraco do álcool afugentando o pior da minha ansiedade e me fazendo perceber as coisas irrelevantes, como a forma como o seu cabelo escuro parece espesso e sedoso ao toque e como sua boca é macia e dura ao mesmo tempo. Peter está olhando para mim com admiração em seu olhar... E algo mais, que faz minha pele ficar quente e arrepiada, como se eu estivesse com febre.

Como se sentisse isso, Peter se inclina as pálpebras baixando.

"Sara..." Sua voz é baixa e profunda, perigosamente sedutora. Sinto a minha respiração falhar quando ele cobre minha mão com a sua grande e murmura, "Ptichka, você está..."

"Por que acha que George prejudicou a sua família?" Arranco minha mão, desesperada para apagar a excitação crescente. "O que aconteceu com eles?"

A minha pergunta é como uma bomba explodindo na atmosfera sexualmente carregada. Seu olhar se volta plano e duro, o calor desaparece em um flash de raiva gelada.

"A minha família?" Sua mão aperta sobre a mesa. "Quer saber o que aconteceu com eles?"

Aceno com cautela, lutando contra o instinto de saltar para cima e me afastar. Tenho uma sensação terrível Eu só provoquei um predador ferido, alguém que poderia me rasgar, sem sequer tentar.

"Tudo bem". Sua cadeira arranha o chão quando se levanta. "Venha aqui e vou lhe mostrar."

21

PETER

Ela permanece sentada, congelada no lugar. Uma jovem corça pega na mira do rifle de um caçador. Sei que estou a assustando, mas não me importo, não com a dor e raiva rasgando-me por dentro.

Mesmo depois de cinco anos e meio, pensar sobre a morte de Pasha e Tamila tem o poder de me destruir.

“Venha aqui” Repito, andando em volta da mesa. Agarrando o braço de Sara, a puxo para ficar em pé, ignorando sua postura rígida. "Você quer saber? Quer ver o que o seu marido e seus companheiros fizeram?”

Seu braço magro é tenso ao meu alcance quando pego no bolso com a mão livre e tira o meu velho smartphone. Sempre carrego comigo, embora não seja em qualquer rede e não pode ser usado para fazer chamadas telefônicas. Passando o polegar pela tela, navego para o último conjunto de fotos.

“Aqui.” Empurro o telefone em sua mão livre. "Dê uma boa olhada."

A mão de Sara treme quando levanta o telefone no rosto dela e sei o momento exato em que coloca os olhos sobre a primeira imagem. Seu rosto fica branco e ela engole convulsivamente antes de ver o resto das fotos.

Não olho para o telefone. Não preciso. As imagens estão queimadas em minhas retinas, gravadas no meu cérebro como uma tatuagem horrível.

Tirei estas imagens no dia depois que escapei dos soldados que me arrastaram para longe da cena. Eles já tinham realocados os moradores restantes, mas a investigação estava apenas começando e não tinham limpado os corpos ainda. Quando voltei, os cadáveres ainda estavam lá, cobertos por moscas e insetos rastejantes. Fotografei tudo: os prédios queimados, as manchas de sangue escuras na grama, os corpos em decomposição e membros rasgados, mãozinha do Pasha enrolada no carro de brinquedo... Havia coisas que eu não poderia capturar, como o cheiro de carne podre que perdurava densamente no ar e o vazio desolado de uma aldeia abandonada, porém o que tirei foi registro suficiente.

Sara baixa o telefone eu o pego de seus dedos sem sangue, colocando-o de

volta no bolso.

“Isso foi em Daryevo.” Libero seu braço, cada palavra como lixa em toda a minha garganta. “Uma pequena aldeia no Daguestão, onde minha esposa e filho viviam.”

Sara dá um passo para trás. “O que...” Ela engole audivelmente. “O que aconteceu lá? Por que foram mortos?”

Respiro para controlar a raiva violenta que agita dentro de mim. “Por causa da arrogância de algumas pessoas e ambição cega.”

Sara me dá um olhar de incompreensão.

“Foi uma operação policial projetada para capturar uma pequena, mas altamente eficaz célula terrorista com base nas montanhas do Cáucaso” Digo com severidade. “Um grupo de soldados da OTAN agiu com informações fornecidas por uma coalizão de agências de inteligência ocidentais. Tudo foi feito sob o radar para que eles não tivessem que partilhar a glória com os grupos antiterroristas locais, como a que eu fui para a Rússia.”

Sara cobre a boca trêmula e vejo que está começando a entender.

“É isso mesmo, ptichka.” Andando em direção a ela, capturo seu pulso fino e puxo sua mão para longe do rosto. “Você pode adivinhar quem estava envolvido em conseguir dos soldados essas informações falsas.”

Seus olhos estão cheios de horror. “A célula terrorista não estava lá?”

“Não.” Meu aperto em seu pulso é punitivamente apertado, mas não posso relaxar meus dedos. Com as memórias frescas na minha cabeça, não consigo deixar de pensar nela como a mulher do meu inimigo morto. “Não tinha nada lá, só uma aldeia civil pacífica e se o seu marido e os outros agentes de sua equipe tivessem verificado com a minha equipe, eles saberiam disso.” Minha voz fica mais áspero, as palavras mais mordazes.

“Se eles não tivessem sido tão porra arrogantes, ávidos pela glória, procurariam ajuda em vez de pensar que sabiam tudo e depois aprenderiam que a fonte foi plantada pelos próprios terroristas e minha esposa e filho ainda estariam vivos.”

Posso sentir a rápida pulsação de Sara quando olha para mim e noto que não acredita em mim, não completamente, pelo menos. Ela acha que sou louco, ou na melhor das hipóteses, mal informado. Sua dúvida me enfurece ainda mais e me força a liberar seu pulso antes de esmagar seus ossos frágeis.

Ela imediatamente se afasta e sei que sente a violência pulsando sob minha pele. Quando descobri a verdade sobre o que aconteceu, não pude punir os soldados da OTAN ou os agentes envolvidos, o encobrimento foi notavelmente rápido e completo, por isso, libertei a minha fúria sobre a célula terrorista que os alimentava com a informação falsa, seguido por qualquer idiota o suficiente para ficar no meu caminho.

A morte do meu filho soltou o monstro dentro de mim e ainda vaga livre.

Quando há um metro de distância entre nós, Sara para de se afastar e me espreita cautelosamente. “É por isso que...” Ela morde o lábio. “É por isso que se tornou um fugitivo? Por causa do que aconteceu naquela época?”

Minhas mãos cerram em punhos e eu me afasto, voltando para a mesa. Não consigo discutir sobre isso nem por um segundo a mais. Cada frase é como um spray de ácido sobre o meu coração. Cheguei ao ponto onde fico várias horas sem pensar na morte violenta da minha família, mas conversar sobre o que aconteceu traz de volta a devastação daquele dia e a raiva que me consumia.

Se ficarmos neste tema, posso perder o controle e ferir Sara.

Um movimento de cada vez. Uma tarefa de cada vez. Coloco meus pensamentos em branco, como faço quando estou em um trabalho e me concentro no que precisa ser feito. Neste caso, é limpar a mesa, colocar as sobras na geladeira e empilhar os pratos na máquina de lavar. Concentro-me nas atividades mundanas e gradualmente, a minha indignação fervente diminui, assim como o desejo de fazer violência.

Quando ligo a máquina de lavar louça e retorno para Sara, vejo-a me observando com cautela. Parece que está prestes a fugir a qualquer momento e o fato de que ainda não tentou, significa que entende sua situação.

Se ela correr agora, não vou ser gentil quando pegá-la.

“Vamos lá para cima” Eu digo e caminho em direção a ela. “É hora de ir para a cama.”

Sua mão está gelada no meu aperto conforme eu a conduzo até as escadas, seu belo rosto pálido. Se não me sentisse por dentro tão cru, eu a tranquilizaria, lhe diria que não vou machucá-la esta noite também, mas não quero fazer promessas que não posso ser capaz de manter.

O monstro está demasiado perto da superfície, também fora de controle.

“Tire suas roupas” Eu ordeno, liberando sua mão quando chegamos ao seu quarto. Ela está usando jeans skinny e um suéter marfim solto e embora pareça fenomenal com a roupa simples, desejo que ela saia.

Eu quero que haja nenhuma barreira entre nós.

Em vez de obedecer, Sara se afasta. “Por favor...” Ela para a meio caminho entre mim e a cama. “Por favor, não faça isso. Sinto muito sobre o que aconteceu com sua família e se George era de alguma forma responsável...”

“Ele era.” Meu tom é de corte. “Levou anos, mas tenho os nomes de cada soldado e oficial da Inteligência envolvida no massacre. Não existe engano, Sara; minha lista veio diretamente da própria CIA.”

Ela parece atordoada. “Você conseguiu da CIA? Mas como? Achei que você disse que eles estavam envolvidos, que George era um deles.”

“Há muitas divisões e facções dentro da organização. Uma mão nem sempre sabe ou se importa o que a outra está fazendo. Eu sei de um traficante de armas que tem um contato lá e ele, ou melhor, sua esposa, forneceu a lista. Mas isso não importa agora.” Cruzo os braços na frente do peito. “Tire suas roupas.”

Seus olhos vão para a cama, depois para a porta atrás de mim.

“Não faça isso. Você não quer me testar esta noite, confie em mim.”

Seu olhar retorna para o meu rosto e posso sentir seu desespero. “Por favor, Peter. Por favor, não faça isso. O que aconteceu com sua família foi horrível, mas isso não vai trazê-los de volta. Sinto muito sobre eles, realmente sinto, mas não tenho nada a ver com...”

“Isso aqui não tem nada a ver com aquilo.” Descruzo os braços. “O que eu quero de você não tem nada a ver com o que aconteceu.” Exceto que, assim que falo isso, sei que é uma mentira. Minhas ações não são as de um homem que corteja uma mulher; eles são de um predador perseguindo sua presa. Se ela não fosse quem ela é, se fosse apenas uma mulher aleatória, não estaria me forçando em sua vida assim.

Meu desejo por ela seria gentil e contido em vez de perigosamente obsessivo.

Sara me dá um olhar incrédulo e percebo que entende isso também.

Não estou enganando ninguém. O que está acontecendo entre nós tem tudo a

ver com o passado obscuro que compartilhamos.

Que assim seja.

Ando em direção a ela. “Tire a roupa, Sara. Não vou pedir de novo.”

Ela se afasta outra vez, depois para, provavelmente percebendo que está ficando mais perto da cama. Mesmo com a roupa escondendo suas curvas, consigo ver seu peito arfando enquanto as mãos apertam e afrouxam convulsivamente em seus lados.

"Tudo bem. Se é assim que você quer que..." Vou chegando mais perto, mas ela levanta os braços, com as palmas de frente para mim.

“Espere!” Suas mãos tremem quando pega seu suéter. "Vou fazer isso."

Paro e assisto quando puxa o suéter sobre a cabeça. Por baixo, está usando uma blusa azul apertada que deixa seus ombros magros a mostra e realça as curvas suaves de seus seios. Eles não são os maiores que já vi, mas se adequam a seu corpo de bailarina e meu pau endurece conforme me lembro como esses bonitos seios ficaram apoiados no meu braço na noite passada.

Em breve, vou saber como ficam em minhas mãos e o gosto.

“Vá em frente” Falo, quando Sara hesita novamente, seu olhar correndo de mim para a porta. “A blusa depois o jeans.”

Suas mãos tremem enquanto obedece, puxando a blusa por cima da cabeça antes de alcançar o zíper da calça jeans. Em cima, Sara usa um sutiã branco e tento permanecer imóvel ao mesmo tempo em que empurra o jeans pelas pernas, revelando uma calcinha azul claro. Embora, tenha sentido sua pele nua contra a minha na última noite e a vi nua várias vezes nas câmeras, esta é a minha primeira vendo-a nua de perto e os meus batimentos cardíacos aumentam quando avidamente observo cada linha graciosa e curva de seu corpo.

Sara tem a altura mediana, mas suas pernas são longas, com os músculos magros, bem torneados como uma bailarina. Sua barriga é plana e tonificada, sua cintura fina indicando quadris suaves e femininos, sua pele é lisa e pálida, sem uma marca de bronzamento à vista.

Ela é linda, esta minha nova obsessão. Bonita e com medo.

“Agora o resto” Digo mais ou menos quando ela tira o jeans e fica lá tremendo, vestida com apenas sutiã e calcinha. Sei que estou sendo cruel, porém a ferida, dolorida que expôs, suga a pouca decência e compaixão que possuo,

deixando apenas luxúria afiada com a necessidade irracional para punir.

Eu posso não querer machucá-la, mas, neste momento, preciso vê-la sofrer.

Sara pega o gancho do sutiã nas costas, desencaixa-o com movimentos bruscos e dou uma respiração afiada, a dor no meu peito afogada por uma onda do mais intenso desejo. Vi seus seios na noite passada, por isso sei que são lindos, mas a visão de seus mamilos cor de rosa arrepiados e pele branca e macia me dá um soco como um punho.

Meu coração bate em um ritmo rápido, áspero e tira tudo de mim para ficar no lugar e não chegar perto enquanto tira a calcinha. Sua vagina é suave e sem pelos, ou ela usa cera regularmente ou tirou seus pelos pubianos com laser em algum ponto e minha boca umedece conforme imagino arrastar a língua através dessas dobras delicadas.

Não posso esperar para prová-la e fazê-la gozar.

Enquanto estou imaginando, Sara se endireita e desafiadoramente levanta o queixo. “Feliz agora?” Apesar de suas bochechas estarem vermelho brilhante, ela está fazendo nenhuma tentativa de cobrir o corpo, as mãos apertadas em pequenos punhos em seu lado.

Perversamente, seu pequeno show de bravura suaviza a luxúria escura batendo em mim e minha boca se curva em diversão.

“Ainda não, mas vou ser em breve” Falo, tirando minhas próprias roupas. Meus movimentos são rápidos e precisos, projetados para realizar a tarefa o mais veloz possível, mas seu rosto fica mais vermelho ainda, o peito subindo e descendo enquanto olha para mim.

“Venha” Chamo, caminhando até ela quando estou totalmente nu.

“Eu sei que você gosta de tomar banho antes de dormir.”

Ela pisca, os olhos voando para o meu rosto e percebo que está olhando para o meu pau, que está totalmente duro e curvando-se para o meu umbigo.

“Você pode tocá-lo no chuveiro, se quiser” Eu digo, meu sorriso alargando com sua vergonha óbvia. “Vem, ptichka. Vai gostar disso.”

Apertando-lhe o pulso, eu a levo para o banheiro.

Tento manter a compostura, ou pelo menos a aparência, conforme Peter me arrasta para o banheiro, os longos dedos enrolados firmemente no meu pulso. Definitivamente não é como imaginei essa noite quando estava subindo as escadas. Apesar da escuridão persistente em seus olhos, meu algoz agora parece estar em uma luz, um humor brincalhão – um forte contraste com a raiva assustadora que vislumbrei no seu rosto antes.

É como se o meu pequeno strip-tease forçado acalmasse os demônios que aquelas imagens horripilantes desencadearam.

Náuseas rastejam através de mim de novo enquanto me recordo das imagens, a morte e devastação representadas em um horrível detalhe. Só olhei para elas por alguns segundos, mas sei que jamais vou esquecê-las.

Não posso imaginar estar lá em pessoa para tirar as fotos, muito menos sabendo que é a minha família ali, que os cadáveres em decomposição costumavam ser pessoas que eu amei. O simples pensamento me enche de tal agonia que por um momento doloroso entendo o que impulsiona o meu atacante.

Eu não o perdoo, mas eu o compreendo e sinto pena da batalha contra o terror no meu peito.

Se Peter acredita que o meu marido foi responsável por essas mortes, não tinha escolha a não ser vir atrás dele. Isso é óbvio para mim. Mesmo antes de ele ser desonesto, a profissão do russo o expôs às partes mais sombrias da humanidade, ensinou-o a abraçar a violência como uma solução e isso nem leva em conta o que o transformou em um assassino antes dos doze anos de idade. Um homem assim não iria dar a outra face; olho por olho seria o seu ideal. Ele não se importaria com quantos inocentes machucou em sua busca por vingança e certamente não se incomodaria com a tortura da esposa de um inimigo para chegar até ele.

Se George teve qualquer envolvimento com o que aconteceu, tenho sorte de estar viva.

Parando em frente ao box de vidro, meu captor libera meu pulso, entra e liga

a água. Conforme mexe na torneira, tentando encontrar o ajuste da temperatura certa, olho para a porta do banheiro. Peter está molhado e distraído, portanto estou quase certa de que consigo descer as escadas e chegar ao meu carro antes dele me pegar. Mas depois o que? Vou dirigir nua para um hotel aleatório e esperar que não me encontre hoje à noite?

Corro diretamente para o FBI e peço-lhes para me esconder?

Antes que eu comece esse debate interno mais uma vez, Peter sai do chuveiro, gotas de água brilhando em seu peito poderoso. “Entre” Ele pede, pegando meu braço e quase tropeço enquanto me puxa para o box.

“Cuidado” Ele murmura, me equilibrando e olho para cima para encontrá-lo me olhando com uma mistura de fome e de uma escura diversão. “É escorregadio aqui.”

Com sua insinuação, o rubor que não tinha saído do meu rosto surge de volta à vida. Odeio que perceba a reação que o meu corpo tem com ele, que apenas momentos antes, me pegou olhando para sua ereção como uma adolescente assistindo seu primeiro pornô. Agradado, Peter poderia estrelar um filme pornô com um pau assim, mas esse não é o ponto. Não devo me importar que ele é um lindo animal masculino; seu poderoso corpo é algo para eu temer, não desejar.

Ele é perigoso, possivelmente louco assassino e eu deveria considerá-lo como tal.

E o considero, racionalmente, pelo menos. No entanto, conforme coloca o chuveiro em minha direção, deixando o spray de água quente atingir minhas costas, percebo que não estou apavorada como estava na última noite, embora devesse estar depois de ver as imagens. Se Peter acredita no que me contou, então tem todos os motivos para me odiar e qualquer que seja a atração que sente em relação a mim, é provavelmente tóxica. Não sei por que ele não me estuprou a noite passada, mas estou quase certa que vai fazer esta noite. O pensamento deve me encher de medo e estou com medo, ainda que o pânico que senti naquele quarto de hotel está ausente. É como se dormindo em seus braços me tornou insensível à enorme injustiça que está fazendo comigo, para a violação que é a sua presença em minha casa e meu chuveiro.

Pela segunda vez em dois dias, estamos nus e juntos e não o acho muito perturbador como eu deveria.

“Feche os olhos” Peter diz, pegando a garrafa de xampu e obedeço, deixando-o despejar o líquido em meu cabelo. Apesar de seu estado de espírito

volátil de antes, os dedos fortes são suaves em meu crânio enquanto massageia o xampu e noto que está me mimando de novo, desarmando-me com suas variações bizarras de cuidado. Tenho um desejo irracional de arquear a cabeça para trás, batendo de encontro a suas mãos como um gato exigindo carinho, mas permaneço quieta, não querendo que ele saiba que gosto do que está fazendo comigo.

Seja qual for o jogo do meu torturador, eu me recuso a jogar junto.

Minha determinação dura até que Peter começa a massagear meu pescoço, habilmente retirando os nós na base do meu crânio. Eu nem sequer sabia o quanto de tensão carregava lá até que tudo sumiu, o calor da água combinando com o toque para me fazer sentir acolhedora e descontraída de uma maneira que não experimento há muito tempo.

Tento recordar se George já lavou meu cabelo assim e fico em branco.

Eu nem me lembro dele tomar banho comigo, só algumas vezes no início do nosso relacionamento, quando ainda era relativamente aventureiro na cama. Quando já tinha se passado um ano de namoro, a nossa vida sexual tornou-se rotineira e George raramente me tocava – a não ser se eu já estivesse com tesão - no final, nem me tocava, ponto.

Ao longo dos últimos dois dias, tive mais intimidade física com o assassino do meu marido do que com meu marido durante a maior parte do nosso casamento.

Quando meu cabelo está limpo, Peter orienta minha cabeça sob o jato, enxágua o shampoo, em seguida, aplica o condicionador no cabelo. Ao mesmo tempo em que faz isso, fica mais perto, seu peito roçando o meu por um segundo e meus mamilos endurecem sob o jato quente, minha buceta fica escorregadia quando sinto a cabeça macia de seu pênis duro contra o meu estômago.

Ele dá um passo para trás um pouco depois, mas é tarde demais. O sentimento relaxado e quente transita para excitação tão rápido que não tenho chance de me proteger contra ele. Embora Peter mal me tocou, estou sem fôlego e tremendo, sofrendo por ele. É uma reação puramente física, eu sei, mas fico com vergonha. Não deveria desejá-lo ou essa intimidade forçada; nada sobre isso deve ser apelativo para mim em qualquer nível.

Mordendo o interior da bochecha para me distrair com a dor, abro os olhos e o vejo derramar gel de banho na palma da mão.

“Deixe-me fazer isso” Eu digo rispidamente, chegando a pegar o gel de

banho na mão dele, mas Peter balança a cabeça, um sorriso sensual nos lábios quando move a garrafa longe do meu alcance.

“Ainda não, ptichka. Tem que esperar sua vez.”

Atrás de mim, ele começa a lavar minhas costas e até mesmo através do calor da água, seu toque me queima cada movimento de suas mãos ásperas intensifica as chamas de excitação na minha buceta. Tento me concentrar em outra coisa, qualquer coisa, mas meu coração está correndo muito rápido, meu corpo queimando com partes iguais de vergonha e desejo.

E medo. Embora silenciado para o momento, é uma presença traiçoeira na parte de trás da minha mente. Não esqueci o que o homem me tocando fez ou do que é capaz. Talvez alguma outra mulher na minha situação lutaria em vez de deixá-lo realizar isso, mas não quero que me machuque, de verdade. Ontem, ele me subjugou com uma facilidade patética e sei que o resultado será o mesmo hoje. Só que Peter pode não parar quando me tiver estendida debaixo dele.

Ele pode ceder à escuridão que vislumbrei em seus olhos esta noite e o jogo, seja ele qual for, acabaria de alguma forma horrível.

Então, fico quieta e olho para frente, observando as gotas de água descer sobre a parede de vidro embaçado pelo vapor conforme suas mãos com sabão deslizam sobre minhas costas, os ombros, meus braços... meu corpo. É um tipo diferente de tortura e enquanto suas mãos se movem para frente, espalhando sabão sobre o meu estômago tremendo antes de deslizar até meu peito, não aguento mais.

“Pare” Sussurro sem fôlego, as unhas cavando em minhas coxas enquanto seus dedos escovam a parte inferior dos meus seios. “Por favor, Peter, pare.”

Para minha surpresa, ele escuta, baixando as mãos para os meus quadris. “Por quê?” Ele murmura, me puxando contra ele. Seu peito contra minhas costas enquanto sua ereção pressiona na minha bunda. “Porque você odeia?” Ele abaixa a cabeça, sua áspera barba contra o meu pescoço quando traça ponta da minha orelha com a língua. “Ou porque ama?”

Qualquer um. Ambos. Eu não posso pensar com clareza suficiente para colocar minha cabeça para funcionar. Meus olhos fecham e arrepios se formam na minha pele à medida que sua língua mergulha atrás da minha orelha, enlouquecendo o meu interior. Quero afastá-lo, mas não me mexo no caso de fazer algo estúpido, como inclinar a cabeça para trás em direção ao calor tentador de sua boca perversa.

“O que é que você tem medo, ptichka?” Ele continua com uma voz suave, sombria. “Dor?” Ele morde a orelha gentilmente. “Ou prazer?” Sua mão direita move-se na diagonal ao longo da minha barriga, indo em direção ao recanto de dor entre as minhas pernas com uma lentidão desleal. Peter me dá todas as chances para detê-lo, mas não consigo, nem mesmo quando descubro o seu destino. Só consigo dar respirações rápidas e curtas enquanto seus dedos ásperos chegam à minha buceta e abrem os lábios, expondo a carne sensível dentro.

“Sem resposta?” Sua respiração é quente no meu pescoço. “Acho que vou ter que descobrir sozinho.”

A ponta do dedo circunda o meu clitóris e minha respiração falha no peito, meus pensamentos ficam estranhamente em branco. É como se cada nervo no meu corpo voltou à vida de uma só vez. Estou consciente de seu corpo grande e duro pressionando contra minhas costas e sua áspera barba em meu ouvido, de sua mão grande descansando na minha barriga e a água quente pulverizando para baixo em nós. E esse dedo, esse bruto e ainda suave dedo. Está mal me tocando, porém todo o meu corpo se sente como uma mola enrolada, cada músculo rígido com antecipação.

Vagamente, registro um som estranho e percebo que está vindo de mim. É um gemido, misturado com uma espécie de gemido ofegante. Isso me enche de vergonha, mas o constrangimento só intensifica a minha excitação, todos os meus sentidos centrados na dor pulsante do feixe de nervos que Peter cruelmente provoca. Posso sentir a maciez entre as coxas e enquanto seu dedo pressiona mais forte no ponto extremamente sensível, a dor se transforma em uma tensão insuportável, que cresce e se intensifica a cada segundo. É tanto prazer e agonia e é muito aguda que estou vibrando com ele, ondas de calor passando sobre minha pele. Tento mantê-lo fora, para parar a tensão de crescer, mas é tão impossível quanto atrasar a maré.

Com um suspiro sufocado, gozo, meu corpo inteiro apertando com uma liberação bastante intensa que minha visão fica branca atrás das pálpebras firmemente fechadas. Ele persiste e persiste, o prazer que sai da minha buceta pulsando em ondas que me deixa atordoada e tremendo, mal capaz de ficar de pé. Eu tento empurrar o meu algoz à distância, para acabar com o prazer terrível, mas ele aperta seu poder sobre mim e não tenho escolha, senão encostar nele, sentindo cada ondulação vergonhosa que força do meu corpo.

“É isso aí, ptichka” Ele respira quando finalmente cedo contra ele, ofegante e drenada. “Isso foi muito bonito.”

Sua mão se afasta e abro os olhos, a letargia pós-orgasmo dissipando quando o horror do que aconteceu se infiltra.

Eu gozei. Gozei nas mãos do homem que acabou com a vida do meu marido.

Peter começa a me virar para encará-lo e finalmente encontro a força para agir. Com um gemido doloroso, me mexo para fora do seu domínio e tropeço para trás, quase colidindo com a parede de vidro atrás de mim.

“Não!” Minha voz é alta e fina, beirando a histeria. “Não me toque!”

Para minha surpresa, Peter continua, embora possa ver que ainda está duro, ainda me desejando. Inclinando a cabeça para o lado, ele fica em silêncio por alguns momentos, depois se estica e desliga o chuveiro.

“Saia” Ele diz suavemente, abrindo a porta do box. “Acho que estamos limpos o suficiente.”

23

PETER

Seco-me com uma toalha branca e fofa; depois pego outra e a envolvo em Sara quando sai do chuveiro. Parece que ela está à beira de quebrar, os olhos castanhos cintilando com um brilho doloroso e apesar do desejo me consumindo, sinto algo próximo a pena.

Ela deve odiar-se agora. Quase tanto quanto me detesta.

Esfrego a toalha para cima e para baixo no corpo, secando-a, em seguida, a envolvo em seu cabelo molhado. Sei que estou tratando-a como uma criança em vez de uma mulher adulta que é, mas cuidar dela me acalma, me ajuda a manter os impulsos mais escuros sob controle.

Ajuda-me a lembrar que eu realmente não quero machucá-la.

Inclinando-me, pego-a em meus braços e ela deixa escapar um suspiro assustado. “O que está fazendo?” Ela empurra o meu peito.

“Coloque-me no chão!”

“Em um segundo.” Ignorando, Sara tenta se esquivar, levo-a para fora do banheiro. Ela é leve, fácil de carregar. É como se os ossos fossem ocos, como os de uma ave real. Ela é frágil, minha Sara, porém resistente ao mesmo tempo.

Se for cuidadoso, ela vai se dobrar para mim em vez de quebrar.

Atingindo a cama, coloco-a para baixo e ela agarra o cobertor, puxando-o sobre si mesma para cobrir a nudez. Seu olhar está cheio de desespero quando se senta para trás na cama, longe de mim.

“Por que está fazendo isso comigo? Por que não consegue encontrar alguma outra mulher para torturar?”

“Você sabe por que, ptichka.” Subindo na cama, puxo o cobertor para fora de seu alcance. “Não tenho nenhum interesse em qualquer outra pessoa.”

Ela pula da cama, esquecendo claramente a futilidade sobre correr de mim e pulo atrás dela, pegando-a antes que corra para a porta. Meu sangue está bombeando densamente nas minhas veias, o monstro se elevando conforme ela

luta em meus braços e leva todo o meu autocontrole para não esmagá-la contra a parede e transar com ela forte.

Se não fosse pelo fato de que não quero que a nossa primeira vez seja assim, já estaria dentro dela.

“Pare de lutar” Eu falo quando Sara continua a se contorcer em meus braços, tentando fugir. Posso sentir meu controle escapar, meu pau reagir aos seus movimentos, como se fosse uma dança de colo. “Estou avisando, Sara...”

Ela congela, compreendendo o perigo em que está.

Inspiro lentamente, em seguida, solto-a para minimizar a tentação.

“Vá para a cama” Peço duramente enquanto ela fica lá, ofegante. “Nós estamos indo dormir, entendeu?”

Seus olhos se arregalam. “Você não vai to...?”

“Não” Digo severamente. Um passo à frente, estico o braço para conduzi-la para a cama. “Não essa noite.”

Não importa o quão tortuoso vai ser, vou dar a Sara mais tempo para se acostumar comigo. É o mínimo que posso fazer para compensar o nosso começo violento.

Ela será minha em breve, porém ainda não.

Não até que eu tenha certeza de que não vai destruí-la.

“Você está acordado, Papa? Vem jogar comigo.” A pequena mão puxa meu pulso. “Por favor, papa, venha jogar.”

“Deixe papa dormir” Tamila repreende, apoiando-se sobre o cotovelo do outro lado da cama. “Ele chegou tarde ontem à noite.”

Eu me viro e sento, bocejando. “Está tudo bem, Tamielochka. Estou acordado.” Debruçando-me para baixo, pego o meu filho e levanto-me, levando-o ao mesmo tempo. Pasha grita de emoção, as pequenas pernas chutando no ar conforme eu o seguro em cima da minha cabeça.

“Você é muito permissivo com ele” Murmura Tamila, em seguida, se levanta também, jogando um roupão por cima do pijama. “Vou preparar o café da manhã.”

Ela desaparece no banheiro e sorrio para Pasha. “Você quer jogar, pupsik?”

Eu jogo-o no ar e o pego, fazendo-o explodir em gritos de risos animados. “Assim?”

Eu o jogo novamente.

“Sim!” Ele está rindo tanto agora que está praticamente gargalhando.

"Mais! Mais alto!"

Eu sorrio, em seguida, jogo no ar mais algumas vezes, ignorando a dor nas minhas costelas machucadas. Passei a última semana caçando um grupo de rebeldes e finalmente os encontramos ontem. No tiroteio, recebi alguns tiros no meu colete. Nada sério, mas eu poderia ter uns dias mais lentos. Ainda assim, não perderia um momento de diversão para o mundo.

Meu filho está crescendo muito rápido.

Acordo com uma dor agriçoce e um inchaço no peito. Não preciso abrir os olhos para saber onde estou, ou perceber que estava sonhando. A dor de perder Pasha é muito afiada, profundamente embutida para confundir o sonho da memória de qualquer outra coisa, embora seja a primeira vez que experimentei um sonho agradável de forma bastante vívido.

Normalmente, meus sonhos sobre minha família são suaves e borrados, pelo menos até que se transformem em pesadelos gráficos.

Fico quieto por alguns instantes, ouvindo a respiração de Sara e absorvendo a sensação de seu corpo esbelto enrolado em meus braços. Ela está finalmente adormecida, sua mente hiperativa em repouso. Não falou comigo esta noite, apenas ficou aqui rigidamente durante quase uma hora e sabia que estava pensando sobre o que aconteceu no chuveiro. Pensei em falar com ela, distraíndo-a de seus pensamentos, porém com as memórias frescas na minha cabeça e meu corpo duro e dolorido, não quis arriscar a conversa e se aventurar em território doloroso.

Se ela começasse a defender seu marido, eu teria perdido o controle e transado com ela, machucando-a no processo.

Inalando, cheiro o doce aroma de seu cabelo e deixo a onda familiar de luxúria afugentar a tensão persistente no meu peito. Não faz muito sentido, mas tenho certeza de que Sara é a razão pela qual, pela primeira vez em cinco anos e

meio, sonhei com meu filho sem também sonhar com sua morte. Embora segurando seu corpo nu, sem transar com ela é uma forma de tortura, a presença de Sara na minha cama tem o mesmo efeito sobre os meus sonhos como sua proximidade em meus momentos de vigília.

Quando estou com ela, a agonia de minhas perdas é menos aguda, quase suportável.

Fechando os olhos, minha mente em branco me deixa afundar no sono.

Se eu tiver sorte, vou encontrar Pasha em meus sonhos outra vez.

Como ontem, Peter já tinha ido embora quando acordei. Estou feliz, porque não sei como o enfrentaria esta manhã. Cada vez que penso sobre o que aconteceu no chuveiro, morro um pouco por dentro.

Eu traí George, traí sua memória da pior maneira possível. Conheci meu marido quando tinha apenas dezoito anos. Ele foi meu primeiro namorado sério, meu primeiro em tudo. E mesmo quando as coisas começaram a ir de mal para pior, permaneci leal a ele e ao nosso casamento.

Até ontem à noite, George tinha sido o único homem com quem tive relações sexuais, o único que me fez gozar.

A dor me atinge, um pesar muito forte e súbito que sinto como um golpe físico. Ofegante, me inclino sobre a pia, minha escova de dente agarrada na mão. Nos últimos seis meses, estive muito ocupada em lidar com a minha ansiedade e ataques de pânico, com a culpa de saber que causei a morte de George, que não tive a chance de realmente lamentar o meu marido. Não processei a lacuna vazia que é a sua ausência na minha vida, não lidei com o fato de que o homem com quem estive nos dez melhores anos da minha vida se foi.

George está morto e estou dormido com seu assassino.

Sinto náuseas assim que olho para mim no espelho do banheiro, odiando a imagem refletindo para mim. A facilidade com que tive um orgasmo na noite passada me enche de uma furiosa vergonha. Peter mal me tocou, não fez nada demais. Ele nem sequer me prendeu tanto assim. Se eu tentasse, poderia ter sido capaz de afastá-lo, mas não tentei.

Só fiquei lá e me entreguei para o prazer e depois dormi nos braços do meu torturador pela segunda noite consecutiva.

A dor congela em um nó grosso de auto-aversão e olho para longe do meu reflexo, incapaz de suportar a censura nos olhos castanhos que olham para mim. Não consigo fazer isso, não posso jogar este jogo doentio e torcido que Peter está forçando em mim. Não importa se ele tem suas razões, ou acha que tem. Nenhuma quantidade de sofrimento desculpa o que fez com George, ou o que

ainda está fazendo comigo.

Meu algoz pode estar ferido e danificado, mas isso só o torna mais perigoso, para a minha sanidade mental, bem como a minha segurança.

Tenho que descobrir uma maneira de sair.

Não importa o que é preciso, tenho que me livrar dele.

Passo a maior parte do meu turno no piloto automático. Felizmente, não tenho cirurgias ou qualquer outra coisa crítica, caso contrário, poderia ter que pedir outro médico para intervir. Pela primeira vez, minha cabeça não está sobre as necessidades dos meus pacientes, porém no que vou ter que fazer para lidar com o meu perseguidor.

Não vai ser fácil e certamente vai ser perigoso, mas não vejo outra escolha.

Eu não posso passar outra noite nos braços de um homem que odeio.

Estou quase terminando o dia quando me deparo com Joe Levinson no corredor. Passo por ele, mas me chama pelo nome e reconheço o homem alto, magro, com cabelo cor de areia.

“Joe, oi” Eu cumprimento, sorrindo. Tivemos um bom tempo conversando com meus pais no jantar de sábado e praticamente todas as outras vezes que encontrei com ele ao longo dos anos graças à amizade dos Levinsons com meus pais. Em circunstâncias diferentes, digamos, se eu não tivesse me casado, depois violentamente enviuvada, consideraria ir para um encontro com Joe, tanto para agradar meus pais e porque de verdade gosto dele. Ele não faz o meu pulso acelerar, mas é um cara legal, o que conta muito no meu livro. “O que você está fazendo aqui?”

“Isto” Ele responde com tristeza, levantando a mão direita para exhibir um dedo densamente enfaixado.

“Ah não. O que aconteceu?”

Ele faz uma cara. “Entre em uma briga com um processador de alimentos e o processador de alimentos ganhou.”

“Ouch.” Estremeço conforme imagino. “Quão ruim é?”

“Ruim o suficiente para que eles não precisem dar pontos. Vou ter que esperar o sangramento parar por conta própria.”

“Ooh desculpe. Então veio ao ER para isso?”

“Sim, mas obviamente exagerei. Quer dizer, havia sangue por toda parte e a ponta do dedo é uma bonita polpa, mas disseram que vai curar e posso até não ficar com uma cicatriz desagradável.”

"Oh isso é bom. Espero que cure logo."

Ele sorri para mim, os olhos azuis brilhando. "Obrigado, eu também."

Eu sorrio de volta e estou prestes a continuar pelo corredor, quando ele fala: “Ei, Sara...”

Eu tremo internamente com uma expressão hesitante no rosto.

“Sim?” Espero que ele não esteja prestes a...

“Eu ia ligar para você, mas já que corri até aqui... O que vai fazer nesta sexta-feira?” Pergunta, confirmando a minha suspeita. “Porque tem realmente uma grande exposição de arte no centro e...”

"Sinto muito. Eu não posso." A recusa é automática e é só quando vejo o olhar cabisbaixo no rosto de Joe que percebo quão rude estou sendo.

Sentindo-me terrível, eu recuo. “Não é que eu não queira, mas talvez eu tenha que trabalhar na sexta-feira e não sei se...”

"Está bem. Não se preocupe." Joe coloca um sorriso que eu instantaneamente reconheço como falso. Eu muitas vezes usei um igualzinho para encobrir a turbulência emocional.

Merda. Ele deve gostar de mim mais do que notei.

“Quer fazer outra coisa em vez disso?” Ofereço antes que eu pense melhor. “Não na sexta-feira, mas talvez em outra semana?”

O sorriso de Joe vira genuíno, os olhos enrugando atraentemente nos cantos. "Certo. Que tal um jantar no fim de semana após este? Conheço um pequeno restaurante italiano que faz a melhor lasanha."

“Isso soa bem” Eu digo, já lamentando o impulso. E se eu não conseguir resolver minha situação do perseguidor até lá? É tarde demais para voltar atrás agora, por isso eu falo: “Que tal marcarmos o dia e a hora mais próximos, então? Meu horário muda o tempo todo e...”

"Não diga mais nada. Entendo completamente." Joe me dá um grande sorriso. “Eu tenho seu número, por isso vou te ligar na próxima semana e diga

que horas funciona melhor para você, ok?”

"OK. Vou falar com você depois” Falo e corro pelo corredor antes que eu possa meter os pés pelas mãos novamente.

Tenho uma última paciente para ver e depois posso realizar a minha missão.

Se tudo correr bem, até amanhã, vou estar livre.

25

PETER

“Vai vê-la novamente hoje à noite?” Anton pergunta em russo, olhando para o laptop quando entro na sala de estar. Como de costume, o ex-piloto está vestido de preto da cabeça aos pés e armado até os dentes, apesar de nosso esconderijo suburbano seja bastante seguro quanto o possível. Como o resto da minha equipe, ele é um filho da puta letal e embora muitas vezes o provocamos sobre seu longo cabelo de hipster e sua espessa barba negra, ele se parece exatamente com o que é: um ex-assassino Spetsnaz.

“Claro” Respondo, também falando russo.

Parando na mesa do café ao lado do sofá onde Anton está sentado, tiro a jaqueta de couro e removo o arsenal de armas ligadas ao meu colete.

Quando vejo Sara, só levo uma arma e duas facas comigo, todas estrategicamente escondidas nos bolsos internos do casaco para que ela não possa identificá-las quando estou me vestindo ou despindo. Não quero assustá-la ou lembrá-la de quem eu sou; ela está intimamente familiarizada com as minhas habilidades. Além disso, eu seria um idiota por confiar nela perto de armas reais.

Mesmo um novato pode disparar uma arma e acertar um tiro de sorte.

“Yan vai pegar o primeiro turno esta noite” Anton diz, voltando a atenção de volta para o computador no colo. “Eu tenho que trabalhar em alguma logística para este trabalho no México.”

Franzo a testa quando retiro o colete à prova de balas. “Pensei que tinha tudo pronto.”

“Sim, também achei, mas parece que Velazquez entrou em uma pequena disputa com o seu velho amigo Esguerra e está reforçando a segurança como um louco. Acho que ele está esperando um ataque de Esguerra. Não tem nada a ver conosco, obviamente, mas mesmo assim.

Complica as coisas.”

“Foda-se.” Julian Esguerra, ainda que indiretamente, complica as coisas e não só porque ele inadvertidamente assustou o nosso alvo. O traficante de armas

colombiano mantém um rancor grave contra mim.

Embora tenha salvado a vida do filho da puta, coloquei em perigo sua esposa no processo e isso é algo que ele jamais vai perdoar. Ele não está me caçando ativamente, mas se souber que estou no México, muito perto de seu território, Esguerra pode cumprir sua promessa de me matar.

Pensando sobre isso, estou perto de seu território aqui em Illinois, também. Os pais de sua esposa vivem em Oak Lawn, não muito longe da casa de Sara em Homer Glen. Duvido que ele vá fazer uma visita tão cedo, mas se fizer e nossos caminhos se cruzarem de alguma forma, posso não ter escolha a não ser lidar com ele.

Ah bem. Vou-me preocupar com isso se acontecer. Não há nenhuma maneira de sair daqui até que eu estiver resolvido com Sara.

“Sim” Murmura Anton, encarando o computador. “Foda-se, na verdade.”

Deixo isso para ele e vou para a cozinha pegar uma cerveja na geladeira. Hoje, lidei com um trabalho local pessoalmente, deixando o irmão gêmeo de Yan, Ilya para vigiar Sara e ainda estou cheio de adrenalina, meus sentidos estão afiados e meus pensamentos nitidamente vazios. É estranho que o fato de matar pode me deixar tão vivo, mas ele acontece.

Como qualquer pessoa no meu campo de trabalho sabe, vida e morte é apenas uma fatia de uma lâmina à parte e empunhar a lâmina é uma das maiores emoções que existe.

Engulo a metade da cerveja, como um punhado de nozes de uma tigela sobre o balcão e retorno para a sala de estar. Daqui a pouco, vou até à casa de Sara para fazer o jantar para nós e o lanche deve me manter até lá.

Antes disso, porém, Anton e eu temos que recuperar o atraso.

O trabalho do México é um grande problema e não podemos nos dar ao luxo de acabar com isso.

“Então, qual é a última?” Pergunto, sentando-me ao lado de Anton no sofá. Colocando a cerveja na mesa de café, espio a tela do computador.

“Quanto do nosso plano vamos ter que desfazer?”

“Praticamente tudo isso” Anton fala. “Os horários dos guardas são uma bagunça, tem novas câmeras de segurança em todos os lugares e Velazquez está colocando patrulhas em volta do perímetro todo.”

"Tudo bem. Vamos lá."

Durante a hora seguinte, nos deparamos com um novo plano de ataque para o Velazquez, que leva em conta a segurança mais pesada em seu complexo. Em vez de ir para assassiná-lo durante a noite, como originalmente planejado, vamos ir à hora do almoço porque é quando apenas alguns guardas novatos estarão de vigia. É estúpido, porém a maioria das pessoas, incluindo líderes de cartéis mexicanos que deveriam ter mais experiência, se sente mais seguros durante o dia. É um dos problemas mais comuns que encontrei durante meus dias de consultor de segurança e sempre aconselhei meus clientes a ter proteções igualmente fortes no local, independentemente se é dia ou noite.

“Será que a transferência entrou?” Questiono quando acabamos e Anton acena.

“Sete milhões de euros, tal como acordado, com a outra metade para vir após a conclusão do trabalho. Vamos nos manter com cerveja e amendoins por um tempo.”

Sorrio secamente. Anton e dois outros membros da minha antiga equipe - os gêmeos Ivanov - se juntaram a mim há dois anos, depois que comecei a minha lista e me aproximei deles pedindo ajuda, prometendo torná-los ricos em troca de jogar comigo. Eles concordaram, tanto por amizade e porque estavam ficando cada vez mais desiludidos com o governo russo. Com a equipe no lugar, mudei de consultoria de segurança para um trabalho mais lucrativo e flexível, usando minhas conexões para conseguir trabalhos com altos salários para nós. Eu precisava do dinheiro para financiar a minha vingança e ficar à frente das autoridades e os caras precisavam de um novo desafio. Enquanto que eliminar as pessoas na minha lista tinha prioridade, realizamos uma série de trabalhos pagos ao longo do caminho e construímos a nossa reputação no submundo. Agora nos especializamos na eliminação de alvos difíceis em todo o mundo e somos pagos com enormes somas de dinheiro para trabalhos que todo mundo está com muito medo de fazer. Na maioria das vezes, os nossos clientes são perigosos, criminosos insanamente ricos e nossos alvos tendem a ser isso também, como Carlos Velazquez, chefe do Cartel Juarez.

No que diz respeito à minha equipe, não há muita diferença entre rastrear terroristas e matar senhores do crime. Ou em quem fica no nosso caminho. Todos já perderam a consciência e moralidade anos atrás.

“Vai sair?” Anton pergunta, fechando o laptop quando levanto e coloco o casaco. “Vai estar com ela à noite toda de novo?”

“Provavelmente.” Toco a jaqueta, certificando-me que as armas estão bem escondidas. “Possivelmente.”

Anton suspira e se levanta, deixando o laptop no sofá. “Você sabe que isso é loucura, certo? Se deseja ela tanto assim, só pegue-a e acabe com isso. Estou cansado desses grandes shows locais; os bandidos estúpidos nem sequer brigam. Se não tivermos outro trabalho verdadeiro antes do México, vou enlouquecer.”

“Você é sempre bem-vindo para agir por conta própria” Digo e seguro uma risada quando Anton me dá o dedo médio em resposta.

Mesmo se não fossemos amigos, ele não iria deixar a equipe. Minhas ligações são a razão por que temos todo esse negócio lucrativo. No processo de conseguir a lista, eu me aventurei profundamente no submundo do crime e conheci muitos dos jogadores principais. Tão hábeis quantos meus rapazes são, eles não seriam totalmente bem sucedidos sem mim e sabem disso.

“Divirta-se” Anton grita ao mesmo tempo em que ando para a saída e finjo que não ouvi quando murmura algo sobre stalkers obcecados e pobres mulheres torturadas.

Ele não entende por que estou fazendo isso com Sara e não vou explicar.

Especialmente quando eu mesmo não entendo.

O cheiro de dar água na boca dos frutos do mar amanteigados e alho torrado me cumprimenta quando entro em casa, minha bolsa pendurada casualmente sobre o ombro. Como eu esperava, mais uma vez, a mesa da sala de jantar está repleta com velas e uma garrafa de vinho branco repousa no balde de gelo. Só a comida é diferente hoje; parece que vamos comer linguine de frutos do mar para o prato principal, com lula e uma salada de tomate e mussarela para os aperitivos.

A cena não poderia ser mais perfeita se eu tentasse.

Aja normal. Fique calma. Ele não pode saber o que você está planejando.

“Noite italiana huh?” Digo quando Peter retorna do balcão da cozinha, onde estava cortando algo que se parece com manjerição. Meu coração está batendo de forma irregular no peito, mas consigo manter meu tom friamente sarcástico. “Como será amanhã? Japonês? Chinês?”

“Se você quiser” Ele responde, andando até a mesa para polvilhar o manjerição picado sobre a mussarela. “Embora eu seja menos familiarizado com essas cozinhas, de modo que teremos que encomendar.”

“Uh-huh.” Meu olhar cai para suas mãos quando ele limpa o resto do manjerição de seus dedos. Uma sensação de calafrios percorre sobre mim quando me lembro como aqueles dedos me tocaram com um prazer devastador, fazendo-me desvanecer em seus braços.

Não. Não vá lá.

Desesperada para me distrair, eu me concentro em sua roupa. Hoje, Peter está usando uma camisa de botão preta com as mangas arregaçadas e minha garganta fica seca com a visão de seu bronzeado, antebraços musculosos, o esquerdo coberto por tatuagens até o pulso. Homens tatuados normalmente não é minha coisa, mas as tatuagens entrelaçadas ficam bem nele, enfatizando o poder sob a pele polvilhada de cabelos.

Sempre fui atraída por antebraços fortes, masculinos e Peter tem os melhores que já vi. George tinha braços bonitos também, mas estavam longe de ser

poderosamente musculosos como estes.

Ugh pare. Desgosto queima na minha garganta enquanto percebo o que estou fazendo. Em nenhum momento eu deveria estar comparando o meu marido, um homem normal, pacífico, com um assassino cuja vida gira em torno da violência e vingança. Obviamente, Peter Sokolov está em perfeita forma; ele tem que estar para matar todas as pessoas e fugir das autoridades. Seu corpo é uma arma, afiada por anos de batalha, enquanto George era um jornalista, um escritor que passou a maior parte do seu tempo no computador.

Exceto... Se eu fosse acreditar em Peter, meu marido não era um jornalista. Era um espião operando no mesmo mundo sombrio que o monstro arrumando minha cozinha.

Rugas de tensão aparecem na minha testa e empurro todos os pensamentos da fraude do meu marido para longe, focando no resto da roupa do meu perseguidor: outro jeans escuro e meias pretas sem sapatos.

Por um segundo, isso me faz pensar se Peter tem alguma coisa contra o uso de sapatos, mas então me recordo que em algumas culturas, é considerado desrespeitoso e imundo usar sapatos dentro de casa.

Será assim na cultura russa e se for, o homem que me tortura nesta cozinha, de alguma maneira me respeita?

“Vá em frente, lave as mãos ou qualquer outra coisa que precise fazer” Ele diz, diminuindo as luzes antes de se sentar à mesa e tirar a rolha do vinho. “A comida está ficando fria.”

“Você não tem que esperar por mim” Falo, e vou ao banheiro lavar as mãos. Eu odeio quando ele age como se soubesse todos os meus hábitos, mas não estou prestes a comprometer a minha saúde para irritá-lo.

“Realmente quero dizer isso” Anuncio quando volto. “Você não tem que estar aqui. Você sabe, me alimentando, não faz parte dos seus deveres de perseguidor, certo?”

Peter sorri quando pego um assento em frente a ele e penduro a bolsa na parte de trás da minha cadeira. “Não é verdade?”

“Isso é o que todas as ofertas de trabalho de um caçador relatam.”

Pego um pedaço de tomate e mussarela com meu garfo e coloco no meu prato. Minha mão é constante, mostrando nada da ansiedade me rasgando por dentro. Quero agarrar a bolsa contra mim, mantê-la no meu colo e de fácil

acesso, mas se eu fizer isso, ele vai ficar desconfiado. Já estou tendo uma chance de pendurá-la na minha cadeira quando normalmente coloco descuidadamente no sofá da sala. Estou esperando que ele assuma isso ao fato de que vim direto para a sala de jantar em vez de fazer o meu desvio de costume para o sofá.

“Bem, se é isso o que dizem quem sou eu para discutir?” Peter enche uma taça de vinho para cada um antes de colocar um pouco da salada de mussarela em seu prato. “Não sou especialista.”

“Você não perseguiu outras mulheres antes?”

Ele corta um pedaço de mussarela, leva até a boca e mastiga lentamente. “Igual, não” Ele responde quando acha que está pronto.

“Oh?” Encontro-me com uma curiosidade mórbida. “Como você as perseguia?”

Ele me dá uma olhada. “Confie em mim, você não quer saber.”

Peter provavelmente está certo, mas desde que há uma chance de que não vou vê-lo depois de hoje, sinto uma vontade bizarra de descobrir mais sobre ele. “Não, eu realmente quero” Digo, recebendo um conforto da tira da bolsa roçando contra minhas costas. “Eu desejo saber. Conte-me.”

Ele hesita, depois fala: “A maioria dos meus trabalhos sempre foi matar homens, porém segui as mulheres como parte do meu trabalho também. Trabalhos distintos, mulheres e razões diferentes. Na Rússia, muitas vezes eram as esposas e namoradas dos homens que ameaçavam meu país; nós as seguíamos e questionávamos para localizar nossos alvos reais. Depois de um tempo, quando me tornei um fugitivo, segui um casal de mulheres como parte do meu trabalho para vários líderes do cartel, traficantes de armas e outros; geralmente era porque representavam uma ameaça de algum tipo, ou traíram os homens para quem trabalhei.”

A mordida de tomate que dei fica presa na a garganta. “Você só... As rastreava?”

“Nem sempre.” Ele espeta o linguine, serpenteia o garfo nele e leva uma parcela considerável da massa para seu prato sem derramar qualquer molho amanteigado. “Às vezes eu tinha que fazer mais.”

As pontas dos meus dedos estão começando a ficarem frias. Eu sei que deveria calar a boca, mas em vez disso, ouço-me perguntando: “O que você tinha que fazer?”

“Dependia da situação. Uma vez, meu alvo era uma enfermeira que vendeu o meu empregador - o traficante de armas que mencionei para você antes - para alguns clientes terroristas. Como resultado, sua então namorada foi raptada e ele quase foi morto ao resgatá-la. Foi uma situação horrível e quando encontrei a enfermeira, tive que recorrer a uma solução feia.” Ele faz uma pausa, os olhos cinzentos brilhando. “Quer que eu elabore?”

“Não, isso é...” alcanço o meu copo de vinho e tomo um grande gole.

"Tudo bem."

Ele balança a cabeça e começa a comer. Não tenho mais apetite, mas me forço a seguir o seu exemplo, colocar um pouco da massa no meu prato.

É delicioso, os frutos do mar e a massa perfeitamente preparados e revestidos no rico molho, mas eu mal consigo prová-lo. Estou morrendo para pegar minha bolsa e tirar o pequeno frasco de lá, mas para isso, preciso que Peter se distraia, desvie o olhar do seu copo de vinho por pelo menos vinte segundos. Pensei sobre o tempo no hospital, praticando com um frasco de água: cinco segundos para abrir o frasco, mais cinco para chegar do outro lado da mesa e derrubar o conteúdo do frasco no copo de vinho e mais três para me afastar e me recompor. Isso dá uns treze segundos, não vinte, mas Peter não pode suspeitar, por isso preciso do tempo extra.

“Então, me diga sobre o seu dia, Sara” Ele diz depois de a maior parte do linguine em seu prato ter desaparecido. Olhando para cima, ele me fita com um olhar de prata atento. “Qualquer coisa interessante aconteceu?”

Meu estômago contrai, enrolando ao redor do linguine que forcei na minha garganta. Peter não sabe sobre meu encontro com Joe, ou sabe? Meu algoz não disse nada, mas se em sua cabeça, essa coisa estranha entre nós é uma espécie de namoro, ele pode opor-se sobre eu conversar - e fazer planos – com outros homens.

“Hum, não.” Para meu alívio, minha voz soa relativamente normal.

Estou ficando melhor sob estresse extremo. “Quero dizer, veio uma mulher grávida com hemorragia e abortou os seus gêmeos e tivemos uma menina de quinze anos de idade, que entrou com uma gravidez planejada, ela sempre quis ser mãe, falou, mas isso não é interessante para você, tenho certeza.”

“Não é verdade.” Ele coloca o garfo e se recosta na cadeira. “Acho o seu trabalho fascinante.”

"Você acha?"

Ele concorda. "Você é uma médica, mas não apenas alguém que preserva a vida e cura doenças. Você traz vida a este mundo, Sara, ajudando as mulheres quando estão mais vulneráveis e mais bonitas."

Inalo, olhando para ele. Este homem - este assassino - não pode possivelmente entender, poderia? "Você acha... Que as mulheres grávidas são bonitas?"

"Não só as mulheres grávidas. Todo o processo é lindo" Ele fala e percebo que Peter entende. "Você não acha?" Ele pergunta enquanto continuo olhando para ele em choque e muda. "Como a vida surge, como um pequeno conjunto de células cresce e muda antes de emergir para o mundo? Não acha bonito, Sara? Milagroso, mesmo?"

Pego meu copo de vinho e tomo um gole antes de responder. "Sim."

Minha voz soa grossa quando finalmente consigo falar. "Claro que sim. Eu só não esperava que você achasse assim."

"Por quê?"

"Não é óbvio?" Coloco meu copo na mesa. "Você tira a vida. Fere as pessoas."

"Sim, eu faço" Ele concorda, sem piscar. "Mas isso só faz o meu apreço por ela mais forte. Quando você compreender a fragilidade do ser, a pura transitoriedade disso, quando ver como é fácil apagar algo fora da existência, você valoriza mais a vida, não menos."

"Por que você mata, então? Por que destruir algo que valoriza? Como você pode conciliar ser um assassino com..."

"Com achar a vida humana bonita? É fácil." Ele se inclina os olhos cinza escuro na luz bruxuleante das velas. "Você vê, a morte é parte da vida, Sara. Uma parte feia, com certeza, porém não tem nenhuma beleza sem feiura, assim como não existe felicidade sem tristeza. Vivemos em um mundo de contrastes, não absolutos. Nossas mentes são projetadas para comparar, para perceber as mudanças. Tudo o que somos tudo o que fazemos como seres humanos, conta com o fato básico de que X é diferente de Y-melhor, pior, mais quente, mais frio, mais escuro, mais claro, seja ela qual for, mas apenas em comparação. No vácuo, X tem nenhuma beleza, assim como Y não tem feiura. É o contraste entre eles que nos permite valorizar um sobre o outro, para fazer uma escolha e ter

felicidade dela.”

Minha garganta está inexplicavelmente apertada. “Então o quê?

Trazer alegria para o mundo com o seu trabalho? Deixar todos felizes?”

“Não, claro que não.” Peter pega o copo de vinho e roda o líquido dentro. “Não tenho ilusões sobre o que sou e o que realizo. Mas isso não significa que eu não compreendo a beleza em seu trabalho, Sara. Pode-se viver na escuridão e ver a luz do sol, é ainda mais brilhante dessa forma.”

“Eu...” Minhas mãos estão escorregadias com suor conforme pego meu copo de vinho e furtivamente alcanço a bolsa com a mão livre. Tão fascinante como é, tenho que agir antes que seja tarde demais. Não há garantia de que ele vai servir-se de um segundo copo. “Eu nunca pensei nisso dessa forma.”

“Não há razão por que você deveria.” Ele coloca o copo e sorri para mim. É o seu sorriso escuro e magnético, o que sempre envia abundância de calor para o meu sexo. “Você levou uma vida muito diferente, ptichka.

Uma vida mais suave.”

“Certo.” Minha respiração é superficial quando pego o meu copo e levo para os meus lábios. “Acho que sim, até que você apareceu nela.”

Sua expressão se torna sombria. “Isso é verdade. Por que vale a pena...”

Meu copo desliza dos meus dedos, o conteúdo derramando-se sobre a mesa na minha frente. “Oops.” Pulo, como se envergonhada. “Sinto muito sobre isso. Deixe-me...”

“Não, não, sente-se.” Ele se levanta, assim como eu esperava que fizesse. Embora ele esteja em minha casa, gosta de brincar de ser um bom anfitrião. “Vou cuidar disso.”

Peter dá só alguns passos para chegar à prateleira de toalha de papel sobre o balcão, mas isso é todo o tempo que preciso para abrir o frasco.

Seis, sete, oito, nove... Faço a contagem mental quando derramo o conteúdo em seu copo. Dez, onze, doze. Ele se vira para trás, toalhas de papel na mão e dou-lhe um sorriso tímido conforme afundo de volta na minha cadeira, o frasco de vidro vazio de volta na bolsa. Minhas costas estão encharcadas de suor frio e minhas mãos estão tremendo de adrenalina, porém a minha tarefa está feita.

Agora só preciso que ele beba o vinho.

“Aqui, deixe-me ajudar” Eu digo, pegando um guardanapo enquanto enxuga o vinho derramado sobre a mesa, mas ele me afasta.

“Está tudo bem, não se preocupe.” Ele carrega meu prato encharcado de vinho para o lixo e despeja os restos da minha massa, que poderia ter sido outra oportunidade, noto com um pensamento claro e, em seguida, retorna com um prato limpo.

“Obrigada” Eu agradeço, tentando soar grata em vez de alegre quando Peter troca o meu copo de vinho por um novo e me serve mais vinho antes de adicionar ao seu próprio copo. “Desculpe, sou muito desastrada.”

“Não se preocupe.” Ele olha friamente divertido quando se senta novamente. “Normalmente, você é muito graciosa. É uma das coisas que eu mais gosto sobre você: como precisos e controlados seus movimentos são. É por causa de sua formação médica? Mão firme para a cirurgia e tudo isso?”

Não fique nervosa. Faça o que fizer, não fique nervosa.

“Sim, é parte dela” Respondo, fazendo o meu melhor para manter o meu tom uniforme. “Eu também fiz balé quando era criança e minha professora foi uma defensora de precisão e boa técnica. Nossas mãos tinham que estar posicionadas assim, nossos pés virados desse jeito. Ela nos fazia praticar cada posição, cada passo até ficar completamente correto e se alguma vez escapava da boa forma, tínhamos que retornar e praticar tudo o que deu de errado outra vez, às vezes durava uma aula inteira.”

Ele pega o copo e roda o líquido dentro de novo. “Isso é interessante.

Sempre pensei que você parecia uma dançarina. Tem a postura e o tipo de corpo.”

“Eu tenho?” *Beba. Por favor, beba.*

Peter coloca o vidro para baixo e me fita com um olhar enigmático.

“Definitivamente. Mas você não dança mais, não é?”

“Não” Vamos lá, pegue o copo novamente. “Parei o balé quando comecei o ensino médio, embora praticasse um pouco de salsa na faculdade.”

“Por que você parou com o balé?” Sua mão se desloca para mais perto do copo, como se fosse pegá-lo novamente. “Imagino que era boa nisso.”

“Não boa o suficiente para realizá-lo profissionalmente, pelo menos não sem muito treinamento adicional. E meus pais não queriam isso para mim.” Minha

pulsação acelera em antecipação quando seus dedos se enrolam em torno da haste do copo. “O potencial de ganho de um dançarino são bastante limitados e a duração de sua carreira também. A maioria para de dançar aos vinte anos e precisa encontrar outra coisa para fazer com suas vidas.”

“Como é prático” Ele reflete, levantando o copo. “Será que isso importava para você ou seus pais?”

“Será que importava o quê?” Tento não olhar para o copo de vinho, quando paira algumas polegadas de seus lábios. *Vamos lá, só beba.*

“O potencial de ganho.” Peter roda o vinho de novo, parecendo extrair prazer da vista do líquido de cor clara circulando as paredes de vidro. “Você quer ser uma médica rica e bem sucedida?”

Eu me obrigo a olhar para longe do movimento hipnótico do vinho.

“Sim. Quem não?” A antecipação está me comendo viva, então me distraio pegando o meu próprio copo de vinho e tomando um grande gole. *Por favor, me imite inconscientemente e beba. Vamos, apenas tome alguns goles.*

“Eu não sei” Ele murmura. “Talvez uma menina que prefira ser uma bailarina ou uma cantora?”

Eu pisco brevemente distraída pelo fato dele não beber. “Uma cantora?” Por que ele disse isso? Ninguém mais além do meu conselheiro da sétima série conhece essa ambição particular.

Mesmo aos dez anos, eu sabia que não devia trazer a tona algo tão impraticável para os meus pais, especialmente depois que falaram suas opiniões sobre o balé.

“Você tem uma bela voz para cantar” Peter diz, ainda brincando com o copo de vinho. “É lógico que, em algum momento, você poderia ter considerado. E ao contrário de uma dançarina, uma carreira de cantora bem sucedida não tem que terminar mais cedo. Muitos cantores mais velhos são altamente respeitados.”

“Suponho que isso seja verdade.” Olho o copo de novo, minha frustração crescendo. É como se ele estivesse me torturando, ver quanto tempo tenho antes de rachar. Para domar a minha impaciência, tomo outro grande gole do meu próprio vinho e digo: “Como você sabe que tipo de voz eu tenho? Oh, espere, não importa. Seus dispositivos de escuta, certo?”

Ele balança a cabeça, nem um pouco arrependido. “Sim, muitas vezes você canta quando está sozinha.”

Engulo mais um pouco de vinho. Em qualquer outro momento, seu desprezo casual para minha privacidade me enlouqueceria, mas agora, toda a minha atenção é sobre o vinho estúpido. Por que Peter não está bebendo isso?

“Então, você realmente acha que tenho uma boa voz para cantar?”

Pergunto, em seguida, percebo que eu provavelmente deveria soar mais indignada. Em um tom mais amargo, acrescento “Desde que eu inadvertidamente cantei para você, pode me dar a sua opinião honesta.”

Seus olhos dobram nos cantos conforme ele abaixa o copo outra vez.

“Sua voz é bonita, ptichka. Já lhe disse isso e não tenho nenhuma razão para mentir.”

Oh meu Deus, apenas beba a porra do vinho! Para impedir-me de gritar isso em voz alta, respiro e coloco um sorriso bonito em meus lábios. “Sim, bem, você está tentando entrar em minha calça. Como qualquer mulher lhe diria, bajulação ajuda com isso.”

Ele sorri e pega o copo novamente. “Verdade. Só que tenho um sentimento que eu poderia bajulá-la a partir de agora ‘até a eternidade’ e não mudaria nada.”

“Você nunca sabe.” Eu mantenho o meu tom leve e sedutor, apesar do suor frio deslizando pela minha espinha. Se ele não está bebendo sozinho, tenho que forçar a mão.

Não podemos terminar este jantar até que Peter tome pelo menos alguns bons goles.

Levantando meu copo, sorrio mais amplo e falo: “Por que não vamos beber a isso? Para a vaidade das mulheres e você me bajulando?”

“Por que não, na verdade?” Ele levanta o copo e toca contra o meu.

“Para você, ptichka e sua voz linda.”

Cada um de nós leva os copos aos lábios, mas antes que eu possa tomar um gole, seus dedos afrouxam em torno da haste de seu copo.

“Oops” Ele murmura, com o copo para frente, derramando o vinho com a réplica exata da minha brincadeira antes. Seus olhos brilham sombriamente. “Minha culpa.”

Deixo de respirar, meu sangue cristaliza em minhas veias. “Você...

Você”

“Sabia que você adicionou um pouco de algo na minha bebida? Sim, claro.” Sua voz continua suave, mas agora posso discernir a nota letal dentro. “Acha que ninguém nunca tentou me envenenar antes?”

Meu pulso está acelerado, mas não posso me mover enquanto ele se levanta e circula ao redor da mesa, aproximando-se de mim com a graça elegante de um predador. Tudo o que posso fazer é olhar para ele, vendo a raiva latente naqueles olhos metálicos.

Ele vai me matar agora. Vai me matar por isso. “Eu não...” O terror é uma queimadura tóxica em minhas veias. “Não era...”

“Não?” Parando ao meu lado, ele enfia a mão na minha bolsa e pega o frasco vazio. Eu deveria correr, ou pelo menos tentar, mas não sou corajosa o bastante para provocá-lo ainda mais. Portanto, permaneço sentada, quase sem respirar quando ele leva o frasco ao nariz e cheira.

“Ah, sim” Ele fala, baixando a mão. “Um pouco de diazepam. Não conseguia sentir o cheiro no vinho, mas está claro.” Peter coloca o frasco sobre a mesa na minha frente. “Você tem isso no hospital, eu presumo?”

“Eu... Sim.” Não há nenhum ponto em negá-lo. A evidência está, literalmente, na minha frente.

“Hmm.” Ele encosta o quadril contra a mesa e olha para mim. “E o que você iria fazer quando tivesse me nocauteado, ptichka? Iria me entregar ao FBI?”

Eu concordo as palavras congeladas em minha garganta enquanto olho para ele. Com seu corpo grande pairando sobre mim, eu me sinto como o passarinho que ele me chama, pequeno e apavorado na sombra de um falcão.

Sua boca sensual torce em um sorriso falso. “Entendo. E acha que seria tão fácil? Apenas me nocautear e pronto?”

Eu pisco para ele, sem compreender.

“Você acha que não tenho um plano de contingência para isso?” Ele esclarece e vacilo quando levanta a mão. Mas tudo o que Peter faz é pegar uma mecha do meu cabelo e escovar as extremidades dele contra a minha mandíbula, o gesto afetuoso, porém cruelmente desdenhoso ao mesmo tempo. “Para você tentando me matar ou me incapacitar de alguma forma?”

“Você... Você tem?”

Suas pálpebras baixam seu olhar caindo para a minha boca. “Claro.”

As mechas do cabelo roçam sobre meus lábios, as extremidades fazem cócegas na pele sensível e o meu estômago contrai em uma bola dura quando ele diz em voz baixa “Neste exato momento, os meus homens estão monitorando sua casa e tudo no raio de dez quadras, bem como a pequena tela que exhibe os meus sinais vitais.” Seus olhos encontram os meus. “Quer adivinhar o que eles teriam feito se a minha pressão arterial caísse inesperadamente?”

Eu silenciosamente balanço a cabeça. Se os homens de Peter são parecidos com ele - e devem ser, para fazerem o que ele manda - eu prefiro não saber os detalhes do que evitei.

Seu sorriso assume uma borda escura. “Sim, isso é provavelmente sábio, ptichka. A ignorância é felicidade e tudo isso.”

Junto os pedaços da minha coragem. “O que você vai fazer comigo?”

“O que acha que eu vou fazer?” Ele inclina a cabeça, o sorriso escurecendo outra fração. “Punir você? Machucar você?”

Meu coração bate na minha garganta. “Você vai?”

Ele olha para mim por alguns longos momentos, seu sorriso escurecendo, depois balança a cabeça. “Não, Sara.” Há uma nota estranhamente cansada em sua voz. “Hoje não.”

Afastando-se da mesa, Peter começa a recolher os pratos e eu cedo na minha cadeira, aliviada, porém drenada de toda a esperança.

Se Peter não está mentindo sobre os seus homens e não tenho nenhuma razão para achar que está, estou ainda mais presa do que eu pensava.

Não deveria doer, descobrir que Sara quer se livrar de mim. Não devia parecer como lâminas de fogo cortando em meu peito. Qualquer pessoa na situação de Sara lutaria, é lógico e esperado.

Não deveria doer, mas dói e não importa o que digo a mim mesmo conforme levo Sara para o andar de cima, o monstro dentro de mim rosna e uiva, exigindo que eu faça exatamente o que ela temia e a puna por essa transgressão.

Quando chego ao quarto, não peço para tirar a roupa na minha frente de novo; Estou muito perto da borda para garantir o meu autocontrole. Já o testei muito durante o jantar, jogando junto com a sua inocente, ‘eu apenas não droguei seu vinho’ rotina. Eu soube o que ela fez imediatamente - derramar o vinho era muito fora do personagem para ela - mas queria ver o quão boa atriz era e assim continuei a conversar com ela, fingindo que era ignorante e crédulo, um idiota a ponto de cair em um dos mais antigos truques no livro.

“Você pode tomar um banho” Eu digo, apontando para o banheiro quando Sara para ao lado da cama, seu olhar correndo nervosamente da cama e para trás. “Estarei aqui quando voltar.”

Alívio brilha em seu rosto e ela desaparece no banheiro. Aproveito a oportunidade para descer e tomar um banho rápido em um dos outros banheiros.

Mesmo que tenha tomado banho depois do trabalho de hoje, quero estar mais limpo para ela.

Sara ainda está tomando banho quando retorno para o quarto, então dobro cuidadosamente as minhas roupas e deixo-as na penteadeira antes de ir para a cama. Eu me masturbei hoje mais cedo, porém meu desejo por Sara não diminuiu e sei que não vou ser capaz de jogar este jogo por muito mais tempo.

Vou pegá-la e fazê-la minha.

Se não hoje, então muito em breve.

O banho de Sara é longo, tão longo que sei que está usando como uma maneira de evitar-me, mas não me incomoda. Uso o tempo para esvaziar minha

mente e esfriar a raiva residual queimando dentro de mim.

No momento em que ela finalmente sai do banho, enrolada em uma toalha, tenho o monstro sob controle e posso sorrir para ela friamente.

“Venha” Eu chamo, dando um tapinha na cama ao meu lado. Estou tentando como o inferno não pensar sobre como lisa e macia sua buceta estava ontem, mas é impossível. Quero sentir a umidade enrolada no meu pau, quero ouvir seu gemido quando entrar nela. Provar sua boca macia e ver seus olhos castanhos irem de suaves a sem foco quando levá-la para o clímax, de novo e de novo.

Eu desejo Sara e não posso tê-la.

Ainda não, pelo menos.

Ela se aproxima incerta, cautelosa como uma gazela selvagem e graciosa. Eu quero agarrá-la e arrastá-la para a cama, mas permaneço quieto, deixá-la vir a mim por vontade própria. Dessa forma, posso fingir que ela não me odeia que me ver preso ou morto não lhe daria a maior alegria.

Dessa forma, imagino que algum dia, Sara pode escolher estar comigo.

“Tire a toalha e venha aqui” Ordeno quando ela faz uma pausa a meio metro de distância da cama, mas não se mexe as mãos segurando a toalha na frente de seu peito.

“Será que vamos dormir? Apenas dormir?” Ela pergunta com uma voz trêmula e confirmo, embora esteja dolorosamente duro só de vê-la. Se eu pudesse ter certeza de que manteria o controle todo, transaria com ela hoje à noite, ou pelo menos lhe daria outro orgasmo, porém o melhor que posso fazer é abraçá-la e me obrigar a dormir. Mesmo que seja tortura, mas vou suportar. Não vou forçá-la quando está me esperando para machucá-la; não importa o quão difícil é, não vou viver de acordo com seus medos.

“Só dormir” Eu prometo e espero que ela não consiga ouvir a intensa fome na minha voz. “Nós vamos só dormir.”

Sara hesita por um segundo, depois avança até a cama, deixando cair à toalha molhada no chão conforme desliza sob o cobertor. Tudo o que vejo é um flash de pele nua, mas é o suficiente para a luxúria me dar um soco no estômago. Preparo-me e puxo-a contra mim mordendo de volta um gemido quando sua bunda aninha contra a minha virilha, sua pele úmida e extra quente do longo banho. Tem uma bela bunda, minha pequena médica, arrebitada e bem torneada e meu pau pulsa com a necessidade de estar dentro dela, sentir aquelas

bochechas suave pressionando contra minhas bolas quando bater nela, fodendo-a novamente e novamente.

Fechando os olhos, inalo o doce aroma de seu xampu e me concentro em controlar a respiração. Depois de um tempo, sinto a tensão em seus músculos aliviando e sei que Sara está começando a relaxar, a acreditar que não vou atacá-la, apesar do pau duro que deve sentir pressionando contra ela.

Devagar e com calma, Digo a mim mesmo quando inspiro e expiro.

Controle e foco. A dor não significa nada. Desconforto não significa nada. É um mantra que ensinei a mim mesmo durante meu tempo em Camp Larko e é verdade. Dor, fome, sede, luxúria, são unicamente impulsos químicos e elétricos, um caminho para o cérebro se comunicar com o corpo. Ansia Sara não vai me matar, nem os seis meses que passei na solitária o fez quando eu tinha quatorze anos. A tortura do desejo insatisfeito é nada, comparada com o inferno de ser trancado em um quarto grande o suficiente para ser chamado de gaiola, sem ninguém para conversar e nada para fazer. Não é nada em comparação com a agonia de uma faca cortando o seu rim, ou um punho gigante quase arrancando seu olho.

Se eu sobrevivi à prisão juvenil na Sibéria, vou sobreviver a não ter Sara.

Só um pouco mais, pelo menos.

“E você, Sara?”

“Huh?” Olho por cima do meu prato para olhar fixamente para Marsha, que deve ter perguntado alguma coisa.

Andy revira os olhos. “Ela está na terra do nunca de novo. Deixa-a sozinha, Marsha.”

“Desculpe, só estou distraída” Falo, empurrando para trás uma mecha de cabelo que escapou do meu rabo de cavalo. Tenho certeza de que meu cabelo está uma bagunça torta hoje, mas eu continuo esquecendo de procurar um espelho para corrigi-lo. Em geral, tudo o que penso esta manhã é que quando eu for para casa hoje à noite, ele estará esperando por mim lá.

Peter Sokolov, o homem que não consigo escapar.

“Eu perguntei se você quer se juntar a mim e Tonya neste sábado”

Marsha diz, parecendo mais divertida que aborrecida. “Andy acabou de dizer que está dentro; ela vai sair com seu namorado em outro momento. E você, Sara?”

“Oh, desculpe, eu não posso” Digo, empurrando o prato. Corri das enfermeiras no refeitório enquanto agarrava um rápido café da manhã e me convenceram a me juntar a elas para uma refeição. “Prometi aos meus pais que eu vou visitá-los.”

Essa última parte é uma mentira, mas acho que é melhor do que explicar que não quero colocar os meus amigos no radar de certo assassino russo - ou quem ele tem me observando.

“Isso é muito ruim” Marsha fala. “Tonya vai nos levar de volta naquele clube. Você parecia gostar de lá, eu me lembro. Tonya diz que o bonito barman perguntou sobre você.”

Eu franzo a testa. “Ele perguntou?”

“Sim” Tonya confirma. “Ele disse algo estranho, embora. Pensou ter visto

um cara com você, agindo todo possessivo, como se fosse seu namorado ou algo assim. Eu falei que ele deve ter se enganado, porque você definitivamente saiu sozinha naquela noite. Certo? Você não tem um namorado secreto escondido em algum lugar, não é?”

Gelo escorre pela minha coluna, mesmo com o meu rosto ficando desconfortavelmente quente. "Não, definitivamente não."

“Sério?” Marsha diz, parecendo fascinada. “Então por que está corando? E agarrando seu garfo como se quisesse apunhalar alguém?”

Olho para a minha mão e vejo que ela está certa. Estou segurando o utensílio tão forte que meus dedos estão brancos. Relaxando os dedos, dou uma risada estranha e falo: “Desculpe. Estava bêbada naquela noite e estou um pouco envergonhada com isso. Acho que devo ter dançado com um cara qualquer e é isso que o seu amigo barman viu Tonya.”

Andy franze a testa. “É este cara qualquer a razão por que você correu de lá daquele jeito? Você parecia quase... Com medo.”

"O que? Não, eu estava apenas bêbada." Forço outra risada envergonhada. “Você sabe como é quando acha que vai vomitar a qualquer momento? Bem, eu estava assim naquela noite.”

“Ok” Tonya diz. “Vou dizer a Rick, esse é o nome do barman, que você está disponível. No caso de se juntar a nós no clube outra vez.”

“Oh, eu...” Meu rosto esquenta novamente. “Não, tudo bem. Não estou realmente pronta para encontros e...”

“Não se preocupe.” Tonya dá um tapinha na minha mão, seus dedos finos esfriam a minha pele. “Não vou dar-lhe o seu número ou qualquer coisa. Você pode manter sua mística de 'princesa em uma torre'. Só os torna mais interessados, se me perguntar.”

“O quê?” Eu fico pasma. "O que você quer dizer com isso?"

“Significa que você tem a coisa toda de intocável acontecendo” Andy diz com a boca cheia de ovos. “É difícil de descrever, mas é como se você passasse a vibração de princesa do gelo, só não é frio, você entende? Tipo como se Jackie-O^[14] e Princesa Diana decidissem visitar os pobres para trabalhar entre nós, gente comum, se isso faz sentido.”

“Não, não de verdade.” Eu franzo a testa para a menina ruiva. “Está dizendo que sou arrogante?”

“Não, não arrogante, apenas diferente” Marsha responde. “Andy não explicou bem. Você é apenas... Elegante. Talvez seja todo o balé que fez quando era mais jovem, mas parece que alguém te ensinou a fazer uma reverência e andar com um livro equilibrado em sua cabeça. Como qual garfo usar em um jantar formal e como fazer conversa fiada com o embaixador de qualquer lugar.”

“O quê?” Começo a rir. “Isso é ridículo. Quero dizer, George e eu fomos a alguns eventos sociais formais, mas era coisa dele, não minha. Se eu tivesse uma escolha, viveria em calças de ioga e tênis; você sabe Marsha.

Pelo amor de Deus, escuto Britney Spears e danço hip-hop e R & B.”

“Eu sei, querida, mas é somente a maneira como você parece, não do jeito que é” Marsha diz, pegando um pequeno espelho para reaplicar o batom vermelho. Passando o batom com uma mão treinada, ela coloca para longe o espelho e o batom e fala: “É uma coisa boa, confie em mim. Presta atenção em mim, por exemplo. Poderia tentar classificar tudo que eu quero, mas os homens me olham e decidem que sou fácil. Não importa o que uso ou como ajo, eles só vêem o meu cabelo, mamas, bunda e imaginam que coloco tudo para fora.”

“Isso é porque você coloca para fora” aponta Tonya com um sorriso.

Marsha bufa e empurra para trás seus cachos loiros. “Sim, mas isso não interessa. Meu ponto é ela” Marsha empurra o polegar para mim “Não pareceria fácil nem se tentasse. Qualquer homem que olhar para ela sabe - ele apenas sabe - vai ter que trabalhar por isso. Como jantares com os pais e anel sobre o dedo, esse tipo de trabalho.”

“Isso não é verdade” Eu nego. “Eu dormia com George muito tempo antes de nos casarmos.”

Andy revira os olhos. “Sim, mas quanto tempo você estava namorando antes de dormir com ele?”

“Há alguns meses” Respondo, franzindo a testa. “Mas eu tinha apenas dezoito anos e...”

“Veja? Há alguns meses” Tonya diz, dando uma cotovelada em Marsha. “E quanto tempo você o fez esperar?”

Marsha sorri. “Pelo menos algumas horas.”

“Bem, lá vai você” Andy fala. “E você quer saber por que esses idiotas não te ligam de novo. Minha mãe sempre disse: 'A maneira mais rápida de perder um cara é dormir com ele.' Sara tem razão: aja fria e distante, então quando você

sorrir para um homem, ele vai se apaixonar.”

“Oh, por favor.” Eu me ocupo com o resto do meu café da manhã. “É o século XXI. Acho que os homens sabem melhor do que...”

“Não” Marsha diz alegremente. “Eles não o fazem. Se algo vem fácil, eles não valorizam tanto. Eu sei disso e estou bem sendo uma menina de bom tempo. Na maioria das vezes, não quero aqueles idiotas me ligando e as vezes que eu desejo...” Ela suspira. “Bem, ele simplesmente não está destinado a ser, eu acho. Em todo caso, a vida é muito curta para desperdiçá-la de ser algo diferente do que você é. No momento em que começar a ter minha idade, você vai descobrir isso.”

“Uh-huh, com certeza.” Tonya enche a boca com o último bagel.

“Conte-nos mais, Oh antiga sábia.”

“Cale a boca” Marsha resmunga, jogando um guardanapo enrolado para ela. Ele atinge Andy, que imediatamente revida com um projétil de guardanapo de sua autoria, eu abaixo, rindo, quando o pequeno almoço se transforma em uma luta de guardanapo.

Não é até que estou andando para fora da cafeteria, ainda sorrindo sobre o que aconteceu que percebo que as enfermeiras não apenas aliviaram meu humor e me distraíram dos pensamentos de Peter.

Elas também me deram uma idéia.

O meu turno não termina até tarde da noite, mas ainda vou para a clínica depois. Fica aberta vinte e quatro horas e sempre precisam de mim.

Por fim, quero atrasar o fato de ir para casa por tanto tempo quanto puder.

A idéia entrando em minha cabeça faz câibras na minha barriga e a última coisa que eu quero é enfrentar o meu perseguidor.

Como de costume, eles estão felizes em me ver na clínica. Apesar da hora tardia, a sala de espera está cheia de mulheres de todas as idades, muitas acompanhadas por crianças chorando. Além de fornecer serviços de obstetrícia e ginecologia para mulheres de baixa renda, o pessoal da clínica muitas vezes trata seus filhos com doenças brandas – algo que os pacientes e os departamentos de ER próximos apreciam.

“Noite agitada?” Pergunto a Lydia a recepcionista de meia-idade e ela balança a cabeça, olhando aflita. Ela é uma dos dois únicos membros da equipe assalariados na clínica, todos os outros, incluindo todos os médicos e enfermeiros, são voluntários como eu. Isso torna um cronograma imprevisível, mas permite que a clínica forneça cuidados extras para a comunidade enquanto funciona somente com doações.

“Aqui” Lydia diz, empurrando a folha de inscrição na minha mão.

“Comece com os cinco nomes na parte inferior.”

Pego a folha e vou para o pequeno espaço que funciona como meu escritório / sala de exame. Coloco minhas coisas no chão, lavo as mãos, espirro um pouco de água fria no rosto e saio para a sala de espera para chamar o primeiro paciente.

Minhas três primeiras pacientes acabam sendo fácil - uma precisa de controle de natalidade, outra quer fazer o teste de doenças sexualmente transmissíveis, a terceira precisa de uma confirmação de gravidez – mas a quarta, uma moça bonita de dezessete anos de idade chamada Monica Jackson, se queixa de sangramento prolongado durante o período. Quando a examino, acho um rasgo vaginal e outros sinais de trauma sexual e quando pergunto a ela sobre isso, começa a chorar e admite que seu padrasto a estuprou.

Eu a acalmo recolho um kit de estupro, trato os ferimentos e dou-lhe o número de telefone de um abrigo para mulheres onde ela pode ficar se sentir insegura em casa. Eu também sugiro que ela entre em contato com a polícia, mas é inflexível sobre não apresentar acusações.

“Minha mãe me mataria” ela fala os olhos castanhos avermelhados e sem esperança. “Ela diz que ele é um bom provedor e temos sorte de tê-lo.

Ele tem antecedente, por isso, se eu contar alguma coisa, ele vai embora e vamos acabar na rua novamente. Não dou à mínima, prefiro fazer truques em um beco a viver com aquele idiota, mas meu irmão tem apenas cinco anos e vai acabar em um lar adotivo. Agora, cuido dele quando minha mãe não pode e não quero que ele fique longe de mim.”

Ela começa a chorar de novo e aperto sua mão pequena, meu coração dolorido com sua situação. Embora a papelada de Monica diga que ela tem dezessete anos, com seu corpo pequeno e bochechas redondas de bebê, parece mal ter idade suficiente para estar na escola. Muitas vezes vejo garotas como ela passando por aqui e isso me abala cada vez, sabendo que só há um tanto que eu

possa fazer para ajudar. Se ela estivesse sozinha, seria fácil tirá-la dessa situação, mas com o irmão mais novo no meio, o melhor que posso fazer é chamar o Serviço Tutelar e que pode levar à mesma coisa que minha paciente teme, ter seu irmão em um orfanato sem ela.

“Sinto muito, Monica” Digo, quando ela se acalma. “Ainda acho que ir à polícia é a melhor opção para você e seu irmão. Não tem ninguém mais a quem poderia recorrer? Um amigo da família? Um parente, talvez?”

A expressão da menina fica oca. “Não” Pulando para fora da mesa, ela puxa suas roupas. “Obrigada por me ver, Dra. Cobakis. Cuide-se.”

Ela caminha para fora da sala e olho para ela, querendo chorar. A menina está em uma situação impossível e não posso ajudá-la. Eu nunca pude ajudar garotas como ela. Exceto...

“Espere!” Pego minha bolsa e corro atrás dela. “Monica espere!”

“Ela já saiu” Lydia diz quando apareço na área de recepção. “O que aconteceu? Será que ela esqueceu algo?”

“Mais ou menos.” Eu não me incomodo em explicar. Apressando-me para a porta, saio e inspeciono a escura rua deserta. A pequena figura de Monica, de cabelos escuros já está no final do bloco, andando rápido, depois corro atrás dela, desesperada para fazer alguma coisa, pelo menos desta vez.

“Monica espere!”

Ela deve me ouvir, porque para e se vira.

“Dra. Cobakis?” Ela questiona em surpresa quando eu a alcanço.

Eu paro ofegante pelo esforço e remexo dentro da bolsa. “Quanto você precisa para sobreviver?” Eu pergunto, sem fôlego, puxando o talão de cheques e uma caneta.

“O que?” Ela me encara como se eu tivesse me transformado em um alienígena.

“Se você for para a polícia e eles levarem o seu padrasto embora, quanto você e sua mãe precisam para não acabar na rua?”

Ela pisca. “Nossa aluguel é de mil e duzentos por mês e a pensão por invalidez da minha mãe cobre cerca da metade. Se pudéssemos durar até este verão, eu conseguiria um emprego em tempo integral e tentaria, mas...”

“Ok espere.” Sustento o talão de cheques contra o lado de um edifício e escrevo um cheque de cinco mil dólares. Planejava usar esse dinheiro para enviar os meus pais em um cruzeiro de aniversário este verão, mas vou escolher um presente mais barato.

Meus pais não se importam, tenho certeza.

Rasgando o cheque, Entrego para a menina e digo: “Pegue isso e vá à polícia. Ele merece estar na cadeia.”

Seu queixo arredondado treme e por um momento, tenho medo que ela vai começar a chorar de novo. Mas aceita o cheque com os dedos trêmulos. “Eu... Nem sei como lhe agradecer. Isto é...” Sua jovem voz falha.

“É apenas...”

“Está tudo bem.” Coloco meu talão de cheques à distância e sorrio para a garota. “Vá descontá-lo e colocar o bastardo fora, ok? Prometa que vai fazer isso?”

“Eu prometo” A menina fala, colocando o cheque no bolso do jeans.

“Eu prometo, Dra. Cobakis. Obrigada. Muito obrigada.”

“Está bem. Vá agora. É tarde e você não deve sair sozinha.”

A menina hesita, em seguida, joga os braços em volta de mim em um abraço. “Obrigada” Ela sussurra novamente e depois se afasta, sua figura pequena balançando entre os postes antes de desaparecer de vista.

Fico lá até ela ir embora então me viro para voltar à clínica. Minha conta bancária sofreu um golpe sério, mas me sinto exultante como se eu tivesse ganhado na loteria. Pela primeira vez desde que comecei a trabalhar na clínica, eu realmente ajudei alguém e parece incrível.

O vento frio me atinge no rosto conforme começo a andar de volta e percebo que esqueci o meu casaco na clínica. Não importa, no entanto.

Estou brilhando com uma alegria interior que não é páreo para a noite fria de Março.

Não posso consertar minha própria vida, mas talvez tenha ajudado a corrigir a de Monica.

Estou a menos da metade de um quarteirão da clínica quando um lampejo de sombra à direita chama minha atenção. Meu coração palpita e adrenalina inunda

minhas veias quando dois homens com aparência de mendigos saem do espaço estreito do beco, entre duas casas, a luz da rua refletindo as lâminas cintilantes de suas facas.

“Sua bolsa” O mais alto emite, apontando a faca para mim e até mesmo a esta distância, sinto o cheiro nauseante de odor corporal, álcool e vômito. “Dê aqui, cadela. Agora.”

Agarro a bolsa antes mesmo de ele terminar de falar, porém meus dedos gelados estão desajeitados e a bolsa cai do meu ombro.

“Sua puta do caralho! Dê aqui, eu disse!” Ele sibila, cada vez mais agitado e noto que ele está em alguma coisa. Metanfetamina? Cocaína? De qualquer maneira, ele é instável e seu parceiro, que começou a rir como uma hiena, também deve estar.

Eu tenho que acalmá-los. Rapidamente.

“Espere, vou dar para você, eu juro.” Tremendo, eu me ajoelho para pegar a bolsa para que possa entregar a eles, mas antes que eu consiga levantar, um borrão de movimento atravessa na minha frente.

Ofegante, caio para trás, apoiada sobre as mãos conforme uma figura alta e sombria golpeia os ladrões, movendo-se com uma velocidade e agilidade que parecem quase sobre-humanas. Os três desaparecem no beco escuro e ouço dois gritos de pânico, seguidos por um estranho gorgolejo molhado. Logo após, algo metálico faz barulho na calçada. Duas vezes.

Oh Deus. Oh Deus, oh Deus, oh Deus.

Eu me arrasto para trás, mal percebendo o asfalto raspando a pele de minhas mãos quando meu salvador sai do beco e vejo os dois homens atrás dele se contorcerem como marionetes com suas cordas cortadas. Um líquido escuro se espalha para fora dos seus corpos e o cheiro de cobre do sangue enche o ar, misturando-se com algo ainda mais desagradável.

Ele os matou, percebo num estupor atordado. Ele simplesmente os matou.

A explosão de terror me injeta com adrenalina fresca e fico de pé rapidamente, um grito subindo na garganta. Mas antes que possa escapar, a figura escura vem na minha direção e a luz da rua ilumina seu rosto.

Seu rosto familiar, exótico e bonito.

“Eles machucaram você?” A voz de Peter Sokolov é tão ríspida quanto o seu

olhar cinzento e mais uma vez, encontro-me paralisada e aterrorizada, porém incapaz de me mexer uma polegada quando ele chega perto, as sobrancelhas grossas em uma carranca punitiva. É o rosto de um assassino, o rosto do monstro debaixo da máscara humana, mas tem algo mais lá também.

Algo quase como preocupação.

“Eu...” Não sei o que eu ia dizer por que no momento seguinte, encontro-me envolvida em seus braços, apertada com tanta força contra seu peito poderoso que não consigo respirar. O calor de seu corpo grande me cerca, me protegendo do vento frio e me fazendo perceber que estou gelada, congelada no interior. O horror do que testemunhei não se estabeleceu ainda, mas já estou começando a me sentir dormente, meus pensamentos dispersos e lentos enquanto o frio se enterra mais profundo em mim, anestesiando-me contra o trauma.

Choque, Eu diagnostico em piloto automático. Estou entrando em choque.

“Shhh, ptichka. Está tudo bem. Vai dar tudo certo.” A voz de Peter é baixa e calmante, seu abraço afrouxa até que está me segurando com uma ternura surpreendente e noto que o ofegante som que estou ouvindo está vindo de mim. Estou lutando para respirar, minha garganta fechada como se fosse um ataque de pânico.

Não, não como, *estou* tendo um ataque de pânico.

Ele deve reconhecer também, porque se afasta e olha para mim, seus olhos cinzentos se estreitam com preocupação. “Respire” Ele ordena as mãos apertando meus ombros. “Respire, Sara. Lenta e profundamente. É isso, ptichka. De novo. Respire...”

Sigo sua voz, deixando-o agir como meu terapeuta e, gradualmente, a sensação de asfixia diminui, minha respiração sai. Concentro-me nisso, em apenas respirar normalmente e não pensar, porque se eu pensar sobre o que aconteceu -se olhar à direita para o beco e ver os corpos fantoches - eu poderia desmaiar.

“Assim, muito bem.” Peter me puxa contra ele de novo, sua grande mão acariciando meu cabelo conforme pressiono meu rosto contra seu peito. “Você está bem, ptichka. Está tudo bem.”

Bem? Quero rir e gritar ao mesmo tempo. Em que mundo dois corpos em um beco é ‘bem?’ Estou tremendo agora, tanto por causa do vento frio e o choque e sei que estou na iminência de perdê-lo novamente. Não sou uma estranha para sangue e lesões e já vi a morte no hospital, porém a forma como esses dois

homens estão amassados, como se não fossem nada, como se fossem somente sacos de carne e ossos...

Paro antes que meus pensamentos possam desviar muito longe por esse caminho, mas minha garganta já se sente apertada de novo, meu tremor se intensificando.

“Shhh” Peter me acalma outra vez, me balançando suavemente para trás e para frente. Ele deve sentir o meu tremor. “Eles não podem te machucar. Acabou. Está tudo acabado. Venha, vamos para casa.”

Abro minha boca para protestar, para insistir em chamar a polícia ou uma ambulância ou alguém, mas antes que eu possa espremer uma única palavra, ele se abaixa e levanta-me em seus braços. Faz isso sem esforço, como se eu pesasse nada. Como se fosse normal transportar uma mulher lutando contra um ataque de pânico para longe da cena de um duplo homicídio.

Como se fizesse isso todos os dias, que pelo que sei, ele pode.

Finalmente encontro a voz. “Ponha-me no chão.” É um sussurro fino, oco, apenas um som, mas é melhor que nada. Minhas mãos conseguem se mover, empurrando seus ombros enquanto ele caminha pela rua. “Por favor. Eu - eu posso andar.”

“Está tudo bem.” Ele olha para baixo, seu olhar tranquilizador.

"Estamos quase lá."

“Quase onde?” Eu pergunto, mas então vejo o seu destino.

É um SUV preto estacionado na esquina a uma quadra de distância da minha clínica. Um homem alto com uma espessa barba negra está encostado ao lado dele e quando nos aproximamos Peter lhe diz algo em um idioma estrangeiro, a voz baixa e urgente.

O homem responde no mesmo idioma - provavelmente russo, percebo desorientadamente - e, em seguida, pega um smartphone elegante, tocando a tela com gestos rápidos e furiosos. Levantando-o ao ouvido, ele pronuncia mais russo conforme Peter abre a porta do carro e cuidadosamente me coloca no banco de trás.

Meu algoz não estava mentindo sobre ter uma equipe. Este homem deve ser um dos seus ajudantes.

“Estarei com você, ptichka” Peter murmura em inglês, tirando meu cabelo do

rosto com a mesma ternura bizarra, depois desiste e fecha a porta atrás dele, deixando-me sozinha no interior quente do carro.

Eu me sento quieta por alguns segundos, observando-o falar com o homem de barba e então entro em ação.

Arrastando por todo o banco de trás, agarro a maçaneta da porta no lado oposto de onde os dois homens estão de pé e empurro a porta aberta, quase caindo para fora do carro na minha pressa para fugir. Meus pensamentos e reações ainda estão lentos em estado de choque, mas já recuperei o bastante para compreender um fato muito importante.

Dois homens foram mortos na minha frente e se eu não fizer alguma coisa sobre isso, sou uma cúmplice nos seus assassinatos.

O vento frio me espeta e meus pulmões queimam quando corro para a clínica. Atrás de mim, escuto um grito, seguido por passos rápidos e sei que estão me perseguindo. Minha única esperança é entrar na clínica antes que me peguem. Como um homem procurado, Peter não deve estar disposto a se expor ao risco. Quando estiver a salvo lá dentro e recuperar o fôlego vou descobrir o que fazer, e qual a melhor forma de informar a polícia sobre o que aconteceu.

Estou a menos de cem metros longe do meu destino quando um braço forte enrola em volta da minha caixa torácica e uma forte mão tapa a minha boca, abafando meu grito. “Realmente gosta de mim para perseguir você, não é?” Uma voz familiar sussurra no meu ouvido e depois ouço um carro se aproximando.

Dobro os meus esforços para ficar livre, chutando as canelas de Peter e agarrando a mão sobre meu rosto, porém é inútil. Escuto uma porta de carro abrir e, em seguida, Peter está me colocando lá dentro, com muito menos cuidado neste momento.

“Yezhay” Ele grita para o motorista de barba e, portanto estamos acelerando para longe, deixando a clínica e a cena do crime para trás.

“Yan e Ilya estão cuidando de tudo” Anton me informa em russo quando conduz à direita para a rua que leva à casa de Sara. “Eles chegaram lá antes que alguém tropeçasse na cena.”

“Bom.” Olho para Sara, que está sentada ao meu lado no banco de trás, silenciosa e pálida. “Diga a eles para eliminar completamente os restos mortais. Não queremos que as partes do corpo aparecendo em qualquer lugar. Além disso, eles precisam trazer o carro de volta para sua casa.”

“Sim, eles sabem.” Anton encontra o meu olhar no espelho. “O que vai fazer com ela? Você de verdade a assustou.”

“Vou pensar em alguma coisa.”

Estou feliz que Sara não consegue entender o que estamos dizendo; caso contrário, estaria ainda mais horrorizada. Eu não deveria ter matado aqueles drogados na frente dela, mas estavam ameaçando-a com facas e me perdi. Tudo o que podia ver era o corpo de Tamila ali, quebrado e sangrando e o pensamento de que poderia ter sido Sara, que se eu não estivesse lá, um desses vagabundos poderia tê-la matado, fez meu sangue virar um vulcão. Nem me lembro de tomar uma decisão consciente. Agi puramente por instinto. Levou apenas alguns segundos para desarmá-los e cortar suas gargantas e pelo tempo que seus corpos bateram no chão, já era tarde demais.

Sara os viu morrer.

Ela me viu matá-los.

“Você pode pegar o turno de Ilya para o resto da noite?” Pergunto a Anton quando paramos na frente da casa de Sara. Com os grandes carvalhos sombreando a calçada e os vizinhos mais próximos a uma boa distância, o lugar é agradável e privado, ótimo em uma situação como esta.

É uma pena que ela esteja vendendo a casa. Comecei realmente a gostar dela.

“Não tem problema” Anton responde. “Estarei por perto. Vai ficar aqui até de manhã?”

“Sim.” Olho para Sara, que ainda está olhando para frente, aparentemente alheia à nossa chegada. “Eu vou ficar com ela.”

Segurando a mão de Sara, digo a ela em inglês “Estamos aqui, ptichka. Venha, vamos para casa.”

Seus dedos finos estão gelados na minha mão; ela ainda está em estado de choque. No entanto, quando ajudo a sair do carro, ela olha para mim e pergunta com voz rouca: “E sobre a clínica?”

“O quê sobre isso?”

“Eles vão querer saber o que aconteceu comigo.”

“Não, eles não vão.” Coloco a mão no meu bolso e retiro seu telefone, que peguei de sua bolsa durante a viagem. “Enviei-lhes isso.” Mostro-lhe a mensagem de texto sobre ter uma emergência no hospital.

“Oh.” Ela me dá um olhar perplexo. “Você mandou isso?”

Eu concordo, guardando o telefone de volta no bolso quando a levo para longe do carro. “Você estava um pouco fora de si durante o passeio.”

Isso é de verdade um eufemismo, depois que a arrastei para dentro do carro, Sara parou de lutar e tornou-se quase catatônica.

Ela pisca. “Mas... e os corpos?”

“Isso foi feito, também” eu asseguro. “Nada vai ligar você a essa cena. Está segura.”

Sara visivelmente estremece, então rapidamente conduz-a para dentro da casa, abrindo a porta com as chaves que tirei de sua bolsa antes.

Tenho minhas próprias chaves. Eu as fiz um mês atrás, quando voltei para ela, mas prefiro que ela não saiba disso. Se ela mudar as fechaduras de novo, vai ser chato passar pelo processo uma segunda vez.

“Aqui, sente-se” Eu peço, levando-a para o sofá. “Vou fazer um chá de camomila.”

“Não, eu...” Ela torce para fora do meu aperto. “Tenho que lavar as mãos.”

“Tudo bem.” Lembro que ela tem uma coisa sobre isso. “Vá em frente.”

Sara desaparece ao virar o corredor para o banheiro e ando até a pia da cozinha para me ensaboar bem. Tive o cuidado de me manter fora do jato de sangue quando cortei as gargantas daqueles homens, mas ainda encontro

algumas pequenas manchas vermelhas em meus braços.

Felizmente, Sara não as viu.

Lavo as mãos e antebraços, em seguida, ligo a chaleira elétrica.

Quando a água ferve, faço duas xícaras de chá e levo-as para a mesa. Sara ainda não voltou, então decido dar uma olhada nela.

Caminhando até o banheiro, bato na porta. "Tudo certo?"

Não há uma resposta, somente o som de água corrente. Preocupado, tento a maçaneta da porta, mas encontro-a bloqueada.

"Sara?"

Sem resposta.

"Sara, abra a porta."

Nada.

Respiro calmamente e digo com a voz mais suave, "Ptichka, sei que você está chateada, mas se não abrir a porta agora, não vou ter escolha, senão quebrá-la." Ou arrombar a fechadura, mas não falo isso. Quebrar a porta soa mais ameaçador.

A água é desligada, porém a porta permanece fechada.

"Sara. Estou contando até cinco. Um. Dois. Três..."

O bloqueio clica.

Aliviado, empurro a porta e percebo que estava certo em me preocupar. Sara está sentada no chão, com as costas contra a banheira e os joelhos até o peito. Ela não está fazendo um som, mas seu rosto está coberto de lágrimas e está tremendo.

Porra. Eu realmente não deveria ter matado eles na frente dela.

"Sara..." Eu me ajoelho ao seu lado e ela foge para o outro lado, longe de mim. Ignorando a reação dela, gentilmente seguro seu braço e puxo-a em meus braços. "Eu não vou te machucar, ptichka" Sussurro em seu cabelo quando sinto seu tremor intensificar. "Está segura comigo."

Um soluço sufocado escapa da sua garganta, depois outro e outro e, de repente, ela está agarrada a mim, os braços delgados dobrados em volta do meu pescoço enquanto começa a chorar forte. Esfrego suas costas em círculos suaves

conforme se sacode com soluços incontroláveis e ela me prende mais apertado, enterrando o rosto contra o meu pescoço. Sinto a umidade de suas lágrimas e me lembro daquela vez na cozinha, quando estava tentando acalmá-la após a tortura de afogamento. A memória me enoja. Não posso imaginar fazendo isso com ela agora, não posso imaginar magoá-la por qualquer motivo.

Sara não é só uma pessoa para mim agora, ela é o meu mundo e vou protegê-la de tudo e todos.

Demora muito tempo para seus soluços acalmarem, tanto tempo que minhas pernas estão rígidas quando finalmente levanto e coloco-a de pé.

“Venha” Murmuro, envolvendo um braço em torno de sua cintura enquanto levo para fora do banheiro. “Vamos beber um pouco de chá e levá-la para a cama. Você deve estar exausta.”

Ela funga e sussurra com voz rouca: “Chá não.”

“Ok, chá não. Nesse caso, vamos levá-la para dormir.” Eu me curvo para levantá-la em meus braços.

Ela não se opõe a mim levando-a, apenas deita a cabeça no meu ombro e coloca os braços ao redor do meu pescoço. Sua respiração ainda está entrecortada de todo o choro, mas está se acalmando. Isso me agrada, como a sua necessidade de estar agarrada a mim. Não sei se é o resultado do trauma, ou se estou finalmente desgastando a resistência dela, mas Sara me segurando desta forma, sem nenhum traço de medo ou desconfiança, enche meu peito com um tipo especial de calor, que diminui o vazio gelado em volta do meu coração.

Com Sara, estou voltando à vida novamente e quero mais desse sentimento.

Peter é gentil comigo no chuveiro, seu toque é terno e absurdamente platônico quando me lava da cabeça aos pés. Fico parada, é tudo de que sou capaz no momento - apenas em pé. Nada me incomoda agora, minha nudez e nem mesmo a dele. Agora que minha tempestade emocional passou, sinto-me vazia, uma névoa de exaustão desafiando todos os meus pensamentos e sentimentos. Estou além do desejo, além da ansiedade e do medo, tudo o que existe é culpa. Culpa terrível e esmagadora por saber que mais dois homens morreram por minha causa.

Eles morreram porque deixei um assassino entrar na minha vida e alimentei sua obsessão.

Está claro para mim agora, perfeitamente óbvio que não sei por que não vi antes. Sou tóxica, um perigo para todos ao meu redor. Hoje, as vítimas foram dois drogados; amanhã, pode ser um amigo ou minha família. Ninguém está a salvo perto de mim enquanto Peter me desejar, e tudo que fiz só alimentou sua obsessão.

Desde o início, joguei o jogo errado e dois homens pagaram por isso com suas vidas.

"Aqui, saia" Peter ordena e saio do chuveiro, deixando-o envolver uma toalha grossa em volta do meu corpo. Ele me seca, mais uma vez me tratando como uma criança e deixo, porque estou exausta demais para fazer qualquer outra coisa. Além disso, tudo aquilo - chorando em seus braços, agarrando-me a ele, fazendo com que cuide de mim - funciona bem para a nova estratégia que vou executar.

Já que Peter me deseja, vou permitir ele me tenha.

Não é uma estratégia particularmente fascinante, nem é de modo algum garantido que funcione. Pode até sair pela culatra. Mas neste momento, tenho pouco a perder. Tentei empurrá-lo e ele ainda está aqui, ainda uma ameaça. Então agora tenho que tentar algo diferente.

Tenho que fazer ele perder o interesse por mim.

Foi a conversa no café da manhã que me deu a ideia. Se as enfermeiras estiverem certas e emito algum tipo de vibração ‘princesa do gelo’, que intriga meu perseguidor? E se, recusando, eu o faço desejar mais?

A maneira mais rápida de perder um cara é dormir com ele. É um ditado estúpido, porém a mãe de Andy não é a única que acredita nisso. Ouvi essa frase dezenas de vezes, geralmente dos pais de adolescentes que engravidaram, porque suas famílias insistiam em ensinar-lhes os valores da abstinência em vez do controle da natalidade. É um estereótipo sexista antiquado sobre a dinâmica masculina / feminina, baseada na premissa insultante de que as mulheres são como papel higiênico, algo para ser usado uma vez e descartado.

Sempre zombava quando ouvia coisas assim, mas, ao mesmo tempo, sei que há homens que agem dessa maneira, que perseguem as mulheres até que as levam para a cama e logo perdem o interesse. Mas não é porque acham que as mulheres devem ser puras - pelo menos não normalmente. Eles apenas obtêm um prazer maior na perseguição. Gostam mais da antecipação do que da consumação e, quando conseguem, eles seguem em frente, procurando pastos mais frescos.

Não sei se o meu perseguidor se enquadra nessa categoria, mas é possível - provável, até. Ele é um homem incrivelmente bonito e, sem dúvida, está acostumado com mulheres que se apaixonam por seu perigoso apelo alfa. Nunca conheci ninguém como ele, mas já vi nuances dessa arrogância em atletas universitários populares, executivos de Wall Street e médicos cirurgiões em excesso. Homens assim - os que estão no topo da cadeia alimentar - percebem qualquer sinal de relutância como um desafio; intriga-os, torna-os mais inclinados a perseguir uma mulher.

Se esse é o caso - e estou desesperadamente esperando que seja - então a maneira mais fácil de me livrar de Peter Sokolov pode ser dar a ele exatamente o que deseja: Eu, disposta em sua cama. Por alguma razão, o assassino russo parece ter traçado a linha de estupro, preferindo apenas se forçar em minha vida, portanto cabe a mim dar a ele o sinal verde.

Se eu quiser que esse pesadelo termine, vou ter que fazer sexo com meu torturador.

"Vamos, deite-se" Peter pede quando chegamos à cama. Removendo a toalha do meu corpo, ele gentilmente me guia debaixo do cobertor. "Vai se sentir melhor de manhã, eu prometo." Mais uma vez, seu toque é platônico, quase clínico, mas sei que ele me quer. Noto o quanto está duro quando se mexe sob o

cobertor ao meu lado, sinto a tensão saindo dele enquanto apaga as luzes e me puxa para dentro do seu abraço, me enfiando no seu corpo grande e quente na posição familiar.

Ele me deseja, mas não vai transar comigo - não até eu dar o meu consentimento.

Fico imóvel por alguns instantes, tentando me convencer a fazer isso. No meu estômago parece que tem um guaxinim lutando com um hamster dentro e a exaustão é uma camada espessa e sufocante sobre o meu cérebro. Com meus olhos ardendo e a cabeça doendo de tanto chorar, a última coisa que quero é sexo, mas talvez seja por isso que eu deveria transar hoje à noite.

Talvez eu me sinta menos horrível se não gostar.

Preparando-me, mudo um pouco, mexendo minha bunda um centímetro mais perto da virilha de Peter. Ele enrijece, a respiração fica mais acentuada e repito a manobra, esfregando-a contra ele enquanto me movo para frente e para trás com o pretexto de ficar mais confortável. Com o braço denso e musculoso do outro lado da minha caixa torácica, tenho uma amplitude de movimento muito limitada, mas não importa. Nós dois estamos nus e o mais leve roçar de sua pele contra a minha é eletrizante, cheio de sensações que cada uma das minhas terminações nervosas está atenta. Não consigo ver nada na escuridão do quarto, mas posso sentir a textura dos pelos da perna dele na parte de trás das minhas coxas, sentir o cheiro masculino limpo dele e minha própria respiração acelera meu coração batendo furiosamente no peito enquanto seu pênis cresce ainda mais duro, pressionando contra a minha bunda como o cano de uma arma.

É isso aí, vamos lá. Ignorando a ansiedade apertando minha garganta, balanço os quadris um pouco mais. Não consigo me virar e abraçá-lo, mas talvez com um pouco de incentivo, o controle de Peter vai quebrar e ele vai me alcançar. Não vou me opor; Não farei nada para detê-lo. Vou deixar ele me foder, talvez até fingir que gosto um pouco, por isso não coloco um desafio a esse respeito. Vou apenas deitar aqui e aceitar e então tudo vai acabar.

Vou ser uma pessoa disposta, porém sem graça e Peter vai se cansar de mim.

Esse é o plano, pelo menos, mas conforme continuo me movendo, percebo que parte do meu esgotamento está desaparecendo, só para ser substituído por um sentimento quente e viscoso que se origina no fundo do meu núcleo. Com a escuridão velando tudo, é fácil fingir que nada disso é real, que estou tendo outro daqueles sonhos distorcidos.

"Sara ptichka..." Seu sussurro rouco soa tenso. "Se você quiser dormir, pode parar de se mexer."

Eu paro por um segundo, depois lentamente e deliberadamente me movo contra ele novamente. "E se..." Passo a língua nos lábios secos. "E se eu não quiser dormir?"

O corpo de Peter se transforma em pedra atrás de mim, seu braço apertando minhas costelas. Por um breve momento irracional, temo que possa recusar que apesar de todas as indicações, ele não me quer de verdade, mas então me vejo virando de costas, seu peso me pressionando enquanto a lâmpada da cabeceira acende.

Eu pisco momentaneamente cega pela luz e quando seu rosto entra em foco, vejo que seus olhos cinzentos estão estreitos, a mandíbula tensa enquanto se levanta com um cotovelo. Ele parece furioso e por um terrível segundo, imagino se interpretei mal tudo - se cometi um grande erro.

"Você está jogando comigo, Sara?" Sua voz é baixa e dura, o sotaque mais forte do que o habitual quando captura meus pulsos e os prende no travesseiro acima da minha cabeça com uma mão. "Tentando ver até onde pode me empurrar?"

Olho para ele, um formigamento sombrio rastejando sobre a minha pele. Isso é muito parecido com os meus sonhos, é estranho. E ao mesmo tempo, é diferente. Minha memória embaçada por drogas o havia pintado em traços duros e cruéis, mais monstruosos do que humanos, mas isso está errado. Não tem nada de monstruoso sobre o rosto lindo olhando para mim. Os sonhos subestimaram a potência de seu apelo magnético, omitindo a suavidade sensual de seus lábios, a linha forte e nobre de seu nariz, o modo como suas grossas sobrancelhas escuras se juntam sobre aqueles intensos olhos metálicos... Ele é maravilhoso, esse meu perseguidor aterrorizante.

E enquanto me deito aqui, presa sob seu corpo musculoso e quente, sinto o formigamento das trevas se intensificarem, transformando-se em algo perigoso e proibido. Meus mamilos enrijecem e uma onda de calor passa por mim, meus músculos internos apertando em uma onda de necessidade dolorida

Eu não quero esse homem. Não posso desejá-lo. No entanto, mesmo quando digo a mim mesma isso, sei que é uma mentira, uma falsidade nascida do pensamento positivo. Seja o que for que o atrai para mim funciona nos dois sentidos, a atração da conexão entre nós é tão forte quanto irracional. Eu o

quero. Mais do que isso, *preciso* dele. Meu corpo não se importa que Peter apenas tenha matado duas pessoas na minha frente, que eu o despreze com todo o meu ser. Seu toque não me repulsa; isso me excita, meu desejo é estimulado pela intimidade que ele me forçou nos últimos dias e pelo prazer distorcido que conheci em seu abraço.

Pela ternura perversa e antinatural que não tem lugar em nosso relacionamento violento.

Ele ainda está esperando pela minha resposta, os olhos se estreitam e sei que posso voltar atrás, fingir que foi um grande mal-entendido. Mas se eu fizer isso, ele continuará me perseguindo, minando minha resistência dia após dia até que eu desmorone e ao mesmo tempo, todos ao meu redor estarão em perigo.

"Sem jogos" sussurro no silêncio tenso. "Os preservativos estão na gaveta do criado mudo."

Ele inala os dedos apertando em volta dos meus pulsos, e vejo o exato momento em que processa o que estou dizendo. Suas narinas se alargam e suas pupilas dilatam, o olhar de fúria em seu rosto transforma-se em uma fome escura e desenfreada. Alcançando a gaveta com a mão livre, Peter pega um pacote de papel alumínio, abre-o com os dentes e enrola o preservativo em seu grande pênis protuberante.

Meu batimento cardíaco aumenta, ansiedade comprime minhas costelas, mas é tarde demais.

Abaixando a cabeça, Peter captura meus lábios com os dele.

Não sei por que, mas nunca esperei que ele me beijasse, colocasse a boca na minha e festejasse comigo como se estivesse morrendo de fome. Porque é assim que parece: como se ele estivesse me consumindo, absorvendo minha essência, meu próprio ser. Seus lábios e língua devastam minha boca, me devorando, tirando o ar dos meus pulmões. Sua mão livre toca o meu cabelo, me segurando ainda pelo beijo voraz e é tudo o que posso fazer para não derreter nos lençóis. Porque Peter não apenas toma; ele dá. Ele dá tanto prazer que estou sobrecarregada por isso, ultrapassada por seu gosto e aroma e sentidos.

Ele me beija até que eu esteja corada e queimando, até que mal consigo me lembrar de como é não beijá-lo, não inalar sua respiração quente e morna. Até que todos os pensamentos sobre quem e o que somos se foram e estou me arqueando contra ele, em necessidade, desesperada por mais de seu toque, desse prazer vertiginoso e ardente. Meus dedos formigam de seu aperto forte em meus pulsos e seu corpo é pesado em cima do meu, porém anseio mais.

Eu quero me perder em seu abraço impiedoso, dissolver nele e desaparecer.

Peter solta meus lábios para arrastar beijos sobre meu rosto e pescoço e engulo o ar, meu coração disparado e minha pele se despedaçando do prazer eletrizante. Com cada respiração, meus seios se esfregam contra o peito musculoso e a umidade escorre pela parte interna das coxas, meu corpo se prepara para ele, pois esse ato que eu não deveria querer, não deveria desejar com tanta intensidade violenta.

Respirando com dificuldade, ele levanta a cabeça e vejo uma fome respondendo em seu olhar prateado, uma necessidade sombria misturada com algo perturbadoramente possessivo. Sua mão solta meu cabelo e desce pelo meu corpo, envolvendo meu seio. "Sara..." Meu nome é uma exalação áspera em seus lábios enquanto o polegar roça meu mamilo dolorido. "Você é tão linda, ptichka... Tudo o que sonhei e muito mais."

Suas palavras fervorosas me atingem, enchendo-me de calor que desce ao meu âmago e dispara um alarme em minha cabeça. Isso parece muito com a consumação de um romance amoroso e quando seu joelho fica entre as minhas

coxas, a névoa sensual que me envolve eleva por um momento. Com uma pontada de clareza, analiso o que está acontecendo e o horror apaga meu desejo.

O que estou fazendo? Como posso estar gostando disso em qualquer nível? Uma coisa é manter estoicamente o toque de um monstro para o bem maior, mas na verdade desejá-lo – deixá-lo agir como se fôssemos amantes - é doentio, totalmente insano. Mesmo com os pulsos contidos, não adianta fingir que não estou disposta, que meu corpo não o almeja da maneira mais perversa.

A cabeça larga de seu pênis cutuca minha buceta e minha respiração fica curta, os músculos endurecendo em pânico súbito. Não posso fazer isso - não assim. É muito parecido com fazer amor. Peter ainda está olhando para mim, os olhos cinzentos cheios de calor e sei que tenho que dizer a ele para parar, acabar com isso...

Ele empurra para dentro de mim em um golpe forte e esqueço o que ia falar. Esqueço tudo, exceto a sensação brutal de seu pênis entrando em meu corpo. Sua rigidez intransigente força os tecidos internos tensos e apesar da minha excitação, sinto uma ardência quando ele pressiona mais fundo, ignorando a resistência dos músculos cerrados. Tem sido um longo tempo para mim e ele é grande, mais grosso e mais comprido que George. Meu coração bate violentamente em meu peito enquanto meu corpo cede com relutância à dura penetração e com uma mistura de desapontamento e amargo alívio, percebo que meus medos foram em vão.

Isso não é nada como fazer amor.

Quando Peter percebe, ele para, com os olhos brilhando de fome sombria e um tipo diferente de tensão invade meu corpo, banindo a última onda de excitação indesejada e endurecendo minha determinação. O fascínio sensual de sua aparência ainda está lá, mas agora vejo o monstro por trás do rosto bonito, o assassino que me torturou e rasgou minha vida. Não há mais qualquer incerteza no que estou sentindo, nenhuma ambivalência de qualquer tipo. Meu perseguidor, o homem que odeio, está violando meu corpo e estou feliz. Fico feliz porque sua crueldade dói menos que sua ternura, sua crueldade é menos assustadora que sua misericórdia.

Dando uma respiração estimulante, eu me preparo para suportar uma foda dura e áspera, mas ele não se move. Seu rosto está tenso de luxúria, seu corpo tão apreensivo que está vibrando com ele, mas Peter não empurra e observo que notou meu desconforto e está me dando um tempo para me ajustar.

À sua maneira, está tentando ser gentil - o que é a última coisa que quero.

Reunindo minha coragem, passo a língua sobre os lábios e vejo a fome em seus olhos se intensificar.

"Faça isso" Sussurro, flexionando os músculos internos. Eu posso senti-lo pulsando dentro de mim, duro, grosso e perigoso. "Apenas me foda."

Ele olha para mim e sinto sua luta, o monstro batalhando contra o homem. Não sou a única com emoções misturadas aqui. Há uma parte de Peter que também me odeia que vê em mim um lembrete de sua tragédia. Ele me deseja, mas também quer me machucar, para me fazer pagar pelo que aconteceu com sua esposa e filho. Ele pode não perceber isso, mas eu sei. Eu sinto. Nossa conexão foi forjada pela perda e dor, nossa intimidade nascida pela tortura. Não tem nada normal em sua atração por mim, é tão torcida quanto a minha resposta a ele.

Sua vingança é o que nos liga e nenhuma gentileza pode mudar esse fato.

Eu vejo o momento exato em que o monstro começa a vencer a batalha. A mandíbula de Peter aperta quando se retira parcialmente, depois mergulha de volta com um impulso forte. "É isso que você quer de mim?" Sua voz é baixa e áspera, os olhos cinzentos cheios de escuridão crescente. Ele flexiona os quadris e ofego quando vai mais fundo, apertando a mão em volta dos meus pulsos. "Diga-me, Sara. É isso que você quer?"

Ainda posso dizer não, deixe o homem conter a besta, mas escolhi o meu caminho e não estou recuando. Talvez este ato final de vingança seja o que nós dois precisamos, a punição exigida pela minha absolvição.

Talvez se Peter liberar sua escuridão em mim, nós dois poderemos finalmente ser livres.

"Sim" Sussurro e me preparo. "Isso é exatamente o que eu quero."

Eu não sei o que esperava, mas quando olho para os olhos castanhos de Sara e vejo o ódio lá, sinto minhas fantasias se dissolvendo, as mentiras com que me alimentei evaporando na dura luz da verdade. Seu corpo pode responder a mim, mas ainda sou seu inimigo e ela é a minha. Mesmo com sua buceta de seda apertando meu pau latejante, o desejo vibrando em meu sangue é tingido de violência, minha necessidade por ela mais sombria do que qualquer coisa que conheço.

Não quero apenas transar com ela. Eu quero quebrá-la, para realizar minha vingança em seu corpo delicado.

“Sara...” Eu garanto para o restante da minha sanidade, por algo para me segurar conforme uma maré vermelha descuidada desce sobre mim, o chicote vicioso da fome minando meu controle. "Você não sabe o que é..."

"Apenas faça isso" Ela sussurra de novo, segurando meu olhar desafiadoramente e o último fio da minha restrição se encaixa.

Com um gemido baixo e áspero, puxo para trás e empurro nela, mal registrando a maneira como sua buceta aperta em pânico, a resistência dos tecidos internos cedendo sob meu ataque. Ela está molhada, mas é apertada, quase tão pequena quanto uma virgem e mesmo em uma névoa de luxúria, percebo o que isso significa.

Ela não faz sexo há algum tempo - provavelmente não desde o marido.

O homem cuja arrogância matou meu filho.

Meu desejo se torna ainda mais sombrio, alimentado por uma onda de raiva agonizante e abaixo a cabeça, capturando a boca de Sara novamente. Só que desta vez não consigo me conter e o beijo é forte e selvagem, tão violento quanto às emoções me deixando em pedaços. A sensação deliciosa de Sara, o cheiro doce, a textura úmida e sedosa de sua boca - tudo me deixa louco e provo o cobre de seu sangue enquanto meus dentes afundam em seu lábio inferior, rasgando a pele macia. Isso deveria me parar, ou pelo menos me fazer parar, mas

em vez disso, apenas aumenta meu apetite. Eu preciso disso nela: sua dor, seu sofrimento. É como se um estranho assumisse o controle do meu corpo, torcendo meu desejo por ela em uma necessidade de punir, para fazê-la pagar pelos pecados do marido. Possuir Sara dessa maneira é tanto o céu quanto o inferno, o prazer violento de fodê-la misturando-se com o amargo conhecimento de que não cumpri minha promessa.

Estou machucando a mulher que eu queria curar, aquela que me faz sentir vivo.

Não sei se é essa percepção, ou as lágrimas que vejo em seu rosto quando levanto a cabeça, mas a onda de raiva começa a desaparecer, a neblina vermelha se dissipando mesmo quando meu desejo atinge um novo pico. Minhas bolas endurecem a tensão antes do orgasmo surgindo na base da minha espinha, mas me vejo dolorosamente consciente de seus pulsos graciosos ao meu alcance - e da rigidez aterrorizada de seu corpo enquanto eu violo sua pele sedosa.

Seus olhos se prendem aos meus e vejo dor nas profundezas castanhas, misturada com uma satisfação perversa. Estou facilitando para Sara, adicionando combustível ao fogo de seu ódio. Isso é o que ela esperava de mim o tempo todo, o que temia e desejava ao mesmo tempo.

Depois desta noite, eu nunca serei mais do que o homem que a machucou, que abusou dela da maneira mais cruel.

Não. Porra, não. Cerro os dentes e tento parar, lutando contra a crescente onda do orgasmo. Soltando seus pulsos, eu me retiro dela e desço pelo seu corpo, ignorando a agonizante dureza do meu pau. Estabelecendo-se entre suas coxas separadas, aperto seus joelhos e abaixo a cabeça.

"O que você está..." Ela fala aturdida, mas já estou lambendo sua buceta macia, passando a língua entre os lábios rosados e inchados. Sara está molhada, mas não tanto quanto eu gostaria, então resolvo remediar isso, usando todas as habilidades que aprendi nos meus 35 anos.

"Espere, Peter, não..." Ela se abaixa, tentando me empurrar para longe enquanto minha língua está em seu clitóris e quando isso falha, ela tenta fechar as pernas. "Isso não é..."

"Quieta." Uso meu aperto em seus joelhos para manter as coxas abertas. "Apenas deite-se e relaxe."

"Não, eu..." Ela engasga, apertando punhados do meu cabelo enquanto puxo

seu clitóris em minha boca. Começo a sugá-lo com movimentos fortes e rítmicos e a tensão nos músculos da perna diminui a respiração ficando audível em sua garganta. Consigo senti-la escorregadia debaixo da minha língua e aproveito sua distração movendo a mão direita até a sua buceta.

"É isso, ptichka, só relaxe..." Eu sopro ar frio em todo o clitóris e sou recompensado com um gemido suave antes de suas coxas ficarem tensas outra vez. Ela está tentando resistir, rejeitar o prazer, mas já tenho o cotovelo no lugar, impedindo-a de esmagar minha cabeça entre suas pernas. Sara está respirando com dificuldade agora, suas mãos segurando meu cabelo ao mesmo tempo em que continuo chupando seu clitóris e empurro dois dedos em sua buceta apertada e molhada, curvando-os dentro dela até que sinto a parede macia e esponjosa de seu ponto G. Sua buceta se contrai firmemente, tremendo em volta dos meus dedos e os quadris se arqueiam para fora da cama enquanto intensifico a sucção. Ela está perto, posso sentir isso. Meu coração está batendo forte no meu peito, minha respiração saindo rapidamente enquanto a dor nas minhas bolas fica insuportável, mas eu me contenho até ter certeza de que Sara está quase gozando. Portanto e só depois, cedo à minha própria necessidade.

Puxando os dedos para fora, eu me movo para cima, cobrindo-a com o meu corpo e alinhando meu pau contra sua buceta inchada.

"Goze comigo" Eu digo com voz rouca, encontrando seu olhar conforme eu penetro em um golpe forte e seu corpo me obedece, sua buceta firme e úmida me apertando, ordenando meu pau assim que o orgasmo me atinge. Seus belos olhos ficam suaves e desfocados, seu rosto se contorce de êxtase quando os dedos se cravam em meus ombros e ouço seu gemido abafado quando gozo. Parece que todos os músculos do meu corpo estão vibrando ao mesmo tempo, os pulmões funcionando como um fole enquanto o prazer explode através de mim em ondas escaldantes e quando desmorono em cima dela, eu sei o que é isso.

Nunca mais vou querer outra mulher.

Não sei quanto tempo leva até que os tremores diminuam, mas quando encontro forças para me apoiar nos cotovelos Sara se recupera o suficiente para perceber o que aconteceu e o horror se espalha pelo seu rosto. Como eu, ela está respirando com dificuldade, as bochechas coradas com brilho pós-orgasmo, mas não tem alegria em seus olhos, apenas o brilho das lágrimas.

Ela está se arrependendo disso, criticando a si mesma de novo e não suportarei isso.

"Não." Abaixo a cabeça para beijar suas bochechas enquanto as lágrimas se derramam, descendo pelas têmporas. "Não, ptichka. Não se sinta mal. Você não fez nada errado. Fui eu. Eu te machuquei, lembra? Não te dei escolha."

A respiração escapa de seus lábios enquanto beijo seu rosto e a sinto tremendo embaixo de mim, suas mãos torcendo nos lençóis conforme as lágrimas continuam caindo. Ainda estou dentro dela, meu pênis amolecido enterrado em seu corpo, mas Sara está tentando não me tocar, se enrolar em si mesma e rejeitar a conexão entre nós.

Eu desejava a sua dor e consegui - e está me rasgando por dentro.

Não sei o que fazer como acalmá-la, então continuo beijando-a, acariciando-a tão gentilmente quanto posso. A sede de vingança se foi e tudo o que resta é arrependimento. Mais uma vez, sou a causa do sofrimento de Sara e desta vez, é infinitamente pior. Desta vez, eu a conheço.

Eu a conheço e me importo.

Ela ainda está chorando quando me retiro dela e me levanto para descartar o preservativo no banheiro. Quando volto com uma toalha molhada, encontro-a enrolada de lado, com o cobertor puxado até o pescoço.

"Aqui, deixe-me limpar você" Eu murmuro, puxando o cobertor de seu corpo nu e quando ela não se opõe, passo a toalha sobre sua buceta macia, acalmando a pele dolorida e inchada e enxugando as evidências de seu desejo. Ela não está mais chorando, mas os olhos ainda estão molhados e no momento em que termino, ela se encolhe debaixo do cobertor, puxando-o sobre a cabeça.

Estou prestes a subir na cama com ela quando escuto a vibração do meu telefone na mesa de cabeceira, onde o deixei em caso de emergência.

Franzindo a testa, pego e olho para a tela.

Mudança de planos, diz a mensagem de Anton. Velazquez está se mudando para o complexo de Guadalajara em dois dias. É amanhã ou nunca.

Eu reprimo uma maldição, lutando contra o desejo de jogar o telefone do outro lado da sala. De todo o tempo de merda... Acabamos de elaborar toda a logística do plano e iríamos atacar em seis dias. Mas se a nossa meta é mudar de localização, voltaremos à estaca zero em termos de planejamento. Pode levar

várias semanas para avaliar o complexo de Velazquez em Guadalajara e nosso cliente, um traficante rival, já está ficando ansioso. Ele quer Velazquez morto há muito tempo e não vai aceitar gentilmente um atraso.

Anton está certo. Temos que agir agora.

Pegue o avião e deixe os suprimentos prontos, respondo. Partimos de manhã cedo.

Entendi, Anton responde. Suponho que você quer os americanos de olho nela?

Sim, eu respondo. Diga-lhes para ficarem perto da clínica.

A última vez que eu e minha equipe tivemos que sair do país em um trabalho, contratei alguns locais para cuidar de Sara em nossa ausência e me reportar sobre seus movimentos. Eles são altamente controlados e embora eu não confie neles tanto quanto no meu pessoal, até agora estou satisfeito com seus serviços.

Eles devem ser capazes de protegê-la enquanto eu estiver fora.

Configurando o alarme do meu telefone para tocar em quatro horas, entro debaixo do cobertor com Sara e a puxo para o meu abraço, curvando meu corpo ao redor do dela por trás. Ela enrijece, mas não se afasta e quando fecho os olhos, respirando seu cheiro, uma sensação de paz se instala em mim.

Nada está resolvido entre nós, mas por algum motivo, tenho certeza de que estará. Confiante de que faremos isso funcionar, o que quer que “isso” seja. É o único jeito, porque não consigo imaginar minha vida sem ela.

Sara é minha e eu morreria antes de libertá-la.

Um zumbido persistente me tira do sono profundo. Por um segundo, estou tão desorientada que acho que é de madrugada.

Virando de lado, cegamente tato pelo telefone vibrando. "Olá" Digo, agarrando-o da mesa de cabeceira sem abrir os olhos. Meus cílios parecem colados, a cabeça tão pesada que mal consigo tirar do travesseiro.

"Dra. Cobakis, temos uma paciente em trabalho de parto prematuro e o Dr. Tomlinson foi chamado para tratar de um problema de família. Você é a próxima na fila para estar de plantão. Pode estar aqui em breve?"

Eu me sento, um pico de adrenalina afugentando o pior da minha sonolência. "Um..." Pisco o sono fora dos meus olhos e percebo que a luz do sol está se infiltrando através das rachaduras nas cortinas. O despertador ao lado da cama indica 06: 45h - menos de uma hora antes de eu precisar me levantar para o trabalho de qualquer maneira. "Sim. Posso estar aí em cerca de uma hora."

"Obrigada. Nós veremos você em breve."

No segundo em que a coordenadora do agendamento desliga pulo da cama para correr para o chuveiro e paro incrédula, sentindo uma dor profunda lá dentro. Memórias da noite passada se precipitam, quentes e tóxicas e todos os vestígios da tontura desaparecem.

Fiz sexo com Peter Sokolov na noite passada.

Ele me machucou e gozei em seus braços.

Por um momento, esses dois fatos parecem irreconciliáveis, como uma tempestade de gelo em julho. Eu nunca gostei da dor - exatamente o oposto. Por duas vezes, George e eu exploramos isso, a palmada que ele deu me distraiu do orgasmo ao invés de me excitar. Não entendo como gozei depois de um sexo bastante violento, como encontrei prazer enquanto meu corpo se sentia rasgado e machucado.

E aquele orgasmo não foi o único. Meu torturador me acordou no meio da noite, deslizando para dentro de mim, os dedos habilmente provocando meu

clitóris e apesar de estar dolorida, gozei em poucos minutos, meu corpo respondendo a ele enquanto minha mente gritava em protesto. Depois, chorei de novo para dormir conforme Peter me segurava, acariciando minhas costas como se ele se importasse.

Não admira que eu me sinta grogue; Com todo o sexo e choro, só tive algumas horas de sono.

Engolindo a bola da vergonha em minha garganta, eu me obrigo a continuar me mexendo. Tenho que me arrumar e ir para o hospital. Não importa como me sinto agora, minha vida não terminou na noite passada. Eu não tenho ideia se fiz a coisa certa, encorajando Peter a transar comigo, mas o que está feito está feito e tenho que seguir em frente.

A boa notícia é que não preciso vê-lo novamente até hoje à noite.

Talvez até lá, a ideia de encará-lo não me faça querer morrer.

O dia voa em um borrão de trabalho e quando chego em casa, estou exausta e faminta. Estava muito ocupada que pulei o almoço e embora esteja com medo de mais uma noite com o meu perseguidor, tenho que admitir que estou ansiosa por sua comida.

Peter Sokolov pode ser um psicopata, mas é um excelente chef.

Para minha surpresa - e um pequeno desapontamento - nenhum cheiro delicioso me recebe quando entro na garagem. A casa está escura e vazia e eu sei, sem ir de sala em sala, que ele não está aqui. Eu sinto isso. Minha casa parece mais fria, menos vibrante, como se a energia escura que Peter Sokolov emite estivesse lhe dando uma espécie de vitalidade.

Ainda assim, eu chamo: "Olá? Peter?"

Nada.

"Você está aí?"

Nenhuma resposta.

Meu plano teria funcionado rapidamente? É possível que o sexo tenha satisfeito o desejo que meu perseguidor tem por mim?

Intrigada, vou até a geladeira e pego um jantar congelado e coloco no micro-ondas. É do tipo saudável, orgânico, macarrão tailandês e legumes com algum

tipo de molho não muito açucarado, porém ainda é jantar em uma caixa. Pena que é a única coisa que tenho energia para esta noite. Eu deveria ter pego alguma coisa na cafeteria do hospital, mas acho que meu inconsciente estava contando com comida em casa.

Balançando a cabeça com o ridículo de tudo isso, ligo o micro-ondas e vou lavar as mãos.

Meu torturador se foi e isso é bom.

Só preciso convencer meu estômago disso.

Peter ainda não está aqui quando acordo e embora eu tenha a vaga sensação de estar sendo observada enquanto dirijo para o trabalho, não consigo detectar ninguém me seguindo. A mesma coisa quando chego ao hospital e faço meu dia. Sou paranoica o suficiente para sentir os olhos em mim o tempo todo, mas a sensação não é tão intensa quanto costumava ser.

Se eu não soubesse que tenho um verdadeiro stalker, pensaria nisto neste momento.

Meus pais ligam quando estou na hora do almoço e me convidam para jantar na sexta-feira. Eu dou a eles uma resposta evasiva - também não quero expô-los a qualquer perigo - e depois ligo para a clínica.

"Ei, Lydia, como está indo?" Eu pergunto, tentando não parecer nervosa. "Como está tudo?"

"Oi, Dra. Cobakis." A voz da recepcionista fica contente demais. "Fico feliz que ligou. Tudo está indo bem. Não está muito ocupado por agora, mas provavelmente vai estar na parte da tarde. Você poderá vim de novo esta semana?"

"Sim, acho que sim. Lydia..." Hesito, sem saber como perguntar o que quero descobrir. Eu não vi nada nas notícias sobre os assassinatos, porém isso não significa que os corpos não foram encontrados. "Você não viu ou ouviu nada... incomum, não é?"

"Incomum?" Lydia soa confusa. "Como o quê?"

"Oh, nada em particular." Para dissipar qualquer suspeita, acrescento: "Eu estava apenas pensando sobre aquela paciente, Monica Jackson... Você não

ouviu falar dela, certo? A jovem garota de cabelos escuros que vi ontem?”

Para minha surpresa, Lydia fala: “Oh, aquilo. Sim, realmente. Ela apareceu há algumas horas e deixou uma mensagem para você. Algo como ‘obrigada e ele agora está atrás das grades’. Ela não explicou, só disse que você entenderia. Algo faz sentido para você?”

“Sim.” Apesar da minha tensão, um grande sorriso surge no meu rosto. “Sim, faz todo o sentido. Obrigada por me avisar. Vejo você no final desta semana.”

Desligo a ligação, ainda sorrindo e vou me preparar para a minha cesariana desta tarde.

Não tenho ideia de como Peter fez desaparecer a evidência de seu crime, mas fez e agora parece que alguma coisa boa saiu daquela noite horrível.

Pode não haver escapatória para mim, mas Monica está livre. Minha casa está novamente escura e vazia quando chego em casa à noite e enquanto me apronto para dormir, percebo uma melancolia peculiar. Ter Peter em minha casa é aterrorizante, porém ele ainda é uma presença humana. Agora estou sozinha de novo, como tenho estado nos últimos dois anos e o sentimento de solidão está mais intenso do que nunca, minha cama mais fria e vazia do que me lembro.

Talvez eu deva comprar um cachorro. Um bem grande, que eu iria estragar por deixá-lo dormir comigo. Dessa forma, teria alguém para me cumprimentar quando chegasse em casa e não sentiria falta de algo tão perverso quanto o assassino de meu marido me segurando à noite.

Sim, vou comprar um cachorro, decido, subindo na cama e puxando o cobertor sobre mim. Quando vender esta casa, vou alugar uma casa mais perto do hospital e me certificar de que seja bom para um cachorro - talvez perto de algum parque.

Um cachorro vai me dar o que eu preciso e poderei esquecer Peter Sokolov.

Isto é, supondo que ele se esqueceu de mim.

Na segunda-feira, estou quase convencida de que Peter partiu para sempre. No fim de semana, vasculhei minha casa de cima a baixo em um esforço para descobrir suas câmeras escondidas, porém ou elas sumiram ou estão escondidas de tal maneira que um leigo como eu não tem esperanças de encontrá-las. Como alternativa, pode ser que elas nunca estiveram lá e meu perseguidor sabia as coisas que conhecia de algum outro jeito. De qualquer forma, não há sinal dele, nenhum contato de qualquer tipo. Passei a maior parte do fim de semana na clínica e apesar de sentir os olhos em mim enquanto caminhava para o meu carro, poderia ser remanescente da minha paranóia.

Talvez meu pesadelo esteja finalmente acabado.

É bobo, mas o conhecimento de que mandei Peter embora com um pouco de sexo machuca. Eu esperava que, uma vez que deixasse de ser a inatingível ‘princesa do gelo’, ele me deixasse em paz, mas não esperava que os resultados fossem imediatos. Será que sou ruim na cama? Devo ser, se uma vez foi suficiente para Peter perceber que eu nunca viveria a fantasia que ele tinha em mente.

Depois de me perseguir por semanas, meu torturador me abandonou depois de apenas uma noite.

É uma coisa boa, claro. Não tem mais jantares, não há mais chuveiros onde sou tratada como uma criança. Não existem mais assassinos perigosos em volta de mim à noite, fodendo com minha cabeça e seduzindo meu corpo. Penso nos meus dias como fiz nos últimos meses, apenas me sinto mais forte, menos despedaçada por dentro. Confrontar a fonte dos meus pesadelos fez mais pelo meu bem-estar mental do que meses de terapia e não posso deixar de ser grata por isso.

Mesmo com a vergonha me roendo sempre que penso nos orgasmos que Peter me deu, me sinto melhor, mais parecida com o meu antigo eu.

"Então, me diga como você está, Sara" Diz o Dr. Evans quando finalmente o vejo depois de suas férias. Ele está bronzeado do sol, o rosto magro pela primeira vez brilhando de saúde. "Como foi a Open House?"

"Meu corretor de imóveis está recebendo algumas ofertas" Respondo, cruzando as pernas. Por alguma razão, hoje me sinto desconfortável neste escritório, como se não pertencesse mais aqui. Afastando o sentimento, explico: "As duas são mais baixas do que eu gostaria, por isso estamos tentando jogá-los um contra o outro."

"Ah, bom. Então, algum progresso nessa questão." Ele inclina a cabeça. "E talvez em outras também?"

Eu concordo não surpresa pela percepção do terapeuta. "Sim, minha paranóia está melhor e os pesadelos também. Consegui ligar a água da pia da cozinha no sábado."

"Sério?" Suas sobrancelhas se erguem. "Isso é maravilhoso de ouvir. Qualquer coisa em particular trouxe isto?"

Oh, você sabe, apenas ter o homem que me torturou e matou meu marido reaparecendo em minha vida.

"Eu não sei" Falo com um encolher de ombros. "Talvez seja à hora. Já faz quase sete meses."

"Sim" Diz o Dr. Evans gentilmente "Mas você deveria saber que isso não é nada na linha do tempo da dor humana e do TEPT[15]."

"Certo." Olho para minhas mãos e percebo uma marca estranha no polegar esquerdo. Talvez seja hora de procurar uma manicure. "Acho que tenho sorte, então."

"De fato."

Quando olho para cima, o Dr. Evans está me olhando com a mesma expressão pensativa. "Como está a sua vida social?" Ele pergunta e sinto um rubor ardente atingir o rosto.

"Eu entendo" Diz o Dr. Evans quando não respondo imediatamente. "Qualquer coisa que você gostaria de falar?"

"Não, é... Não é nada." Meu rosto queima ainda mais quando ele me dá um olhar incrédulo. Não posso contar a ele sobre Peter, então luto por algo plausível. "Quero dizer, saí com alguns colegas de trabalho há algumas semanas e me diverti muito..."

"Ah." Ele parece aceitar minha resposta pela sua expressão. "E como se sentiu tendo um bom tempo?"

“Isso me fez sentir... Ótima.” Imagino-me dançando no clube, deixando a batida da música percutir pelo meu corpo. “Isso me fez sentir viva.”

“Excelente.” Dr. Evans rabisca algumas notas. “E saiu de novo desde então?”

“Não, eu não tive a oportunidade.” É uma mentira - eu poderia ter saído com Marsha e as garotas no último sábado - mas não posso explicar ao terapeuta que estou tentando proteger meus amigos minimizando o contato com eles. O privilégio médico-paciente tem seus limites e a revelação de que estive em contato com um criminoso procurado - e que presenciei dois assassinatos na semana passada - poderia levar o Dr. Evans a ir à polícia e pôr em perigo a ambos.

Em geral, vir aqui hoje foi uma má ideia. Não posso falar sobre as coisas que realmente preciso discutir e ele não será capaz de me ajudar a superar meus sentimentos complicados sem entender a história completa. É por isso que estou me sentindo desconfortável, percebo, não posso mais deixar o Dr. Evans entrar.

Meu celular vibra na bolsa e eu ansiosamente me agito com a distração. Apanhando o telefone, vejo que é um texto do hospital.

“Por favor, desculpe-me” Eu digo, levantando e largando o telefone de volta na bolsa. “Uma paciente acaba de entrar em trabalho de parto prematuro e precisa da minha ajuda.”

“Claro.” Erguendo seu corpo magro, o Dr. Evans se levanta e aperta minha mão. “Nós vamos continuar na próxima semana. Como sempre, tem sido um prazer.”

“Obrigada. O mesmo para mim” Respondo e faço uma anotação mental para cancelar a consulta da próxima semana. “Tenha um dia maravilhoso.”

E saindo do consultório do terapeuta, corro para o hospital, grata pela imprevisibilidade do meu trabalho.

Não sei se foi à sessão com o Dr. Evans ou porque dormi melhor nos últimos dias, mas essa noite eu me vejo sonhando, afastando-me apenas para acordar, com o coração martelando de alguma ansiedade indefinida. O vazio da minha cama me irrita, minha solidão é um buraco doloroso no peito. Eu quero acreditar que estou sentindo falta de George, que são os braços dele que estou ansiando,

porém quando o sono inquieto me reclama, são olhos cinza de aço que invadem meus sonhos, não os castanhos suaves.

Nesses sonhos, estou dançando, atuando em frente ao meu torturador como uma bailarina profissional. Estou vestida como uma também, usando um vestido amarelo claro com asas duras e plumas nas costas. Enquanto giro e vôo pelo palco, me sinto mais leve que a névoa, mais graciosa que um fio de fumaça. Mas por dentro, queimo com a paixão. Meus movimentos vêm de dentro da minha alma, meu corpo falando através da dança com a crua honestidade da beleza.

Sinto sua falta, diz este plié. *Eu quero você*, aquela pirueta confirma. Falo com o meu corpo o que eu não consigo dizer através de palavras e ele me observa, seu rosto escuro e enigmático. Gotinhas vermelhas decoram suas mãos e eu sei sem questionar que é sangue, que ele tirou outra vida hoje. Isso deveria me enojar, mas tudo o que me importa é se ele me deseja, se sente o calor que me devora por dentro.

Por favor, imploro com meus movimentos, dobrando em um arco gracioso na frente dele. *Por favor, me dê isso. Preciso da verdade. Por favor, diga.*

Mas ele não fala nada. Ele só me observa e sei que não há nada que eu possa fazer, de jeito nenhum consigo convencê-lo. Então, danço mais perto, puxada por uma atração sombria e quando estou ao seu alcance, ele levanta os braços, suas mãos salpicadas de sangue fechando em volta dos meus ombros.

"Peter..." Eu balanço em direção a ele, aquele desejo terrível torcendo minhas entranhas, mas seus olhos estão frios, tão frios que queimam.

Ele não me deseja mais. Eu sei disso. Eu vejo.

Ainda assim, chego mais perto, minha mão levantando para tocar seu rosto duro. Eu quero ele - preciso dele - muito. Mas antes que eu possa tocá-lo, ele murmura: "Adeus, ptichka" e me empurra para longe.

Eu caio para trás, caindo do palco. Meu vestido flutua no ar por um breve segundo e depois minhas asas se encolhem quando bato no chão. Mesmo antes do choque do impacto reverberar pelo meu corpo, eu sei que é.

Meu corpo está quebrado e minha alma também.

"Peter" eu gemo com o meu último suspiro, mas é tarde demais.

Ele se foi para sempre.

Acordo com o rosto molhado de lágrimas e o coração pesado com a dor. É

escuro como breu no quarto e na escuridão, não importa que eu não possa racionalmente perder um homem que odeio. O sonho é bastante vívido em meus pensamentos que parece que eu realmente o perdi... Como se eu tivesse morrido pela rejeição em suas mãos. Eu sei que o que estou sofrendo devem ser minhas reais perdas - George e a vida que deveríamos ter - mas com minha cama vazia e o corpo dolorido por um abraço forte e quente, parece que sinto falta dele.

Peter.

O homem que tenho todos os motivos para desprezar.

Apertando os olhos fechados, giro em uma pequena bola debaixo do cobertor e abraço um travesseiro. Não preciso do Dr. Evans para me dizer que o que estou sentindo não pode ser real, na melhor das hipóteses, é uma versão bizarra da Síndrome de Estocolmo. Ninguém se apaixona pelo perseguidor, isso simplesmente não acontece. Eu nem conheço Peter Sokolov há muito tempo. Ele está na minha vida pelo quê? Uma semana? Duas? Os dias desde a saída do clube parecem anos, porém, na verdade, não passou tanto tempo assim.

Claro, Peter está em meus pesadelos há muito mais tempo.

Pela primeira vez, me permito realmente pensar em meu torturador - pensar nele como homem. Como ele foi com sua família? Deveria ser difícil imaginar um assassino implacável em um ambiente doméstico, mas, por algum motivo, não tenho problema em imaginá-lo brincando com uma criança ou fazendo o jantar com a esposa. Talvez seja a maneira gentil com que cuidou de mim, mas sinto que há algo dentro dele que transcende as coisas monstruosas que realizou algo vulnerável e profundamente humano.

Ele deve ter amado sua família, para se dedicar a vingança assim completamente.

As imagens em seu telefone estão gravadas na minha mente, fazendo meu peito comprimir de dor. Falsas informações é o que Peter culpou por essas atrocidades. É possível que George tenha sido o único a fornecer essa informação? Que meu marido bonito e pacífico, que adorava churrascos e ler o jornal na cama, fora de verdade um espião que cometera um erro bastante terrível? Parece inacreditável, mas deve haver uma razão pela qual Peter veio atrás de George, por que foi tão longe para matá-lo.

A menos que Peter cometesse um grande erro, George não era o que parecia.

Apertando o travesseiro, processo essa percepção, deixando o conhecimento se estabelecer completamente. Na última semana e meia, evitei pensar nas

revelações do meu perseguidor, mas não consigo mais afastar a verdade.

Entre a proteção do FBI que surgiu do nada e a crescente distância entre George e eu depois do nosso casamento, é inteiramente possível que meu marido tivesse me enganado - que mentiu para mim e para todos os outros por quase uma década.

Minha vida foi ainda mais ilusória do que eu achava.

Quando adormeço uma hora depois, é com o gosto amargo da traição na minha língua e uma nova determinação em minha cabeça.

Amanhã de manhã, vou aceitar uma das ofertas na minha casa. Preciso de um novo começo e vou conseguir. Talvez em um lugar novo, eu esqueça a duplicidade de George e ele.

Se Pete Sokolov se foi de vez, posso finalmente começar a viver.

Na quinta-feira, assinei os papéis e vendi a minha casa para um casal de advogados que estão se mudando de Chicago. Eles têm dois filhos na escola primária e um bebê a caminho e precisam de cinco quartos. Embora a oferta deles fosse de três por cento abaixo do valor do mercado e alguns dólares abaixo da outra oferta que recebi, fui conversar com os advogados, porque eles estão pagando em dinheiro e assim posso fechar a venda da casa rapidamente.

Se não houver problemas com a inspeção, vou me mudar em menos de três semanas.

Sentindo-me energizada, peço a outro médico para me cobrir na sexta-feira para que conseguir passar o dia à procura de apartamentos para alugar. Decido-me por um pequeno apartamento de um quarto a uma curta distância do hospital, em um condomínio que permite animais de estimação. É um pouco ultrapassado e o espaço do armário é quase inexistente, mas como estou planejando me livrar de tudo o que me recorda da minha antiga vida, não me incomodo.

Novo começo, aqui vou eu!

Minha excitação dura até a noite, quando chego em casa e sinto o vazio da casa outra vez. O meu jantar é outra caixa do congelador e apesar dos meus melhores esforços, não posso deixar de pensar em Peter, perguntando-me onde está e o que está fazendo. Ocorreu-me ontem que poderia haver outra razão pela qual ele se foi e o pensamento está me remoendo desde então.

As autoridades poderiam ter capturado ou matado Peter.

Eu não sei por que não pensei nesta possibilidade antes de ontem, porém agora não consigo tirar isso da minha cabeça. Obviamente, seria uma boa coisa, eu estaria realmente segura se ele estivesse morto ou em custódia, mas cada vez que penso sobre isso, meu peito fica apertado e pesado e algo bizarro como lágrimas surge nos meus olhos.

Não quero Peter Sokolov na minha vida, mas não suporto a ideia de vê-lo morto, tampouco.

É estúpido, muito estúpido. Sim, fizemos sexo naquela noite e ele me deu

orgasmos mais de uma vez, mas não sou uma adolescente inocente que acredita que dormir juntos significa amor eterno. O único sentimento entre nós além do ódio é a luxúria animal, uma atração do tipo mais básico que existe. Isso eu aceito, como médica, sei quão potente a biologia pode ser, depois de ter visto a evidência de pessoas inteligentes que fazem decisões idiotas no auge da paixão. É estranho que eu queira o assassino do meu marido em qualquer nível, mas temer pelo seu bem-estar é outra coisa.

Outra coisa bem mais louca.

Eu não sinto falta de Peter, Digo a mim mesma enquanto me viro e reviro na cama vazia. Seja qual for a solidão que estou sentindo é uma junção de muito estresse e pouco tempo com meus amigos e família. Uma vez que passe um pouco mais de tempo e que a ameaça de meu perseguidor tenha completamente desaparecido, vou sair com Marsha e as enfermeiras e talvez até mesmo considerar um encontro com Joe.

Ok, talvez não o último, recusei quando ele ligou alguns dias atrás e até agora não senti nenhum arrependimento, mas definitivamente vou sair para dançar novamente.

De uma forma ou de outra, a minha nova vida vai começar em breve.

Ela está dormindo quando entro no quarto, seu corpo esbelto enrolado em um cobertor da cabeça aos pés. Silenciosamente, acendo as luzes e paro minha respiração presa no peito. Durante as últimas duas semanas, enquanto estava me recuperando de uma facada que levei no México, eu me distrai a observá-la nas câmeras em sua casa e devorando relatórios dos americanos sobre suas atividades. Eu sei tudo que ela fez, todos com quem conversou todos os lugares que visitou. Isso deveria ter diminuído o sentimento de separação, mas vê-la assim, com o cabelo castanho brilhante espalhado pelo travesseiro, rouba o ar dos meus pulmões e envia uma pontada de desejo pelo meu corpo.

Minha Sara. Senti falta dela pra caralho.

Aproximo-me da cama, fechando as mãos em punhos para conter a necessidade de chegar perto dela, para agarrá-la e nunca deixá-la ir.

Duas semanas. Por duas incrivelmente longas semanas, não pude voltar para ela, porque não vi a faca escondida na bota de um guarda.

Estúpido da minha parte, eu estava lidando com outro guarda apontando um AR15 para mim, mas isso não é desculpa para o meu desleixo.

Estava distraído no trabalho e isso quase me custou à vida. Apenas mais um centímetro para a direita e eu teria ficado preso bem mais do que duas semanas. Talvez permanentemente.

“Que porra é essa, cara?” Ilya resmungou quando ele e seu irmão me remendaram depois que a missão acabou. “Ele quase pegou seu rim. Tem que prestar atenção à porra da sua volta.”

“É para isso que eu tenho vocês dois” Consegui dizer e então a perda de sangue levou a melhor sobre mim, me impedindo de explicar o motivo da minha distração. Talvez tenha sido mesmo o melhor. A verdade é que perdi a faca vindo na minha direção, porque, ao mesmo tempo em que estava olhando para o cano da AR15, eu não estava pensando na minha equipa ou na missão, mas em Sara e no meu medo de nunca vê-la novamente.

Minha obsessão por ela quase se tornou a minha ruína.

Sentando-me na beirada da cama, cuidadosamente retiro o cobertor de cima dela. Ela está dormindo nua, como sempre e luxúria ruge em minhas veias com a visão do seu corpo e das suas curvas graciosas. Ela não acorda apenas bufa como um gatinho descontente com a perda do seu cobertor e sinto algo suave rastejar no meu peito. Meu coração se enche de um brilho quente, mesmo quando meu pau endurece mais e a minha pulsação ganha ritmo.

Eu tenho que tê-la. Agora.

Levantando-me, rapidamente retiro as roupas e coloco-as sobre a cômoda, certificando-me que as armas estão bem escondidas. Os movimentos bruscos repuxam a cicatriz recente no meu estômago, mas quero tanto isso que quase não registro a dor. Colocando um preservativo, subo na cama com Sara e viro-a de costas, estabelecendo-me entre suas pernas.

Meu toque a acorda. Suas pálpebras se abrem, os olhos cor de avelã entram em pânico e ficam atordoados e sorrio à medida que agarro seus pulsos e fixo-os em cima de seus ombros. É um sorriso predatório, eu sei, mas não posso evitar.

Mesmo com a sensação de calor no peito, minha fome por ela é sombria, tanto violenta quanto consumidora.

“Olá, Ptichka” murmuro observando o choque dissipar-se em seus olhos quando vê claramente. “Desculpe, eu estive fora por muito tempo.

Mas não consigo evitar.”

“Você está... Você está de volta.” Seu peito sobe e descem em um ritmo desigual, os mamilos rosa, rígidos em seus seios deliciosamente redondos. “O que você está... Por que está de volta?”

“Porque nunca vou deixá-la.” Eu inclino-me e inalo o seu cheiro, delicado e quente, tão cativante como a própria Sara. Levemente mordiscando sua orelha, sussurro contra seu pescoço “Acha que eu simplesmente iria embora?”

Ela treme debaixo de mim, sua respiração acelerando e eu sei que se chegar entre suas pernas, vou encontrá-la quente e molhada, pronta para mim. Sara me deseja, ou pelo menos seu corpo sim e meu pau pulsa com este conhecimento, ansioso para enchê-la, para sentir o apertado e molhado abraço de sua buceta. Primeiro, porém, quero uma resposta à minha pergunta.

Levantando a cabeça, fixo-a com o meu olhar. “Você achou que fui embora, Sara?”

Seu rosto é uma máscara de confusão quando pisca para mim. “Bem, sim.

Quero dizer, você se foi e achei - eu esperava..." Ela pra, franzindo a testa. "Por que você partiu se não estava entediado comigo?"

"Entediado com você?" Será que ela não percebe que literalmente penso nela o tempo todo, mesmo no calor da batalha? Que não posso passar uma hora sem verificar o seu paradeiro ou uma noite sem vê-la em meus sonhos? Segurando seu olhar, eu lentamente abano a cabeça. "Não, Ptichka. Não fiquei entediado com você, nem nunca vou ficar."

Com o canto do meu olho, vejo seus dedos finos flexionarem e eu noto que ainda estou segurando seus pulsos ao lado dos ombros, meu aperto muito forte como se eu estivesse com medo que ela pudesse escapar.

Sara não iria, é claro - mesmo com a minha lesão recente, não é páreo para os meus reflexos ou força - mas eu gosto de tê-la assim, presa debaixo de mim, nua e indefesa. É parte dos meus fodidos sentimentos por ela, essa necessidade de dominar, de tê-la sempre à minha mercê.

"Não" Ela sussurra, mas sua língua desliza para fora para molhar os lábios rosa suave e a fome dentro de mim se intensifica minhas bolas endurecendo quando o sangue corre para a minha virilha. Há algo puro sobre ela, algo gentil e inocente nas linhas graciosas de seu rosto em forma de coração. É como se ela fosse intocada pela vida, não corrompida por toda a maldade que tenho que lidar diariamente. Isto faz com que as coisas que eu quero realizar com ela sejam muito mais sujas, muito mais erradas, porém mesmo assim eu sei que vou fazer todas elas.

Certo e errado nunca foi o meu forte.

Abaixando a cabeça, provo seus lábios, mantendo o meu beijo suave, apesar da rigidez dolorosa do meu pau. Mesmo com os impulsos sombrios me corroendo, não quero machucá-la hoje - não depois da última vez.

Ainda não consigo definir o que Sara significa para mim, mas sei que ela é minha para cuidar, minha para mimar e proteger. Não anseio que ela tema a dor a partir do meu toque - mesmo que às vezes eu queira fazê-la sofrer.

Não sei o que desejo dela, mas eu sei que é mais do que isso.

Ela é indiferente, a princípio, os lábios selados contra a sondagem da minha língua, mas continuo a beijá-la, e eventualmente, seus lábios amolecem, deixando-me entrar no calor da sua boca. Sara tem um gosto delicioso, como um toque de creme dental mentolado e ela mesma e não reprimo um gemido quando a cabeça do meu pau escova contra sua coxa.

Eu quero estar dentro dela, sentir sua parede quente e lisa, apertando-me com força, mas resisto à tentação, com foco em seduzi-la, em dar-lhe tanto prazer que vai esquecer a dor que eu lhe causei.

Eu não sei por quantos minutos provoco e acaricio os seus lábios, mas depois de um tempo, sinto o toque de sua língua. Ela está respondendo, me beijando de volta e quando seu corpo amolece debaixo de mim, meus batimentos cardíacos disparam, a necessidade de tê-la batendo no meu peito. Respirando com dificuldade, movo-me de seus lábios para a pele macia de seu pescoço, em seguida, para a sua clavícula e para a suavidade de seus seios. Sara geme quando meus lábios se aproximam do seu mamilo e sinto ela se arquear debaixo de mim, os quadris levantando-se da cama para pressionar sua buceta contra mim.

Gemendo baixo na minha garganta, mudo a atenção para o outro seio, chupando-o até que os gemidos de Sara aumentam e ela está se contorcendo debaixo de mim, com as mãos flexionando convulsivamente enquanto seguro seus pulsos. Quando levanto a cabeça, vejo que seu rosto está vermelho, com os olhos bem fechados e a cabeça inclinada para trás em um sensual abandono.

Está na hora. Foda-se, já passou da hora.

Libertando seu mamilo, subo pelo seu corpo, alinhando meu pau duro contra a sua buceta.

“Você quer isso?” Eu pergunto com a voz rouca enquanto as suas pálpebras se abrem, revelando olhos nebulosos de desejo. “Diga-me que deseja isso, ptichka. Diga-me que sentiu a minha falta enquanto estive fora.”

Os lábios de Sara abrem-se, mas não surgem palavras e eu sei que não está pronta para admitir, para aceitar a conexão que existe entre nós.

Posso ter seu corpo, mas eu vou ter que lutar muito mais pela sua mente e coração. E eu vou, porque é o que preciso dela, compreendo, quero que Sara seja completamente minha, me queira e precise de mim tanto quanto eu preciso dela.

Abaixando a cabeça, beijo seus lábios outra vez, depois solto um de seus pulsos para poder guiar meu pau em sua buceta quente e escorregadia. Ela ainda é incrivelmente apertada, mas desta vez, consigo ir devagar, trabalhando centímetro por centímetro até que estou enterrado até o seu limite. Ela agarra o meu lado com a mão livre, as unhas delicadas cavando minha pele conforme arfa contra meu ouvido e sinto suas paredes internas flexionar á medida que começo a mover-me dentro dela, deslizando para dentro e para fora em um ritmo lento e deliberado. Meu desejo está a um passo de explodir e tudo o que faço é manter

os golpes constantes, moendo contra seu clitóris cada vez que bato dentro dela.

“Sim, é isso” Eu gemo, sentindo seus músculos se contraírem enquanto sua respiração acelera. “Goze para mim, ptichka. Deixe-me sentir você gozar.”

Ela grita á medida que pego o meu ritmo e seguro seu quadril, apertando a pele firme do seu traseiro conforme impulsiono dentro dela, fodendo-a com tanta força que a cama range debaixo de nós. Não posso ter o suficiente dela, de sua suavidade sedosa e aroma doce e me aprofundo mais em seu corpo, querendo fundir-me com ela, afundar-me tão profundamente dentro dela que ficaria permanentemente gravado dentro de seu corpo.

Seus gritos ficam mais alto, mais frenéticos e sinto a sua buceta apertando, os quadris saindo da cama enquanto atinge o ápice. Suas contrações são a última gota, com um grito rouco, eu explodo, moendo minha pélvis contra a dela à medida que o meu pau empurra e pulsa em libertação, inundando o preservativo com o meu gozo.

Ofegante, saio de cima dela e a trago contra mim, segurando-a com força conforme a nossa respiração fica mais lenta. Com a minha fome saciada, tomo consciência da pulsação maçante na cicatrização da ferida no meu abdômen. Os médicos me avisaram para ter calma por algumas semanas, mas esqueci sobre isso, muito consumido por Sara e pelo prazer incandescente de possuí-la.

Depois de um minuto, eu me levanto para me livrar do preservativo e quando volto, Sara está sentada na cama, sua forma esbelta enrolada em um cobertor como da última vez. Só que hoje, não existem lágrimas, seus olhos estão secos, o seu olhar desafiante fixo no meu rosto à medida que atravesso o quarto.

Talvez ela esteja começando a aceitar a realidade entre nós, a entender que não há vergonha em me desejar.

“Por que você está de volta?” Ela pergunta quando eu me sento ao seu lado e ouço a aflição por trás da sua bravata.

Eu estava errado. Sara ainda está longe de me aceitar.

Levantando a mão, enfio um fio brilhante de seu cabelo atrás da orelha. Com o cobertor envolto nela e seus cachos castanhos em desordem, a minha linda médica parece jovem e vulnerável, mais menina do que mulher. Vê-la assim me faz querer proteger, abrigá-la da crueldade do meu mundo.

Pena que eu pertenço a esse mundo e talvez até seja o mais cruel de todos eles.

“Eu nunca parti” Respondo, abaixando a mão. “Pelo menos não tive intenção de partir - não por tanto tempo. Tinha um trabalho a cumprir, mas ia demorar só um dia ou dois.”

“Um trabalho?” Ela pisca para mim. “Que tipo de trabalho?”

Considero não dizer a ela, ou pelo menos polir as partes mais duras do meu trabalho, mas decido contra isso. A opinião de Sara sobre mim não pode ficar muito pior, então ela pode muito bem saber a verdade completa.

“Minha equipe está encarregada de realizar determinadas missões”

Digo com cuidado, observando a reação dela. “Trabalhos que poucos podem lidar com o mesmo nível de habilidade e discrição. Nossos clientes geralmente operam nas sombras, assim como os alvos que somos pagos para eliminar.”

O rubor pós-sexo em suas bochechas desaparece, deixando seu rosto nitidamente pálido. “Você é um assassino? Sua equipe é contratada para...

Matar pessoas?”

Eu concordo. “Não é qualquer um, mas sim. Nossos alvos tendem a ser bastante perigosos, muitas vezes com vários níveis de segurança que temos que penetrar. É assim que eu acabei com isso.” Aponto para a cicatriz fresca na minha barriga e vejo seus olhos se arregalarem conforme ela a nota pela primeira vez, duvido que Sara deu uma conferida em mim enquanto estava transando com ela.

“Como isso aconteceu?” Ela pergunta, olhando para cima do meu estômago. Seu rosto está ainda mais pálido agora, sua pele de porcelana assumindo um tom esverdeado. “Isso é uma ferida de faca?”

“Sim. Quanto ao como, foi um momento de distração da minha parte.” Ainda me irrita o fato de não ter visto o guarda atrás de mim pegar a sua faca, enquanto eu estava lidando com seu parceiro de arma em punho. “Eu deveria ter sido mais cuidadoso.”

Ela engole e observa a minha cicatriz de novo. “Se é perigoso, por que você faz isso?” Ela questiona depois de um momento, os olhos voltando para o meu rosto.

“Porque andar escondido das autoridades não é barato” Eu digo. Até agora, Sara esta aceitando a minha revelação melhor do que eu esperava, embora ache que ao ver-me matar aqueles dois drogados ajudou a prepará-la para algo assim. “O trabalho paga muito bem e é bem adequado para o meu conjunto de

habilidades. Eu costumava trabalhar para alguns de nossos clientes antes, mas ter o meu próprio negócio é melhor. Tenho mais liberdade e flexibilidade, algo que se tornou importante para mim desde que tive a minha lista.”

Seus lábios pressionam. “A lista que o meu marido estava?”

“Sim.”

Seu olhar cai para seu colo, mas não antes de eu vislumbrar um lampejo de raiva nas profundezas dos seus olhos castanhos. Incomoda-lhe que não sinto nenhum remorso sobre isso, mas também não quero fingir.

Aquele ublyudok – aquele marido bastardo dela – merecia uma morte muito pior do que recebeu e a única coisa que me arrependo é que ele era um vegetal quando o encontrei. Isso e o fato de que, por um breve instante, hesitei antes de puxar o gatilho.

Eu hesitei, porque pensei em Sara, em vez de pensar na minha falecida esposa e filho.

A lembrança me enche de sentimentos familiares como raiva e dor e me esforço para respirar lenta e profundamente. Se eu não estivesse me sentindo relaxado depois de ter transando com ela, seria quase impossível conter a agonia inundando meu peito, mas desta forma, sou capaz de me controlar, mesmo quando Sara se desculpa e levanta para ir ao banheiro, ainda envolta no cobertor.

Ela está me dando o tratamento silencioso, mas não me incomoda. Já passa da meia-noite e haverá tempo de sobra para conversar amanhã.

Deitando-me sobre a cama, espero Sara retornar. Talvez tenha sido melhor ela ter escolhido encurtar a nossa pequena conversa. Embora eu mal tenha me esforçado hoje, me sinto bastante cansado como após uma missão. Meu corpo ainda está em modo de recuperação, um fato que me frustra. Odeio quando não estou em forma, pronto para a batalha.

Fraqueza de qualquer tipo me faz sentir impaciente e instável.

Sara leva o seu tempo no banheiro, mas, eventualmente, reaparece e se deita ao meu lado, nitidamente não compartilhando o seu cobertor comigo. Tanto irritado quanto divertido, puxo o cobertor de cima dela e o organizo sobre nós dois, por fim tenho-a onde ela pertence, nos meus braços, com sua pequena bunda arrebitada pressionando contra a minha virilha.

“Boa noite” murmuro, beijando a parte de trás do seu pescoço e quando Sara não responde, fecho os olhos, ignorando os espasmos do meu pau endurecido.

Tanto quanto eu gostaria de transar com ela outra vez, preciso de descanso e ela também.

Posso ser paciente. Afinal de contas, vou tê-la de novo amanhã e todos os dias depois disso.

Acordo com o cheiro de café e bacon e a com a sensação da luz do sol no meu rosto. Confusa, abro os olhos e vejo que falta uma meia hora para o meu alarme tocar. À medida que tento processar o que está acontecendo, memórias da noite passada invadem os meus pensamentos e eu gemo, puxando o cobertor sobre a cabeça.

Meu perseguidor russo está de volta - e está cozinhando o café da manhã na minha casa.

Depois de um minuto, eu me convenço a levantar e começar a minha rotina matinal. Sim, o assassino do meu marido me fodeu outra vez na noite passada e me fez gozar, mas o mundo não acabou e tenho que agir de acordo.

Eu tenho que ignorar a aversão amarrando minhas entranhas e ir trabalhar.

Dez minutos depois, vou lá para baixo, vestida e de banho tomado. É estranho, mas os meus sentimentos por Peter não se alteraram em nada, agora que sei o que ele faz, no que trabalha. Eu venho pensando nele como um assassino por tanto tempo que saber que ele e sua equipe fazem isso por dinheiro dificilmente me incomoda. No entanto, isto apenas reforça a minha convicção de que ele é perigoso - e que preciso pisar com cuidado se eu quero evitar colocar aquele com quem me importo na sua mira.

“Espero que você goste de bacon e ovos mexidos” Ele diz assim que entro na cozinha. Tal como eu, Peter está completamente vestido com exceção dos sapatos e da jaqueta de couro que esta pendurada em uma das cadeiras da cozinha. Mais uma vez, suas roupas são escuras e ao vê-lo ao lado do fogão, poderosamente masculino e letalmente bonito, acelera o meu pulso e faz o meu estômago se apertar com algo inquietante.

Algo que se parece suspeitosamente como excitação.

Empurrando o pensamento para longe, cruzo os braços na frente do peito e apoio o quadril contra o balcão. “Claro” Eu respondo de forma uniforme, ignorando a minha pulsação acelerada. “Quem não gosta?”

Tão boa como seria a sensação de jogar a comida na cara dele, não quero

provocá-lo até que eu possa descobrir uma nova estratégia.

“Isso é o que eu imaginei.” Ele habilmente dispõe os ovos e bacon num prato e depois nos serve uma xícara de café.

Decidindo que posso ajudar também, pego as xícaras e levo para a mesa. Ele traz os pratos e sentamos para tomar o café da manhã.

Os ovos estão excelentes, saborosos e macios e o bacon está perfeitamente crocante. Até mesmo o café está excepcionalmente bom, como se ele tivesse usado alguma receita secreta com a minha máquina de café. Não que eu esperasse outra coisa dele, pois até agora cada refeição com que me alimentou foi excelente.

Se a coisa assassino/perseguidor não der certo, o meu carrasco pode muito bem considerar uma carreira como chef.

O pensamento é totalmente ridículo que dou uma risada enquanto bebo o meu café, levando Peter a olhar para cima, com as sobrancelhas levantadas em uma pergunta silenciosa.

“Eu só estava pensando que você poderia fazer isso profissionalmente” Explico, empurrando uma garfada de ovos na boca.

Talvez esta seja outra traição à memória de George, mas não deixo de recordar que meu marido nunca me preparou o café da manhã. Algumas vezes enquanto estávamos namorando, ele tentou um jantar romântico - comida chinesa com algumas velas, mas caso contrário, ou eu cozinhava ou então íamos jantar fora.

“Obrigado.” Um sorriso toca os lábios de Peter com o meu elogio.

“Estou feliz que você gostou.”

“Um-huh.” Eu me concentro em consumir o que está no meu prato e tento não corar enquanto me lembro como aqueles lábios esculpidos ficam no meu pescoço, nos meus seios, nos mamilos... Quero acreditar que ele me pegou de surpresa na noite passada, que a minha resposta a ele foi o resultado de uma mente nublada pelo sono, mas a emoção cantarolando em minhas veias esta manhã desmente essa suposição.

Alguma parte doente de mim está contente de vê-lo e aliviada de que está vivo.

Idiota, Eu me castigo. Peter Sokolov é um fugitivo procurado, um monstro

que tirou duas vidas na minha frente depois de me torturar e matar George. Um perseguidor cuja presença na minha vida introduz inúmeras complicações e representa uma ameaça para todos ao meu redor.

Não é apenas errado querer ele aqui, é francamente patológico.

Ainda assim, enquanto termino os meus ovos e engulo o café, estou ciente de uma peculiar leveza no meu peito. A casa já não parece enorme e opressiva ao meu redor, a cozinha é brilhante e quente em vez de fria e ameaçadora. Peter preenche o espaço agora, dominando-o com seu corpo grande e com a força assustadora de sua personalidade e embora seja a última pessoa que eu deveria desejar para companhia, não sinto a pressão esmagadora da solidão quando estou com ele.

Um cachorro, Eu me lembro. Tudo o que preciso é de um cachorro. E na próxima respiração, percebo que pode haver um problema com isso e com o meu plano de vida nova em geral.

“Você sabe que vou mudar em algumas semanas, certo?” Eu digo, colocando para baixo a minha xícara vazia. “Assinei os papéis para vender a casa.”

A expressão de Peter não muda. “Sim, eu sei.”

“Pois, claro que sabe.” Minhas mãos se enrolam na mesa, as unhas cavando em minhas palmas. “Você provavelmente me observou enquanto estava fora. Aqueles olhos em mim, não era apenas a minha imaginação, não é?”

“Eu não poderia deixá-la sem proteção” Ele fala com um encolher de ombros sem remorso.

“Certo.” Respiro e conscientemente relaxo as mãos. “Bem, vou para um apartamento em breve e tenho certeza que você não será capaz de ir e vir como agora, pelo menos, não sem os vizinhos vê-lo todos os dias. Então você pode, muito bem, querer encontrar alguma outra mulher para torturar e perseguir. Há muitas que vivem em áreas semi-rurais.”

Os cantos de sua boca se contorcem. “Tenho certeza que existem.

Pena que eu não quero qualquer uma delas.”

Bato os dedos sobre a mesa. “Mesmo? E o resto das pessoas na sua lista? Ou já matou todos?”

“Resta um e está sendo o mais difícil até agora” Peter diz e olho para ele fixamente antes de balançar a cabeça.

Não estou preparada para ir lá hoje.

“Tudo bem.” Falo em uma tentativa de me controlar. “Então o que é que vai ser preciso para você me deixar em paz?”

“Uma bala no cérebro ou no coração” Ele responde, sem pestanejar e meu estômago dá uma guinada quando percebo que Peter fala completamente sério.

Ele não tem intenção de se afastar de mim. Nunca.

Toda a leveza e excitação desaparecem, deixando-me com o terror absoluto da minha realidade. Nenhuma quantidade de refeições deliciosas, orgasmos alucinantes, ou abraços afetuosos compensa o fato de que sou uma prisioneira deste homem letal, um assassino que não pisca perante a violência e tortura. A sua obsessão por mim, é tão perigosa quanto o próprio homem e seus sentimentos são retorcidos como o passado sombrio que ambos compartilhamos.

Um monstro está fixado em mim e não há escapatória.

Minhas pernas estão instáveis quando me levanto, empurrando a cadeira para trás. “Tenho que ir trabalhar” Eu digo com força e antes que ele possa se opor, pego a bolsa e corro para a garagem.

Peter não faz nenhum movimento para me parar, mas à medida que estou entrando no carro, ele aparece na porta de entrada, usando uma mascara ilegível no seu rosto sombriamente bonito.

“Vejo você quando voltar” Ele anuncia enquanto eu ligo o carro e sei que ele quer dizer isso.

O meu torturador está de volta e não vai embora.

Fiel à sua palavra, Peter está aqui quando chego em casa do trabalho e estou muito cansada e estressada que fico tentada a ceder e simplesmente comer o jantar que ele preparou – um saboroso e cheiroso arroz pilaf com cogumelos e ervilhas. Mas eu não posso. Não consigo continuar a jogar junto com essa loucura, agindo como se isto fosse de alguma forma normal.

Se meu perseguidor não vai me deixar em paz, não há nenhum ponto em minha complacência. Eu posso, muito bem, tornar as coisas difíceis para ele quanto eu puder.

Ignorando a mesa que Peter pôs, vou lá para cima enquanto ele está nos servindo vinho. Ao entrar no quarto, tranco a porta e vou para o banheiro jogar água fria no meu rosto.

Tentei tudo, exceto a resistência pura e simples e estou desesperada o suficiente para tentar isso.

De cara lavada, saio e sento na cama, esperando para ver o que vai acontecer a seguir. Não tenho qualquer intenção de desbloquear a porta e deixá-lo entrar, ou de cooperar de forma alguma.

Estou cansada de brincar de casinha com um monstro. Se ele me quer, vai ter que me forçar.

Meu estômago ronca de fome e me critico por não comer antes de vir pra cá. Eu estava totalmente enlouquecida pensando em Peter durante todo o dia que vim para casa no piloto automático, os meus pensamentos ocupados com a minha situação impossível. Agora que sei sobre a sua equipe e missões de assassinato, estou muito menos convencida de que o FBI seria capaz de me proteger se eu fosse até eles.

Não acho que alguém pode me proteger dele.

Uma batida na porta do quarto arrasta-me dos meus pensamentos desesperados.

“Desce, Ptichka” Peter diz do outro lado. “O jantar está esfriando.”

Todo o meu corpo fica tenso, mas não respondo.

Outra batida. Em seguida, a maçaneta da porta chocalha. “Sara.” A voz de Peter endurece. “Abra a porta.”

Levanto-me, muito perturbada para continuar sentada, mas não faço qualquer movimento na direção da porta.

“Sara. Abra esta porta. Agora.”

Permaneço em pé, as mãos flexionando ao meu lado. Antes de chegar em casa, eu pensei em comprar uma arma, mas lembrei-me do que Peter me contou sobre seus homens monitorando os seus sinais vitais e descartei a ideia. Não sei como o monitoramento funciona, mas é totalmente possível que ele esteja usando algum tipo de dispositivo que mede seu pulso e / ou pressão sanguínea. Talvez até mesmo um implante. Já ouvi coisas assim, embora eu nunca as tenha encontrado. De qualquer jeito, se o que Peter me falou é verdade, não posso machucá-lo de maneira significativa sem arriscar minha própria vida e possivelmente as vidas daqueles que estão perto de mim.

Homens que matam por dinheiro não hesitariam em vingar seu chefe das formas mais brutais.

“Você tem cinco segundos para abrir esta porta.”

Lutando contra uma sensação de déjà-vu, afundo os dentes no meu lábio inferior, mas fico quieta, mesmo quando meu coração bate doentamente e um suor frio escorre pela minha coluna. Por mais que eu não queira que ele me machuque, também não quero viver assim, com muito medo de me defender, obedecendo docilmente às exigências de um louco. A última vez que tranquei uma porta para ele, eu estava em choque, muito sobrecarregada e aterrorizada por vê-lo matar aqueles dois homens que atuei no piloto automático. Agora, porém, minha ação é deliberada.

Preciso saber até onde Peter vai, o que está disposto a fazer para conseguir o que deseja.

Ele não conta em voz alta desta vez, então conto na minha cabeça.

Um, dois, três, quatro, cinco... Espero que seu chute quebre a porta, mas, em vez disso, escuto passos seguindo pelo corredor.

A respiração que estou segurando escapa em um aliviado chiado. É possível? Ele teria desistido e decidido me deixar sozinha esta noite? Eu não esperava por isso, mas ele já me surpreendeu antes. Talvez sua relutância em me forçar ainda

seja válida, quem sabe, para ele derrubar a porta seja ultrapassar a linha e...

Os passos voltam e a maçaneta da porta balança novamente antes que algo metálico raspe contra ela. Meu coração acelera os batimentos e fica nessa constância.

Peter está arrombando a fechadura da porta.

A fria deliberação por trás desta ação é mais assustadora do que se ele simplesmente chutasse a porta. Meu torturador não está agindo com raiva, está totalmente no controle e sabe exatamente o que está fazendo.

O arranhar metálico dura menos de um minuto. Eu sei por que vejo os números piscando no despertador na mesa de cabeceira. Depois a porta se abre e Peter entra, seu andar irradiando raiva contida e seu rosto em linhas duras e frias.

Lutando contra o desejo de correr, levanto o queixo e olho para ele enquanto para na minha frente, seu grande corpo se elevando sobre o meu corpo pequeno.

“Venha jantar.” Sua voz é calma, suave até, mas ouço a escuridão pulsante por baixo. Ele está se mantendo no controle apenas por um fio e se eu tivesse alguma esperança, desistiria em nome da autopreservação. Mas estou completamente sem estratégias e, em algum momento, o amor próprio tem que ficar em segundo plano em relação ao respeito próprio.

Imprudentemente, balanço a cabeça. “Não vou fazer isso.”

Suas narinas se alargam. “Fazer o que? Comer?”

Meu estômago escolhe este momento para rosnar de novo e coro devido ao momento infeliz. “Não vou comer com você” Eu digo o mais uniformemente que consigo. “Nem vou dormir com você - ou fazer qualquer outra coisa, aliás.”

“Não?” Diversão sombria se insinua na frieza cinza de seu olhar.

“Tem certeza disso, Ptichka?”

Minhas mãos se agitam ao meu lado. “Eu quero você fora da minha casa. Agora.”

“Ou o quê?” Ele se aproxima, me enchendo com seu grande corpo até que não tenho escolha a não ser voltar na direção da cama. “Ou o que, Sara?”

Quero ameaçá-lo com a polícia ou o FBI, mas nós dois sabemos que se eu quisesse ter ido a eles, já teria feito. Não tem nada que eu possa fazer para obrigá-lo a sair da minha vida e esse é o xis da questão.

Ignorando o suor gelado escorrendo pelas minhas costas, levanto o queixo mais alto. "Estou farta disso, Peter."

"Isso?" Ele se aproxima, inclinando a cabeça para o lado.

"Essa fantasia de relacionamento doentio que você inventou" Eu esclareço. Ele está muito perto para ser confortável, invadindo meu espaço pessoal como se pertencesse lá. Seu perfume masculino me envolve, o calor que sai de seu grande corpo aquecendo meu corpo e recuo de novo, tentando ignorar a sensação de derretimento entre minhas coxas e a tensão dolorida dos meus mamilos.

Não posso estar muito perto dele sem me recordar de como é estar ainda mais próximo, de me unir a ele da maneira mais íntima.

"Uma fantasia de relacionamento doentio?" Suas sobrancelhas arqueiam zombeteiramente. "Isso é um pouco duro, você não acha?"

"Eu. Estou. Farta" Repito, pronunciando cada palavra. Meu coração bate ansiosamente contra as minhas costelas, mas estou determinada a não recuar ou deixá-lo me distrair com uma discussão sobre o nosso relacionamento confuso.

"Se você quiser cozinhar na minha cozinha, vá em frente, mas sem forçar a minha alimentação, não pode me obrigar a comer com você - ou fazer qualquer outra coisa com você por vontade própria."

"Oh, ptichka." A voz de Peter é suave, seu olhar quase simpático.

"Você não tem ideia de como está errada."

Seus lábios se curvam naquele sorriso imperfeito e magnético e meu estômago revira quando chega ainda mais perto. Desesperada para manter distância, dou outro passo para trás, apenas para sentir a parte de trás dos meus joelhos pressionada contra a cama.

Estou presa, pega por ele mais uma vez.

Sem piedade, Peter se aproxima e meu sexo aperta enquanto suas mãos enrolam em volta dos meus ombros. "Desça comigo, Sara" Ele diz suavemente. "Você está com fome e vai se sentir melhor quando comer. E enquanto estiver comendo, podemos conversar."

"Sobre o quê?" Pergunto, a voz firme. O calor de suas mãos ardem até mesmo através da espessa camada do meu suéter e tento manter a respiração semi-estável conforme a excitação perniciosa passa pelo meu corpo. "Não temos nada para falar."

"Eu acho que sim" Ele diz e vejo o monstro por trás daquele olhar sombrio.
"Você vê, Sara, se não quer estar comigo aqui, podemos ficar juntos em outro lugar. "A fantasia pode se tornar real, porém apenas em meus termos."

Ela está tremendo quando a levo lá embaixo e sei que é tanto de raiva quanto medo. Acho que a reação dela deveria me incomodar, mas estou muito irritado também. Ontem e hoje no café da manhã, eu podia jurar que Sara estava feliz em me ver, aliviada que voltei. Mas esta noite, voltou a ser fria e distante e não vou tolerar isso.

Vamos deixar isso bem claro.

“Sente-se” Digo a ela quando chegamos à mesa da cozinha e ela se senta em uma cadeira, uma expressão desafiadora no rosto bonito. Está determinada a tornar as coisas difíceis e sou bastante determinado a não deixá-la.

Respirando para me equilibrar, desligo as luzes do teto brilhante e acendo as velas. Então pego um pouco do risoto que fiz, coloco no prato e trago para ela antes de me servir. Estou faminto assim como ela, portanto, quando me sento, começo a comer, decidindo que a discussão do nosso relacionamento pode esperar alguns minutos.

Infelizmente, Sara não compartilha essa opinião. “O que você quer dizer com 'a fantasia pode ser real?' ” Ela pergunta, com a voz tensa quando brinca com o garfo. “O que exatamente está dizendo?”

Eu a faço esperar até que termino de mastigar; então abaixo o garfo e dou-lhe um olhar sério. “Estou dizendo que você viver nesta casa, ir para o trabalho e interagir com seus amigos é um privilégio que estou permitindo” Falo calmamente e a vejo empalidecer. “Outros homens na minha posição não seriam tão complacentes e não preciso ser. Desejo você e tenho o poder de levá-la. É simples assim. Se você não gosta de nosso relacionamento dinâmico, vou mudá-lo, mas não de uma maneira que você goste.”

Sua mão treme quando pega o copo de vinho que enchi mais cedo.

“Então vai o que? Raptar-me? Levar-me longe de tudo e de todos?”

“Sim, ptichka. É precisamente o que vou fazer se eu não puder ter esta atual situação.” Volto a comer, dando-lhe tempo para processar as minhas palavras. Eu sei que estou sendo rigoroso, mas preciso para esmagar esta pequena rebelião,

fazê-la entender o quão precária é a sua posição.

Não existe uma linha que eu não cruzaria quando se trata de Sara. Ela vai ser minha de um jeito ou de outro.

Sara olha para mim, o copo tremendo em suas mãos, em seguida, o coloca na mesa sem tomar um único gole. “Então por que você ainda não o fez? Por que tudo isso?” Ela gesticula a mão abertamente, quase derrubando o vidro e um dos castiçais.

“Cuidado aí” Eu digo, movendo ambos os objetos para fora de seu alcance. “Se eu não soubesse, iria achar que você está tentando me drogar outra vez.”

Seus dentes rangem audivelmente. “Diga-me” Ela exige a mão em um punho ao lado do prato intocado. “Por que não me sequestrou?”

Certamente não têm escrúpulos sobre isso.”

Suspiro e largo o garfo. Talvez tivesse prometido a ela uma discussão após a refeição e não durante. “Porque gosto do que você faz” Respondo, pegando meu copo de vinho e tomando um gole. “Com os bebês, as mulheres. Acho que o seu trabalho é admirável e não quero tirá-la dele, ou de seus pais.”

“Mas vai se achar necessário.”

“Sim.” Coloco o copo na mesa e pego o garfo novamente. “Eu vou.”

Sara me observa por alguns segundos, em seguida, pega o próprio garfo e por alguns minutos, jantamos em um silêncio desconfortável. Posso praticamente ouvir seu pensamento, sua mente agilmente lutando para encontrar uma solução.

É muito ruim para ela que não exista.

Quando o prato de Sara está meio vazio, ela o empurra para longe e pergunta com uma voz tensa, “Você quis persegui-la também?”

Minhas sobrancelhas levantam quando pego meu copo de vinho.

“Quem?”

“Sua esposa” Sara diz e minha mão aperta na haste do copo, quase quebrando o vidro frágil pela metade. Instintivamente, me preparo para a dor agonizante e fúria, mas tudo que sinto é um eco surdo da perda, acompanhado por uma dor agriçoce com as memórias.

“Não” Eu digo e me surpreendo sorrindo com carinho. “Eu não fiz.

Ela que me perseguiu.”

Chocada, olho para o meu algoz, pega de surpresa por esse sorriso suave. Eu esperava que ele fosse explodir com a pergunta e enquanto noto seus dedos apertarem a haste do copo, Peter sorri.

Mordendo o lábio inferior, considero deixar o assunto pra lá, mas mesmo com a ameaça de sequestro pairando sobre mim, não resisto à oportunidade de aprender mais sobre ele.

“O que significa?” Pergunto, pegando meu copo de vinho. O risoto está incrível, porém meu estômago está embrulhado, me impedindo de terminar a minha comida. O vinho, porém, posso tentar.

Talvez se eu beber o suficiente esqueço sua promessa aterrorizante.

“Nós nos conhecemos quando eu estava passando por sua aldeia quase nove anos atrás.” Peter se recosta na cadeira, um copo de vinho embalado em sua grande mão. A luz da vela lança um brilho suave e quente sobre suas belas feições e se não fosse a adrenalina induzida por estresse em minhas veias, compraria a ilusão de um jantar romântico, na fantasia que Peter está tentando tão difícil criar.

“Minha equipe estava monitorando um grupo de rebeldes nas montanhas” Ele continua seu olhar distante quando revive a memória.

“Era inverno e estava frio. Incrivelmente frio. Eu sabia que tínhamos de achar um lugar quente para a noite, então pedi aos aldeões para nos alugar uns quartos. Apenas uma mulher foi corajosa o bastante para isso e era Tamila.”

Tomo um gole de vinho, fascinada. “Ela morava sozinha?”

Peter concorda. “Ela tinha só vinte anos na época, mas tinha uma pequena casa própria. Sua tia morreu e deixou para ela. Era inédito em sua aldeia, uma mulher jovem viver por conta própria, mas Tamila nunca aceitou regras facilmente. Seus pais queriam que ela se casasse com um dos anciãos da aldeia, um homem que poderia dar-lhes um dote de cinco cabras, porém Tamila o achava repulsivo e foi adiando o casamento, tanto quanto podia. Nem preciso dizer que seus pais não ficaram satisfeitos e pelo tempo que meus homens e eu

ficamos na aldeia, ela estava desesperada para mudar sua situação.”

Engulo o resto do vinho conforme Peter continua. “Eu não sabia nada disso, é claro. Tinha acabado de ver uma bela jovem, que, por qualquer motivo, recebeu três soldados Spetsnaz meio congelados em sua casa. Ela deu o seu quarto para os meus rapazes e me colocou em outro quarto, menor, dizendo que ela iria dormir no sofá.”

“Mas ela não foi” E quando ele se inclina para me servir mais vinho, meu estômago fica apertado e algo desconfortável como ciúme agita no meu interior. “Ela foi para você.”

“Sim, Tamila foi.” Peter sorri novamente e esconde meu desconforto bebendo mais vinho. Não sei por que imaginá-lo com esta “bela jovem” me incomoda, mas faz e escuto calmamente quando ele diz “Eu não a neguei, naturalmente. Nenhum homem negaria. Ela era tímida e relativamente inexperiente, mas não uma virgem e quando saímos de manhã, prometi retornar a vila no caminho de volta. O que eu fiz, dois meses depois, apenas para descobrir que Tamila estava grávida do meu filho.”

Eu pisco. “Você não usou proteção?”

“Usei na primeira vez. Na segunda vez, eu estava dormindo quando ela começou a se esfregar contra mim e pelo tempo que acordei totalmente, estava dentro dela e longe demais para lembrar o preservativo.”

Minha boca cai aberta. “Ela ficou grávida de propósito?”

Ele dá de ombros. “Ela alegou que não sabia, mas suspeito do contrário. Tamila vivia em uma aldeia muçulmana conservadora e teve um amante antes de mim. Ela nunca me disse quem era, mas se ela tivesse se casado com o homem mais velho, ou se o rejeitasse e se casasse com outro de sua aldeia, ela teria sido exposta publicamente e expulsa pelo marido.

Um estrangeiro não muçulmano como eu era sua melhor aposta para evitar esse destino e aproveitou a oportunidade quando viu. É admirável, realmente. Ela assumiu um risco e valeu à pena.”

“Porque você se casou com ela.”

Ele concorda. “Sim, após o teste de paternidade ter confirmado que o filho era meu.”

“Isso foi... Muito nobre de sua parte.” Sinto-me inexplicavelmente aliviada por ele não ter se apaixonado por esta menina. “Não há muitos homens que

estariam dispostos a se casar com uma mulher que não ama por causa de uma criança.”

Peter dá de ombros de novo. “Eu não queria que meu filho fosse exposto ao ridículo ou crescesse sem um pai e se casar com sua mãe foi à melhor maneira de garantir isso. Além disso, cuidei de Tamila depois que meu filho nasceu.”

“Entendo.” O ciúme me ataca novamente. Para me distrair, dreno o meu segundo copo de vinho e pego a garrafa para encher o copo. “Então ela prendeu você, mas funcionou.” Minhas mãos estão suadas e a garrafa quase desliza da minha mão, derramo vinho em meu copo com tanta força que alguns pingos passam por cima da borda.

“Com sede?” Os olhos cinzentos de Peter brilham com diversão quando toma a garrafa de mim. “Talvez eu devesse pegar um pouco de água ou chá em vez disso?”

Sacudo a cabeça veementemente, em seguida, percebo que o movimento faz o quarto girar um pouco. Peter pode estar certo. Não comi muito e provavelmente devo desacelerar no vinho. Exceto que minha ansiedade está derretendo com cada gole e parece bom demais para parar.

“Estou bem” Eu falo, pegando meu copo novamente. Posso me arrepender disso no trabalho amanhã, mas preciso do zumbido quente que o álcool traz. “Então você cuidou de Tamila. E ela continuou vivendo naquela aldeia?”

“Sim.” Seu rosto endurece, devemos estar chegando perto das memórias dolorosas. Confirmando a minha suspeita, ele diz mais ou menos “Imaginei que ela e Pasha - era o nome do meu filho – ficariam mais seguros lá. Ela queria morar comigo no meu apartamento em Moscou, mas eu estava sempre viajando a trabalho e não queria deixá-la sozinha em uma cidade desconhecida. Prometi que a levaria até Moscou para visitar quando Pasha fosse mais velho, mas até então, pensei que seria melhor se ela ficasse perto de sua família e meu filho crescesse respirando o ar fresco da montanha em vez da poluição da cidade.”

O gole do vinho causa queimaduras embora minha garganta comprima. “Sinto muito” Murmuro, colocando para baixo o meu copo. E eu sinto muito por ele. Desprezo Peter pelo que está fazendo comigo, mas meu coração ainda sofre por sua dor, à perda que o levou por este caminho escuro. Eu só posso imaginar a culpa e agonia que deve estar sentindo, sabendo que sem querer fez as escolhas erradas, que seu desejo de proteger a sua família levou à sua morte.

É algo que eu me identifico, por ter matado o meu próprio marido não uma,

mas duas vezes.

Peter balança a cabeça, reconhecendo as minhas palavras, depois se levanta para limpar a mesa. Eu continuo bebendo o vinho enquanto ele carrega os pratos na máquina de lavar louça e o zumbido quente em minhas veias se intensifica, as velas em frente atraem a minha atenção com a oscilação hipnótica das chamas.

“Vamos para a cama” Ele diz e olho para cima para vê-lo secar as mãos com a toalha da cozinha. Eu devo ter ficado um pouco zonza, observando as velas. Isso, ou ele é insanamente rápido com a limpeza. O mais provável, porém, é que eu esteja zonza, por que estou com mais zumbido do que eu pensava.

“Cama?” Eu tento me concentrar quando ele vem até mim e aperta meu pulso, puxando-me para ficar em pé. Apesar da suavidade induzida pelo vinho em volta das bordas da minha visão, eu me lembro à razão pelo qual estava chateada e quando Peter me puxa para a escada, o nó no meu estômago retorna minha pulsação acelerando. “Eu não quero dormir com você.”

Ele olha para mim, os dedos pressionando no meu pulso. “Não estou interessado em dormir.”

Minha ansiedade cresce. “Não quero fazer sexo com você também.”

“Não?” Ele para no início da escada e vira o meu rosto para ele.

“Então, se eu enfiar a mão no seu jeans agora, não iria encontrar sua calcinha encharcada? A sua pequena buceta inchada e necessitada, só esperando para ser preenchida por meu pau?”

Calor sobe pelo meu pescoço e arde todo o caminho até o meu couro cabeludo. Estou molhada, tanto por antes e pelo jeito que ele está olhando para mim agora. É como se ele quisesse me devorar, assim como as suas palavras sujas o estão excitando tanto como estão me excitando. A nebulosidade mental do vinho não está ajudando também e percebo que cometi um erro, tentando afogar minhas mágoas.

Resistir a ele com a cabeça sóbria é bastante difícil; assim, é quase impossível.

Ainda assim, tenho que tentar. "Eu não..."

“Ptichka...” Peter levanta a mão, curvando a grande palma ao redor da minha mandíbula. Seu polegar acaricia meu rosto conforme olha para mim, seus olhos como o aço fundido. “Não precisamos discutir arranjos alternativos de novo, não é?”

Encaro-o, formando cristais de gelo em minhas veias. Pela primeira vez, compreendo toda a extensão de seu ultimato. Ele não só espera que eu pare de lutar com ele durante as refeições, ele me quer totalmente a sua mercê, acolhendo-o em minha cama como se estivéssemos em um relacionamento verdadeiro.

Como se ele não tivesse matado o meu marido e invadido minha vida.

“Não” Eu sussurro, fechando os olhos enquanto Peter inclina a cabeça e escova os lábios sobre o meu suavemente e gentilmente. Sua ternura me rasga em pedaços, ao contrário do horror iminente de sua ameaça. Se eu lutar com ele sobre isso, Peter irá me sequestrar, tirar todo o resto da minha liberdade.

Se eu resistir a ele, vou perder tudo o é importante e se eu não fizer, vou me perder.

Tropeço quando Peter me leva até as escadas, depois me levanta em seus braços poderosos, carregando-me até os degraus com facilidade. Sua força é ao mesmo tempo assustadora e sedutora. Eu sei que preciso resistir, mas algo primitivo dentro de mim é atraído por ele, pela promessa de segurança que ele proporciona.

Quando chegamos ao quarto, Peter me abaixa e me despe, tirando minha blusa e calça jeans de uma forma calma, sem pressa. Apenas o calor escuro em seu olhar prata trai sua fome, o desejo de que não vai parar para se satisfazer.

Quando estou nua, ele se despe também e detecto um brilho metálico dentro de sua jaqueta enquanto a pendura em uma cadeira. Uma arma?

Uma faca? A ideia de Peter trazer armas para o quarto deve me aterrorizar, porém estou muito sobrecarregada para reagir, minhas emoções virando de choque para raiva e medo. E por baixo de tudo isso é um alívio estranho e ilógico.

Com todas as minhas escolhas perdidas, eu posso ceder.

É a única maneira.

Uma lágrima escorre pelo meu rosto quando ele se aproxima totalmente nu e excitado, seu grande corpo de ângulos fortes e músculos esculpidos, de beleza violenta e masculinidade perigosa. Monstros não devem se parecer assim, não deve ser tão fascinante quanto letais.

É muito duro para a sanidade.

“Não chore, ptichka” Ele sussurra, parando na minha frente. Seus dedos acariciam minhas bochechas, enxugando a umidade. “Não vou te machucar. Não é realmente tão ruim quanto você pensa.”

Não é tão ruim quanto penso? Quero rir, mas em vez disso, agito a cabeça, minha mente nebulosa tanto do vinho consumido e do calor que sua proximidade gera. Ele está certo: eu o desejo. Eu sofro por ele, meu corpo queima com uma necessidade muito forte que eu mal posso contê-lo.

E, ao mesmo tempo, eu o odeio.

Eu o odeio pelo o que está me fazendo sentir e como está agindo.

Seus dedos deslizam em meu cabelo, puxando minha cabeça e fecho os olhos enquanto ele me beija novamente, a outra mão segurando meu quadril para me aproximar dele. Sua ereção pressiona contra a minha barriga, enorme e duro, mas seu beijo é suave, os lábios persuadindo as sensações em vez de forçá-los.

É uma sensação boa, incrivelmente boa que por um momento, eu esqueço não tenho escolha nisso. Segurando-me nele, sinto seus músculos e meus lábios se abrem quando o calor aumenta dentro de mim.

Aproveitando, Peter lambe dentro da minha boca, a língua trazendo com ele o gosto estonteante do vinho e doce sedução. Esta não é a nossa primeira vez, porém neste beijo, há um senso de exploração, da descoberta sensual e admiração.

Ele me beija como se eu fosse a coisa mais preciosa, mais desejável que ele já conheceu.

Minha cabeça gira pelo prazer e é tentador me perder completamente, a ceder à ilusão de seu carinho. A maneira como ele me segura fala da necessidade crua, mas também de algo mais profundo, algo que ressoa com os cantos mais vulneráveis do meu coração.

Algo que enche o poço de solidão deixado pelas ruínas de meu casamento.

Não sei quanto tempo Peter me beija assim, mas pelo tempo que levanta a cabeça, nós dois estamos respirando com dificuldade e o calor circulando pelo meu corpo é uma confusão completa.

Atordoada, abro os olhos e encontro o seu olhar quando me leva até a cama. Não há nenhuma frieza nas profundezas cinza, tem escuridão fervente, nada

mais que a ternura com fome e como se instala entre as minhas coxas, me cobrindo com seu corpo poderoso, sei que pode ser fácil.

Eu poderia parar de lutar e comprar a fantasia, abraçar esta versão mais sombria do conto de fadas.

“Sara...” Suas mãos fortes ao redor do meu rosto, enquadrando-o com doçura e a dor que preenche meu peito é tão potente quanto perversa. Ele está olhando para mim como se eu fosse dele, como quisesse realizar todos os meus sonhos. É o que eu sempre quis ser, a única, mas não com o assassino do meu marido.

Recolhendo os pedaços em ruínas da minha sanidade, fecho meus olhos, deixando de fora a atração prateada daquele olhar hipnótico. Sem escolha, eu me lembro quando os lábios descem sobre o meu com outro beijo ardente. Sem opção, eu gemo em silêncio enquanto escuto o barulho de um pacote de papel alumínio e sinto a pressão de suas pernas contra o interior das minhas coxas, abrindo-as mais amplas para deixar seu pau contra a minha buceta. Sem escolha, grito em meus pensamentos quando Peter empurra para dentro de mim, me esticando, enchendo-me... Fazendo-me queimar com a necessidade escaldante.

É errado, é doente, mas leva menos de um minuto para eu gozar, seu ritmo forte me atirando sobre o precipício com uma intensidade que arranca um grito da minha garganta e traz lágrimas aos meus olhos. Meu corpo treme em êxtase, apertando ao redor de seu pau grosso e grito seu nome, passando as unhas pelas costas dele enquanto continua me fodendo, me fazendo gozar mais duas vezes antes dele mesmo gozar.

No final, deitado em cima dele, nossos membros entrelaçados enquanto Peter preguiçosamente acaricia minhas costas. Com a minha cabeça apoiada em seu ombro, escuto o bater constante do seu coração e o brilho de satisfação sexual dá lugar ao emaranhado familiar de vergonha e desolação.

Eu o odeio e me odeio.

Eu me detesto porque algo perverso dentro de mim está feliz pelo seu ultimato.

É bom não ter uma escolha.

“Você não se mudará em algumas semanas” Ele murmura, sem parar seu afago suave. “O casal de advogados não possui esta casa. Eu sim. Ou melhor, uma das minhas empresas de fachada.”

Eu deveria estar surpresa, mas não estou. Eu teria esperado isto.

Meus dedos apertam, esmagando o canto do travesseiro. “Ameaçou-os? Matou-os?”

Ele sorri seu poderoso peito se mexendo debaixo de mim. “Eu lhes paguei o dobro do que a casa vale. O mesmo para o seu candidato a senhorio. Ele foi bem recompensado pelo contrato que você quebrou.”

Fecho meus olhos, tão aliviada que poderia chorar. Não sei o que eu teria feito se alguém tivesse sofrido por minha causa, como eu viveria comigo mesmo.

Quando tenho certeza que minha voz não vai falhar, me afasto e encontro seu olhar sombrio. “Então é isso? Nós apenas vamos continuar assim?”

“Vamos... Por enquanto.” Seus olhos brilham sombriamente.

“Depois, veremos.”

E me puxando de volta para seu ombro, ele enrola o braço em volta de mim, me segurando como se fosse aqui o lugar onde pertenço.

PARTE III

41

SARA

À medida que os dias passam, caímos em um padrão doméstico bizarro. Todas as noites, Peter faz um delicioso jantar para nós e quando chego em casa a comida já está esperando na mesa. Nós comemos juntos e depois transamos várias vezes, fazendo-me gozar duas ou mais vezes antes de adormecer. Se ele está lá de manhã quando acordo e - freqüentemente está - ele também prepara o café da manhã.

É como se eu tivesse adquirido um marido em casa, a diferença é que realiza assassinatos estilo missão secreta em seu tempo livre.

“O que você faz o dia todo?” Pergunto quando chego em casa depois de um dia particularmente cansativo no hospital e descubro uma refeição gourmet de costeletas de cordeiro e salada russa a base de beterraba. “Você não fica simplesmente aqui e cozinha, certo?”

“Não, claro que não.” Ele me dá um olhar divertido. “O que fazemos tem um monte de planejamento logístico, então trabalho com meus rapazes nisso e também cuido do lado comercial das coisas.”

“O lado comercial das coisas?”

“Interações com os clientes, garantindo os pagamentos, investimento e distribuição de fundos, aquisição de armas e suprimentos, esse tipo de coisa” Ele responde e escuto com fascinação conforme ele me dá um vislumbre de um mundo onde quantias insanas de dinheiro trocam de mãos e assassinato é um método de expansão dos negócios.

“Fazemos muito trabalho para cartéis e outras poderosas organizações e indivíduos poderosos.” Peter fala à medida que cortamos o cordeiro. “O trabalho no México, por exemplo, foi um líder de um cartel que nos contratou para eliminar seu rival para que ele pudesse entrar em seu território. Outros clientes nossos incluem oligarcas russos, ditadores para todos os gostos, realeza do Oriente Médio e algumas das mais temidas organizações mafiosas. Às vezes, se estamos com uma pausa, assumimos alguns negócios menores, lidando com bandidos locais e tal, mas eles pagam quase nada, por isso consideramos como

trabalhos extras, uma maneira de ficar afiado em tempo de inatividade.”

“Certo, extra.” Nem tento esconder meu sarcasmo. “Como o meu trabalho na clínica.”

“Exatamente assim” Peter fala e sorri. Ele sabe que está me chocando e está fazendo isso de propósito. É um jogo que ele joga às vezes, me deixando horrorizada e, em seguida, seduzindo-me para aceitar o seu toque, apesar da repugnância que sinto - ou que deveria sentir.

É a parte doentia do nosso relacionamento que quase nada do que Peter diz ou faz tem qualquer efeito duradouro sobre o meu desejo por ele.

Minha incapacidade de resistir a ele é uma úlcera hemorrágica no meu peito e não consigo curá-lo, não importa o que eu faça. Cada vez que como a comida que ele faz, cada vez que durmo em seus braços e encontro prazer no seu toque, a ferida reabre, deixando-me doente de vergonha e aleijada com auto-aversão.

Estou vivendo em felicidade doméstica com o assassino do meu marido e não é terrível como deveria ser.

Parte do problema é que, após a nossa primeira vez, Peter não me machucou. Não fisicamente, pelo menos. Eu sinto a violência dentro dele, mas quando me toca, é cuidadoso para controlar a si mesmo, impedindo a escuridão de escapar. Ajuda que não luto contra ele completamente, com sua ameaça de seqüestro, a pairar sobre a minha cabeça, não tenho escolha, a não ser cumprir com suas exigências, ou é assim que digo a mim mesma.

É a única maneira que justifico o que está acontecendo, como estou começando a precisar do homem que eu odeio.

Se tudo o que Peter queria de mim era o sexo, seria fácil, mas Peter parece determinado a cuidar de mim também. Desde as românticas refeições caseiras até ao carinho todas as noites, sou regada com atenção, mimada e às vezes até mesmo preparada. Não saímos em encontros, presumo porque ele não queira mostrar o rosto em público, porém baseada na forma como ele me trata, poderia facilmente ser sua namorada altamente mimada.

“Por que você gosta de fazer isso?” Questiono quando ele está escovando o meu cabelo depois de me dar um banho. “Trata-se de algum tipo de obsessão estranha sua?”

Ele me lança um olhar divertido no espelho. “Talvez. Com você, parece ser com certeza.”

“Não, mas sério, o que você ganha com isso? Sabe que eu não sou uma criança, certo?”

A boca de Peter se aperta e noto que inadvertidamente atingi um nervo. Nós não falamos muito sobre sua família, mas sei que seu filho era apenas uma criança quando foi morto. Será que de alguma forma torcida, sou um substituto para a sua família morta? Que ele se fixou em mim, porque precisava cuidar de alguém.

Pode o meu assassino russo necessitar tanto de amor que se contentaria com esta perversão?

É um pensamento tentador, especialmente desde o final da segunda semana, encontro-me viciada no conforto e prazer que Peter fornece. No final de um longo turno, imploro fisicamente pelas massagens no pescoço e nos pés que ele frequentemente me dá e é uma luta não salivar toda vez que chego à garagem e sinto o cheiro delicioso dos aromas na cozinha.

Não só estou me habituando com a presença de meu perseguidor na minha vida como estou começando a gostar.

Ou pelo menos algumas partes dele. Ainda estou longe de estar entusiasmada com os guarda-costas que me seguem onde quer que eu vá.

Quase nunca os vejo, mas sinto-os olhando para mim e isso tanto me perturba quanto me irrita.

“Eu não vou fugir, você sabe” Digo a Peter uma noite, quando deito na cama. “Você pode cancelar os seus cães de guarda.”

“Eles estão lá para sua proteção” Ele fala e entendo que ele não tem intenção de me comprometer. Por alguma razão, está convencido de que estou em algum tipo de perigo, algo que ele, de todas as pessoas, precisa me proteger.

“O que você tem medo?” Pergunto, traçando os cumes duros de seu abdômen com o dedo. “Acha que algum louco pode invadir minha casa?”

Talvez simular que está me afogando e depois matar o meu marido?”

Olho para cima para encontrá-lo sorrindo, como se eu dissesse algo engraçado.

“O quê?” Eu digo, incitando. “Acha que isso é uma piada?”

Sua expressão fica séria. “Não, ptichka. Eu não penso isso. Se serve de consolo sinto muito por ferir você naquele momento. Eu deveria ter encontrado

outra maneira.”

"Certo. Outra maneira de matar George.”

Sentindo-me mal, vou para longe dele e entro no banheiro, o único lugar onde o meu torturador me deixa ficar sozinha. Às vezes, quase esqueço como tudo começou meus pensamentos convenientemente pulando os horrores do início do nosso relacionamento.

É como se algo dentro de mim quer se encaixar nesta fantasia de Peter, fingir que tudo isto é real.

“Então, nunca me contou o que aconteceu entre você e George” Peter diz enquanto estamos tomando o café da manhã no domingo cerca de três semanas depois de seu retorno. “Por que vocês não era o casal perfeito que todo mundo achava? Você não sabia o que ele realmente fazia então o que deu errado?”

O pedaço de ovo cozido que estou mastigando gruda na minha garganta e tenho que engolir a maior parte de meu café para descê-lo. “O que faz você pensar que algo deu errado?” Minha voz é muito alta, mas Peter me pegou totalmente desprevenida. Normalmente, ele tende a evitar o assunto da morte do meu marido - provavelmente para promover a ilusão de um relacionamento normal.

“Porque foi isso que você me contou” Ele responde com calma.

“Enquanto estava no efeito da droga que eu lhe dei.”

Fico boquiaberta com ele, incapaz de acreditar que foi lá novamente.

Desde a nossa conversa sobre os guarda-costas na semana passada e meu posterior choro no banheiro andamos na ponta dos pés em relação ao tema do que ele fez para mim, nenhum dos dois dispostos a cutucar a ferida.

“Isso é...” Suprimindo o meu choque, me recomponho. "Não é da sua conta."

“Ele batia em você?” Peter se inclina os olhos metálicos escurecendo.

“Magooou você de alguma forma?”

"O que? Não!"

“Ele era um pedófilo? Um necrófilo?”

Respiro calmamente. "Não, claro que não."

“Será que ele traiu você? Usava drogas? Abusava de animais?”

“Ele começou a beber, ok?” Falo nervosamente. “Ele começou a beber e nunca mais parou.”

“Ah.” Peter se recosta na cadeira. “Um alcoólatra, então.

Interessante.”

“É?” Pergunto amargamente. Pegando meu prato, ando para despejar os restos de meu café da manhã no lixo e coloco o prato na máquina de lavar louça. “Você gosta de ouvir que o homem que eu conhecia e amava desde que tinha dezoito anos, o homem com quem me casei, se transformou depois do nosso casamento sem causa aparente? Que em questão de meses, tornou-se alguém que eu mal reconhecia?”

“Não, ptichka.” Ele vem por detrás de mim e minha respiração engata quando me puxa contra ele, afastando meu cabelo para beijar o pescoço. Sua respiração aquece minha pele conforme murmura: “Não gosto de ouvir isso.”

“Eu só... Jamais entendi.” Viro-me em seus braços, a velha ferida brotando à medida que encontro os olhos de Peter. “Tudo estava indo muito bem. Terminei a escola de medicina, compramos esta casa e nos casamos... Ele estava viajando muito para o trabalho, portanto não se importava com as minhas horas de residência e, em troca, eu não me importava com as suas viagens. E então...” Paro, percebendo que estou me abrindo com o assassino de George.

“E depois o que?” Ele pede os dedos enrolando em volta das minhas mãos. “O que aconteceu depois, Sara?”

Mordo o lábio, mas a tentação de contar-lhe tudo, expor a verdade de uma vez por todas, é muito forte para negar. Estou cansada de fingir, de usar a máscara de perfeição que todo mundo espera ver.

Puxando a minha mão para fora do seu toque, caminho para me sentar a mesa. Peter junta-se a mim e depois de um momento, começo a falar.

“Tudo mudou vários meses depois do nosso casamento” Eu digo em voz baixa. “Em um período de poucas semanas, o meu divertido e amoroso marido, tornou-se um estranho frio e distante, alguém que continuou empurrando-me para longe, não importa o que tentei. George começou a ter humores estranhos, reduziu o tempo de viagens de trabalho e...” - Tomo um fôlego - “começou a beber.”

As sobrancelhas de Peter levantam-se. “Ele nunca bebeu antes?”

“Não dessa maneira. Ele tomava algumas bebidas quando saíamos com amigos, ou um copo de vinho ao jantar. Nada fora do comum, nada que eu não fizesse também. Isto era diferente. Estamos falando de beber até apagar três, quatro noites por semana.”

“É muito. Alguma vez você confrontou-o sobre isso?”

Um riso amargo rasga da minha garganta. “Confrontá-lo? Tudo que fiz foi confrontá-lo sobre isso. As primeiras vezes que isso aconteceu, ele disse que era o estresse do trabalho, em seguida, noite com os meninos, depois com a necessidade de relaxar e então...” Mordo o lábio de novo.

“Começou a me culpar.”

“Você?” Uma carranca surge no rosto de Peter. “Como ele poderia culpá-la?”

“Porque eu não o deixava em paz sobre o assunto. Eu continuei implicando, querendo que ele fosse para a reabilitação, que participasse dos AA, que falasse com alguém – com qualquer pessoa - que pudesse ajudar. Fiz as mesmas perguntas muitas vezes, tentando entender por que isso estava acontecendo, o que o levou a mudar assim.” Meu peito aperta com uma dor familiar. “As coisas estavam indo muito bem antes, entende.

Meus pais, todos os nossos amigos - todos estavam muito felizes com o nosso casamento e tínhamos um futuro brilhante pela frente. Não havia nenhuma razão para isso, nada que eu pudesse agarrar para explicar a sua súbita transformação. Eu me mantive curiosa e questionadora e George continuou a beber, mais e mais. E depois eu...” Sugo o ar através de uma garganta apertada. “Depois disse a ele que não poderia viver assim, que ele tinha que escolher entre o nosso casamento e a sua bebida.”

“E George escolheu a bebida.”

“Não.” Balanço a cabeça. “Não de início. Acabamos no clássico ciclo de abusos, onde ele me implorava para ficar, prometia ficar melhor e eu acreditava nele, mas depois de uma semana ou duas, as coisas voltavam a ser como eram antes. E quando lhe indicava o seu humor e pedia para ver um psiquiatra, dizia que eu era a razão pela qual ele estava bebendo.”

A carranca de Peter se aprofunda. “Seu humor?”

“Era o que eu chamava. Talvez fosse uma depressão clínica ou alguma outra forma de doença mental, mas desde que George se recusou a consultar um psiquiatra, nunca tivemos um diagnóstico de verdade. Os humores começaram

bem antes da bebida. Nós estávamos fazendo algo junto e, de repente, ele parecia completamente fora, como se mentalmente fosse para um mundo diferente. Ele ficava distraído e estranhamente ansioso - nervoso mesmo. Era como se estivesse sobre o efeito de alguma coisa, mas não acho que estava. Pelo menos, não se parecia com drogas para mim. Ele ia para outro lugar em sua mente e não havia maneira de falar com ele quando estava assim, não tinha como acalmá-lo e apenas estar presente.”

“Sara...” Uma expressão estranha rouba a feição de Peter. “Quando foi que você disse que tudo isso começou?”

“Alguns meses depois que nos casar” Eu respondo, franzindo a testa.

“Contando o agora, cerca de cinco anos e meio atrás. Por quê?” E então desperta em mim. “Você não está sugerindo isso...”

“Que a transformação do seu marido teria algo a ver com seu papel no massacre de Daryevo? Por que não?” Peter se inclina os olhos se estreitando. "Pense nisso. Cinco anos e meio atrás, Cobakis forneceu informações que resultaram na matança de dezenas de pessoas inocentes, incluindo mulheres e crianças. Se foi por ambição ou ganância ou pura estupidez, ele fodeu tudo e grandemente. Você diz que George era um bom homem? Alguém que tinha uma consciência? Bem, como é que um homem assim se sentiria sobre causar o massacre de inocentes? Como iria viver com todo esse sangue em suas mãos?”

Eu recuo, a terrível verdade de suas palavras batendo em mim como uma bala. Eu não sei por que não liguei os pontos antes, mas agora que Peter falou, faz todo o sentido. Quando soube a primeira vez sobre toda a mentira de George, ocorreu-me que o seu trabalho verdadeiro pudesse estar por trás de sua transformação, mas eu estava muito ocupada lidando com a invasão de Peter na minha vida e tentando não me alongar em suas revelações - que não segui o pensamento para uma conclusão lógica.

Não considere que os trágicos acontecimentos que trouxeram o meu torturador para minha vida, poderiam ser os mesmos que arruinaram o meu casamento... Que nossos destinos foram entrelaçados muito mais tempo do que eu pensava.

Sentindo que estou prestes a ficar enjoada, levanto-me, as pernas tremendo. “Você está certo.” Minha voz é sufocada e crua. “Tinha de ser a culpa que o levou a beber. Todo esse tempo, perguntei-me se foi algo que eu disse ou fiz, se o nosso casamento o desapontou de alguma forma e era isso o tempo todo.”

Peter balança a cabeça, o rosto definido em linhas sombrias. “A menos que seu marido tenha causado vários massacres ao longo de sua carreira, esta é a única coisa que faz sentido.”

Respiro irregularmente e afasto-me, andando até a janela que dá para o quintal. Os enormes carvalhos ficam como guardiões do lado de fora, os seus galhos despidos de folhas, apesar dos indícios de primavera pelo ar aquecido. Sinto-me como aqueles carvalhos agora, despida, exposta em toda a minha feiura. E, ao mesmo tempo, me sinto mais leve.

A bebida não foi minha culpa, pelo menos “O acidente aconteceu por minha causa, você sabe” Eu digo em voz baixa quando Peter chega para ficar ao meu lado. Ele não está olhando para mim, seu perfil duro é inflexível e embora eu saiba que está lutando contra seus próprios demônios, sua presença me conforta de algum jeito.

Não estou sozinha com ele ao meu lado.

“Como?” Ele pergunta sem virar a cabeça. “O relatório disse que ele estava sozinho no veículo.”

“Ele bebeu na noite anterior. Bebeu tanto que vomitou várias vezes durante toda a noite.” Eu tremo, lembrando o cheiro de vômito, de doença e de mentiras e esperanças quebradas. Segurando-me por um fio, continuo.

“Pela manhã, eu estava cheia. Estava farta com suas desculpas, com as acusações intermináveis salpicadas com promessas de ficar melhor. Percebi que George e eu não éramos especiais de qualquer forma. Nós éramos apenas outro alcoólatra e sua demasiada estúpida – para ver isso - esposa.

Não era uma fase difícil que estávamos passando. Nosso casamento estava simplesmente acabado.”

Eu paro a voz tremendo muito para continuar, quando uma mão grande e quente envolve a minha mão. A expressão de Peter é inalterada, com o seu olhar treinado na vista fora da janela, mas o gesto silencioso de apoio me estabiliza, dando-me coragem para prosseguir.

“Ele ainda estava confuso quando fui trabalhar, então o confrontei quando voltei” Digo tão firmemente quanto posso controlar. “Eu disse a ele para fazer as malas e sair, que eu pediria o divórcio no dia seguinte.

Tivemos uma briga enorme e ambos dissemos coisas ofensivas e eu...”

Engulo o caroço na minha garganta. “Eu forcei-o a sair da casa.”

Peter olha para mim com uma leve surpresa. “Como você o forçou a sair? Ele não era o maior cara que eu já vi, mas devia superar você em pelo menos 20 quilos.”

Eu pisco distraída pela pergunta estranha. “Joguei as chaves do carro e sua bolsa na garagem e gritei com ele para sair.”

“Entendo.” Para minha surpresa, um leve sorriso toca as bordas da boca de Peter. “E você acha que é culpada porque George dirigiu e teve um acidente?”

“Sou culpada. A polícia disse que ele tinha o dobro da quantidade legal de álcool em seu sangue. Ele estava bebendo e eu obriguei a dirigir.

Joguei-o para fora e...”

“Você jogou as chaves para fora, não ele” Peter fala o sorriso desaparecendo enquanto seus dedos apertam a minha mão. “Ele era um homem adulto, maior e mais forte do que você. Se queria ficar na casa, ele poderia ter feito isso. Além disso, você sabia que ele estava bebendo quando disse a ele para sair?”

Franzo a testa. “Não, claro que não. Eu tinha acabado de chegar do trabalho e ele não parecia bêbado, mas...”

“Mas nada.” A voz de Peter é tão severa quanto o seu olhar. “Você fez o que tinha que fazer. Alcoólatras podem parecer funcionais, com uma grande quantidade de bebidas em seu sistema. Deveria saber, já vi muito disso na Rússia. Não era a sua responsabilidade verificar os seus níveis de álcool no seu sangue antes de mandá-lo fazer as malas. Se George estava bêbado demais para dirigir, não tinha nada que ficar atrás do volante. Ele poderia ter chamado um táxi, ou pedir para você lhe dar uma carona até um hotel. Inferno poderia ter dormido na sua garagem e depois dirigir.”

“Eu...” É a minha vez de olhar para fora da janela. “Eu sei disso.”

“Você sabe?” Libertando a minha mão, Peter captura meu queixo, obrigando-me a encontrar seu olhar. “De alguma forma duvido disso, ptichka. Você já disse a alguém o que realmente aconteceu?”

Meu estômago torce, uma desagradável e pesada dor estabelece-se na minha barriga. “Não exatamente. Quer dizer, a polícia sabia que ele tinha bebido, mas...”

“Mas não sabiam que era habitual, não é?” Peter adivinha, baixando a mão. “Ninguém sabia, exceto você.”

Olho para longe, sentindo a queimadura familiar da vergonha. Sei que é o erro clássico da esposa, mas eu simplesmente não podia lavar a nossa roupa suja em público, admitir que o casamento que todos elogiavam estava podre por dentro. Inicialmente, era orgulho, misturado com quantidades iguais de negação. Eu deveria ser esperta, uma jovem médica com um futuro brilhante pela frente. Como eu pude ter cometido esse tipo de erro? Havia sinais de avisos que eu perdi? E se não, como isso aconteceu com o homem maravilhoso que me casei o menino de ouro que todo mundo dizia que prometia tanto? Certamente, era uma situação temporária, um acaso em uma vida perfeita. E quando percebi que a bebida estava aqui para ficar, havia outro motivo para ficar calada.

“O meu pai teve um ataque cardíaco cerca de um ano após o meu casamento” Falo, olhando para os galhos nus balançando ao vento. “Foi ruim. Ele quase morreu. Após o triplo bypass, os médicos disseram-lhe para manter o mínimo estresse.”

“Ah. E descobrir que o marido de sua amada filha se transformou em um alcoólatra furioso teria sido estressante.”

“Sim.” Eu poderia ter parado aí, deixar Peter pensar que eu era simplesmente uma boa filha, mas alguma compulsão estranha me faz deixar escapar: “Isso não foi tudo, no entanto. Estava com medo do que as pessoas iriam dizer e os julgamentos que fariam. George era bom em esconder seu vício de todos – pensando bem, acho que suas habilidades em atuar deveriam ser uma pista sobre a coisa da espionagem - e eu também me tornei uma profissional em fingir. A natureza do nosso trabalho ajudou com isso. Eu sempre estaria 'de plantão' se fosse necessário cancelar um compromisso no último minuto e George teria uma 'história urgente' se estivesse tendo problemas para ficar sóbrio.”

Peter não diz nada por alguns momentos e me pergunto se está me condenando pela minha covardia, por não procurar ajuda antes que fosse tarde demais. Isso é outra coisa que pesa sobre mim: A possibilidade de que eu poderia ter feito alguma coisa se tivesse sido mais aberta sobre os nossos problemas. Talvez se colocasse George em reabilitação ou sob cuidados psiquiátricos e a tragédia do acidente seria evitada.

Claro, o homem de pé ao meu lado o mataria, independentemente, então existe isso.

Incapaz de lidar com esse pensamento, o afasto quando Peter pergunta: “E quanto ao trabalho dele? Como ele poderia continuar trabalhando assim? A menos que... Você disse que ele parou de ir a missões estrangeiras?”

“Praticamente”. Respirando para acalmar a agitação no meu estômago, foco em assistir o balanço hipnótico dos ramos lá fora. “Ele viajou algumas vezes depois que nos casamos, mas na maior parte, investigou histórias locais, como aquela sobre a máfia subornar a polícia de Chicago e os funcionários do governo.”

“Aquele que falaram que era a razão para a sua proteção.”

Eu aceno, sem surpresa que Peter sabe. Ele com certeza tinha algum tipo de escuta em mim durante a conversa com o agente Ryson. Pelo que aprendi sobre meu perseguidor nas últimas semanas, é perfeitamente possível.

Os milhões que ganha por cada êxito, dá a ele acesso a todos os tipos de equipamento.

“Ele deve ter parado de trabalhar para a CIA, então” Peter diz e olho para ele, que está observando os galhos das árvores também. “Ou ele foi demitido ou não conseguia lidar com as consequências do que fez. Essa é a única coisa que explicaria a falta de atribuições estrangeiras.”

“Certo.” Minha cabeça pulsa com uma tensão incômoda e meu estômago continua agitado e torcendo, como se as minhas entranhas estivessem sendo enroladas, cada vez mais apertado. Minhas costas doem demais e noto algo que me faz fazer uma rápida matemática mental.

Com certeza, o meu período está prestes a começar.

Ficamos perto da janela por alguns momentos mais, observando as árvores lá fora e depois vou ao armário dos remédios e pego dois Advils, tomando-os com um copo de água.

“Qual é o problema?” Peter pergunta, seguindo-me com uma expressão preocupada. “Você está doente?”

“Não é nada” Eu falo, não querendo entrar em todos os detalhes.

Então percebo que ele pode descobrir mais tarde de qualquer maneira e acrescento: “É apenas aquela época do mês para mim.”

“Ah.” Ao contrário da maioria dos homens, ele não parece nem um pouco desconfortável com essa informação. “Normalmente tem dores?”

“Infelizmente, sim.” À medida que falo, sinto as dores ficando piores e agradeço aos deuses da programação que não estou de plantão hoje. Eu ia me voluntariar na clínica esta tarde, mas reconsidero esse plano a favor de ficar

aconchegada na cama com uma bolsa de água quente.

“Por que você não toma pílulas anticoncepcionais?” Peter questiona, seguindo-me à medida que vou para o andar de cima. “Não vi você tomar nenhuma pílula todo este tempo e acredito que normalmente ajuda com períodos dolorosos.”

“Um especialista em saúde reprodutiva feminina, não é?”

Peter não pisca um olho para o meu sarcasmo. “Longe disso, mas consegui uma receita de pílula para Tamila porque tinha cólicas. Suponho que você tem uma razão para não fazer o mesmo?”

Eu suspiro, entrando no quarto. “Sim. Sou uma dessas raras mulheres que não toleram os hormônios do controle de natalidade. Fico com enxaquecas e náuseas, não importa quão pequena a dosagem. Mesmo o DIU me dá dores de cabeça, então tenho que escolher entre sofrimento por uns dias no mês ou sofrimento o tempo todo.”

“Entendo.” Peter inclina-se contra a porta enquanto começo a me despir. Eu posso ver o calor em seu olhar ao mesmo tempo em que ele me assiste despindo a lingerie e espero que ele não tenha ideias sobre se juntar a mim na cama. Peter raramente perde a chance de transar comigo.

Ignorando o seu olhar fixo, pego a minha bolsa de água quente da gaveta do criado mudo e enrolo-me em posição fetal, abraçando-a sob o cobertor enquanto espero que o Advil faça efeito.

Ouçó um tamborilar tranquilo de passos, e em seguida, a cama afunda ao meu lado.

Não, não, não. Vá embora. Sem sexo agora. Aperto os olhos fechados, esperando o meu atormentador perceber a dica, mas no instante seguinte, o cobertor desce e uma mão masculina áspera acaricia minhas costas nuas.

“Quer que eu traga alguma coisa?” Sua voz profunda com suave sotaque é baixa e calmante. “Talvez uma bebida ou um chá?”

Assustada, viro de costas, segurando a almofada de aquecimento contra a minha barriga. “Hum, não, obrigada. Vou ficar bem.”

“Tem certeza?” Ele retira o cabelo do meu rosto. “E quanto uma massagem na barriga?”

Eu pisco para ele. “Um...”

“Aqui.” Peter gentilmente ergue a bolsa de água quente para longe de mim e coloca a palma da mão quente no meu estômago. “Vamos tentar isso.” Ele move sua mão em um movimento circular, aplicando uma leve pressão e depois de alguns minutos, o aperto, a sensação de cólicas alivia, o calor de sua pele e o movimento da massagem afugentando o pior da tensão dolorosa.

“Melhor?” Ele murmura quando fecho os olhos em um alívio feliz e aceno com a cabeça, os meus pensamentos começando a flutuar à medida que a sonolência cai sobre mim.

“É muito bom, obrigada” Murmuro e conforme a massagem relaxante continua, eu afundo em uma névoa quente de sono.

Vejo Sara dormir por alguns minutos, depois calmamente levanto-me e saio do quarto. Poderia ficar sentado ao seu lado na cama durante horas, fazendo nada mais do que vê-la, mas tenho um telefonema com um cliente em potencial ao meio-dia e preciso discutir algumas logísticas com Anton antes disso.

Leva apenas alguns minutos para limpar a cozinha e logo estou no meu trajeto, escapando pela porta dos fundos para cortar através do quintal de um vizinho. O SUV blindado de Ilya está estacionado na rua, dois quarteirões acima e enquanto ando, presto atenção em tudo: O latido distante de um cão pequeno, um esquilo correndo do outro lado da estrada, a marca do tênis do corredor que acabou de virar a esquina... A hiper-vigilância é uma parte de mim agora tanto quanto os meus reflexos são extremamente rápidos e ambos me mantiveram vivo mais vezes do que posso contar.

Ilya liga o carro quando me aproximo e assim que entro, ele sai com o carro, descendo a rua suburbana tranquila, precisamente três quilômetros acima do limite de velocidade.

Ele acredita que para passar despercebido tem que agir como um cidadão normal, até com as infrações de trânsito menores.

“Algum problema?” Pergunto em russo e ele balança a cabeça raspada.

“Tudo calmo, como sempre.”

Ao contrário de seu irmão gêmeo e de Anton, Ilya não soa decepcionado quando diz isso. Acho que está desfrutando da nossa pequena limitação nos subúrbios, embora nunca vá admitir em voz alta.

Entre os quatro da equipe principal, Ilya é o que parece mais como bandido por excelência, com suas tatuagens de crânio e com a mandíbula quadrada devido ao uso de esteróides. O seu irmão gêmeo Yan, por outro lado, poderia passar por um professor ou um banqueiro, com suas roupas bem passadas e cabelo castanho cortado em um estilo corporativo conservador.

É Yan que se revela no nosso estilo de vida de alta adrenalina, enquanto Ilya prefere se concentrar mais na estratégia e trabalhar nos bastidores –

personalidade sensata.

Suspeito que se Ilya não tivesse seguido seu irmão no exército, acabaria como um programador de computador ou um contador.

“Qualquer novidade dos americanos?” Pergunto enquanto paramos em um semáforo. Como os meus homens estão bastante ocupados, tenho usado os locais como seguranças de reserva. O trabalho deles é ficar de olho em Sara quando não está comigo e nos alertar de qualquer atividade incomum no bairro.

"Não. Sua menina não se afasta muito da sua rotina, mas tenho certeza que você sabe disso."

Eu concordo, observando a fila de gramados perfeitamente bem cuidados à medida que passamos por eles no nosso caminho para a casa segura. Alguma coisa está me incomodando, mas não posso compreender o que é. Talvez seja apenas porque está tudo muito tranquilo, sem grandes trabalhos no horizonte e um progresso mínimo na tarefa de localizar o general da Carolina do Norte, que é o último nome na minha lista. O filho da puta paranóico desapareceu junto com sua família e fez um trabalho ótimo em cobrir seus rastros que até mesmo os hackers que tenho, estão com problemas para encontrá-lo.

Talvez eu tenha que ir para a Carolina do Norte, em algum momento, ver o que consigo improvisar.

“Diga-lhes que quero rever os próximos relatórios eu mesmo” Falo a Ilya enquanto entramos na garagem da nossa casa segura. “E os manda expandir o perímetro para vinte quarteirões e não dez. Se alguém fizer algo simples como espirrar no bairro de Sara ou ao redor do hospital, desejo saber.”

“É para já” Ilya diz e pulo para fora do carro.

Talvez eu esteja sendo paranóico, mas não posso deixar nada estragar o que eu tenho com Sara.

Preciso dela demais para arriscar perdê-la.

Quando chego em casa Sara está descansando no sofá com uma bolsa de água quente e com o seu tablet, seus braços pequenos graciosamente dispostos e seu brilhante cabelo castanho preso em um nó confuso em cima da cabeça. Mesmo vestida com calça de moletom e uma T-shirt de grandes dimensões, o meu passarinho parece que poderia estrelar um filme preto-e-branco, a delicadeza de suas feições acentuadas pelas mechas do cabelo solto ondulado ao redor do rosto em forma de coração.

Meus pulmões comprimem quando ela olha para cima, seus olhos castanhos aveludados no meu rosto. Cada vez que a vejo, eu a quero, minha necessidade por ela como uma fome arranhando no meu peito. Nas últimas três semanas, eu a tive tantas vezes que o desejo deveria ter diminuído, mas só cresceu, intensificando-se para um grau insuportável.

Eu anseio e desejo isto - o prazer pacífico de compartilhar sua vida, de saber que eu posso segurá-la no meio da noite e vê-la na mesa da cozinha na parte da manhã. Eu quero cuidar dela quando estiver doente e relaxar sob o sorriso dela quando estiver bem. E às vezes, quando o meu sofrimento aumenta, quero machucá-la também - um desejo que reprimo com toda minha força.

Ela é minha e vou protegê-la.

Até de mim mesmo.

“Como está se sentindo?” Questiono, aproximando-me do sofá. Não tive a chance de transar com ela esta manhã e estou semi duro só de estar perto dela. No entanto, minha luxúria fica em segundo plano em relação a necessidade de me certificar que está saudável e bem.

Sara não vai morrer de cólicas menstruais, mas não quero vê-la com qualquer dor.

“Melhor, obrigada” Ela responde, colocando a tablet ao lado dela.

Parece que estava assistindo alguns vídeos de música, algo que já a vi fazer para relaxar.

“Você pode continuar” Eu digo, apontando para o tablet. “Tenho que fazer o jantar, por isso não pare por mim.”

Ela não faz nenhum movimento para pegar o tablet, apenas inclina a cabeça e me olha enquanto ando até a pia para lavar as mãos e tirar os ingredientes para o simples jantar de hoje à noite: Peito de frango que coloquei para marinar ontem à noite e legumes frescos para uma salada.

“Você sabe, nunca respondeu à minha pergunta” Ela fala depois de um minuto. “Por que está realmente fazendo isso? O que você ganha com toda esta vida doméstica? Um homem como você não tem algo melhor para fazer com sua vida? Eu não sei... Talvez um rapel na lateral de um prédio ou explodir alguma coisa?”

Eu suspiro. Ela está de volta com o assunto. A minha ambiciosa jovem médica não consegue entender que eu simplesmente gosto de fazer isto para ela

e para mim mesmo. Não posso voltar no tempo e passar mais tempo com Pasha e Tamila, avisar o meu eu mais jovem para renunciar o trabalho em favor do que é importante, porque tudo pode desaparecer em um instante. Só posso focar no presente e meu presente é Sara.

“Minha esposa me ensinou a fazer alguns pratos simples” Eu digo, colocando os peitos de frango na frigideira antes de começar a picar a salada. “Em sua cultura, as mulheres tendem a realizar todas as tarefas na cozinha, mas ela não era grande fã da tradição. Queria ter certeza de que eu cuidaria de nosso filho se algo acontecesse com ela, então para agradá-la, concordei em aprender algumas receitas e descobri que gosto do processo da preparação de alimentos.” A dor familiar aperta o meu peito com as memórias, mas afasto a dor, concentrando-me na curiosidade simpática nos olhos castanhos que me observam do sofá.

Às vezes, estou convencido de que Sara não me odeia.

Não o tempo todo, pelo menos.

“Então você começou a cozinhar para sua esposa?” Ela pergunta quando estou em silêncio por alguns momentos e confirmo com a cabeça, colocando os vegetais em uma tigela grande de salada.

“Sim, mas só sabia o básico quando Tamila se foi” Falo, com a voz áspera e crua com agonia reprimida. “Dois meses após o massacre, eu estava passando por uma escola de culinária em Moscou e por impulso, entrei e fiz uma aula de culinária. Eu não sei por que fiz isso, mas quando acabei e meu borscht (sopa de beterraba) fervia no fogão, eu me senti um pouco melhor. Era algo diferente, no qual podia me concentrar, algo tangível e real.”

Alguma coisa que resfriou a raiva fervendo dentro de mim, permitindo-me criar estratégias e planejar a minha vingança como uma receita completa, com passos e medidas que precisaria tomar.

Não digo que essa última parte, porque o olhar de Sara suavizou ainda mais. Acho que o meu pequeno hobby me humaniza em seus olhos.

Eu gosto disso, então não conto a ela que estava em Moscou para matar o meu ex-superior, Ivan Polonsky, por participar no encobrimento do massacre, ou que uma hora após a aula acabar, cortei sua garganta em um beco.

Seu sangue parecia muito com borscht naquele dia.

“Acho que você nunca sabe o que tem, até perdê-lo” Sara medita, abraçando

a bolsa de água quente e sinto uma pontada de ciúme com a melancolia em seu tom.

Espero que ela não esteja pensando em seu marido, porque até onde eu sei, ele não é nenhuma grande perda.

Aquele filho da puta mereceu tudo o que lhe aconteceu e muito mais.

Quando a refeição está pronta, Sara se junta a mim na mesa e comemos enquanto eu conto a ela sobre algumas das cidades onde tive aulas de culinária: Istambul, Johannesburgo, Berlim, Paris, Genebra... Depois de descrever as culinárias, partilho algumas histórias sobre chefs temperamentais e Sara sorri, um sorriso genuíno iluminando seu rosto conforme me escuta. Para evitar estragar o seu humor, deixo de fora todas as partes escuras - como o fato de que a Interpol me encontrou em Paris e tive que atirar para conseguir sair do prédio onde a escola de culinária estava localizada, ou que explodi o carro de um alvo em Berlim antes de ir para a minha aula - e encerramos a refeição de um modo sociável, com Sara me ajudando a limpar antes de eu a mandar embora.

“Vá relaxar” Peço a ela. “Toma um banho e fica na cama. Estarei lá em breve.”

Sua expressão se transforma cautelosa. “Ok, mas só para você saber, o meu período começou.”

"E daí? Acha que fico com nojo de um pouco de sangue?" Sorrio ao ver a expressão no seu rosto. "Estou brincando. Eu sei que você não está se sentindo bem. Só vamos nos abraçar como nos bons velhos tempos."

“Ah, entendi”. Um sorriso genuíno e quente aparece como resposta no seu rosto. “Nesse caso, vou te ver lá em breve.”

Ela corre para fora da cozinha e fico lá parado, incapaz de respirar, sentindo-me como se tivesse sido esfaqueado no intestino.

Porra, esse sorriso... Aquele sorriso é tudo.

Pela primeira vez, eu entendo porque me sinto assim ao seu lado.

Pela primeira vez, percebo o quanto eu a amo.

Na manhã de domingo, me sinto melhor e decido ir ver os meus pais.

Visitei-os apenas uma vez desde o retorno de Peter, como estive ocupada com meu perseguidor e preocupada com a possibilidade de expô-los ao perigo. No entanto, agora estou cada vez mais convencida de que Peter não os prejudicaria injustamente. Ele valoriza a família demais para fazer isso comigo.

Contanto que eu cumpra com suas exigências, meus pais estarão seguros.

Minha mãe fica em êxtase quando eu ligo para ela e fazemos planos para ir almoçar sushi. Quando informo Peter sobre isso, ele acena com a cabeça distraidamente e escreve algo em seu telefone.

“O que você está escrevendo?” Pergunto cautelosamente.

“Apenas dizendo aos meus parceiros que estou dentro hoje, afinal”

Ele fala, pondo o telefone longe. “Por quê? Você quer que eu a acompanhe?” Seus olhos cinzentos cintilam enquanto olha para mim.

Eu sorrio. “Não, acho que a parte em que o FBI invade o restaurante e captura um dos homens mais procurado, pode estragar um pouco o apetite.”

Peter não sorri de volta e percebo que ele está falando sério.

“Você... Sairia comigo em público?”

“Por que não?” Ele levanta as sobrancelhas friamente. “Encontrei você na Starbucks, não foi?”

“Bem, sim, mas isso foi antes. Quero dizer, não importa.” Eu respiro.

“Acho que você não está com medo de ser visto em público?”

“Não vou desfilas na frente do escritório local do FBI, mas posso sair para um almoço ou jantar ocasional se o lugar for vigiado de antemão e tiver certeza de que não há câmeras.”

“Oh.” Mastigo o interior do meu lábio quando pego a bolsa. “Bem, talvez possamos sair para jantar no final desta semana...”

“Mas não hoje” Ele diz e concordo com a cabeça, me sentindo estranha, mas não sabendo mais o que fazer. De maneira nenhuma, vou apresentar o assassino de George aos meus pais.

É ruim o suficiente que acabei de me oferecer para jantar fora com ele.

"Está bem, então. Eu te vejo quando você voltar" Peter fala e eu escapo antes que ele possa sugerir qualquer outra coisa - como tatuagens combinando ou um casamento na praia.

Isto é uma loucura total, sendo que a parte mais louca é que isto está começando a parecer normal.

Estou me acostumando a ter Peter na minha vida.

No almoço, informo aos meus pais que decidi não vender a casa. Eu já lhes tinha dito há duas semanas que a oferta dos advogados caiu completamente, portanto não estão particularmente surpresos ao ouvir sobre a minha decisão. Na verdade, estão bastante satisfeitos, uma vez que a casa fica só a vinte minutos da deles, e o meu novo apartamento seria, pelo menos, quarenta e cinco minutos.

“É uma linda casa” Papai diz, servindo-se um pouco do prato de molho de soja. “Eu acho que a coisa toda do apartamento foi uma reação exagerada. Você é jovem, mas os anos passam rápidos e em algum momento em breve, pode querer pensar em começar uma família. Você sabe sair de lá e encontrar um homem...”

“Oh, pare com isso, Chuck” Mamãe bate nele. “Sara tem muito tempo.” Voltando-se para mim, ela fala com uma voz mais suave “Você toma o tempo que precisar querida. Não deixe o seu pai empurrá-la para qualquer coisa. Nós estamos contentes que você resolveu ficar com a casa, mas isso não significa que esperamos que você produza netos tão cedo.”

“Mãe, por favor.” É tudo o que digo para evitar revirar os olhos como se eu ainda estivesse na escola. Meus pais estão fazendo a coisa policial ruim/policial bom comigo, provavelmente na esperança de plantar a sugestão ‘sair e encontrar um bom homem’ em minha cabeça. “Se eu estiver à beira de produzir netos, prometo a você e papai que serão os primeiros a descobrir.”

A minha mãe dá um sorriso beatífico ao meu pai. "Viu? Ela vai sair quando estiver pronta.”

“Correto.” Eu me ocupo separando os palitinhos de madeira.

“Quando eu estiver pronta.” O que, dado o que está acontecendo na minha

vida, pode ser nunca. Ou pelo menos, até que Peter fique entediado comigo, algo que parece cada vez mais improvável que aconteça em breve.

Na verdade, acho que ele está ainda mais fixado em mim agora, seus olhos cinzentos olham-me com uma luz peculiar que provoca arrepios quentes na minha espinha.

Antes que eu consiga analisar por que isso acontece, o garçom traz o nosso barco de sushi e meus pais dizem *ooh* e *aah* sobre os peixes artisticamente arranjados, me poupando de suas maquinações nada sutis.

Gostaria de poder contar-lhes a verdade, mas não há nenhuma maneira que eu possa explicar sobre Peter sem aterrorizá-los.

Eu própria ainda não tenho certeza de como estou lidando com a coisa toda.

No o final da semana, minha menstruação acabou e estou de volta ao ritmo das coisas, com dois turnos de plantão no início da semana e um extra de três horas na clínica na quarta-feira, em cima das minhas horas de expediente habituais. Estou trabalhando tanto que mal estou em casa, mas Peter não se opõe, embora eu possa sentir que ele não está muito satisfeito com a situação. Apesar da minha menstruação, tivemos relações sexuais durante os últimos dias, ele não estava mentindo sobre sua falta de nojo e cada vez, tem sido excepcionalmente faminto, o seu toque áspero desenfreado e rude no limite.

É como se estivesse com medo de me perder de alguma forma, como se ele ouvisse o tique-taque de algum relógio.

Na sexta-feira, passo a maior parte do dia no meu consultório, vendo pacientes, mas quando estou quase indo para casa, recebo uma mensagem urgente avisando que uma das minhas pacientes está em trabalho de parto.

Suprimindo um suspiro cansado, eu corro para o vestiário para me preparar e encontro Marsha, que está saindo de seu turno.

“Hei” Ela cumprimenta com uma expressão simpática. "Apenas começando?"

“Parece que sim” Digo, colocando as roupas no armário. “Vocês meninas vão sair hoje à noite?”

“Não. Andy não pode e Tonya está ocupada com aquele barman bonito. Lembra dele?”

Puxo o meu cabelo em um rabo de cavalo. “Aquele do clube que fomos?”

Marsha confirma, eu pergunto: “Sim, por quê? Eles estão juntos?”

“Você adivinhou.” Marsha sorri. “De qualquer forma, vejo que você está com pressa, então vou deixar você ir. Chame-me se quiser fazer alguma coisa neste fim de semana. Andy vai fazer um churrasco amanhã à noite e tenho certeza que ela adoraria que você fosse.”

"Obrigada. Vou te ligar se eu puder ir" Falo e apresso-me para fora do vestiário. Sei que não vou ligar pra ela e desta vez, não é porque tenho medo do bem estar dos meus amigos.

Por mais tentador que o churrasco seja, o que eu estou mais ansiosa para este fim de semana é pelos momentos tranquilos em casa Com Peter.

O homem que estou achando difícil odiar.

Várias horas depois, volto para o vestiário, exausta. O útero da minha paciente rompeu e tive que realizar uma cesárea de emergência para salvá-la e ao bebê. Felizmente, ambos ficaram bem, mas estou com uma forte dor de cabeça devido ao cansaço extremo e fome.

Não vejo a hora chegar em casa e aquecer, seja lá o que for, que Peter preparou para o jantar e se eu tiver sorte, receber uma massagem enquanto adormeço “Dra. Cobakis?”

A voz feminina soa vagamente familiar e me viro, a minha pulsação batendo rápido. Como era de se esperar, eu vejo Karen, a agente do FBI/enfermeira que estava com o Agente Ryson quando acordei depois do ataque de Peter. Como na última vez, ela está vestida com uma roupa de enfermeira, no entanto sei que não trabalha neste hospital.

Ela deve estar tentando passar despercebida.

“Karen?” Tento não revelar o meu nervosismo. "O que está fazendo aqui?"

Ela se aproxima de mim e para um pouco distante. “Queria falar com você em algum lugar onde não fossemos observadas e aqui me pareceu uma boa oportunidade.”

Olho ao redor no vestiário. Ela está certa: somos as únicas aqui neste momento. “Por quê?” Volto minha atenção para ela. "O que está errado?"

“Alguns meses atrás, você contatou o Agente Ryson” Ela diz calmamente. “Disse que sentia que estava sendo vigiada. Na época, dispensamos suas

preocupações, mas recebemos novas informações.”

Minha garganta aperta. “O que... Que novas informações?”

“Tem a ver com Peter Sokolov, o fugitivo que atacou você em sua casa.”

“Oh?” Minha voz é um pouco alta demais.

“Ele foi visto na área, a poucos quarteirões de distância do hospital.

Uma câmera de tráfego escondida pegou seu rosto em um ângulo e nosso programa de reconhecimento facial sinalizou a foto.” Ela ergue a cabeça para o lado. “Você por acaso não sabe dizer nada sobre isso, não é Dra. Cobakis?”

“Eu...” Meu coração está rugindo em meus ouvidos, meus pensamentos correndo em círculos em pânico. É isso, a oportunidade de obter ajuda sem Peter saiba que eu falei com alguém. O FBI já está ciente que ele está aqui e não vão descansar até que o encontrem. Posso aumentar a chance de sucesso deles, falando que o mais provável é que ele esteja em minha casa e se conseguirem capturar Peter e os seus homens, tudo estará realmente acabado.

A minha vida será minha outra vez.

“Está tudo bem, Dra. Cobakis.” Karen coloca uma mão suavemente no meu braço. “Eu sei que isto é tudo muito estressante para você, mas vamos garantir que esteja segura. Apenas pense nas últimas semanas. Existe alguma hipótese que alguém tenha seguido você? Recentemente houve alguma ocasião em que sentiu que estava sendo vigiada?”

O tempo todo, porque estou sendo vigiada. Eu quero contar-lhe isso, mas as palavras não saem; em vez disso, a minha respiração acelera até que começo a hiperventilar.

Peter não vai reagir calmamente quando os agentes chegarem a ele, vai lutar e pessoas serão mortas. Ele pode ser morto. Náuseas sobem pela minha garganta enquanto imagino seu poderoso corpo cravado de balas, seus intensos olhos metálicos maçantes e desvanecidos com a morte. Devia ser uma imagem que me trouxesse alegria, mas me sinto mal em vez disso, meu peito apertado dolorosamente conforme tento imaginar como a minha vida seria sem ele.

Quão livre e sozinha, eu estaria novamente.

“Eu... Não.” Dou um passo para trás, balançando a cabeça. Sei que não estou pensando claramente, mas não consigo falar. A minha boca simplesmente não consegue formar as palavras. “Não notei nada.”

Uma carranca enrugada a testa de Karen. "Nada? Tem certeza? Até onde sabemos, você e seu falecido marido são a sua única ligação a esta área."

"Sim, eu tenho certeza." É como se um estranho estivesse falando estas mentiras. Minha dor de cabeça se intensifica ao ponto de ter um tambor batendo dentro do meu crânio e sinto que estou a ponto de vomitar. Meus pensamentos passam de uma alternativa para outra, minha mente como um rato dentro de um labirinto. Eu nem sei por que estou mentindo. Acabou. De um jeito ou outro, acabou - porque agora que eles sabem que Peter está na área, eles *virão* atrás dele, não importa o que eu diga. E se eles não conseguirem matar ou capturá-lo, ele pode pensar que eu o traí e cumprir a sua ameaça de me levar para longe, talvez até mesmo punir as pessoas próximas a mim para me ensinar uma lição.

Eu *deveria* ajudar o FBI.

É a minha melhor chance de ser livre.

"Tudo bem" Karen diz quando permaneço em silêncio. "Se você pensar em alguma coisa, aqui está o meu número." Ela me entrega um cartão e eu o pego com os dedos dormientes enquanto ela diz "Nós não queremos assustá-lo, caso ele esteja te observando por qualquer motivo, então não vamos levá-la em custódia protetora neste momento. Em vez disso, vamos colocar uma proteção discreta em você e se virem alguma coisa e quero dizer qualquer coisa fora do comum, eles vão agir rápido para garantir a sua segurança. Nesse meio tempo, por favor, continue com suas atividades normais e tenha certeza de que o homem que matou seu marido vai pagar pelo que fez."

"OK. Eu... Vou fazer isso." Com a minha postura pendurada por um fio, eu pego a minha bolsa do armário aberto e o fecho, depois me apresso para sair do vestiário.

Já estou ao lado do meu carro quando percebo que ainda estou usando o meu uniforme. Graças à emboscada de Karen, eu me esqueci de mudar de roupa.

Heavy metal toca nos alto-falantes quando saio do estacionamento, castigando-me por minha estupidez. Mesmo com a minha dor de cabeça, a música é de alguma forma suave, a batida violenta é mais ordenada do que a louca confusão dos meus pensamentos. Não acredito que não confiei em Karen e implorei pela ajuda do FBI quando tive a oportunidade. Agora não tenho nenhuma ideia do que fazer, como agir ou mesmo para onde ir. Vou para casa com o FBI me vigiando? E se eu fizer, eles vão perceber que Peter está lá, ou

será que as precauções que ele toma - como não estacionar na minha garagem – vão garantir que eles permaneçam indiferentes à sua presença? Talvez eu deva ir para a casa dos meus pais ou um hotel, ou simplesmente ficar em algum lugar no hospital. Mas então o que acontecerá com os homens de Peter que sempre me seguem? Eles vão ver que algo está errado e Peter pode vir atrás de mim e quem sabe o que poderia acontecer em seguida? Em geral, será o FBI a identificar os meus guarda-costas, ou eles vão identificar os agentes primeiro e avisar Peter? Se eu voltar para casa e descobrir que ele já partiu, para evitar as autoridades mais uma vez?

Quão mal estraguei tudo?

Os nós dos dedos das minhas mãos estão brancos de apertar o volante conforme meus pensamentos giram através da minha conversa com Karen, repassando isso de novo e de novo. Deus eu tive tantas oportunidades para contar a verdade, para explicar a complexidade da situação e deixar que os especialistas lidem com tudo. Por que não o fiz?

Como pude ser tão estúpida? Depois que notei que tinha me esquecido de trocar de roupa, voltei ao vestiário, dizendo a mim mesma que, se Karen estivesse lá ainda, desta vez eu faria a coisa certa, mas ela já tinha ido embora.

Ela se foi e fiquei aliviada, porque lá no fundo, sabia que não faria isso.

Mesmo com a ameaça de Peter pairando sobre a minha cabeça, não vou acelerar um confronto que poderia resultar em sua morte.

Com os Metallica gritando no fundo, dirijo em piloto automático, tão preso nos meus pensamentos que não noto que o meu subconsciente já escolheu o meu destino. Só quando viro para minha rua percebo para onde estou indo e já é tarde demais.

Estou em casa.

Estou tremendo quando entro em casa pela garagem, minha garganta apertada com ansiedade e meu coração batendo em sincronia com o latejar na minha cabeça. É bem depois da meia-noite e todas as luzes estão apagadas, mas posso sentir o aroma apetitoso do que Peter cozinhou anteriormente. O meu estômago ronca meu corpo exigindo combustível apesar da adrenalina rasgando meus nervos. Vou ter que comer alguma coisa em breve, mas primeiro, preciso descobrir onde Peter está e se sabe o que está acontecendo.

"Com fome?"

A familiar voz grossa me assusta tanto que pulo, um grito de pânico escapa da minha garganta.

A luz se acende, iluminando a figura de Peter no sofá na sala de estar.

Apesar da temperatura confortável, ele está usando sua jaqueta de couro, o corpo alto e poderoso em uma pose casual que me faz lembrar a postura preguiçosa de um predador.

"Hum, sim." *Oh Deus, ele sabe? Por que está sentado aqui no escuro?*

"Uma das minhas pacientes entrou em trabalho de parto e perdi o jantar."

"Ficou sem comer?" Peter se levanta em um movimento fluido. "Isso não é bom. Venha, vamos alimentá-la antes que você passe mal."

Eu o sigo para a cozinha com as pernas bambas. O fato de ele estar aqui - e aquecer o jantar para mim - deve significar que os seus homens não detectaram o rasto do FBI. Será que isso significa que o inverso também é verdade? Podem os agentes do FBI designados para a minha proteção não repararem que Peter está me seguindo?

Minhas mãos e pés estão gelados do estresse e sei que devo parecer pior que a própria morte enquanto lavo as mãos e sento-me à mesa. Estou esperando que Peter atribua a minha palidez à exaustão, em vez do fato de que o FBI pode invadir a minha casa a qualquer momento.

Ele coloca uma tigela de sopa de legumes e uma fatia de pão crocante na

minha frente, então se senta do outro lado da mesa em seu lugar habitual, com o rosto inexpressivo enquanto me observa pegar a colher e mergulhá-la na sopa. Minhas mãos estão tremendo um pouco, o que é impossível ele não perceber, mas espero que associe isso ao meu cansaço.

Se não, se suspeitar de algo, então as coisas podem mudar rapidamente.

Peter poderia me amarrar e me enviar para algum esconderijo internacional mais rápido do que meus cães de guarda do FBI chamariam por reforços.

Porra, por que estou aceitando este tipo de risco? Porque que não disse logo tudo a Karen?

No entanto, mesmo à medida que me critico, sei a resposta para essa pergunta. Ele está sentado na minha frente, os olhos cinzentos focados em mim com uma intensidade que, tanto me dá calafrios quanto me esquento por dentro. Eu deveria querer ser livre do meu torturador, fazer tudo ao meu alcance para ele desaparecer da minha vida, mas não posso. Eu não sou louca o suficiente para avisá-lo e correr o risco de ser sequestrada, mas não consigo adivinhar o momento em que a justiça o alcançará e nessa altura Peter vai ter que correr ou lutar.

Isso vai acontecer de qualquer maneira; tudo o que tenho que fazer é sobreviver.

“Você trabalha demais” Peter murmura, inclinando a cabeça enquanto me observa e exala uma respiração instável.

Graças a Deus. Ele está atribuindo a minha ansiedade ao cansaço.

“Você deve abrandar o ritmo, ptichka, relaxar de vez em quando” Ele continua e concordo com a cabeça, olhando para a minha tigela para escapar da intensidade de seu olhar.

“Sim, eu acho.” Dou uma mordida no pão e engulo uma colher de sopa, concentrando-me nos sabores salgados para aquietar o clamor em minha cabeça. Sou apenas parcialmente bem sucedida, mas é o suficiente para me permitir comer outra colherada e depois outra.

Termino com a minha fatia de pão e já comi quase metade da minha sopa quando finalmente ganho coragem para olhar para cima de novo.

“Por que você estava esperando por mim aqui?” Pergunto, lembrando quão escuro a casa estava quando entrei. “Pensei que você estaria na cama ou tomando um banho ou algo assim.”

“Porque eu mal te vi nos últimos dias, ptichka e senti sua falta.” Seus olhos brilham com essa suavidade peculiar que tenho visto durante toda a semana.

Meu estômago retorce um nó se formando na garganta. “Você... Você sentiu?” Ele nunca me disse isso antes, embora ambos saibamos que é obcecado por mim, Peter nunca admitiu qualquer tipo de sentimentos reais.

“Sim. Aqui, coma mais um pouco.” Ele empurra outra fatia de pão para mim. “Você ainda parece pálida demais.”

Pego o pão e o mordo, olhando para baixo novamente para esconder a minha expressão. O nó na minha garganta está se expandindo, meus olhos picam com lágrimas irracionais. Por que ele tem que escolher hoje, de todos os dias, para falar essas coisas para mim? Preciso dele para ser terrível comigo, não agradável. Preciso me lembrar que ele é um monstro, um assassino, um homem que fez coisas que fariam Ted Bundy [\[16\]](#) empalidecer.

Preciso dele para me sacudir fora desta fantasia, para que quando ele partir eu não sinta a sua falta.

Consigo segurar as lágrimas enquanto como o resto da sopa, conforme Peter me observa em silêncio. É inquietante, a maneira como ele pode apenas olhar para mim sem fazer nada, como se a simples visão de mim o fascinasse. Eu o peguei fazendo isso várias vezes. Uma manhã acordei e o encontrei olhando para mim assim.

É desconcertante e lisonjeiro, ao mesmo tempo, como se a sua fome por mim fosse aparentemente interminável.

Quando a minha tigela está vazia, eu me levanto para colocá-la na máquina de lavar louça, mas Peter a tira das minhas mãos.

“Pode deixar” Ele diz calmamente, dando-me um beijo suave na minha testa. “Suba e comece a se preparar para dormir. Estarei lá em um minuto.”

Eu aceno, piscando para conter uma nova onda de lágrimas e subo sem objeções. Ele sempre faz isso também, me liberta de todas as tarefas quando estou cansada, não importa quão pequena seja. Peter deve perceber que colocar uma tigela na máquina de lavar louça não me deixaria sobrecarregada, mas ainda me trata como se eu fosse uma inválida, em vez de uma médica exausta depois de longas horas de trabalho.

Ele me trata como um bebê e adoro isso, mesmo que eu não devesse.

Eu deveria odiar tudo o que ele faz, porque nada disto é verdadeiro.

Não pode ser.

Eu termino meu banho no momento em que Peter sobe e me segura no banheiro, me prendendo contra o balcão, assim que termino de escovar os dentes. Minha toalha está envolta no meu corpo, mas ele a puxa, deixando-a cair no chão e a visão de nós no espelho enevoadado - eu branca e completamente nua enquanto ele está completamente vestido em suas roupas escuras – faz o meu coração bater com excitação nervosa.

Ele está especialmente faminto esta noite e mais do que um pouco perigoso.

Com certeza, Peter envolve uma grande mão em volta do meu pescoço e embora não aperte, sinto a escuridão por trás do fino véu de seu controle, a ameaça implícita no seu gesto de controle. Ao mesmo tempo, a sua outra mão segura o meu seio, a ponta áspera do seu polegar esfregando o meu mamilo tenso. Seus olhos seguram os meus no espelho e vejo uma fome estranha nas profundezas de prata, luxúria misturada com possessividade que intensifica algo que deixa meus joelhos fracos e envia arrepios quentes pela minha coluna.

“Olhe para você” ele respira no meu ouvido e tiro os olhos de seu olhar hipnótico para me concentrar na imagem que estamos apresentando: Ele muito grande e letalmente bonito e eu pequena e feminina, quase frágil em seu abraço. “Olhe o quão bonita você é, quão doce, suave e pura. A sua pele macia, fina e delicada, pode ser tão facilmente ferida...” Ele acaricia minha garganta enquanto engulo, meu pulso acelera ainda mais com suas palavras.

“Você sabe o que eu me pergunto às vezes?” Continua suavemente e agarro a borda do balcão conforme seus dedos duros beliscam o meu mamilo, torcendo-o com um propósito cruel. “Eu me pergunto se deveria colocar uma corrente em volta deste lindo pescoço, prendê-lo a mim e jogar a chave fora. Você choraria ptichka? Você se enfureceria?” Ele morde minha orelha, seus dentes brancos raspando em minha pele enquanto sua mão se move do meu peito para o meu sexo. “Ou secretamente gostaria?”

Eu respiro fundo, tremendo, tão quente que eu poderia explodir em chamas. A imagem que Peter está pintando é ao mesmo tempo aterradora e excitante, obscuramente erótica como a imagem no espelho. Com seus braços em volta de mim, posso sentir o cheiro do couro de sua jaqueta, o zíper contra as minhas costas e uma sensação de vulnerabilidade aguda toma conta de mim enquanto seus dedos separam minhas dobras molhadas e tocam meu clitóris, o prazer excessivo acentuando a sensação de desamparo, de estar completamente fora de

controle.

“Por favor.” Minha voz falha. “Por favor, Peter...”

“Por favor, o quê?” Seus dedos empurram e entram em mim, pressionando contra o meu ponto G ao mesmo tempo em que seus dentes arranham meu pescoço outra vez. “Por favor, o que, ptichka? Por favor, me toque? Por favor, me foda? Por favor, vá embora?”

Aperto os meus olhos fechados. “Por favor, me foda.” Todo o constrangimento e negação deixados de lado. Parece que cada célula do meu corpo está pulsando com necessidade, queimando com o desejo sombrio que ele desperta em mim. Talvez sob circunstâncias diferentes, eu ficaria forte, tentaria me apegar à minha dignidade, mas estou muito cansada e muito consciente do que isto pode ser.

Esta noite pode ser a nossa última vez juntos.

“Abra os olhos” Ele manda e eu atordoadamente obedeco, lutando contra a atração do prazer.

O olhar de Peter é escuro e intenso no espelho, o seu rosto tenso com necessidade violenta. E por baixo, sinto *algo* inquietante, uma suavidade que eu não consigo definir bem.

“Diga-me, Sara. Como você quer que eu te foda. Quer que seja duro”

- seus dedos empurrando violentamente em mim “Ou gentil? Forte”- ele esfrega a palma da mão no meu sexo “Ou suave?” Moderando a pressão, Peter abaixa a cabeça para lambe minha orelha, sua respiração quente aquecendo a minha pele conforme fala, em meu ouvido “Você quer flores e palavras bonitas, ptichka? Ou prefere ter algo cru e verdadeiro, mesmo que a sociedade o considere errado... Mesmo que não seja aquilo que você sempre quis?”

Minha respiração chia através de meus dentes enquanto o seu polegar circunda o meu clitóris, o calor vibrando sob a minha pele tornando difícil pensar. Meus músculos internos apertam em torno dos seus dedos ásperos invasores e não entendo o que ele está perguntando, o que deseja de mim. Preciso mais desse prazer doloroso e ao mesmo tempo, eu preciso do alívio da tensão me enrolando cada vez mais.

“Peter, por favor...” Meu coração está batendo muito rápido. “Oh Deus, por favor...”

Seu aperto no meu pescoço aumenta conforme seus dedos enrolam dentro de

mim, pressionando contra o meu ponto G novamente. “Diga-me e eu vou te foder.” Seus dentes raspam através do meu pescoço, fazendo-me estremecer com a sensação. “Vou dar a você exatamente o que quer preencher a sua pequena e apertada buceta até que esteja implorando por mais. Diga-me o que precisa de mim e vou dar a você, Sara. Eu vou te dar tudo e mais.”

“Forte” Suspiro, minhas mãos largando a borda da bancada para segurar as colunas de aço vestidas com jeans que são as suas coxas. Meu sexo aperta em torno de seus dedos enquanto pressiono minha pélvis contra a sua mão, desesperada por pressão mais firme no meu clitóris. Não sei o que estou dizendo, mas eu sei o que preciso. “Foda-me forte, Peter.

Por favor...”

Sua mandíbula aperta e noto um vislumbre da escuridão no brilho cinza de seus olhos. De repente, ele me solta e passa a mão sobre a bancada, jogando fora os produtos de higiene pessoal. Girando-me, Peter pega e me põe sobre o granito frio, com as coxas abertas. Eu pisco para ele, assustada, mas ele já está abrindo o zíper da calça e me puxando para frente até que a minha bunda está quase pendurada para fora da borda.

“Peter - oh Deus.” Suspiro quando ele se enfia em mim, muito grosso e duro que parece que está machucando o meu interior. Ele não tem sido áspero assim desde a nossa primeira vez, mas estou bastante molhada hoje, que a sua reivindicação violenta não me assusta, a ameaça de dor só adiciona mais prazer. Em vez de travar, permaneço flexível e suave ao redor de seu pênis, enquanto ele estabelece um ritmo forte, os dedos cavando na pele macia da minha bunda, coloco as pernas ao redor de seus quadris e enrolo os braços em seu pescoço, agarrando-me a ele como se fosse a minha âncora em uma tempestade. E ele pode muito bem ser. Peter me fode com tanta fúria Eu me sinto como uma lasca de madeira em um furacão, oprimida por sua violência, sacudida pelas ondas da sua luxúria. É muito, muito intenso, mas o sentimento de desamparo só aumenta a tensão girando dentro de mim. Com um grito, eu gozo, apertando o seu pau, mas ele não para. Peter continua até que gozo de novo, depois mais uma vez.

É só quando estou caindo contra ele, ofegante e aturdida do meu terceiro orgasmo, que ele deixa seu orgasmo vir à tona. Com um forte impulso final, ele goza sua pélvis moendo contra minha enquanto um gemido profundo ressoa por sua garganta. Sinto seu pau pulsar dentro de mim conforme me agarro a ele, tremendo e minha buceta aperta uma última vez, espremendo um último arrepio de prazer da minha carne super sensibilizada.

Depois disso, estou tão fora da minha mente, que mal me consigo segurar enquanto ele me levanta do balcão e me coloca de pé. Vagamente, percebo que estou extraordinariamente molhada entre as pernas - encharcada, na verdade, - mas só quando Peter recua e sinto a umidade deslizar pela minha coxa é que entendo de onde vem.

“Oh Deus.” Meus olhos caem para o seu pau - ainda semi duro e brilhante com a nossa umidade combinada. “Peter, nós...”

“Esquecemo-nos de usar um preservativo? Sim.”

Ele não parece particularmente preocupado. Em vez disso, enquanto observo em um choque horrorizado, Peter casualmente se lava, enfia o pau de volta na calça e fecha o zíper. Depois molha uma toalha e gentilmente limpa o sêmen das minhas coxas.

“Aqui, tudo pronto.” Ele deixa cair o pano na pia, com os olhos brilhando quando se vira para mim. “Não se preocupe. Você acabou de ter o seu período, por isso não devemos estar na zona de perigo ainda. E estou limpo. Sempre uso preservativo e faço o teste regularmente. Presumo que é o mesmo para você?”

“Certo.” Olho para ele, abalada tanto pela situação como pela sua atitude. Teoricamente, devemos estar a salvo, mas o simples fato de que isso aconteceu, com ele... Minha cabeça retoma sua pulsação dolorosa e o meu cansaço retorna, multiplicado por dez. Como posso ter sido negligente? Com George, eu sempre me esforçava para lembrá-lo de usar camisinha e durante as chamadas zonas de perigo, muitas vezes pulávamos a relação sexual, sem querer arriscar a taxa de falha de 15% até que estivéssemos prontos para ter um bebê. No entanto, com o assassino do meu marido, eu não fui cuidadosa, fazendo sexo em todos os momentos do mês. E agora isso...

É como se alguma parte doentia de mim quer ficar amarrada a ele, para perpetuar esta paródia de relacionamento.

“Devemos ficar bem, então” Peter diz, dando um passo mais perto de mim. “Embora...” Ele faz uma pausa, olhando para mim com uma expressão especulativa.

“Embora o quê?” Eu pergunto quando ele permanece em silêncio.

Meu coração está martelando com um ritmo rápido e monótono. “Embora o quê?”

“Embora eu não me importe.” Suas palavras são leves, casuais, mas não há

nenhum traço de humor em sua voz. "Não com você."

"Você o quê?" Minha dor de cabeça se intensifica, o meu crânio parece que vai explodir. Ele não pode querer o que está dizendo. "Por que você não? Isso não faz sentido!"

"Será que não?" Um lampejo de diversão aparece em seus olhos. "Por que, ptichka?"

"Por que... Porque você é você." Minha voz é sufocada com descrença. "Você me drogou e me torturou antes de matar o meu marido e forçou a sua entrada na minha vida. Eu não sei o que você está imaginando aqui, mas nós não estamos namorando. Isto não é algum tipo de história de amor..."

"Não?" Sua expressão endurece todos os indícios de diversão desaparecendo. "Então o que você acha que é o que sinto por você? Por que não posso passar uma hora sem pensar em você, querendo você..."

Fodidamente desejando você? Acha que é a luxúria que me mantém aqui, dia após dia, quando o mundo inteiro está atrás da minha cabeça e meus homens estão subindo pelas paredes de tédio?" Ele dá um passo ainda mais perto e minha respiração acelera, enquanto as suas mãos batem contra a bancada, ambas ao meu lado me prendendo contra a pia. Seus olhos brilham ferozmente quando se inclina sua voz áspera "Você acha que estou aqui, em vez de caçar o último bastardo na minha lista, porque eu não posso ter o suficiente da sua pequena buceta apertada?"

Meu rosto queima enquanto olho para ele, a vulgaridade das suas palavras intensificando a minha confusão. Eu não sei o que dizer como absorver tudo. Ele parece zangado, mas o que está falando faz parecer quase como...

"Sim, eu vejo que você entende." Sua boca se curva em um sorriso escuro e zombeteiro. "Pode não ser uma história de *amor* para você, ptichka, mas tão fodido quanto isso é, é precisamente o que é para mim.

Comecei te odiando, mas em algum lugar ao longo do caminho, você se tornou a única coisa que importa para mim, a única pessoa com quem eu me importo. E sim, isso significa que eu te amo, por mais errado que isso possa ser. Eu te amo, apesar do fato que já foi *dele*... Apesar de você achar que eu sou um monstro. Eu te amo mais do que a própria vida, Sara, porque quando estou com você, eu sinto mais do que agonia e raiva e quero mais do que a morte e vingança." Seu peito se expande com uma respiração profunda, sua expressão ficando sombria enquanto diz calmamente: "Quando estou com você, ptichka,

estou vivendo.”

Eu não estou ciente de que estou chorando até que seu rosto fica borrado na frente dos meus olhos. Meu peito está muito apertado, minha respiração muito superficial. Eu sabia que Peter era obcecado por mim, mas nunca imaginei que em seus pensamentos, essa obsessão fosse igual ao amor, que ele quer algum tipo real de futuro comigo... Aquele em que estamos juntos como uma família.

Um futuro onde os agentes do FBI não estão prestes a invadir pela porta.

“Não chore ptichka.” Seu polegar acaricia minha bochecha molhada e vejo o sorriso zombeteiro voltar aos seus lábios. “Isso não muda nada.

Você ainda pode me odiar. Só porque eu te amo, não sou menos que um monstro e não vou desaparecer da sua vida.”

Mas você vai. Quero gritar a verdade, mas não consigo. Eu não consigo avisá-lo, mesmo que meu coração pareça estar rasgando. Eu não o amo - não posso - mas dói como se eu o fizesse, como se perdê-lo fosse à pior coisa do mundo. Um soluço sufocado rasga a minha garganta, depois outro e então estou em seus braços, apertada firmemente contra seu peito conforme ele me leva para fora do banheiro.

Quando Peter chega à minha cama, ele se senta, me segurando em seu colo, e eu choro meu rosto enterrado contra seu pescoço, enquanto acaricia minhas costas, lentamente, suavemente. Ele tem razão, sua confissão de amor não deve mudar nada, mas de alguma forma, torna as coisas piores. Faz-me sentir que estou perdendo algo de verdade... Como se eu estivesse traindo ele e nós.

Como pode um monstro me segurar com tanta ternura? Como pode um psicopata amar?

Meu crânio parece que está sendo aberto por dentro, a dor de cabeça piorou com o meu choro e empurro o peito de Peter, escapando de seu abraço somente para cair em cima da cama, choramingando conforme agarro minhas têmporas.

Ele se inclina sobre mim, preocupação escurecendo seus traços. “Qual é o problema, ptichka?” Pergunta, acariciando meu braço e consigo murmurar algo sobre uma dor de cabeça antes de fechar os olhos. O que eu sinto é mais parecido com uma enxaqueca, mas estou com muita dor para explicar.

A cama mergulha quando ele se levanta e ouço passos quando sai da sala. Alguns minutos depois, Peter volta com um Advil e um copo de água.

Eu ergo minhas pálpebras inchadas tempo o suficiente para engolir o

medicamento e depois fecho meus olhos novamente, esperando que a batida violenta no meu crânio se acalme em um rugido suportável.

Espero que ele vá embora, ou que entre na cama comigo, ou o que estava planejando fazer, mas em vez disso, escuto a porta do banheiro abrir e um minuto depois, uma toalha fresca e molhada cobre meus olhos e testa, trazendo com ela, uma bem-vinda lasca de alívio.

Mais uma vez, Peter está tomando conta de mim, me dando conforto quando mais necessito.

As lágrimas retornam, escorrendo para fora da toalha enquanto ele enrola o cobertor ao meu redor e senta-se na borda da cama, sua mão deslizando sob o meu pescoço para massagear os músculos tensos na minha nuca. É tortura de um tipo diferente, este cuidado carinhoso dele.

Ele acalma a minha dor de cabeça, mas intensifica a dor no meu peito. Eu estive me enganando quando chamei o que temos de fantasia doente. Pode ser doente, mas é real e quando ele se for, vou sentir sua falta, assim como eu senti sua falta quando ele foi para o México. Não é amor que sinto por ele - o amor não pode ser tão sombrio, ilógico e louco - mas é algo.

Algo diferente do ódio, algo profundo e perturbadoramente viciante.

Um cão late à distância e ouço a porta de um carro bater.

Provavelmente são os meus vizinhos, mas mesmo assim o meu coração pula e meu estômago revira, enquanto imagino uma equipe da SWAT arrobando a minha porta e atirando em Peter ao lado da minha cama. Tudo passa como um filme em minha cabeça: As figuras vestidas de preto correndo, as balas rasgando os lençóis, os travesseiros, seu peito, sua cabeça...

Bile se eleva na minha garganta, minha cabeça explodindo com agonia.

Oh Deus, não posso fazer isso.

Eu não posso ficar quieta e deixar acontecer.

“Peter...” Minha voz treme quando coloco as mãos sob o cobertor. Eu sei que vou me arrepender disso, de mil maneiras diferentes, mas não consigo parar que palavras saiam. “Você foi visto. Eles virão atrás de você.”

Sua mão na minha nuca para o curso, depois retoma sua massagem suave.

“Eu sei, ptichka” Ele murmura e sinto seus lábios roçarem no meu rosto molhado quando algo frio e duro pica meu pescoço. “Eu sei que eles estão.”

A letargia corre pelas minhas veias e com um alívio estranho, eu percebo isto.

Ele sabia sobre o FBI o tempo todo.

Ele sabia e eu nunca serei livre novamente.

“Depressa” Anton fala da janela dianteira do lado do passageiro quando me aproximo do SUV, carregando o corpo de Sara envolto no cobertor contra o meu peito. “Será que você não recebeu nenhuma das minhas mensagens? Eles estão a menos de dez quarteirões.”

Aperto com firmeza meu pacote humano. “Eu não podia partir até descobrir o que precisava.”

“E o que foi isso?” Yan pergunta, abrindo a porta traseira por dentro.

Ele se ajeita e eu entro, tomando cuidado para não bater a cabeça de Sara enquanto eu a coloco dentro do carro.

Já é ruim o bastante que ela tinha uma dor de cabeça quando eu a droguei.

Ignorando a pergunta de Yan, coloco a figura inconsciente de Sara entre nós e fecho a porta antes de pegar o olhar de Ilya no espelho retrovisor. “Para o aeroporto. Faça isso rápido.”

“Estou tratando disso” Resmunga Ilya, pisando no acelerador e rapidamente descemos a rua suburbana tranquila.

“O que você precisava descobrir?” Yan persiste, olhando para o rosto de Sara - a única parte dela não coberta pelo cobertor. Com os cílios grossos desdobrando-se sobre as bochechas pálidas, ela parece uma princesa da Disney dormindo e não culpo meu companheiro de equipa pelo lampejo de interesse no seu rosto.

Eu não o culpo, mas ainda quero matá-lo.

“Algo a ver com ela?” Ele continua indiferente, em seguida, olha para o meu rosto e empalidece “Sim.” Minha voz é fria. “Alguma coisa a ver com ela.”

Ele balança a cabeça, sabiamente olhando para longe e envolvo o meu braço nos ombros de Sara, arrumando-a confortavelmente contra mim. À distância, ouço sirenes, acompanhadas pelo rugido das hélices do helicóptero, mas apesar do perigo que se aproxima, sinto-me calmo e contente.

Não, mais do que contente – feliz.

Sara me avisou.

Ela me escolheu, quando tinha todos os motivos para não fazer. Ela pode não me amar ainda, mas não me odeia e enquanto a seguro, respirando a delicada fragrância de seu cabelo, tenho certeza de que um dia ela me *amará* - que um dia eu terei tudo dela.

Ela me avisou - escolheu ser minha - e agora vai ficar assim.

Eu a amo e vou mantê-la.

Custe o que custar.

FIM

[\[1\]](#) **Pupsik** é um apelido russo que significa querido (a), normalmente usado com filhos ou namorada.

[2] Uma república situada no sudoeste da Rússia.

[3] **Pashen'ka** é um nome russo que significa “pequeno”.

[4] A NATO é uma organização militar chamada **North Atlantic Treaty Organization**, formada logo após a 2ª Guerra Mundial e composta pelos países da Europa Ocidental, Canadá e EUA. O propósito da NATO era que se caso um dos países membros fosse atacado pela União Soviética ou por um dos aliados desta, o resto da NATO podia ir à guerra com a nação que atacou um país que fosse parte da mesma. Atualmente, como não existe mais comunismo, eles têm outros objetivos.

[5] **Ambien** é um remédio utilizado para o tratamento de insônia.

[6] O Prêmio **Pulitzer** é um prêmio norte-americano outorgado a pessoas que realizem trabalhos de excelência na área do jornalismo, literatura e composição musical.

[7] **Ptichka** é uma palavra russa que significa “passarinho”.

[8] **Open House** é uma ocasião que uma propriedade que está à venda pode ser vista por futuros compradores sem um agendamento de visita.

[\[9\]](#) Natural da ilha de Java

[\[10\]](#) **Doogie Howser, M.D.** é uma série de TV que foi exibida de 1989 a 1993. O personagem-título era um brilhante médico adolescente que encarava os problemas da profissão e da adolescência.

[\[11\]](#) **Lemon Drops** é um coquetel de vodca com limão siciliano.

[\[12\]](#) **Sookin syn** é um palavrão russo que significa filho da puta.

[\[13\]](#) Cidade no centro de Mali.

[\[14\]](#) Ex-primeira dama dos Estados Unidos.

[\[15\]](#) Estresse pós-traumático.

[\[16\]](#) Assassino bem conhecido na década de 70.